

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Giuliana Frozoni

“Vamos todos para a Lapa visitar o Bom Jesus”
O itinerário da romaria a partir dos benditos cantados pelos romeiros do
Bom Jesus da Lapa – BA

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

São Paulo

2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Giuliana Frozoni

“Vamos todos para a Lapa visitar o Bom Jesus”

**O itinerário da romaria a partir dos benditos cantados pelos romeiros do
Bom Jesus da Lapa – BA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciências da Religião, sob a orientação do Professor Doutor Pedro Lima Vasconcellos.

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

São Paulo

2012

Banca Examinadora

A Minelvino Francisco Silva (*in memoriam*), o “cantor do Bom Jesus”.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho foi possível graças ao financiamento concedido pela CAPES e às inúmeras contribuições que recebi de muitas pessoas. Agradeço indistintamente a todos que colaboraram para a realização desta pesquisa, em especial:

Ao querido orientador e amigo Prof. Dr. Pedro Lima Vasconcellos, que me acompanhou ao longo desta peregrinação empreendida pelos sertões da Bahia, por acreditar, desde o início, que este trabalho era possível.

À Profa. Dra. Yara Borges Caznok, a quem tenho o privilégio e a alegria de chamar de vizinha, amiga e irmã, pela sensibilidade, pela paciência e, sobretudo, pela confiança em mim depositada desde o início da minha jornada pelos caminhos acadêmicos.

A todos os professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da PUC-SP, em especial ao Prof. Dr. Ênio José da Costa Brito, por toda a atenção e carinho dispensados desde o meu ingresso no mestrado, pelas contribuições no Exame de Qualificação e pela costumeira generosidade ao ensinar.

Ao Prof. Dr. Alberto Ikeda, do Instituto de Artes da UNESP, quem primeiro me apresentou o mundo da cultura popular e toda a riqueza da sua música.

Aos dirigentes do Santuário do Bom Jesus da Lapa, a quem agradeço na pessoa do Padre Roque Silva, pela disponibilidade em me receber e acolher durante as pesquisas de campo e aos missionários da Vice-Província Redentorista da Bahia que, direta ou indiretamente, contribuíram com este trabalho.

A todos os meus amigos lapenses.

Ao Léo, à Ana Raquel, à Ana Tereza e ao Padre Krzysztof Dworak, amigos de todas as horas, pela ajuda com a dissertação e, sobretudo, pelos ouvidos sempre dispostos a escutar.

Aos amigos Marta, Ricardo e Valéria, companheiros na luta por uma educação musical que faça deste Brasil um país melhor, pela partilha diária.

Ao meu marido Gustavo, companheiro único, em todos os sentidos. Obrigada pelo amor e pelo cuidado.

Aos meus pais, Diva e Ramiro, por me mostrarem na vida cotidiana o significado da confiança no Bom Jesus.

A todos os romeiros e romeiras do Bom Jesus da Lapa, por seu exemplo de fé e pela generosidade ao partilhar suas rezas e seus benditos, mesmo naqueles momentos em que o corpo se mostrava fatigado e voz um pouco rouca.

Obrigada por tudo!

RESUMO

O objeto deste trabalho são os benditos entoados pelos romeiros durante a romaria ao Santuário do Bom Jesus da Lapa – BA, estudados e analisados através de uma perspectiva ritual. Estes cantos populares da tradição oral cantados em novenas, terços e procissões representam uma das mais antigas manifestações do catolicismo popular que ainda se conservam em algumas comunidades, principalmente interioranas e rurais, do nordeste brasileiro. Trabalhamos com a hipótese de que por meio do estudo e da análise dos benditos cantados pelos romeiros do Senhor Bom Jesus da Lapa é possível sistematizar a romaria, reconhecendo todas as etapas deste itinerário, identificar os mitos de origem do Santuário e compor uma espécie de “ordinário da romaria”, com seus cantos e benditos próprios que, ao serem cantados, contribuem para a atualização desta tradição religiosa e para confirmar suas especificidades. Ao estudar o repertório musical cultivado pelos peregrinos, também estamos em busca do espírito da romaria.

Inicialmente contextualizamos o sertão, pano de fundo para toda a romaria, e descrevemos o perfil do peregrino e suas intenções ao peregrinar, bem como apresentamos os ritos e benditos de saída. Em seguida, falamos da origem do Santuário, dos seus mitos de fundação e dos mitos de origem da própria romaria, além de relatarmos os ritos e benditos próprios da viagem de ida. Depois descrevemos os ritos de chegada ao Santuário, a relação de proximidade e intimidade que se estabelece entre o romeiro e o santo, além de falar dos ritos e benditos de permanência. Para finalizar o trabalho, tratamos dos ritos de despedida, com seus benditos próprios, abordamos o tema da saudade e da ciclicidade da romaria, além dos benditos cantados pelos romeiros na viagem de volta, completando, assim, todo o ciclo da peregrinação.

Com o presente trabalho, concluímos que os romeiros e peregrinos do Bom Jesus da Lapa não cantam simplesmente na romaria, mas, ao contrário, cantam “a” própria romaria, com seu ordinário próprio; e ao cantar a romaria, os romeiros cantam a si mesmos. Também foi possível perceber que, de fato, os benditos são parte integrante da romaria e condição *sine qua non* para sua efetiva realização.

Palavras-chave: religiosidade popular, catolicismo sertanejo, romaria, benditos, música sacra.

ABSTRACT

The object of this work are the *benditos* sung by the pilgrims during the pilgrimage to the Sanctuary of Bom Jesus da Lapa – BA, studied and analyzed through a ritual perspective. These popular songs of oral tradition sung in novenas, rosaries and religious processions are one of the earliest manifestations of popular Catholicism that still remain in some communities, mainly inland and rural of northeastern Brazil. We hypothesized that by studying and analyzing the *benditos* sung by the pilgrims in Bom Jesus da Lapa is possible to systematize the pilgrimage, recognizing all stages of this itinerary, identify the myths of the Sanctuary origin and compose a sort of "ordinary pilgrimage", with their own songs and *benditos* that, when sung, contributes to the update of this religious tradition and confirms their specificity. By studying the musical repertoire cultivated by pilgrims, we are also in search of the spirit of pilgrimage.

Initially we contextualize the *sertão*, the background for the entire pilgrimage, and describe the profile of the pilgrim and their intentions on the pilgrimage, as well as present the rites and departure's *benditos*. Then we talk about the origin of the Sanctuary, its founding myths and myths of origin of the pilgrimage itself, and also we report the rites and *benditos* themselves of the outward journey. After, we describe the rites of arrival at the Sanctuary, the relationship of closeness and intimacy that is established between the pilgrim and the saint, and speak of rites and the permanency *benditos*. To finish the work, we look after the rites of farewell, with their own *benditos*, we broach the theme of remembrance and the cyclicity of the pilgrimage, and the *benditos* sung by pilgrims on the journey back, thus completing the entire cycle of pilgrimage.

In this study, we conclude that the pilgrims of Bom Jesus da Lapa do not just sing at the pilgrimage, but instead sing "the" pilgrimage itself, with its own ordinary; and while singing the pilgrimage, the pilgrims sing themselves. It was also possible to see that, indeed, the *benditos* are an integrant part of pilgrimage and prerequisite for its effective fulfillment.

Key-words: popular religiousness, *sertanejo* Catholicism, pilgrimage, *benditos*, sacred music.

SUMÁRIO

Introdução.....	19
Capítulo I: “É vai saindo a romaria, é vai” – A saída.....	27
1. Contextualização do Sertão.....	28
1.1. Uma categoria construída durante a colonização.....	28
1.2. Uma categoria espacial e geográfica.....	32
1.3. Uma categoria do pensamento social.....	36
1.4. Uma categoria cultural.....	37
2. Perfil do Peregrino.....	42
3. Intenção da Peregrinação.....	57
4. Ritos e benditos de saída.....	61
4.1. Romaria de Buerarema – BA.....	63
4.2. Benditos de saída.....	66
Capítulo II: “Esse carro é vai andando” – A viagem.....	74
1. Bom Jesus da Lapa: Santuário e romaria.....	74
1.1. Histórico, localização e outros dados.....	74
1.2. Origem do Santuário do Bom Jesus da Lapa.....	77
2. Mitos fundantes do local de culto ao Bom Jesus da Lapa.....	83
2.1. Natureza e tipologia do mito.....	85
2.2. Mitos de origem da romaria do Bom Jesus da Lapa.....	88
3. Ritos e benditos de viagem.....	94
3.1. Romaria de Buerarema – BA.....	96
3.2. Benditos de viagem.....	100
3.2.1. Benditos que cantam a própria viagem.....	100
3.2.2. Benditos que pedem proteção.....	103
3.2.3. Benditos-incelença.....	105
3.2.4. Benditos diversos.....	111

Capítulo III: “Meu Bom Jesus olha eu, graças a Deus que eu cheguei” – A chegada e a permanência no Santuário..... | 16

1. Benditos de chegada.....	119
2. Relacionamento entre o romeiro e o santo: proximidade e intimidade.....	125
3. Ritos e benditos de permanência.....	128
3.1. “Pra visitar o Bom Jesus”.....	132
3.2. “Pra cumprir minha promessa de joelho me dispus”.....	145
3.3. “Já confessei meus pecados, já tomei a santa hóstia”.....	163
3.4. “Já subi o lindo morro, bati na pedra do sino”.....	177
3.5. Outros ritos de permanência.....	185

Capítulo IV: “Da Lapa saí chorando com saudade do Bom Jesus” – A despedida..... | 198

1. Ritos e benditos de despedida.....	199
2. Saudade.....	215
3. Benditos de viagem de volta.....	223
4. Ciclicidade da romaria.....	230
4.1. “Até para o ano” – perspectiva do retorno.....	231
4.2. “Quando eu voltar” – movimento em espiral.....	235
5. “Ordinário da romaria”.....	238
5.1. Cantar “a” romaria.....	241

Conclusão..... | 244

Referências Bibliográficas..... | 250

Anexos..... | 257

Anexo I – Quadro analítico dos benditos e canções..... | 258

Anexo II – CD (.mp3)..... | 261

Anexo III – Fotografias..... | 263

Anexo IV – Partituras..... | 268

LISTA DE FIGURAS

Capítulo I

Romeiros e seus chapéus.....	51
Cozinha da casa de Dona Jovem.....	65
Varanda e sala da casa de Dona Jovem.....	65
Dona Jovem.....	65

Capítulo II

Mapa do estado da Bahia (Município de Bom Jesus da Lapa).....	76
Cova do Monge.....	79
Romeiros de Buerarema – BA.....	97
Parada para o café da manhã.....	99
Farofa partilhada pelos romeiros.....	99
Romeiros na parada.....	99

Capítulo III

Romeiros de Buerarema – BA na hospedaria.....	119
Romeiros diante do altar do Bom Jesus.....	124
Romeiros chegando para a celebração da manhã.....	125
Romeira abraçando a imagem de Jesus na esplanada.....	128
Romeira conversando com Jesus na esplanada.....	128
Gruta do Bom Jesus (visão a partir do altar).....	132
Gruta de Nossa Senhora da Soledade.....	133
Romeiros na Gruta do Belém.....	145
Romeiros no altar do Bom Jesus.....	146
Objetos deixados no altar.....	147

Romeiros se aproximando do altar do Bom Jesus.....	147
Folia de São Sebastião na esplanada do Santuário.....	148
Folia de Reis na Gruta da Soledade.....	149
Romeiro escrevendo uma carta ao Bom Jesus da Lapa.....	150
Romeiro apresentando sua carta ao Bom Jesus.....	150
Romeiros de Juazeiro do Norte – Procissão de Nossa Senhora das Candeias.....	156
Andor do Bom Jesus da Lapa no dia da festa.....	168
Subida do morro pelo lado de “fora”.....	178
Chapéu de romeiro deixado no morro.....	179
Nomes grafados na pedra do morro.....	179
Jesus Cristo crucificado entre os ladrões.....	180
Romeiro do Bom Jesus batendo na pedra do sino.....	181
Romeiros no veleiro do Santuário.....	187
Romeira acendendo velas no morro.....	187
Grupo de pedintes próximo à esplanada.....	191
Pedinte do Bom Jesus.....	193
Romeiros na beira do rio São Francisco.....	194
Jogo de argolas às margens do São Francisco.....	195
Romeiros do Bom Jesus membros de religiões afro-brasileiras.....	196
Oferenda colocada no morro do Bom Jesus.....	196
Sala dos milagres – Sagrados Corações, Santos Cosme e Damião e Iemanjá.....	197

Capítulo IV

Destruição do andor do Bom Jesus da Lapa.....	203
---	-----

Anexo III

Gruta do Bom Jesus.....	263
-------------------------	-----

Romaria a pé.....	263
Romeiros ao pagar promessa.....	263
Senhor dos Passos.....	264
Nossa Senhora da Piedade.....	264
Sala dos milagres.....	264
Capela de Nossa Senhora Aparecida (antiga Cova da Serpente).....	265
Capela do Batismo.....	265
Cova da Onça.....	265
Romeiras e a água dos milagres.....	266
Gruta de Santa Luzia.....	266
Cristo morto.....	266
Romeiro olhando a fenda na pedra.....	267
Gruta de São Geraldo.....	267
Gruta do Belém.....	267

LISTA DE PARTITURAS

Capítulo I

Eu sou cantor e sou romeiro.....	52
Ô, Maria, ô, Maria.....	55
É vai saindo a romaria, é vai.....	67
Já vai saindo a romaria de paz.....	69
A Igreja da Lapa.....	71

Capítulo II

Bendito de Francisco da Soledade.....	80
Esse carro é vai andando.....	101
Aguia o carro seu motorista.....	101
Nesta bonita estrada eu quero passar.....	102
Maria, valei-me.....	103
Quando tiver em perigo.....	104
Uma espada de dor.....	106
Romeiros que vão Lapa.....	107
Uma beata santa.....	108
Uma bandeirinha vermelha.....	108
Os apóstolos de Deus.....	109
Ô romeiro, romeirinho.....	110
Somos romeiros de longe.....	111
Ô bendito e louvada seja.....	113
Romeiro, romeirinho, quem te deu esse chapéu.....	114

Capítulo III

Meu Bom Jesus, olha eu.....	120
Nossa Senhora, eu já sei nome.....	121
Eu disse flor, minha flor.....	122
Meu Bom Jesus, meu Redentor.....	135
Bendito de Santa Luzia.....	139
Bendito de Santo Antônio.....	142
Bendito de São Sebastião.....	143
Abre a porta, povo.....	151
Bendito do Padre Cícero e Nossa Senhora das Candeias.....	154
Bendito da Senhora da Conceição.....	157
Bendito da estrela do céu.....	159
Deus soberano.....	161
Ele me ama com amor.....	163
Nós pedimos ao Bom Jesus.....	169
Hino ao Bom Jesus da Lapa.....	171
Hino a Nossa Senhora da Soledade.....	172
Eu sou romeiro de todo ano.....	174
A pedra do sino.....	182
Bendito do Bom Jesus da Lapa e a Pedra do Sino.....	184
Romeiros que vêm de longe.....	190
Dê uma esmola pelo amor de Deus.....	192

Capítulo IV

Bendito de despedida dos romeiros do Bom Jesus da Lapa.....	200
Adeus, adeus.....	203
Adeus dos romeiros a Nossa Senhora da Soledade.....	205

Adeus, minha mãe, adeus.....	
Adeus, minha mãe, adeus.....	208
Bom Jesus da Lapa, padroeiro forte.....	209
Minha gente, venha ver.....	210
Súplica ao Bom Jesus da Lapa.....	212
A Igreja da Lapa.....	217
Já cumpri minha promessa.....	221
Saindo do Santuário.....	222
Me convidaram pra fazer uma viagem.....	224
Na frente desse carro não tem nada.....	225
Uma igreja dourada.....	226
Romeiro varreu a igreja.....	227
Um jardim em flor.....	227
Assenta, Santo Antônio, assenta.....	228
Eu avistei a santa cruz.....	229
Despedida dos romeiros da Soledade.....	233

Anexo IV

Segura na mão de Deus e vai.....	268
Cristo tem poder.....	269
Só em Deus o repouso encontrei.....	270
Maria de Nazaré.....	270
Podes reinar, Senhor Jesus.....	271
Bendito da estrela do céu.....	271
Hino ao Bom Jesus da Lapa (para pedir chuva).....	272
Hino ao Bom Jesus da Lapa (pedindo chuva).....	272
Ladainha ao Bom Jesus da Lapa.....	273

Senhor Bom Jesus da Lapa, pai eterno e verdadeiro.....	
Senhor Bom Jesus da Lapa, pai eterno e verdadeiro.....	275
Bendito do Divino Espírito Santo.....	275
Jesus Cristo Senhor Deus.....	276
Na pedra da Lapa escreveu Santa Maria.....	276
Quem manda na Lapa é Deus.....	277
Samba do romeiro do Bom Jesus da Lapa.....	277
Senhor Bom Jesus da Lapa é o Senhor de muita luz.....	277

Romaria

(Carlos Drummond de Andrade)

A Milton Campos

Os romeiros sobem a ladeira
cheia de espinhos, cheia de pedras,
sobem a ladeira que leva a Deus
e vão deixando culpas no caminho.

Os sinos tocam, chamam os romeiros:
Vinde lavar os vossos pecados.
Já estamos puros, sino, obrigados,
mas trazemos flores, prendas e rezas.

No alto do morro chega a procissão.
Um leproso de opa empunha o estandarte.
As coxas das romeiras brincam no vento.
Os homens cantam, cantam sem parar.

Jesus no lenho expira magoado.
Faz tanto calor, há tanta algazarra.
Nos olhos do santo há sangue que escorre.
Ninguém não percebe, o dia é de festa.

No adro da igreja há pinga, café,
imagens, fenômenos, baralhos, cigarros
e um sol imenso que lambuza de ouro
o pó das feridas e o pó das muletas.

Meu Bom Jesus que tudo podeis,
humildemente te peço uma graça.
Sarai-me Senhor, e não desta lepra,
do amor que eu tenho e que ninguém me tem.

Senhor, meu amo, dai-me dinheiro,
muito dinheiro para eu comprar
aquilo que é caro mas é gostoso
e na minha terra ninguém não possui.

Jesus meu Deus pregado na cruz,
me dá coragem pra eu matar
um que me amola de dia e de noite
e diz gracinhas à minha mulher.

Jesus Jesus piedade de mim.
Ladrão eu sou mas não sou ruim não.
Por que me perseguem não posso dizer.
Não quero ser preso, Jesus ó meu santo.

Os romeiros pedem com os olhos,
pedem com a boca, pedem com as mãos.
Jesus já cansado de tanto pedido
dorme sonhando com outra humanidade.

INTRODUÇÃO

No ano de 2004 tive a oportunidade de visitar o Santuário do Bom Jesus da Lapa pela primeira vez. Na ocasião, fui convidada pela diocese de Bom Jesus da Lapa e pelos dirigentes do Santuário para ministrar cursos de formação litúrgico-musical, os quais culminaram no projeto de reformulação do cancionário da diocese – *Cantos da Caminhada*. Durante três anos visitei a Lapa periodicamente, encontrando-me com o povo da cidade e da zona rural, partilhando reflexões acerca da liturgia, dos ritos e celebrações e, sobretudo, da música ritual. Estes encontros foram organizados de modo a acompanhar o ano litúrgico, o que me permitiu conhecer a cidade e o Santuário em diversas épocas do ano. Dessa maneira, presenciei momentos de intensa romaria, com a Lapa repleta de romeiros e peregrinos, bem como situações de muita tranquilidade, em que foi possível estar praticamente só dentro da gruta do Bom Jesus, em profundo silêncio, observando e contemplando a igreja “feita de pedra e luz”.

Apesar de no início o intuito principal das minhas viagens à Lapa ser a formação litúrgico-musical no âmbito da diocese, não dava para ficar alheia ao movimento das romarias, a presença dos peregrinos no Santuário, suas vestes e seus chapéus, os sinais das suas promessas; enfim, era praticamente impossível não notar este conjunto performático. Sendo assim, comecei a observar os peregrinos, seus gestos e rituais durante a permanência na Lapa e, aos poucos, pude perceber que cada romeiro que chega traz seu canto, seu louvor, seu bendito em honra ao Bom Jesus, à sua Mãe, cultuada neste Santuário sob o título de Nossa Senhora da Soledade e aos outros santos que habitam este lugar. Conversando com os romeiros e romeiras também foi possível constatar que para além dos dias em que passavam no Santuário, os cantos e benditos eram entoados durante a viagem, de ida e de volta, e ao longo do ano, nas suas casas e comunidades de origem.

Diante deste vasto material musical, percebemos a necessidade de registrar e analisar estes cantos trazidos pelos peregrinos do Bom Jesus da Lapa, transmitidos pela tradição oral, não só como forma de preservação do patrimônio cultural nordestino e brasileiro, mas, sobretudo, como fonte de reflexão a respeito das práticas rituais e culturais próprias da romaria.

Além de ser uma das romarias mais antigas do Brasil, cuja origem remonta o final do século XVII, a romaria de Bom Jesus da Lapa é uma das mais importantes do país e uma das mais tradicionais do nordeste brasileiro. Esta é uma importante razão pela qual esta manifestação religiosa tem sido amplamente estudada.

Ao fazermos um levantamento dos estudos a respeito de Bom Jesus da Lapa, seu Santuário e sua romaria, encontramos importantes pesquisas de cunho historiográfico, como é o caso do trabalho desenvolvido por Monsenhor Turíbio Vilanova Segura – *Bom Jesus da Lapa: Resenha Histórica* – em meados do século XX, além dos escritos do Padre Cristiano Joosten, nos anos 1960, e do trabalho do Padre Lucas Kocik, iniciado nos anos 1970. Este último, em especial, merece destaque, uma vez que ao longo de três décadas recolheu e compilou materiais sobre o Santuário e a romaria, os quais foram publicados em uma obra com mais de vinte e cinco volumes. O historiador lapense Antônio Barbosa também deu uma importante contribuição para a história do Santuário, bem como o Padre Francisco Micek, que escreveu sobre a cidade de Bom Jesus da Lapa, suas atrações turísticas, suas grutas, entre outros. Todos estes trabalhos nos ajudaram sobremaneira a conhecer a história da cidade e do Santuário do Bom Jesus da Lapa.

Outros trabalhos que contribuíram fundamentalmente para a nossa pesquisa a respeito dos benditos populares foram os desenvolvidos na década de 1990 por Maria Lúcia Bastos Alves – *A conveniência na convivência. Um estudo sobre a romaria de Bom Jesus da Lapa*) – e Carlos Alberto Steil – *O sertão das romarias – um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Estes estudos, de cunho sociológico e antropológico, respectivamente, nos ajudaram a compreender a romaria de modo integral, as relações de poder e as disputas pelo sagrado, as situações de negociação entre o catolicismo oficial e as práticas religiosas dos romeiros, a tradição oral, os relatos mitológicos de fundação do Santuário, entre outros.

Além das pesquisas de caráter histórico, sociológico e antropológico, foi-nos de grande valia o material publicado pela FUNARTE nos anos 1980 sobre a romaria de Bom Jesus da Lapa. Tal pesquisa, parte da série *Romarias Brasileiras*, é composta por um relato etnográfico sobre a romaria, depoimentos de romeiros e fotografias. Da mesma fundação é o disco de vinil *Benditos/BA – documentário sonoro do folclore brasileiro no. 41*, gravado em 1984. Este registro fonográfico traz oito faixas musicais cantadas pelos romeiros durante os dias da festa. Tais gravações foram por nós transcritas em

partitura e inseridas ao longo dos capítulos deste trabalho. Existem, ainda, diversas pesquisas, em outras áreas do conhecimento como, por exemplo, as Ciências da Religião, a Teologia e as Artes, que contribuíram para a compreensão do importante fenômeno que é a romaria de Bom Jesus da Lapa.

Sobre os benditos populares, pouco encontramos em nossas pesquisas bibliográficas. Quando eles se tornam assunto de investigação acadêmica, percebemos que é feita a opção por um ou outro aspecto, fazendo com que as conclusões sejam, muitas vezes, parciais. Em geral, os trabalhos, quando tratam deste gênero lítero-musical, concentram as análises no texto das canções, nas questões relacionadas à oralidade e à memória, aos modos de transmissão, e pouquíssimo, ou quase nada, se fala a respeito da música.

Uma vez que os benditos são cantos populares e, portanto, constituídos não só de texto, mas também de melodia, atributos essenciais ao gênero canção, fizemos a opção por abordar não apenas as questões literárias tais como rima e métrica, mas também os aspectos musicais, procurando compreendê-los dentro do contexto ritual e celebrativo no qual tais benditos estão inseridos. De alguma maneira, buscamos compreender não apenas o que se canta, mas como se canta. Afinal, as nuances, as semelhanças e diferenças rítmicas e melódicas, a maneira de interpretar os benditos podem ser reveladores de heranças históricas, teológicas e sociais.

Frente ao que expusemos até agora, podemos afirmar que o estudo dos benditos cantados pelos romeiros do Bom Jesus da Lapa torna-se relevante pelo fato de proporcionar uma reflexão mais aprofundada sobre a peregrinação, sobre a experiência de fé do romeiro, além de apresentar a possibilidade de compor e recriar todo o itinerário da romaria através dos benditos. Sendo assim, a presente pesquisa se justifica pelo fato de auxiliar na preservação deste rico acervo cultural e musical, uma vez que todos os benditos coletados foram transcritos em partitura, além de permitir a análise deste repertório do ponto de vista ritual, ou seja, reconstruindo todas as etapas da romaria através dos benditos, identificando, assim, sua estrutura performática.

O objeto desta pesquisa são os benditos cantados pelos peregrinos em romaria ao Santuário do Bom Jesus da Lapa, localizado na cidade de Bom Jesus da Lapa – BA, estudados e analisados através de uma perspectiva ritual. Benditos são cantos

populares da tradição oral, cantados em novenas, terços e procissões. Estas canções representam uma das mais antigas manifestações do catolicismo popular que ainda se conservam em algumas comunidades, principalmente interioranas e rurais, do nordeste brasileiro. Os benditos recebem este nome devido à fórmula poética “bendito e louvado seja” que, geralmente, os inicia. A terminação “ofereço esse bendito” é bastante comum e, em geral, é dirigida a Jesus Cristo. Os cantos das romarias que ocorrem ao Santuário do Bom Jesus da Lapa foram estudados no intuito de recompor a trajetória do romeiro, enfatizando cada parte da peregrinação, desde a sua saída, a chegada ao Santuário, incluindo o período de permanência e o retorno à casa. Dessa maneira, analisamos os benditos cantados quando da saída da romaria, os benditos cantados na viagem (de ida e de volta), durante o cumprimento de votos e promessas, visita às diversas imagens e grutas do Santuário, a subida do morro, a visita ao cruzeiro, entre outros. Os textos e as melodias dos benditos foram estudados e analisados levando-se em consideração o contexto específico do qual fazem parte. Com este estudo procuramos construir o itinerário ritual e celebrativo da romaria, recriando-o a partir dos benditos cantados pelos próprios romeiros do Senhor Bom Jesus. Ademais, esta pesquisa pretende servir não só como registro musical deste importante fenômeno sociocultural e religioso, mas também como meio de construção e preservação de um acervo de grande densidade histórica.

A partir da análise de todo o conjunto performático da romaria de Bom Jesus da Lapa, diversos questionamentos emergem, entre os quais destacamos: a) Os benditos cantados pelos romeiros podem ser vistos como um instrumento capaz de criar e instaurar uma ritualidade própria da romaria? b) É possível recriar o itinerário completo da romaria através dos cantos e benditos entoados pelos romeiros? c) Estas canções podem ser entendidas como veículo de conservação e recriação dos mitos da origem do Santuário? d) A romaria realizada hoje pode ser vista como atualização da peregrinação feita por Francisco de Mendonça Mar, no final do século XVII? e) Os benditos podem ser considerados atos performativos¹, isto é, atos que produzem resultados em virtude de serem realizados? f) É possível fazer romaria sem cantar? Ao longo do presente trabalho buscamos se não responder integralmente estas e outras

¹ Carlos Alberto STEIL, *O sertão das romarias – um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 109.

perguntas que surgiram, ao menos lançar pistas e indicar caminhos para outras análises e estudos.

A hipótese que levantamos ao estudar e analisar a romaria de Bom Jesus da Lapa e os benditos cantados pelos romeiros é que este conjunto de canções compõe uma espécie de “ordinário da romaria”, entendido tanto como estrutura estabelecida quanto conjunto de canções e/ou orações fixas. Em outras palavras, podemos dizer que além de a performance da romaria obedecer a um ordenamento ritual particular, existem cantos e benditos específicos para cada momento da peregrinação, os quais não podem ser, simplesmente, substituídos por outra canção ou oração. Dessa maneira, é possível afirmar que os benditos são parte integrante de um ritual que é próprio da romaria e que ao serem cantados, contribuem para a atualização desta tradição religiosa e para confirmar suas especificidades.

Este trabalho tem como objetivos: recolher, analisar e contextualizar os benditos cantados pelos romeiros do Bom Jesus da Lapa; transcrever em notação musical, fazer editoração eletrônica das partituras e analisar as variantes rítmico-melódicas destas canções; identificar o “ordinário da romaria” através dos cantos entoados pelos peregrinos em cada momento da romaria, apresentando, assim, um possível modelo de análise deste tipo de fenômeno cultural e religioso.

Para desenvolver o trabalho e responder aos questionamentos que se apresentaram do decorrer da pesquisa, utilizamo-nos dos conceitos desenvolvidos por Victor e Edith Turner, Carlos Alberto Steil, Orlando Espín, José Severino Croatto, Mircea Eliade, Darcy Ribeiro, Zeny Rosendahl, Aldo Rubén Ameigeiras, Roberto DaMatta, Andrés Torres Queiruga, Aldo Natale Terrin, entre outros. Além do levantamento de material bibliográfico, as pesquisas de campo se mostraram fundamentais. Mesmo durante os anos que frequentamos Bom Jesus da Lapa com o intuito de ministrar cursos de formação litúrgico-musical a convite da cúria diocesana, pudemos fazer diversos registros de campo tais como entrevistas, gravações em áudio e vídeo, fotografias, entre outros. Nos anos 2007 e 2008 estivemos em Bom Jesus da Lapa durante a semana santa e também por ocasião da romaria do Bom Jesus. Nestes dois anos recolhemos a maioria dos benditos apresentados neste trabalho. Passamos muitas horas nas grutas do Santuário (e em outras igrejas e capelas), conversando com os romeiros, observando seus rituais, gravando suas canções. No ano 2011 tivemos a oportunidade de fazer uma romaria. Saímos da cidade de Buerarema, localizada no sul

do estado da Bahia, e nos dirigimos a Bom Jesus da Lapa. Nesta viagem pudemos observar os hábitos dos romeiros e romeiras durante a viagem, partilhar seus costumes, sua comida e sua reza, além de registrar as manifestações musicais e socioculturais típicas desta etapa da peregrinação. Esta experiência foi fundamental e decisiva para o entendimento das particularidades e especificidades da romaria e da compreensão do “ordinário” popular, com seus ritos e benditos próprios.

Para a composição deste trabalho adotamos uma estrutura de caráter narrativo, de tal modo que a leitura possa fluir de maneira contínua, acompanhando as etapas da romaria e coincidindo com o seu “ordinário”. Os benditos de cada uma das fases da peregrinação estão inseridos ao longo do texto. Também algumas fotografias, todas de nossa autoria, foram colocadas a fim de ilustrar o itinerário.

Com relação à organização, a dissertação possui quatro capítulos:

No primeiro – “É vai saindo a romaria, é vai” – apresentamos uma breve contextualização do sertão na qualidade de categoria: construída durante a colonização; espacial e geográfica; do pensamento social; e cultural. Em seguida, descrevemos o perfil do romeiro do Bom Jesus, o *homo peregrinus* que, desejando estar nos limiares do sagrado, próximo ao “centro do mundo”, desloca-se em direção ao santo; também falamos das intenções do romeiro ao partir em romaria. Dando continuidade, apresentamos os ritos e benditos de saída, bem como nossa experiência junto aos peregrinos de Buerarema – BA.

No capítulo “Esse carro é vai andando”, o segundo do nosso trabalho, tratamos, em linhas gerais, da viagem à Lapa. Aqui, narramos a história do Santuário, valendo-nos, inclusive, da tradição oral, apresentamos a natureza e a tipologia dos mitos de origem da romaria, entre outros. Seguindo o relato da viagem vivenciada junto aos peregrinos de Buerarema, apresentamos os ritos e benditos cantados no percurso, os quais foram divididos em quatro grupos temáticos: benditos que cantam a própria viagem, benditos que pedem proteção, benditos-incelença e benditos de conteúdos diversos.

No terceiro capítulo – “Meu Bom Jesus, olha eu” – trazemos os benditos de chegada e apresentação aos santos, salientando o relacionamento íntimo e próximo que se estabelece entre os romeiros e as realidades transcendentais, além de apresentarmos os benditos próprios de cada parte da performance ritual da

permanência no Santuário: visita aos santos, cumprimento das promessas ou votos, participação nas celebrações e nos sacramentos da Igreja, subida do morro, entre outros.

No último capítulo deste trabalho – “Da Lapa saí chorando com saudade do Bom Jesus” – descrevemos os ritos de despedida, com seus benditos próprios, bem como as canções entoadas pelos romeiros na viagem de volta. A saudade, sentimento experimentado pelos peregrinos ao deixar a Lapa, é abordada no contexto dos benditos de despedida. Tratamos também da questão da ciclicidade da romaria, que está calcada no desejo e na esperança que o romeiro alimenta de retornar à Lapa no próximo ano ou já na próxima romaria. Neste sentido, falamos do movimento em espiral, próprio do ciclo da romaria, que a cada ano se repete, mas sempre de maneira diferente, renovada e atualizada. Para encerrar este capítulo, abordamos o “ordinário da romaria”, partindo de um breve resgate histórico acerca do tema, na tentativa de corroborar a hipótese que permeia todo o nosso trabalho.

Além dos capítulos anteriormente descritos, o presente trabalho conta com quatro anexos. O primeiro traz um “quadro analítico dos benditos e canções”, no qual reunimos as características literárias e musicais de todo o material musical analisado ao longo da dissertação tais como temática, maneira de transmissão, tipo de verso, rima, estrutura do poema, modo ou tonalidade, características melódicas, entre outros. No segundo anexo apresentamos o registro em áudio do conjunto de benditos e canções compilados nas pesquisas de campo. Algumas gravações foram tomadas de materiais como o vinil *Benditos/BA – documentário sonoro do folclore brasileiro no. 41* ou o CD *Pra visitar o Bom Jesus*, de Betinho, outras foram feitas por nós, com a ajuda de gravadores digitais. Apesar da falta de qualidade de algumas gravações, acreditamos ser de fundamental importância apresentar neste trabalho os registros de campo. Isto se deve ao fato de que, por mais cuidadoso e atento que seja o trabalho de transcrição das partituras, a notação musical apresenta alguns limites. Além disso, a espontaneidade do registro “ao vivo”, o som das rezas, do estampido dos foguetes, do burburinho nas grutas, até da rouquidão dos cantores-romeiros, tudo isso compõe a ambiência dos benditos. Sendo assim, esperamos que a leitura do texto musical possa ser enriquecida com a escuta das gravações. Nos anexos três e quatro encontram-se, respectivamente, as fotografias e as partituras que não entraram no corpo da dissertação, mas que complementam este trabalho. Alguns trechos dos benditos ficaram ininteligíveis nas

gravações e não encontramos registro escrito destes textos. Dessa maneira, deixamos em branco as palavras não identificadas.

Sobre a notação musical, gostaríamos de salientar que todos os benditos foram por nós transcritos em partitura a partir das gravações de campo e na mesma altura em que foram executados. Quanto à grafia, a voz principal está registrada em tamanho maior e a segunda (e terceira) voz em figuras musicais de tamanho menor. Os portamentos e ornamentos, quando recorrentes, foram também anotados. Na análise das melodias, quando há mais de uma voz, consideramos apenas o âmbito da voz principal.

Com relação à identidade dos romeiros, optamos por revelar apenas a cidade ou região de origem, com exceção daqueles da romaria de Buerarema – BA. Os nomes dos romeiros que aparecem em citações de livros, trabalhos acadêmicos e outros textos, estes foram mantidos tais como nas fontes.

CAPÍTULO I

“É vai saindo a romaria, é vai” – A saída

***É vai saindo a romaria, é vai
É vai saindo a romaria de amor
Eu peço a Deus que abençoe seus filho
E a nossa romaria***

Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho da autoridade.
(Grande Sertão: Veredas – Guimarães Rosa)

Para falar de Bom Jesus da Lapa, seu Santuário e sua romaria, parece-nos de grande importância apresentar o contexto no qual esta *hierópolis*², no dizer de Zeny Rosendahl, está inserida. Sendo assim, na primeira parte deste capítulo trataremos do sertão não apenas como espaço geográfico, com suas características vegetativas e climáticas particulares, mas também pretendemos apresentá-lo sob o ponto de vista social, cultural e histórico. Estamos cientes de que a contextualização que nos propomos a fazer não esgota, de modo algum, as inúmeras possibilidades de análise do sertão. O que se pretende é apenas explicitar alguns elementos que são de fundamental importância para a compreensão desta complexa trama na qual se insere o Santuário do Bom Jesus da Lapa e que também, de alguma maneira, o define e caracteriza, nos permitindo afirmar que este é um santuário sertanejo.

O Santuário de Bom Jesus da Lapa está situado no Médio Vale do São Francisco, em meio ao sertão, onde a terra é arenosa, com uma vegetação baixa e rala, característica da caatinga e dos cerrados. O clima é tropical, quente e seco (...). A bacia hidrográfica

² Também chamadas de “cidades-santuário”, são entendidas como centros de convergência religiosa que atraem fluxos de peregrinos tanto em caráter permanente, em um *continuum* ao longo do ano, quanto em tempos de festividade. Pelo simbolismo religioso que possuem e pelo caráter sagrado atribuído ao espaço, estas “hierópolis” acabam por determinar a dinâmica dos locais nos quais estão inseridas. Elas vivem, praticamente, em função do fluxo de romeiros e peregrinos, seja este semanal, mensal ou anual. (Zeny ROSENDAHL, *Hierópolis: o sagrado e o urbano*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.)

da região, no entanto, é formada por muitos rios permanentes que correm em meio ao sertão, banhando cidades, as vilas e povoados que se formaram às suas margens.³

Além da apresentação do espaço geográfico, social, cultural e histórico, no qual se situa o Santuário, para se compreender a romaria e seu itinerário, é necessário saber quem é o romeiro e peregrino⁴ do Senhor Bom Jesus da Lapa e quais são as intenções e motivações que o fazem peregrinar. O perfil do peregrino e seus propósitos acerca da romaria, juntamente com a contextualização do sertão sob seus diversos aspectos nos permitirão compor a ambiência do Santuário e da romaria. É neste contexto que iniciamos a peregrinação, descrevendo os ritos de saída, com seus benditos, rezas, invocações e pedidos.

I. Contextualização do Sertão⁵

Apesar de sua origem etimológica ser um pouco incerta, alguns estudiosos dizem que a palavra “sertão” seria uma corruptela de “desertão”; outros autores afirmam que “proviria do latim clássico *serere*, *sertanum* (trançado, entrelaçado, embrulhado), *desertum* (desertor, aquele que sai da fileira e da ordem) e *desertanum* (lugar desconhecido para onde foi o desertor)”.⁶

I.1. Uma categoria construída durante a colonização

É provável que já desde o século XII e, com toda a certeza, desde o século XVI a expressão “sertão”, também grafada “certão”, já fosse utilizada pelos portugueses para se referir a áreas situadas dentro de Portugal, porém distantes de Lisboa. Segundo Walnice Nogueira Galvão, a palavra sertão “já era usada na África e até mesmo em

³ Carlos Alberto STEIL, *O sertão das romarias – um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 24-25.

⁴ Apesar de existir uma tentativa, por parte de alguns autores, de diferenciar romeiro de peregrino e romaria de peregrinação, no presente trabalho utilizaremos estes termos de maneira equivalente.

⁵ Para a construção do pensamento acerca do sertão, sua caracterização, seus elementos culturais, sociais, geográficos, climáticos, entre outros, estamos nos valendo, basicamente, do artigo *Região, sertão, nação*, da professora Janaína AMADO, além da obra *Os sertões*, de Euclides da CUNHA, *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães ROSA e, por fim, de *O sertão das romarias – um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa*, de Carlos Alberto STEIL.

⁶ Janaína AMADO, *Região, sertão, nação*. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 147.

Portugal antes dos descobrimentos” e teria muito mais a ver com a noção de “interior”, de terras distantes da costa. Assim, “o sertão poderia até ser formado por florestas, contanto que fossem afastadas do mar”.⁷

O termo também era utilizado para nomear espaços vazios, interiores, situados dentro das possessões recém-conquistadas ou próximos a elas ou mesmo designar uma “região agreste, distante das povoações ou das terras cultivadas”.⁸ Camões em *Os Lusíadas*, no Canto X, utiliza-se da palavra sertão nesta acepção:⁹

A gente do sertão que as terras anda,
Um rio diz que tem miraculoso,
Que, por onde ele só, sem outro, vai,
Converte em pedra o pau que nele cai.

A expressão também foi utilizada até o final do século XVIII pela Coroa portuguesa e por suas autoridades residentes nas colônias. No Brasil é possível encontrar, nos documentos oficiais, diversos exemplos da utilização da palavra sertão designando os longínquos e distantes espaços do interior do país.

‘Se lhes fazia certo haver nos sertões da América minas de ouro, prata e pedras preciosas’ (resposta de D. João V, em 1721, ao pedido de licença de Bartolomeu Bueno da Silva e outros, para organizar bandeira rumo a Goiás); ‘Se os não puder obter (os recursos solicitados), Senhor, não sei o que será feito desses fiéis servos de Vossa Majestade, abandonados à sorte cruel entre os sanguinários selvagens habitantes desses certões.’ (Relatório do presidente da província de Mato Grosso, 1778).¹⁰

Durante o processo de colonização o sertão, enquanto categoria, aos poucos, foi ganhando um significado mais amplo (derivado, obviamente, daquele já conhecido pelos portugueses antes mesmo de chegarem ao Brasil), entretanto com características particulares, adequadas “a uma situação histórica particular e única: a da conquista e

⁷ Walnice Nogueira GALVÃO, O imaginário do sertão. In: Araquém ALCÂNTARA, *Sertão sem fim*. São Paulo: Terrabrasil, 2009, p. 146.

⁸ Antônio Geraldo CUNHA, *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira, 1986, p. 718.

⁹ Luiz Gonzaga MARCHEZAN, O sertão no interior da máquina do mundo. In: *Revista UFG*, dezembro 2006, ano VIII, n. 2, p. 1.

¹⁰ Janaína AMADO, *Região, sertão, nação*, p. 147.

consolidação da colônia brasileira”.¹¹ No início do século XIX, o “sertão” já estava tão integrado à língua usada no Brasil que muitos viajantes estrangeiros tais como Saint-Hilaire, Johann Emanuel Pohl, entre outros, que por aqui passavam, utilizavam-se com frequência desta expressão para se referir ao interior do país, às áreas mais despovoadas e recônditas.

De forma simplificada, pode-se afirmar, portanto, que, às vésperas da independência, “sertão” ou “certão”, usada tanto no singular quanto no plural, constituía no Brasil noção difundida, carregada de significados. De modo geral, denotava ‘terras sem fé, lei ou rei’, áreas extensas afastadas do litoral, de natureza ainda indomada, habitada por índios ‘selvagens’ e animais bravios, sobre as quais as autoridades portuguesas, leigas ou religiosas, detinham pouca informação e controle insuficiente.¹²

Observando o contexto colonial brasileiro, é possível afirmar que a categoria “sertão” foi construída a partir do litoral, local onde, durante muito tempo, os portugueses concentraram as atividades econômicas da colônia e no qual surgiram os primeiros centros urbanos. Foi a partir deste ponto de vista – o do colonizador e, conseqüentemente, o do litoral – que o sertão foi constituído. Sendo assim, desde os primeiros anos do Brasil Colônia as categorias “sertão” e “litoral” se firmaram de maneira diametralmente oposta, porém, complementar. São opostas porque uma é o reverso da outra: enquanto o sertão é o lugar desconhecido, longínquo, habitado pelos bárbaros e infiéis, o litoral se apresenta como espaço delimitado, habitado por aqueles que estão em processo de colonização e até mesmo por índios e negros, mas dominados pelos brancos; “um espaço da cristandade, da cultura e da civilização”.¹³ Enquanto categorias complementares, uma se espelha na outra, refletindo-se de maneira invertida, ou seja, uma se constituiu em função da outra. Dessa maneira, se o litoral não é seu principal referente, o sertão perde o sentido, esvazia-se e vice-versa.

Apesar de ter-se constituído a partir da ótica e do lugar dos colonizadores, o sertão, categoria absorvida pelos colonizados, assume, muitas vezes, significados opostos e distintos. Para aqueles que eram perseguidos pela justiça ou mesmo pela Inquisição, para os escravos fugitivos, índios perseguidos, doentes, miseráveis, enfim,

¹¹ Janaína AMADO, *Região, sertão, nação*, p. 148.

¹² Janaína AMADO, *Região, sertão, nação*, p. 148.

¹³ Janaína AMADO, *Região, sertão, nação*, p. 148.

para a escória da sociedade colonial, o sertão representava liberdade e esperança, a possibilidade de uma vida melhor e mais feliz, livre da opressão. “Desde o início da história do Brasil, portanto, figurou uma perspectiva dual, contendo, em seu interior, uma virtualidade: a da inversão. Inferno ou paraíso, tudo dependeria do lugar de quem falava”.¹⁴

O sertão foi uma categoria bastante importante para a classificação e hierarquização dos espaços conquistados por Portugal durante o período colonial. Entretanto, à medida que este império se descompunha, também o sertão se desconfigurava. Esta categoria, que guardou significados tão amplos, aos poucos volta ao seu sentido original, o de “interior”, utilizado muito antes da expansão colonial.

Diferentemente do que aconteceu em Portugal, no Brasil, o sertão foi, aos poucos, ganhando outros significados, consolidando-se e se transformando em uma categoria essencial para o entendimento de nação. Fatos históricos ocorridos no sertão, como, por exemplo, a Guerra de Canudos, registrado na obra de Euclides de Cunha¹⁵, dão o Brasil a conhecer.

Segundo Aldamir Leonídio, “o ‘sertão’, ora recebendo avaliação positiva, ora negativa, se constituirá no lugar por excelência da nação. Será (...) a ‘metáfora do Brasil’”;¹⁶ o “espaço portador de uma *brasilidade* mais específica”, nas palavras de Willi Bolle.¹⁷

Também as secas¹⁸, que até os dias de hoje agoniam o povo sertanejo, contribuíram para o reconhecimento do sertão e a configuração do Brasil enquanto

¹⁴ Janaína AMADO, *Região, sertão, nação*, p. 150.

¹⁵ De acordo com Frederico Lustosa da Costa, o livro (*Os sertões*) registra um diálogo entre essas duas cosmovisões, favorecendo a busca das raízes do nosso imaginário e daquilo que em nós reinaugura e atualiza a tradição ocidental. Pois trata-se aqui de representações de um Brasil ocidental, forjado na cultura judaico-cristã, latina, europeia e “moderna”, vivendo os encontros e desencontros entre dois modos de pensar e apreender a realidade, de se apropriar do mundo (Frederico Lustosa da COSTA, *A guerra dos dois mundos: Euclides e o Conselheiro em Canudos*. In: Angela Mendes de ALMEIDA, Berthold ZILLY, Eli Napoleão de LIMA (org.). *De sertões, desertos e espaços incivilizados*. Rio de Janeiro: FAPERJ; MAUAD, 2001, p. 188).

¹⁶ Aldamir LEONÍDIO, O sertão e “outros lugares”: a ideia de nação em Paulo Prado e Manuel Bomfim. In: Angela Mendes de ALMEIDA, Berthold ZILLY, Eli Napoleão de LIMA (org.). *De sertões, desertos e espaços incivilizados*. Rio de Janeiro: FAPERJ; MAUAD, 2001, p. 25.

¹⁷ Willi BOLLE, *grandesertão.br – o romance de formação do Brasil*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004, p. 53.

¹⁸ Na sua obra *Vida e morte no sertão*, o autor Marco Antonio Villa faz um apanhado histórico e analisa as principais secas dos séculos XIX e XX. Segundo ele, entre os anos de 1825 e 1983, estima-se que

tal, como nos aponta Marco Antonio Villa, ao tratar da grande seca de 1877-1879, a maior do século XIX, na qual morreu 5% da população brasileira: “acabou transformando o Nordeste – então chamado de Norte – em uma região-problema”.¹⁹

1.2. Uma categoria espacial e geográfica

Como já dissemos anteriormente, o sertão já era conhecido antes de os portugueses aportarem às terras brasileiras. Entretanto, mesmo cinco séculos após a chegada dos primeiros colonizadores, o sertão permanece vivo no pensamento, no imaginário e no cotidiano do Brasil, “materializando-se de norte a sul do país como sua mais relevante categoria espacial”.²⁰ Para o nordestino, por exemplo, o sertão é tão fundamental, tão cheio de significados que sem ele a própria noção de “nordeste” se esvazia, uma vez que perde um dos seus principais referenciais.

O sertão não é utilizado apenas para significar porções territoriais do nordeste brasileiro. Na Amazônia, por exemplo, a expressão “sertão de dentro” é utilizada para designar a área que faz fronteira com a Venezuela; no Rio Grande do Sul, “sertão de fora” se refere às áreas fronteiriças em direção ao Uruguai.

Além de ser uma referência institucionalizada, o sertão pode ser pensado enquanto categoria geográfica, com traços e características próprios. De acordo com o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o sertão é uma das subáreas nordestinas, árida e pobre, que fica a oeste da ‘zona da mata’ e do ‘agreste’, outras subáreas do nordeste. Com relação aos aspectos climáticos e geográficos, pode-se dizer que o clima do sertão é quente e seco; a terra é arenosa, a vegetação, característica da caatinga e do cerrado, é baixa, rala, com pequenos arbustos quase sem folhas, de troncos secos e retorcidos.

A vegetação comum, porém, é pobre, formada de pastos naturais ralos e secos e de arbustos enfezados que exprimem em seus troncos e ramos tortuosos, em seu

foram cerca de 3 milhões de mortos vitimados pelas secas no nordeste brasileiro, sem contam aqueles mortos que nem sequer foram considerados vivos porque não possuíam registro de nascimento, ou foram enterrados clandestinamente e até mesmo morreram pelas estradas.

¹⁹ Marco Antonio VILLA, *Vida e morte no sertão – história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Ática, 2000, p. 13.

²⁰ Janaína AMADO, *Região, sertão, nação*, p. 145.

enfolhamento maciço e duro, a pobreza das terras e a irregularidade do regime de chuvas.²¹

Euclides da Cunha, na primeira parte de sua obra *Os sertões*, descreve minuciosamente a vegetação e o clima do sertão, de modo a compor a paisagem e introduzir o leitor ao cenário onde se dará a Campanha de Canudos. Desconhecido e sempre evitado, esse sertão tem um solo seco, sem umidade, estéril, queimado pelas secas e um clima hostil, onde se “tem a impressão persistente de calcar o fundo recém-sublevado de um mar extinto”.²²

A respeito da vegetação que cobre o sertão, destacam-se algumas passagens:

... arbúsculos quase sem pega sobre a terra escassa, enredados de esgalhos de onde irrompem, solitários, cereus rígidos e silentes, dando ao conjunto a aparência de uma margem de desertos. E o fácies daquele sertão inóspito vai-se esboçando, lenta e impressionadoramente.²³

E ainda:

Ao passo que a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e estonteia-o; enlaça-o na trama espinesciente e não o atrai; repulsa-o com as folhas urticantes, com o espinho, com os gravetos estalados em lanças; e desdobra-se-lhe na frente léguas e léguas, imutável no aspecto desolado: árvores sem folhas, de galhos estorcidos e secos, revoltos, entrecruzados, apontando rijamente no espaço ou estirando-se flexuosos pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortura, da flora agonizante. (...) As suas árvores, vistas em conjunto, semelham uma só família de poucos gêneros, quase reduzida a uma espécie invariável, divergindo apenas no tamanho, tendo todas a mesma conformação, a mesma aparência de vegetais morrendo, quase sem troncos, em esgalhos logo ao irromper do chão. (...) Transmudam-se, e em lenta metamorfose vão tendendo para limitadíssimo número de tipos caracterizados, pelos atributos dos que possuem maior capacidade de resistência.²⁴

O clima do sertão é bastante instável: os dias são tórridos e as noites são frias. Durante a estiagem – de abril a outubro – praticamente não há chuvas e a paisagem se

²¹ Darcy RIBEIRO, *O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 340.

²² Euclides da CUNHA, *Os sertões*. São Paulo: Martin Claret, 2008, p. 47.

²³ Euclides da CUNHA, *Os sertões*, p. 41.

²⁴ Euclides da CUNHA, *Os sertões*, p. 70.

reveste de uma monotonia cinza claro: “Patenteiam-se-lhe, uniformes, os mesmos quadros, num horizonte invariável que se afasta à medida que ele avança”.²⁵

Falando ainda sobre a vegetação, Euclides da Cunha descreve algumas espécies de cactos típicas do sertão, tais como os mandacarus e os cabeça-de-frade. Diante da monocromia e do calor, a flor vermelha deste cacto se apresenta como imagem de movimento, de vida e morte, sugerindo, de acordo com o autor, o retrato de cabeças decepadas, depositadas desordenadamente por entre as pedras.

Os mandacarus (*Cereus jaramacaru*) (...) no fim de algum tempo, porém, são uma obsessão acabrunhadora. Gravam em tudo monotonia inaturável, sucedendo-se constantes, uniformes, idênticos todos, todos do mesmo porte, igualmente afastados, distribuídos com uma ordem singular pelo deserto. (...) os cabeças-de-frade, deselegantes e monstruosos melocactos de forma elipsoidal, acanalada, de gomos espinescentes, convergindo-lhes no vértice superior formado por uma flor única, intensamente rubra. Aparecem, de modo inexplicável, sobre a pedra nua, dando, realmente, no tamanho, na conformação, no modo porque se espalham, a imagem singular de cabeças decepadas e sanguinolentas jogadas por ali, a esmo, numa desordem trágica.²⁶

De acordo com o autor, esta paisagem seca, estéril, desconhecida, quase um deserto, causa uma impressão dolorosa naqueles que se dispõem a atravessá-la, seja pelas regiões mais montanhosas, seja nas vastas e descampadas planícies.²⁷

No final da primeira parte de *Os sertões*, o sertão é apresentado como uma categoria geográfica que Hegel não citou. O filósofo, ao postular que o clima e a vegetação, juntamente com outros elementos, poderiam agir sobre o ser humano e assim criar diferenciações étnicas, delineou apenas três categorias geográficas: as estepes; os vales férteis; e o litoral e as ilhas. Euclides chama a atenção para o fato de o filósofo não ter levado em consideração a existência do sertão, enquanto categoria fundamental. Nesta ambiência, a seca e as chuvas coexistem dentro da mesma categoria.

²⁵ Euclides da CUNHA, *Os sertões*, p. 43.

²⁶ Euclides da CUNHA, *Os sertões*, p. 76.

²⁷ Euclides da CUNHA, *Os sertões*, p. 50.

Aos sertões do norte, porém, que à primeira vista se lhes equiparam, falta um lugar no quadro do pensador germânico. Ao atravessá-los no estio, crê-se que entram, de molde, naquela primeira subdivisão; ao atravessá-los no inverno, acredita-se que são parte essencial da segunda. Barbaramente estéreis; maravilhosamente exuberantes...²⁸

A partir destas breves observações, podemos perceber que também do ponto de vista climático, vegetativo e geográfico, o sertão pode ser entendido como um espaço caracterizado pela oposição e pela ambiguidade. A esterilidade do verão, marcada pelo calor e pela seca, pode, perfeitamente, se transformar em abundância e profusão com as chuvas que caem no inverno. Este jogo de oposições e ambiguidades que caracterizam o sertão, e que aparece tão bem delineado quando analisamos suas particularidades geográficas e climáticas, também se faz presente na formação do povo sertanejo, de sua personalidade, seu jeito de ser e agir.

Considerando que o *ethos* de um povo é “o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos”,²⁹ como sintetiza Clifford Geertz, podemos afirmar que o *ethos* sertanejo é marcado por estas incoerências e imprecisões que constituem e distinguem o sertão. É o conjunto de todas as qualidades, mas também de todas as imperfeições que compõem o sertão e o caracterizam enquanto tal. A respeito do surgimento da cultura sertaneja, Victor Leonardi revela:

Essa cultura, que surgia no limiar da escrita, nasceu entre a fé e a blasfêmia, entre as cartas régias e contrabandistas, entre oficiais de justiça e capangas: cultura de sertão, cultura do isolamento, cultura típica do regime colonial, quando o capital era acumulado pela força e a indústria ainda se encontrava em sua pré-história.³⁰

Ainda com relação às aparentes contradições próprias do sertão, observa Euclides da Cunha:

²⁸ Euclides da CUNHA, *Os sertões*, p. 85.

²⁹ Clifford GEERTZ, *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 66-67.

³⁰ Victor LEONARDI, *Entre árvores e esquecimentos – história social nos sertões do Brasil*. Brasília: Editora UnB, 2003, p. 312.

Este contraste impõe-se ao mais leve exame. Revela-se a todo o momento, em todos os pormenores da vida sertaneja caracterizada sempre pela intercadência impressionadora entre extremos impulsos e apatias longas.³¹

Dessa maneira, comparando as condições climáticas, vegetativas e geográficas do sertão com o caráter e a qualidade da vida sertaneja, percebemos que aquilo que aparentemente seria objeto de conflito e oposição é, na verdade, característica própria do ser sertanejo. O *ethos* sertanejo se constitui e se constrói a partir desta aparentes ambiguidades.

1.3. Categoria do pensamento social

O sertão, além de referência espacial, é também uma das categorias mais presentes no pensamento social brasileiro. Como destacado anteriormente, na historiografia do Brasil o sertão está presente, já no século XVI, nos relatos de curiosos e viajantes que visitaram o país; também no século XVII, nas primeiras tentativas de elaboração de uma história do Brasil, como a realizada por Frei Vicente do Salvador (*História do Brasil*), o sertão se faz presente. No final do século XIX, início do século XX, tornou-se uma categoria básica e fundamental para quaisquer elaborações historiográficas cuja temática estivesse centrada no conceito de nação brasileira. Autores como Capistrano de Abreu (*Capítulos de História Colonial*) e Oliveira Vianna (*O Idealismo na Evolução Política do Império e da República*; *Evolução do Povo Brasileiro*; *Os Grandes Problemas Sociais*), trabalharam com este conceito. Posteriormente, outros autores como Euclides da Cunha (*Os sertões*), Nelson Werneck Sodré (*Oeste*), Sérgio Buarque de Holanda (*Raízes do Brasil*), Cassiano Ricardo (*Marcha para oeste*), entre outros, aprofundaram as discussões acerca do sertão. A partir da década de 1950 o sertão ganha importância entre os sociólogos e antropólogos. Ao perfazer, de maneira sucinta, este percurso de cinco séculos da história do Brasil, é possível constatar que o sertão se apresenta como uma categoria fundamental para o entendimento do país, inicialmente como colônia e, já no século XIX, enquanto nação.

³¹ Euclides da CUNHA, *Os sertões*, p. 146.

1.4. Categoria cultural

O sertão não só ocupa um lugar importante na produção literária brasileira popular como, por exemplo, na literatura oral e de cordel, mas também em correntes e obras chamadas ‘cultas’. Desde a poesia romântica do século XIX, com Castro Alves, Álvares de Azevedo (poemas como *O Crepúsculo Sertanejo* e *Canção do Violeiro*), entre outros, passando pela prosa de Bernardo Guimarães (*Saudades do Sertão do Oeste de Minas*); e, especialmente, José de Alencar (*O Sertanejo*), o sertão emerge como temática de fundamental importância.

Com a chamada ‘geração de 1930’ a temática do sertão ganha um status diferenciado, fazendo emergir construções de sertões nordestinos conturbados, repletos de elementos com forte conotação social. Graciliano Ramos (*Vidas Secas*), Raquel de Queirós (*O quinze*; *Memorial de Maria Moura*; *Lampião*), José Lins do Rego (*Fogo Morto*; *Cangaceiros*), entre outros, são autores desta geração. Guimarães Rosa foi, possivelmente, um dos maiores e mais completos autores a trabalhar com a temática do sertão. Em sua obra *Grande Sertão: Veredas*, de 1965, o sertão se apresenta misterioso, com seus aspectos místicos e ambíguos. Inúmeros são os autores que se utilizaram do sertão como temática central de suas obras, dos quais se poderiam citar diversos exemplos, porém acreditamos não se fazer necessário neste momento.

Além da literatura, outras áreas ligadas à cultura e às artes tiveram o sertão como tema central de suas produções. O cinema brasileiro, em especial o movimento conhecido como “cinema novo”, que tinha como mote principal o *slogan* “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”, trabalhou com maestria a temática do sertão. Se o objetivo principal do movimento era produzir filmes baratos, voltados à realidade brasileira e com uma linguagem adequada à situação social da época, o sertão seria o tema perfeitamente apropriado. Tanto foi assim que, apenas entre meados de 1963 e 1965, foram produzidos quatro filmes com esta temática – *Vidas secas*, de Nelson Pereira dos Santos, *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha, *A hora e a vez de Augusto Matraga*, de Roberto Santos e *Os fuzis*, de Ruy Guerra. Nestas produções, assim como na obra de Euclides da Cunha, a terra seca e árida precede a figura humana. É como se o sertão já existisse antes de tudo, apresentando-se como cenário para quaisquer narrativas.

Além do cinema e da literatura, também as artes plásticas, o teatro e a música tiveram como o sertão como inspiração e tema central. Artistas como Cândido Portinari (série *Retirantes*) e Tarsila do Amaral (*O Abaporu*) retrataram-no em suas obras.

No campo da fotografia há, igualmente, diversos trabalhos sobre o sertão. Sobre a cidade de Bom Jesus da Lapa, seu Santuário e sua romaria, destacamos, de modo especial, o recente trabalho *Pedra e Luz*³², do fotógrafo Gustavo Malheiros, cujos registros em preto e branco traçam um documentário do sertão nordestino por meio da expressão intimista de seu povo, seus olhares e seus gestos.

Com relação à música, muitos foram os compositores que tomaram o sertão como tema para suas sinfonias, canções, poemas sinfônicos, entre outros. Na música erudita podemos citar os compositores Guerra-Peixe (*Suíte para piano no. 2 "Nordestina"; Sinfônica no. 2 "Pernambucana"; Tributo a Portinari*), Heitor Villa-Lobos (*Lenda do Caboclo; Canções típicas brasileiras; Guia Prático*), Camargo Guarnieri (*Canção Sertaneja; Toada sentimental; Azulão*, com texto de Manuel Bandeira), entre outros. Na década de 1960 destaca-se, em especial, o retrato do sertão por João Cabral de Mello Neto e Chico Buarque na peça *Morte e Vida Severina*, cuja estréia se deu em 1965, no TUCA – Teatro da Universidade Católica de São Paulo. Outros compositores da música popular trouxeram o sertão para suas obras como, por exemplo, Luiz Gonzaga (*A morte do vaqueiro; Á-bê-cê do sertão; Asa Branca; Assum Preto*), Humberto Teixeira (*Baião; No meu pé de serra*), Edu Lobo (*Ponteio; O Sertão – de Canudos*), Gilberto Gil (*A volta da asa branca; O canto da ema; Mulher de Coronel*), Geraldo Vandré (*Disparada; Canção Nordestina*), entre outros. Paralelamente a todas estas expressões artísticas, cabe lembrar a xilogravura e a literatura de cordel, que exploraram muitíssimo a temática sertaneja.

Diante deste breve levantamento, é possível perceber que não só a literatura, mas também as outras artes – cinema, teatro, música, fotografia, entre outros – povoaram os sertões com grandes personagens, narrativas míticas, símbolos, cores, sons, sabores. Tudo isso marcou profundamente o imaginário brasileiro.

Como já se pôde perceber, definir o sertão não é uma tarefa simples, uma vez que se apresenta como uma categoria complexa, composta por elementos diversos e

³² Gustavo MALHEIROS, *Pedra e Luz*. Rio de Janeiro: Arte Ensaio, 2008.

nuances distintas. O sertão é muito mais do que uma simples categoria geográfica, com características climáticas e vegetativas autênticas. Pela sua própria conformação ao longo da história do Brasil, se configurou como espaço privilegiado de indefinições e ambiguidades. Ele é o lugar do desconhecido, do inesperado; trata-se do lugar do enfrentamento das circunstâncias que a vida impõe aos viventes, um lugar de aventuras, um dos muitos palcos do drama humano.

Um ponto fundamental para a compreensão do sertão enquanto uma categoria mais abrangente e complexa é levar em consideração a existência de uma consciência e de um *ethos* sertanejo. Há um modo particular de organização, de vida, de pensamentos e costumes, elementos estes que caracterizam a identidade sertaneja. De acordo com Darcy Ribeiro, o sertão

conformou, também, um tipo particular de população com uma subcultura própria, a sertaneja, marcada por sua especialização ao pastoreio, por sua dispersão espacial e por traços característicos identificáveis no modo de vida, na organização da família, na estruturação do poder, na vestimenta típica, nos folguedos estacionais, na dieta, na culinária, na visão de mundo e numa religiosidade propensa ao messianismo.³³

O autor, em seu livro *O povo brasileiro*, faz um resgate histórico dos diversos Brasis, dentre eles o *Brasil Sertanejo*, retratado desde os tempos coloniais, com sua atividade econômica ligada ao pastoreio, aos engenhos de cana de açúcar, até os últimos empreendimentos agrícolas contemporâneos, com as extensas plantações de soja ou trigo executadas por grupos de fazendeiros sulinos. Neste percurso, Darcy Ribeiro retrata o povo sertanejo, flagelado pelas secas e submetido, até hoje, às relações clientelistas; um povo que não é dono de suas pequenas porções de terra, de seus ranchos ou animais e que está acostumado a emigrar, sempre que necessário. De acordo com o autor, duas são as expressões características do mundo sociocultural sertanejo: “o cangaço e o fanatismo religioso, desencadeados ambos pelas condições de penúria que suporta o sertanejo, mas conformadas pela singularidade do seu mundo cultural”.³⁴ Segundo ele, o cangaço foi uma forma de banditismo típica do sertão pastoril que operava até meados da década de 1930 e que se configurou como a expressão da revolta sertaneja contra as injustiças do mundo. É importante ressaltar

³³ Darcy RIBEIRO, *O povo brasileiro*, p. 340.

³⁴ Darcy RIBEIRO, *O povo brasileiro*, p. 355.

que o cangaço é fruto da própria estrutura senhorial e latifundiária estabelecida no sertão, uma vez que eram os próprios coronéis que incentivavam a criminalidade, aliciando jagunços para serem seus capangas. Apesar de serem temidos pela população, os cangaceiros também serviam como modelo de honra e de valor.

Por tudo isso, o cangaço e seus jagunços, sanguinários mas pios e tementes a Deus e aos santos de sua devoção, temidos mas admirados, condenados mas também louvados, constituíram um produto típico na sociedade sertaneja.³⁵

Com relação às expressões religiosas do povo sertanejo dos tempos passados, Darcy Ribeiro afirma:

Uma outra expressão característica do mundo sociocultural sertanejo é o fanatismo religioso, que tem muitas raízes comuns com o cangaço. Ambos são expressões da penúria e do atraso, que, incapaz de manifestar-se em formas mais altas de consciência e de luta, conduziram massas desesperadas ao descaminho da violência infrene e do misticismo militante. O fanatismo baseia-se em crenças messiânicas vividas no sertão inteiro, que espera ver surgir um dia o salvador da pobreza. (...) Periodicamente surgem anunciadores da chegada do messias, conclamando o povo a jejuar, a rezar e a flagelar-se a fim de, purificando-se, desimpedir os caminhos da reencarnação de velhos heróis míticos. (...) Outros, ainda, atraíam enormes romarias a seus paradeiros, onde rezavam, confessavam, aconselhavam e, sobretudo, curavam os enfermos incuráveis e infundiam esperanças aos desenganados.³⁶

A partir da leitura destas passagens, podemos constatar uma visão, de certa maneira, parcial e limitada por parte do autor a respeito das expressões religiosas do povo sertanejo. Segundo Darcy Ribeiro, o traço fundamental desta religiosidade é o fanatismo, fruto da falta de desenvolvimento e da situação de miséria em que vivem os sertanejos. Para ele, o atraso em termos econômicos e culturais seriam as principais razões de ser destas formas de expressão religiosa, destituídas de consciência e discernimento.

Ao que nos parece, pensar o sertão também a partir da sua religiosidade significa reconhecer que este é um elemento fundamental da vida do sertão, que configura e caracteriza o povo sertanejo enquanto tal.³⁷ Afinal, até hoje, no sertão,

³⁵ Darcy RIBEIRO, *O povo brasileiro*, p. 356.

³⁶ Darcy RIBEIRO, *O povo brasileiro*, p. 356-357.

³⁷ De acordo com Clifford Geertz, os *símbolos* sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo e sua visão de mundo. Assim, “na crença e na prática religiosa, o *ethos* de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao

nasce gente ao som de reza, os defuntos são entregues a Deus e à terra acompanhados pelo canto das incelências, as almas recebem alento e são nutridas durante a quaresma pelas preces e cantorias das ‘alimentadeiras de almas’, cruzeiros e capelinhas podem ser encontradas ao longo das estradas como sinal de alguém que morreu.

Como nos apresenta Guimarães Rosa, “o sertão é sem lugar” também. Ele é o não lugar, aquilo que está fora, uma sociedade onde o Estado não tem eficácia, onde a violência existe apesar da presença dos poderes públicos, “onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho da autoridade”.³⁸ Contudo, para que se possa categorizar o sertão, é preciso que haja consciência, é preciso se saber sertão.

E como “o sertão está em toda a parte”, também está na origem do culto ao Bom Jesus da Lapa, na romaria do Monge, nas rochas das grutas e cavernas, nas histórias e na vida dos romeiros e peregrinos. Afinal, “o sertão é dentro da gente”.

É neste ambiente geográfico, climático, cultural e social que se situa o Santuário do Bom Jesus da Lapa, um dos mais notáveis do nordeste brasileiro e um “dos mais importantes ícones do catolicismo no Brasil”,³⁹ juntamente com Juazeiro do Norte e Canindé. O Santuário localiza-se à margem direita do Médio Vale do Rio São Francisco, no Oeste Baiano, distante a 796 km de Salvador – BA e a 665 km de Brasília – DF, em pleno sertão.

O culto ao Bom Jesus da Lapa e as romarias ao seu Santuário estão profundamente impregnados das imagens e elementos que constituem e caracterizam o sertão.

Há um sentido de pertencimento e de comunhão com a paisagem que impregna o culto das romarias para Bom Jesus da Lapa. No movimento dos corpos que cruzam o sertão em direção ao santuário, os romeiros vão demarcando um espaço sagrado que torna certos lugares e objetos mais próximos de Deus que outros. A sua consciência está inextricavelmente associada ao território, de forma que o sagrado se apresenta

estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada com uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida” (Clifford GEERTZ, *Interpretação das Culturas*, p. 67).

³⁸ João Guimarães ROSA, *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p. 24.

³⁹ Carlos STEIL, *O sertão das romarias*, p. 200.

sempre encharcado de concretude, ao alcance da vista e da mão, podendo ser tocado.⁴⁰

Ao apresentar o sertão a partir de diversos pontos de vista – histórico, geográfico, social, cultural e religioso – procuramos compor a complexa e intrincada trama na qual o Santuário do Bom Jesus da Lapa, seus peregrinos e a romaria estão inseridos.

A partir desta análise podemos afirmar que este é um Santuário sertanejo. Afinal, sua conformação e seu estabelecimento como lugar de culto ao Bom Jesus e à Nossa Senhora da Soledade, e mais, como *hierópolis*, estão intimamente relacionados tanto às raízes históricas do país como também à realidade geoclimática do sertão, às suas características socioculturais e, sobretudo, ao *modus vivendi* do povo sertanejo.

De posse deste panorama, nos pontos que se seguem procuraremos apresentar a figura do peregrino do Senhor Bom Jesus da Lapa, buscando compreender quem é esse romeiro e quais são as motivações que o impelem a fazer a romaria, seja para cumprir um voto, para pagar uma promessa ou, simplesmente, “para visitar o Bom Jesus”,⁴¹ como entoava o cantor-romeiro.

2. Perfil do Peregrino

Na bagagem, um coração vazio de si; na mão, um *ex-voto*, símbolo como memória de uma identidade; na voz, orações se elevam ao sagrado; no olhar, uma saudade imensa renitente sai pelas bordas dos olhos. Passos brandos na vasta poeira do tempo trilham sem regresso envoltos do mistério, enveredados pela fé. Corpos crestados, próximos aos mandacarus, pisam quais vultos num solo riscado pela seca, sem mapas, nem mundo ou chão. Mas a fé abrevia as sendas torcidas e os remete a uma nova realidade, assim seguem os romeiros.

(Marcelo Oliveira – Francisco – o Santo vivo)

Um dos elementos mais característicos e inerentes às peregrinações é o desejo de estar perto do santo, da sua morada. Para que este encontro aconteça, é preciso se deslocar, colocar-se a caminho. É esta aspiração de estar próximo ao centro sagrado que transforma o ser humano em *homo peregrinus*, isto é, em homem peregrino.

⁴⁰ Carlos STEIL, *O sertão das romarias*, p. 23.

⁴¹ Verso de um dos benditos comumente cantados na saída da romaria.

Esta figura do romeiro, que anseia estar nos limiares do sagrado, está associada à ideia de *Axis mundi*, ou seja, uma coluna cósmica universal que liga e sustenta o céu e a terra e que se situa no “centro do mundo”. Segundo Eliade, muitas são as imagens que se referem à este centro, dentre elas, a montanha.

A montanha figura entre as imagens que exprimem a ligação entre o Céu e a Terra; considera-se, portanto, que a montanha se encontra no Centro do Mundo. Com efeito, numerosas culturas falam-nos dessas montanhas – míticas ou reais – situadas no Centro do Mundo. (...) Visto que a montanha sagrada é um *Axis mundi* que liga o Terra e o Céu, ela toca de algum modo o Céu e marca o ponto mais alto do mundo; daí resulta, pois, que o território que a cerca, e que constitui o “nosso mundo”, é considerado como a região mais alta.⁴²

Assim, considerando o Santuário do Bom Jesus da Lapa, podemos dizer que para muitos romeiros e romeiras, ele é o “centro do mundo” do qual fala Eliade, local que liga o céu e a terra e no qual se deseja estar.

Com relação ao peregrino sertanejo, podemos dizer que ele assume este papel, muitas vezes, quase que sem querer. As próprias adversidades da vida o fazem peregrinar, se deslocando em busca da própria sobrevivência:

Por mais anos ou gerações que permaneça numa terra, o sertanejo é sempre um agregado transitório, sujeito a se deslocar a qualquer hora, sem explicações ou direitos. Por isso, sua casa é o rancho em que está apenas arranchado; sua lavoura é uma roça precária, só capaz de assegurar-lhe um mínimo vital para não morrer de fome, e sua atitude é a de reserva e desconfiança, que corresponde a quem vive num mundo alheio, pedindo desculpas por existir.⁴³

A romaria da Lapa, assim como outras romarias da tradição judaico-cristã, é marcada essencialmente pela caminhada, pela viagem, pelo deslocamento, pelo sacrifício e pelo desejo de “entrar na casa do Senhor”, o qual se explicita no cantar do salmista:

Senhor, quem habitará no teu tabernáculo? Ou quem descansará no teu santo monte?
(Sl 14,1)

Senhor, eu amei o decoro da tua casa, e o lugar onde habita a tua glória. (Sl 25,8)

⁴² Mircea ELIADE, *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 39.

⁴³ Darcy RIBEIRO, *O povo brasileiro*, p. 362.

Bem aventurado o que escolheste, e tomaste para ti; ele habitará nos teus átrios. Seremos cheios dos bens da tua casa; santo é o teu Templo. (Sl 64,5)

Eu me alegrei com isto que me foi dito: Iremos à casa do Senhor. E agora os nossos pés param às tuas portas, ó Jerusalém. (Sl 121,1-2) ⁴⁴

Este último salmo faz parte de uma série (Sl 119-133) que leva o subtítulo “Cântico para as subidas”. Estes salmos, também chamados “graduais”, eram cantados pelos peregrinos a caminho de Jerusalém. O “saltério das subidas” inicia-se com o canto confiante do salmista: “Na minha tribulação, clamei ao Senhor, e ele ouvi-me” (Sl 119,1) e termina com uma solene benção: “Durante as noites levantai as vossas mãos para o Santuário, e bendizei ao Senhor. Abençoe-te de Sião o Senhor, que fez o céu e a terra” (Sl 133,2-3).

Seguindo a intuição de Steil, podemos dizer que a peregrinação ao Santuário sertanejo do Bom Jesus da Lapa não é apenas uma ação própria da mobilidade humana, mas também está diretamente ligada à cultura bíblico-católica dos romeiros, da qual fazem parte os mitos de fundação do Santuário, as práticas religiosas, os rituais e as experiências vividas pelos peregrinos.⁴⁵ Ainda com relação à cultura do deslocamento, Carlos Rodrigues Brandão diz:

Mas os católicos, dramáticos e encenificadores, precisam deslocar o sagrado continuamente e precisam deslocar-se a ele. Precisam tornar dramas e memórias de dramas uma coisa e outra. Eis que temos então na tradição católica: romaria (peregrinação) – deslocar-se em busca do sagrado; procissão – deslocar-se com o sagrado; missa – colocar-se dramaticamente diante do sagrado.⁴⁶

Estima-se que, aproximadamente, um milhão de pessoas passa anualmente pelo Santuário do Bom Jesus da Lapa. Segundo as pesquisas realizadas pelo Santuário entre

⁴⁴ Todas as citações bíblicas deste trabalho são extraídas da seguinte edição: *BÍBLIA SAGRADA Antigo Testamento - Traduzido da Vulgata e Anotado pelo Pe. Matos Soares, I Volume*. São Paulo/Rio de Janeiro: Pia Sociedade de São Paulo para Apostolado da Imprensa, 1933. Esta tradução corresponde, mais de perto, às edições do texto bíblico que circularam ao longo da história do Brasil.

⁴⁵ Carlos STEIL, *O sertão das romarias*, p. 157 e 199.

⁴⁶ Carlos Rodrigues BRANDÃO, *Memória sertão – cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão*. São Paulo: Conesul; Ed. UNIUBE, 1998, p. 87.

os chefes de romarias⁴⁷, a grande maioria dos romeiros que vão ao Santuário do Bom Jesus da Lapa é proveniente do Estado da Bahia e de Minas Gerais; em seguida, e em menor proporção, encontramos romeiros do Espírito Santo, São Paulo, Goiás, Distrito Federal, Tocantins, entre outros. No ano de 2005, por exemplo, foram cadastradas 5.959 romarias na secretaria do Santuário do Bom Jesus da Lapa. Deste total, mais de 90% são do estado da Bahia e de Minas Gerais.⁴⁸ Em 2010, a secretaria do Santuário cadastrou, ao todo, 178.659 romeiros, dos quais 71.671 (40,36%) do sexo masculino e 106.552 (59,64%) do sexo feminino. Assim como nas estatísticas anteriores, os romeiros da Bahia e Minas Gerais são maioria:

Estado	Romeiros por estado	%	Masculino	Feminino
Bahia	88.955	49,8	35.014	53.647
Minas Gerais	75.964	42,51	31.238	44.164
Espírito Santo	4.596	2,57	2.083	2.920
São Paulo	3.462	1,94	1.299	2.161

⁴⁷ O Santuário do Bom Jesus da Lapa possui um cadastro de chefes de romarias que é atualizado anualmente. Isto acontece de modo presencial, quando os chefes procuram a secretaria do Santuário para criar ou atualizar seu cadastro, ou por meio das correspondências enviadas pelo Santuário aos chefes de romaria.

⁴⁸ Francisco MICEK, *Missionários Redentoristas em Bom Jesus da Lapa*. Bom Jesus da Lapa: Gráfica Bom Jesus, 2006, p. 22.

Estado	Número de Chefes de Romaria	%
Bahia	2935	49,27
Minas Gerais	2580	43,29
Espírito Santo	126	2,11
São Paulo	125	2,09
Goiás	84	1,4
DF	29	0,48
Tocantins	23	0,38
Sergipe	14	0,23
Piauí	14	0,23
Pará	9	0,15
Pernambuco	8	0,13
Paraná	7	0,11
Rio de Janeiro	2	0,03
Mato Grosso	2	0,03
Rondônia	1	0,01

Goiás	1.896	1,06	606	1.291
Pernambuco	852	0,48	406	447
Tocantins	698	0,4	229	473
Piauí	608	0,34	237	371
Distrito Federal	444	0,25	125	319
Paraná	412	0,23	138	274
Sergipe	363	0,2	144	219
Mato Grosso	149	0,08	71	78
Pará	134	0,07	60	83
Rio Grande do Norte	70	0,04	12	58
Rondônia	56	0,03	9	47
Total Geral	178.659 ⁴⁹	100	71.671	106.552

Interessante perceber a forte presença das mulheres no contexto da romaria. Elas são maioria nas romarias de todos os estados brasileiros cadastrados na secretaria do Santuário. Há também algumas pesquisas atuais que demonstram que as mulheres têm assumido papel proeminente inclusive entre os chefes de romaria.

Outra característica interessante dos romeiros do Bom Jesus da Lapa é que costumam peregrinar também a outros santuários tais como: Nossa Senhora Aparecida (Aparecida – SP), Padre Cícero (Juazeiro do Norte – CE), Divino Pai Eterno (Trindade – GO), Nossa Senhora da Ajuda (Arraial da Ajuda – BA), São Francisco das Chagas (Canindé – CE), entre outros.⁵⁰

A romaria acontece ao longo de todo o ano, entretanto o período mais intenso se dá entre os meses de julho e outubro. Pode-se dizer que este calendário está inserido na dinâmica do próprio sertão, uma vez que este é o período de maior estiagem. Os romeiros de Bom Jesus da Lapa começam a chegar depois da festa de São João, que é celebrada no dia 24 de junho, num fluxo contínuo até a festa da Soledade. Neste período se concentram as principais festas: Bom Jesus da Lapa (6 de agosto), Nossa Senhora da Soledade (15 de setembro) e São Francisco de Assis/Frei Francisco da Soledade (4 de outubro).

⁴⁹ Da análise destes dados podemos perceber que o número de romeiros e romarias cadastrados na secretaria do Santuário é consideravelmente menor do que aquele apontado pelas estimativas. Apesar de muitos romeiros não se apresentarem para efetuar seu cadastro junto ao Santuário, o que se pode constatar é que não existem dados estatísticos acerca dos números reais de romeiros e visitantes. Alguns falam em setecentos mil romeiros, outros em um milhão e há aqueles que chegam a estimar que um milhão e meio de romeiros visitam Bom Jesus da Lapa todos os anos. O que podemos perceber, das nossas pesquisas de campo, é que o número de romeiros vem crescendo nos últimos anos.

⁵⁰ Carlos STEIL, *O sertão das romarias*, p. 201.

Os grupos de romeiros variam de acordo com as regiões e estados e também com o calendário das festas que, basicamente, pode ser assim delineado:

Janeiro	Tríduo e Festa do Bom Jesus dos Navegantes
Março/Abril	Semana Santa
Maio	Novena e Festa do Divino
Julho (1º final de semana)	Romaria da Terra e das Águas
Agosto	Novena (28/7 a 05/8) e Festa do Bom Jesus da Lapa (6/08)
Setembro	Setenário (8/9 a 14/9) e Festa de Nossa Senhora da Soledade (15/9)
Outubro	Tríduo (1/10 a 03/10) e Festa de São Francisco de Assis e memória do Frei Francisco da Soledade (4/10)
	Tríduo (9/10 a 11/10) e Festa de Nossa Senhora Aparecida (12/10)
Dezembro	Novena (29/11 a 7/12) e Festa da Imaculada Conceição (8/12)
	Festa de Santa Luzia (13/12) ⁵¹
	Natal (25/12)

Os romeiros provenientes de Minas Gerais costumam ser maioria durante os meses de junho e julho. À medida que a festa do Bom Jesus se aproxima, os mineiros vão diminuindo e começam a chegar, em grande número, os romeiros provenientes da

⁵¹ A festa de Santa Luzia tem crescido bastante nos últimos anos em Bom Jesus da Lapa e conta com a participação tanto de lapenses como de romeiros. O crescimento da festa de Santa Luzia está associado à importância da Santa no contexto da piedade popular, como padroeira dos olhos, a fama dos milagres operados pela santa amplamente divulgada entre os lapenses e romeiros, a boa preparação e organização da festa com a ajuda de movimentos populares como a Renovação Carismática Católica, entre outros. A figura de Santa Luzia, no sertão nordestino está associada também ao clima. O dia da santa (13 de dezembro) é tomado como ponto de referência para o mês de janeiro do ano seguinte, e os dias que se seguem correspondem aos outros meses. Assim, assim o dia 14 corresponde ao mês de fevereiro, 15 a março, 16 a abril e assim por diante até o dia 24, que corresponde ao mês de dezembro. No dia em que chover, o mês correspondente será de chuva, e naquele em que não chover, o mês correspondente será seco. Outra experiência consiste em colocar pedras de sal ao relento, na noite da véspera da festa, para saber se nos meses subsequentes irá chover. Euclides da Cunha descreve esta prática sertaneja em *Os sertões*: “É a experiência tradicional de Santa Luzia. No dia 12 ao anoitecer expõe ao relento, em linha, seis pedrinhas de sal, que representam, em ordem sucessiva da esquerda para a direita, os seis meses vindouros, de janeiro a junho. Ao alvorecer de 13 observa-as: se estão intactas, pressagiam a seca; se a primeira apenas se deliu, transmutada em aljôfar límpido, é certa a chuva em janeiro; se a segunda, em fevereiro; se a maioria ou todas, é inevitável o inverno benfazejo. Esta experiência é belíssima. Em que pese ao estigma supersticioso tem base positiva, e é aceitável desde que se considere que dela se colhe a maior ou menor dosagem de vapor d’água nos ares, e, dedutivamente, maiores ou menores probabilidades de depressões barométricas, capazes de atrair o afluxo das chuvas. Entretanto, embora tradicional, esta prova deixa vacilante o sertanejo. Nem sempre desanima, ante os seus piores vaticínios. Aguarda, paciente, o equinócio da primavera, para definitiva consulta aos elementos. Atravessa três longos meses de expectativa ansiosa e no dia de S. José, 19 de março, procura novo augúrio, o último. Aquele dia é para ele o índice dos meses subsequentes. Retrata-lhe, abreviadas em doze horas, todas as alternativas climáticas vindouras. Se durante ele chove, será chuvoso o inverno; se, ao contrário, o Sol atravessa abrasadoramente o firmamento claro, estão por terra todas as suas esperanças. A seca é inevitável” (Euclides da CUNHA, *Os sertões*, p. 167-168).

região sul da Bahia. Passada esta, os mineiros passam a ser maior número. Nas proximidades da festa de Nossa Senhora da Soledade os baianos retornam ao santuário, mas desta vez advindo de municípios mais próximos a Bom Jesus da Lapa.

Tal movimentação, segundo Steil, aponta para o fato de que a romaria da Lapa não só vem se modificando ao longo dos seus três séculos de existência, mas que existe uma interação entre o Santuário, as devoções e práticas religiosas populares e a instituição eclesiástica. Aos poucos, as festas e solenidades do calendário litúrgico oficial são introduzidas no calendário popular da romaria. Esta interação, “mesmo marcada por descontinuidades, é constitutiva do próprio culto ao Bom Jesus da Lapa”.⁵² Estas mudanças e interações, tão próprias da romaria da Lapa, revelam que a tradição e a cultura não são estáticas, imóveis, mas, ao contrário, apontam para um movimento contínuo, que a cada ano se renova e se reorganiza, como um corpo vivo e dinâmico.

É importante salientar que existe uma grande diferenciação entre o calendário das festas religiosas dos romeiros e dos moradores da Lapa:

Em sua maioria [os moradores da Lapa] são católicos comedidos em suas manifestações religiosas. Cultuam os santos de sua devoção e separam suas festas religiosas das atividades religiosas dos romeiros (...). As festas religiosas populares, próprias da cidade, são a do Bom Jesus dos Navegantes (1º de janeiro) realizada com a procissão dos barcos pelo rio São Francisco; a festa de Santos Reis (06 de janeiro), quando grupos de cantadores e tocadores visitam as casas em que existem presépios armados; a festa do Divino Espírito Santo, realizada de acordo com o calendário cristão; a festa de Cosme e Damião (27 de setembro), podendo-se observar neste ritual a presença do sincretismo religioso; e por último a festa de Nossa Senhora da Conceição (08 de dezembro), antecipada por novenas, em que uma família torna-se responsável pelo ritual de cada noite de novena.⁵³

Apesar de haver romeiros de diversos níveis sociais, a maioria dos romeiros pertence às classes populares e sua atividade profissional, em geral está ligada ao campo – são pequenos agricultores, peões de fazendas, assalariados rurais – ou à construção civil e ao comércio formal e informal. Atualmente a maior parte deles reside em pequenas cidades ou vilas.

⁵² Carlos STEIL, *O sertão das romarias*, p. 208.

⁵³ Maria Lúcia Bastos ALVES, *A convivência na conveniência: um estudo sobre a romaria de Bom Jesus da Lapa – BA*, p. 24.

As mulheres, maioria na romaria, em geral são donas-de-casa, ajudam os maridos na agricultura ou trabalham como lavadeiras, domésticas, professoras, benzedadeiras, entre outros. De acordo com dados da Secretaria Municipal de Turismo, Cultura, Desporto e Lazer de Bom Jesus da Lapa – Bahia, no ano de 2009, 53,2% dos romeiros era do sexo feminino, ao passo que os homens perfizeram 46,8% dos entrevistados.

Para a maioria dos romeiros é bastante pesado arcar com os custos da romaria. Sendo assim, é comum que as famílias não participem completas, com todos os seus membros, da peregrinação. Em geral, um dos cônjuges viaja com um ou dois filhos e a cada ano estes vão se revezando, de modo a garantir que, ao menos uma vez na vida, todos possam visitar o Bom Jesus.

Em conversa com um romeiro de Águas Vermelhas – MG, recebemos a seguinte explicação:

E até a questão de selecionar as pessoas da família que vêm, né? Quem vai na festa, por exemplo, do Bom Jesus e quem vai na da Soledade, quem vai esse ano e quem vai no próximo ano. Quando a gente é criança, acaba esperando esse momento. E depois, claro, quando a gente vai adquirindo assim a maioridade, então já tinha mais vez pra ir, já exigia mais.

Como já apontamos, é próprio da romaria percorrer o caminho. O percurso é parte integrante e necessária da romaria. Durante este tempo os romeiros se preparam para se aproximar do santo, da sua morada. É também tempo de reconfigurar e reafirmar laços sociais e culturais, de escrever a própria história, como relata um romeiro do Padre Cícero (depoimento que consta no texto *A romaria dos pobres de Deus*, de Agostinha Mello e Sebastião Soares):

Os pés dos romeiros são como lápis. Nós pobres somos de poucas letras, mas a gente também escreve com os pés. Só que para ler essa escrita precisa de conhecer os chãos da vida e das estradas duras. É preciso curtir o couro dos pés. Pezinho de pele fina não deixa quase nada escrito nos caminhos da vida.⁵⁴

⁵⁴ Sebastião Armando Gameleira SOARES; Agostinha MELLO. *A romaria dos pobres de Deus*. Leitura do Salmo 124. In: *Estudos Bíblicos*, 28. Romeiros de ontem e hoje. Peregrinação e romaria na Bíblia. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 32.

Hoje em dia, a maior parte dos peregrinos viaja de ônibus fretado. Alguns ainda se arriscam a viajar nos caminhões paus-de-arara. Porém, com a fiscalização das estradas cada vez mais frequente por parte da polícia rodoviária, este tipo de condução tem se tornado menos comum na romaria. Alguns anos atrás, principalmente até a década de 1960, era possível verificar um número considerável de romeiros que faziam sua peregrinação por meio fluvial, pelo Rio São Francisco. Entretanto, com a facilidade das estradas asfaltadas e também com o assoreamento do rio em alguns trechos, este meio de transporte não mais é utilizado pelos peregrinos do Bom Jesus.

Acompanhando o afluxo de romeiros ao santuário é possível observar, ainda que em pequeno número, alguns grupos de devotos que fazem sua peregrinação a pé. Esta opção está intimamente ligada ao elemento penitencial, sempre tão presente nas romarias. Alguns afirmam que para ser “romeiro certo” é preciso sofrimento:

Aqui nós tamo acampado, arranchado, levando vida de cigano. A gente dorme nas esteira, no chão, na poeira, cozinha, faz trempe de pedra, põe as panela em cima. Não precisa colher, não precisa talher. Quanto mais humilde melhor é. Porque o romeiro só é romeiro se ele vir ficar assim na poeira, amostrando o sofrimento. Mas quem vem de ônibus, fica em hotel, de boemia... Tá certo, cada qual agradece a Deus como pode, mas eu acho que é um romeiro muito especializado. Romeiro tem que ser pobre. (Romeira de Jequié – BA)⁵⁵

Outro elemento fundamental que caracteriza o romeiro de Bom Jesus da Lapa é o uso do chapéu forrado de tecido branco e enfeitado com uma fita verde. O uso do chapéu proporciona uma unidade que, visualmente, impressiona. As interpretações deste símbolo e de seu significado são bastante diversas por parte dos romeiros:

Para alguns, a fita verde é a “esperança que Deus deixou no mundo”, o forro branco, que cobre o chapéu, significa que “tudo o que é do Bom Jesus é branco, a roupa dele é branca”. Para outros, prevalece o argumento da tradição: “Toda a vida, desde o começo do mundo, quem vem pra Lapa vem com chapéu forrado”.⁵⁶

⁵⁵ Elizabeth TRAVASSOS, Romaria de Bom Jesus da Lapa: uma primeira etnografia. In: SOARES, Lélia Gontijo (org.). *Romaria do Bom Jesus da Lapa na Bahia*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore/MEC/Secretaria de Cultura/Fundação Cultural do Estado da Bahia/Prefeitura Municipal do Bom Jesus da Lapa, 1983.

⁵⁶ Carlos Alberto STEIL, *O sertão das romarias*, p. 69.

O uso do chapéu serve de sinal de diferenciação entre os romeiros e os outros visitantes que mesmo sendo católicos e serem reconhecidos como romeiros, sabem que o são de outro modo. Muitos padres dirigentes do santuário, nas principais festas, novenários e setenários também usam o chapéu. Diferentemente daqueles que são distintos porque não se utilizam deste símbolo, acreditamos que estes o fazem com o propósito de se aproximar dos romeiros, na tentativa de se colocar como um deles, buscando transparecer uma imagem de homem comum, mesmo usando a batina ou outros paramentos litúrgicos.

Em outros santuários também se observa o uso do chapéu pelos romeiros e ministros ordenados, responsáveis pelo culto. Em Juazeiro do Norte – CE, por exemplo, este sinal é utilizado largamente entre os romeiros do Padre Cícero. Inclusive, durante a romaria há uma celebração intitulada “missa dos chapéus”.



Romeiros e seus chapéus

O chapéu também aparece como destaque em alguns dos benditos cantados pelos romeiros do santuário do Bom Jesus da Lapa. No opúsculo *Catecismo dos Romeiros – Benditos de Romaria e Orações Populares*, de autoria de Minelvino Francisco Silva, encontramos alguns exemplos, além daqueles recolhidos na literatura sobre o santuário e nas pesquisas de campo. Destacamos aqui a primeira estrofe do bendito “Eu sou cantor e sou romeiro”:

Pra visitar o Bom Jesus
 Eu já forrei o meu chapéu
 Eu sou cantor e sou romeiro
 Viva Jesus Cristo lá no céu



1. Pra vi - si - tar o Bom Je - sus. Eu já for - rei o meu cha - péu.
 2. Ro - mei-ro do Bom Je - sus. Não te - mas dor - mir ao léu.
 3. Um an - jo me a - com - panha. To - do co - ber - to de véu.
 4. Rom - pen-do to - da po - eira. Ou - ço o can - tar do te - téu.
 5. Com fé no meu Bom Je - sus. Não me tor - na - rei um réu.
 6. Eu en - fren - to o so - fri - mento. Sem fa - zer mes - mo es - car - céu.
 7. Ro - mei-ro que vai à Lapa. Na ter - ra ga - nha um tro - féu.
 8. Sou pe - que - ni - no na fé. Sou po - bre ta - ba - réu.

Eu sou can - tor e sou ro - mei - ro Vi - va Je - sus Cris - to lá no céu.

Eu sou can - tor e sou ro - mei - ro Vi - va Je - sus Cris - to lá no céu.

Nos dois primeiros versos deste bendito se pode observar que o chapéu forrado é apontado pelo romeiro como um elemento indispensável para fazer a romaria e visitar o Bom Jesus da Lapa no seu santuário. Ademais, o romeiro se coloca como cantor do Bom Jesus, que é exaltado com um “viva” no final da estrofe. Com relação à métrica, observa-se que os dois primeiros versos possuem sete sílabas (redondilha maior), o terceiro verso possui oito sílabas e o último nove sílabas. Os versos pares possuem a terminação no ditongo ‘éu’, rimando entre si, de tal modo que a estrutura da estrofe se apresenta como A-B-C-B, onde as letras A e C representam os versos ímpares, que não rimam entre si, e a letra B os versos pares, cuja terminação coincide.

A melodia do bendito “Eu sou cantor sou romeiro” é bastante simples, em tonalidade maior, composta, basicamente, por intervalos de terça (maiores e menores), quarta justa e graus conjuntos.⁵⁷ O âmbito melódico é pouco extenso, perfazendo um intervalo de sexta menor, o que não traz grandes dificuldades para o canto. O fato de não haver saltos extensos nem tampouco dissonantes também facilita a execução vocal. Além disso, há algumas estruturas que se repetem, como, por

⁵⁷ O texto deste bendito consta no *Catecismo dos romeiros*, livreto editado e comercializado pelos dirigentes do santuário. A melodia foi por nós recolhida durante a romaria do ano 2007.

exemplo, o motivo “grau conjunto – salto de terça”, que assim como os outros elementos, ajudam na execução e memorização da música. Um elemento importante e que chama a atenção nesta melodia é o grande salto ao se cantar o vocábulo “eu”, momento em se atinge a nota mais aguda da canção. Também interessante notar que as a melodia que acompanha a palavra “romeiro” (lá-sol-mi) aproxima-se muito da que se canta em “Cristo lá no céu” (lá-sol-sol-fá-mi). É como se o romeiro fosse parte, aqui na terra, daquilo que o Cristo representa “lá no céu”. Novamente fazemos memória da ideia de *Axis mundi*, discutida anteriormente. Transcrita em uma região média, esta melodia pode ser perfeitamente cantada por homens, mulheres e crianças.⁵⁸

Na partitura podemos observar a repetição da melodia para o terceiro e quarto versos, o que não aparece no texto escrito. Cabe observar que este tipo de repetição é bastante comum no repertório apresentado no presente trabalho. Apesar de não estar transcrita na partitura, quando da repetição, em geral, alguns cantores fazem a segunda voz, melodia cantada paralelamente à principal. É uma maneira de dar maior destaque a uma parte do texto, através da introdução de uma nova sonoridade. Também é possível tratar os dois últimos versos como uma espécie de refrão, que se repete a cada estrofe.

As outras estrofes do bendito também obedecem à estrutura básica apresentada anteriormente, com exceção do segundo verso da última estrofe, tem seis sílabas, e do terceiro verso da mesma estrofe, cujo texto sofre uma pequena alteração.

Pra visitar o Bom Jesus
Eu já forrei o meu chapéu
Eu sou cantor e sou romeiro
Viva Jesus Cristo lá no céu

Romeiro do Bom Jesus
Não temas dormir ao léu
Eu sou cantor e sou romeiro
Viva Jesus Cristo lá no céu

Um anjo me acompanha
Todo coberto de véu
Eu sou cantor e sou romeiro
Viva Jesus Cristo lá no céu

⁵⁸ Os homens deverão cantar uma oitava abaixo daquilo que está registrado; para as mulheres e crianças a altura é adequada.

Rompendo toda poeira
 Ouço o cantar do tetéu
 Eu sou cantor e sou romeiro
 Viva Jesus Cristo lá no céu

Com fé no meu Bom Jesus
 Não me tornarei um réu
 Eu sou cantor e sou romeiro
 Viva Jesus Cristo lá no céu

Eu enfrento o sofrimento
 Sem fazer mesmo escarcéu
 Eu sou cantor e sou romeiro
 Viva Jesus Cristo lá no céu

Romeiro que vai à Lapa
 Na terra ganha um troféu
 Eu sou cantor e sou romeiro
 Viva Jesus Cristo lá no céu

Sou pequenino na fé
 Sou pobre tabaréu
 Mas sou cantor e sou romeiro
 Viva Jesus Cristo lá no céu

Além da importância do chapéu para a identificação do romeiro e como elemento próprio do peregrino, o bendito faz referência às adversidades e dificuldades da viagem – noites ao relento e poeira na estrada – e aos sofrimentos enfrentados na vida, que são superados com a ajuda do Bom Jesus, além da certeza da recompensa, aqui mesmo na terra, para aqueles que são romeiros. Ademais, o peregrino reconhece a sua pequenez e impotência diante do Bom Jesus, mas, por outro lado, confia nele, na sua proteção e dos anjos, para seguir a peregrinação da vida. Outro elemento importante, que é explicitado neste bendito, é o canto que acompanha a romaria. O romeiro não é simplesmente um romeiro de chapéu; ele é um cantor-romeiro, que sabe cantar sua fé no Bom Jesus que, ainda que pequenina, o mantém confiante e seguro. Notamos que apenas no último verso, a palavra “eu”, entoada com a nota mais aguda da melodia, a partir de um salto de quarta justa, é substituída pela conjunção adversativa “mas”. Ao que nos parece, esta mudança está relacionada ao reconhecimento, por parte do cantor-romeiro, da sua pequenez e limitação na fé. Sendo assim, mesmo se reconhecendo inapto e limitado, mantém a confiança no Bom Jesus.

Há muitos outros benditos da romaria do Bom Jesus da Lapa que fazem referência ao uso do chapéu pelos romeiros. Este, recolhido durante a romaria do ano 2011, traz o diálogo dos romeiros, que se perguntam sobre a origem do chapéu e sobre a viagem, que é abençoada para aqueles que visitam o Bom Jesus.

Ô Ma - ri - a, ô Ma - ri - a Quem te deu es - se cha - péu?
 Es - se cha - péu veio de Ro - ma E a fi - ta veio do céu
 Es - se cha - péu veio de Ro - ma E a fi - ta veio do céu
 A - vis - tei a san - ta i - gre - ja E a - vis - tei a san - ta cruz
 Quem vi - a - ja a - ben - ço - a - do? Quem vi - si - ta Bom Je - sus
 Quem vi - a - ja a - ben - ço - a - do? Quem vi - si - ta Bom - Je - sus

Ô Maria, ô Maria,
 Quem te deu este chapéu?
 Este chapéu veio de Roma
 E a fita veio do céu

Avistei a santa igreja
 E avistei a santa cruz
 Quem viaja abençoado?
 Quem visita o Bom Jesus

O poema é composto em versos heptassílabos, e as rimas estão nos versos pares, na forma A-B-C-B. As estrofes são cantadas por um solista e os dois últimos versos de cada estrofe são repetidos, desta vez executados pelo coro. É o solista que indaga sobre a origem do chapéu e sobre os destinatários da benção. Quando da repetição, o coro fica responsável por responder às perguntas feitas pelo solista – o

chapéu veio de Roma, a fita veio do céu e a bênção é para aqueles que visitam o Bom Jesus.

Considerando a maneira como se estabelecem as relações entre os romeiros e seus santos de devoção, sempre dotadas de uma proximidade e pessoalidade ímpares, podemos ver este bendito como um diálogo entre o romeiro e Nossa Senhora. Esta “Maria” não seria uma romeira comum, que simplesmente usa um chapéu e conhece sua origem, mas sim “Maria, mãe de Jesus”, que se relaciona intimamente com seus devotos, que responde às suas perguntas e reafirma a presença do Bom Jesus na vida e na viagem dos romeiros e peregrinos que o visitam.

Apresentamos mais um bendito, retirado do *Catecismo dos romeiros*, no qual o interlocutor indaga o romeiro acerca da sua fé, suas práticas religiosas, suas crenças, entre outros. O romeiro, que usa o chapéu branco, responde prontamente a todos os questionamentos. Deste bendito trazemos somente o texto, uma vez que não há registro musical do mesmo e nas pesquisas de campo não conseguimos localizar ninguém que conhecesse a melodia e pudesse transmiti-la.

Romeiro do Chapéu branco
Quem desenhou teu chapéu
Foi meu Bom Jesus da Lapa
Com as promessas do céu

Romeiro do Chapéu branco
Aonde está tua fé
Em meu Bom Jesus da Lapa
Aquele de Nazaré

Romeiro do Chapéu branco
Porque vai se confessar
Vou pedir ao Bom Jesus
Pra ele me perdoar

Romeiro do Chapéu branco
Porque tu veneras a cruz
Porque nos pecadores
Morreu nosso Bom Jesus

Romeiro do Chapéu branco
Porque tu rezas o rosário
Porque Jesus nosso irmão
Morreu por nós no calvário

Romeiro do Chapéu branco
 Porque tu fazes romaria
 É porque a penitência
 Agrada Deus e a Maria

Romeiro do Chapéu branco
 Quem é esse Bom Jesus
 É ele o filho de Deus
 Que por nós morreu na cruz

Este bendito parece tomar sua forma na versão do Catecismo de São Pio X, de 1905, que utilizou o método dialógico de perguntas e respostas para expor os elementos essenciais da doutrina cristã. Também nesta composição aparecem as principais obrigações do cristão e do romeiro do Bom Jesus: a promessa, a fé, a confissão, a cruz, o rosário e a penitência. Esta composição parece ser resultado de tentativas de institucionalização do culto no Santuário do Bom Jesus que, segundo Steil, tem seu início a partir da promulgação das *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* (1707)⁵⁹ e em especial com o projeto de “romanização do catolicismo brasileiro”,⁶⁰ a partir do século XIX. O chapéu “vindo de Roma” pode ser visto aqui como reinvenção desta realidade experimentada pelos romeiros.

3. Intenção da Peregrinação

Além dos elementos estéticos que distinguem os romeiros e peregrinos dos demais turistas como, por exemplo, o uso do chapéu, há propósitos e motivações que diferenciam os “romeiros certos” dos demais. Segundo os próprios peregrinos, os primeiros vêm à Lapa por motivos prioritariamente religiosos; os outros, vendedores, donos de caminhão, motoristas, têm propósitos comerciais:

⁵⁹ Carlos STEIL, *O sertão das romarias*, p. 210.

⁶⁰ O movimento de romanização do catolicismo brasileiro está intimamente relacionado com a busca, por parte da Igreja Católica, de centralizar seu governo no Vaticano. O objetivo era adequar o catolicismo brasileiro aos moldes da igreja de Roma, cuja espiritualidade estava centrada, basicamente, na prática dos sacramentos e no clericalismo. Este processo estava calcado na ideia de “purificação” do catolicismo popular brasileiro tradicional, livrando-o de “abusos” e “superstições”. Faz parte também deste processo a assunção, por parte dos bispos, do controle dos santuários, na tentativa de moralizar as romarias.

Eu sou romeiro porque gosto de romaria. Mas, para dizer: eu sou verdadeiramente romeiro, não. Porque eu venho vender, venho procurar jeito da vida. O romeiro, não. Vem gastar o dinheiro dele em penitência. Eu não sou digno de dizer que sou romeiro verdadeiramente, na primeira palavra. Porque o romeiro vem gastar o dinheiro dele, em penitência, dormir à toa, coisa e tal. Uma coisa somente em louvores ao Bom Jesus. E eu, apesar de ser católico, venho, faço minhas orações ao Bom Jesus, mas também venho ganhar o dinheirinho para minha manutenção. Por este motivo digo que não sou romeiro. (Minelvino Francisco Silva, cordelista de Itabuna) ⁶¹

Carlos Alberto Steil, em um dos seus recentes artigos sobre peregrinação e turismo religioso⁶², fala sobre as motivações e intenções da peregrinação como chave de diferenciação entre os peregrinos e turistas. Ele também chama atenção para o fato de que, entre os próprios peregrinos, há motivações de categorias distintas:

A classificação de viajantes e turistas de um lado e peregrinos de outro, com base em motivações divergentes, é recorrente na literatura, embora muitos estudos observem que os peregrinos, ao se deslocar para um centro de devoção, possam ser atraídos ao mesmo tempo por motivações de diferentes ordens.⁶³

Muitas são as intenções daqueles que assumem e põem em prática o desejo de peregrinar para Lapa do Bom Jesus. De acordo com Aldo Rubén Ameigeiras, é possível classificar as motivações para a peregrinação em quatro tipos distintos preponderantes, relacionados ao cumprimento de um voto ou promessa, a um sentimento de pertença, a um compromisso de peregrinar em sua vida e a um desafio pessoal e grupal.⁶⁴

Para a maioria dos romeiros o compromisso com a romaria está associado a um voto, assumido voluntariamente, pela própria pessoa, ou por um terceiro que faz o voto em seu nome. Geralmente o voto está associado à lealdade e o compromisso do romeiro para com o Bom Jesus.

⁶¹ No ano de 2008, em conversa com Antônio Rufino, filho de Minelvino Francisco Silva (falecido em 1999), perguntei-lhe sobre seu pai, sua devoção ao Bom Jesus, sua identificação com a romaria, entre outros. A resposta foi bastante assertiva: “Meu pai trabalhava na Lapa”.

⁶² Carlos Alberto STEIL, Peregrinação e turismo religioso: sujeitos, objetos e perspectivas. In: *Turismo e Antropologia – novas abordagens*. Campinas: Papirus, 2009.

⁶³ Carlos STEIL, Peregrinação e turismo religioso, p. 79-80.

⁶⁴ Aldo Rubén AMEIGEIRAS, Para una hermenéutica de la peregrinación: cultura popular e identidad religiosa. Los migrantes santiagueños en la Argentina. *Stromata*, 2000, p. 128.

Segundo Ameigeiras, o voto ou promessa é uma das motivações mais relevantes e comuns entre os peregrinos e se apresenta como elemento chave, que determina a decisão de viajar. É o voto que estabelece o vínculo entre o Bom Jesus e o romeiro, que mantém a aliança entre este e a realidade sagrada transcendente. Nesta perspectiva, o voto ou a promessa é sempre “a alguém, a um outro”, transcendente e poderoso mas, sobretudo, um “outro” acessível, sensível e receptivo, zeloso e atento a quem se pode apelar. Este intercâmbio com o santo funda-se na certeza do romeiro de que o seu interlocutor é alguém realmente habilitado para intervir em situações limite de angústia e desespero.⁶⁵

Outro motivo que leva os romeiros a peregrinar é o sentimento de pertença ao grupo. Ainda que faça sua peregrinação sozinho, o peregrino se sente parte do grupo anônimo e coletivo daqueles que, “acima de qualquer outra obrigação ou tarefa relevante, avaliam a peregrinação, privilegiam a marcha, coincidem na importância de cumprir, assim como na de solicitar”.⁶⁶ Isto porque sabem que do outro lado há alguém receptivo, comunicativo e justo. Interessante notar que, mesmo que a grande maioria das peregrinações seja organizada pelos chefes de romaria, responsáveis por dar suporte e assistência aos peregrinos, estes, por sua vez, “se sentem autoconvocados pela realização da festa ou pelo encontro no santuário”.⁶⁷

Com relação ao compromisso, pessoal e coletivo, é interessante observar que apesar de o voto ter uma conotação pessoal e íntima, a partir do momento que o romeiro o assume, o faz através da peregrinação, que é, na maioria das vezes, coletiva. Sendo assim, o voto passa a ter, igualmente, um caráter social e coletivo. O voto é um elemento que relaciona os seres humanos com o divino, mas também faz com que os seres humanos se relacionem entre si.

De acordo com os relatos de Steil sobre a romaria de Bom Jesus da Lapa, uma pequena porção dos romeiros diz estar “pagando promessa”. A grande maioria relaciona a romaria a um voto para com o Bom Jesus. Ao que nos parece, para os romeiros a promessa seria um compromisso de curta duração. Ao contrário, assumir um voto para com o santo traz para o romeiro uma responsabilidade de longa duração, que se renova a cada ano, a cada romaria. É uma relação de amizade,

⁶⁵ Aldo AMEIGEIRAS, Para una hermenéutica de la peregrinación, p. 128.

⁶⁶ Aldo AMEIGEIRAS, Para una hermenéutica de la peregrinación, p. 129.

⁶⁷ Aldo AMEIGEIRAS, Para una hermenéutica de la peregrinación, p. 129.

confiança, gratuidade e carinho que dura para a vida inteira. Às vezes, este compromisso ultrapassa os limites da própria vida do romeiro: não é raro encontrar romeiros e peregrinos que “herdaram” os votos de seus pais, maridos ou esposas já falecidos, e se mantêm firmes no mesmo propósito assumido por seus familiares.

Mesmo aqueles que por algum motivo não puderam viajar à Lapa, mas que assumiram o voto para com o Bom Jesus, mantêm esta relação no contexto de suas próprias casas e comunidades. Há relatos de romeiros que quando não fazem a romaria, mesmo assim celebram a novena ao Bom Jesus, cantando, rezando, em comunhão com os milhares de peregrinos que, presencialmente, visitam o santuário naquele período festivo.

Os votos que levam os romeiros a peregrinar, geralmente, estão associados a um milagre ou graça alcançados na vida cotidiana. Pouco se diz dos milagres testemunhados no ambiente do Santuário, durante a romaria. De qualquer maneira, os relatos milagrosos, sejam da tradição oral popular ou de caráter subjetivo e pessoal, são de fundamental importância para o estabelecimento e manutenção das relações entre o devoto e o santo.

Além dos votos assumidos pelos fiéis, da crença nos milagres e graças alcançados em nome do Bom Jesus, do sentimento de pertença ao grupo dos peregrinos, há outras motivações que levam os romeiros a se colocar a caminho da Lapa. Nos últimos anos é possível perceber, por parte dos peregrinos, uma tentativa de estabelecer conexão entre as antigas práticas do catolicismo popular e os valores contemporâneos de um catolicismo militante e renovado. Ressaltamos aqui a participação dos romeiros pertencentes às Comunidades Eclesiais de Base, à Renovação Carismática Católica, entre outros. Para este amplo grupo, a peregrinação se relaciona, entre outras coisas, ao anúncio da Palavra de Deus. Também, por parte das autoridades eclesiais, o Santuário é visto como centro de evangelização e a romaria como tempo favorável para a conversão – *Kairós*.

Outra movimentação bastante importante, relacionada a esta ideia de um catolicismo engajado, militante e voltado aos problemas contemporâneos do povo do sertão, é a chamada “Romaria da Terra e das Águas”.

Esta romaria, que acontece desde 1977, teve sua origem em uma peregrinação realizada por um grupo de 112 lavradores de Itaetê, Nova Redenção e Andaraí,

municípios baianos localizados na Chapada Diamantina. Na ocasião, o grupo viajou em dois caminhões “pau de arara” para o Santuário a fim de pedir forças ao Bom Jesus da Lapa e expor, publicamente, sua luta quase desesperada por suas terras griladas, suas roças invadidas pelo gado do fazendeiro, por suas casas queimadas, entre outros. Desde então, esta romaria caracterizou-se por ser um espaço para discussões políticas relacionadas, principalmente, à temática do campo. Segundo Luciano Bernardi, membro da Coordenação Geral da Romaria no ano 2009, “quem participa dessa romaria vai para rezar, mas também para discernir sobre a realidade. É um encontro com Deus, mas também com as problemáticas da terra, das águas e do atual modelo de desenvolvimento econômico”.⁶⁸

Ao analisar as intenções e motivações que fazem o peregrino partir em romaria, podemos perceber que ao assumir o compromisso de peregrinar, o romeiro “deixa seu mundo cotidiano, no qual o sagrado é encontrado parcialmente, para entrar num mundo onde o tempo e o espaço históricos são significados pelo tempo e o espaço sagrados”.⁶⁹

4. Ritos e benditos de saída

A peregrinação cria, entre os membros do grupo, um elo especial, que perdura mesmo após o término da romaria. Estabelece-se uma rede de relações e de confiança dentro da própria comunidade de origem. Isto acontece porque a experiência religiosa se dá no coletivo e é partilhada também. Além disso, a cada ano estas experiências se renovam e se reconstituem, o que contribui para o estreitamento das relações entre os romeiros de determinado grupo. De acordo com Carlo Greco,

Em sentido geral, entende-se por experiência uma forma particular de conhecimento que brota do encontro vivo e direto com alguém ou alguma coisa, prescindindo do papel mais ou menos ativo do sujeito, ou da maior ou menor intensidade do seu envolvimento. (...) Com efeito, a experiência não é apenas individual, mas pode ser também *coletiva*, isto é, não somente *de* outros, mas *com* outros. As experiências mais profundas e significativas são depositada na memória para continuar a viver de maneira vigorosa e produtiva. (...) Ela é conjuntamente *fonte de conhecimento* enquanto

⁶⁸ <http://sosriosdobrasil.blogspot.com/2009/07/32-romaria-da-terra-e-das-aguas-do.html>, acesso em 12 de outubro de 2011.

⁶⁹ Carlos STEIL, *O sertão das romarias*, p. 108.

portadora de um saber, e *lugar de instituição do sentido*, na correlação que ela ativa entre o sujeito refletor e o real geralmente entendido.⁷⁰

Podemos dizer que a experiência religiosa do romeiro está baseada no seu encontro com Deus; de modo mais amplo, o romeiro faz a experiência religiosa a partir do encontro com o Bom Jesus da Lapa, bem como com os outros santos que habitam o Santuário – Nossa Senhora da Soledade, Santa Luzia, Nossa Senhora Aparecida, São Geraldo, São Francisco, entre outros.

A saída, primeira etapa da romaria, que supõe uma situação anterior de preparação, normalmente conta com um claro momento de envio, marcado pela oração na igreja ou numa capela. Muitas romarias realizam na noite anterior, ou imediatamente antes de sair, uma celebração especial de envio com a bênção dos romeiros. Em alguns casos esta oração resume-se em passar em frente à igreja ou capela daquela comunidade.

Muitas romarias saem à noite ou na madrugada, para que se aproveite o tempo da viagem até a Lapa. A ansiedade dos romeiros, muitas vezes, é tão grande, que não se pode esperar o horário previamente combinado para partir. Antes mesmo da hora estabelecida todos já estão preparados, com seus pertences no ônibus ou caminhão, prontos para dar início à viagem.

É possível observar que há muitas diferenças, nem sempre tão explícitas, entre os membros de um grupo que parte em peregrinação a Bom Jesus da Lapa. Estas podem se diluir, à medida que a romaria avança, ou mesmo se acentuar. A diferença entre os homens e as mulheres pode ser vista como uma das principais. Os homens têm mais liberdade que as mulheres, o que lhes confere a possibilidade de andar livremente pela cidade, visitar o comércio local, entre outros. As mulheres, geralmente, ficam responsáveis por cuidar da família, preparando as refeições, atendendo as necessidades dos filhos. Nelas também é depositada a responsabilidade

⁷⁰ Carlo GRECO, *A experiência religiosa: essência, valor, verdade – um roteiro de filosofia da religião*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 47 e 49-50.

acerca dos rituais religiosos. É possível verificar diferenças de idade, posição social e até mesmo religião⁷¹.

4.1. A romaria de Buerarema – BA

Assim como a festa não começa com a chegada dos convidados, mas com os preparativos, assim também a peregrinação não começa com a partida, mas com seu anúncio, seu advento.⁷²

No ano de 2011 tivemos a oportunidade de fazer uma romaria a Bom Jesus da Lapa, saindo de Buerarema, cidade localizada no sul do estado da Bahia, a cerca de cinquenta quilômetros de Ilhéus. A romaria, chefiada por Dona Jovem (Jovelina),⁷³ saiu de Buerarema em direção à Lapa no dia 31 de julho de 2011 e o retorno se deu na noite do dia 6 de agosto, após a festa e procissão do Senhor Bom Jesus da Lapa.

Para nós, os preparativos da romaria se iniciaram desde que deixamos a cidade de São Paulo, alguns dias antes do início da peregrinação. Da mesma maneira, na cidade de Buerarema, a romaria foi preparada com bastante antecedência, desde o contato com a empresa de ônibus, até a junção do grupo de romeiros, o pagamento antecipado das passagens, a procura do local de hospedagem na Lapa, entre outros. Dona Jovem, sempre preocupada com o bem-estar de seus romeiros, cuidou de todos os detalhes da viagem. Para garantir a pontualidade do motorista, por exemplo, solicitou à empresa de ônibus que o carro estivesse apto a partir na manhã do dia 31, quando, na verdade, isso só se daria à noite. Tudo para que a romaria não atrasasse e, assim, os romeiros não fossem prejudicados.

⁷¹ Muitos viajantes não católicos aproveitam a romaria para fazer compras em Bom Jesus da Lapa, uma vez que as oportunidades são muitas e o comércio bastante aquecido nos períodos da romaria.

⁷² Maria Ângela VILHENA, *O peregrinar: caminhar para a vida*. In: Edin Sued ABUMANSSUR (org.), *Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo*. Campinas: Papirus, 2003, p. 19.

⁷³ Dona Jovem nos foi apresentada pelo padre Krzysztof Przychocki, missionário redentorista da vice-província da Bahia, residente na cidade de Itabuna – BA, e que pregara as santas missões populares na cidade de Buerarema – BA no ano anterior. Ela há muitos anos organiza e coordena romarias ao Santuário do Bom Jesus da Lapa. No ano de 2011 Dona Jovem levou um grupo de 44 romeiros à Lapa, além de ter ajudado na organização de outro grupo, chefiado por uma conhecida, segundo ela, “ainda sem muita experiência”.

No dia da viagem, saímos de Itabuna no início da tarde, acompanhados da irmã de Dona Jovem, que também fez a romaria e, ao ser indagada acerca do número de romarias feitas, nos disse: “eu já perdia a conta; Jovem está contando, mas eu comecei a ir à Lapa muito antes de Jovem”. E prosseguiu: “A gente sabe que Jesus está em todo canto, mas aquilo é um pedacinho do céu. Ficou ansiosa pra chegar, ver aquelas coisas”.

Ao chegar à casa de Dona Jovem, ponto de encontro de todos os romeiros, por volta das quatro horas da tarde, encontramos certa movimentação. Alguns peregrinos já haviam chegado e estavam prontos para dar início à viagem. Outros vinham apenas para deixar suas bagagens e pertences e retornavam às suas casas para terminar de se arrumar e só voltariam mais tarde, próximo do horário combinado para partir, às dez horas da noite. Mesmo faltando poucas horas para a partida, Dona Jovem era procurada por alguns que tentavam se juntar ao grupo de romeiros, propondo, inclusive, ir em pé no ônibus, uma vez que não havia mais passagens disponíveis. Algumas pessoas vinham apenas para fazer encomendas à chefe da romaria. Rapadura era o produto mais solicitado. Dona Jovem recolhia o dinheiro e anotava tudo em uma pequena caderneta, a fim de não se esquecer de ninguém. Ela dava atenção a todo mundo, conversando, auxiliando, orientando. Paciência especial ela tinha até mesmo com os bêbados que, ao perceber a movimentação, desejavam se juntar ao grupo. Enquanto isso, nas panelas, tanto no fogão a lenha quanto no fogão a gás, eram preparadas as iguarias da viagem – café, banana cozida, farofa, carne, inhame cozido e chá. Apesar de os alimentos serem destinados ao percurso, as pessoas que passavam pela cozinha de Dona Jovem aproveitavam para tomar um café ou chá, acompanhados de banana e inhame cozidos. Em meio ao movimento alguns apareciam apenas para se despedir do grupo e aproveitavam para participar das conversas e compartilhar seus pensamentos, como o fez um dos passantes: “a pessoa que não tiver alegria de ir para a Lapa é doido”.

À medida que o horário da partida se aproximava, maior era o número de pessoas concentradas na casa de Dona Jovem, definida por ela mesma como “casa de romeiro pé no chão”.



Cozinha da casa de Dona Jovem



Varanda e sala da casa de Dona Jovem



Dona Jovem

Finalmente, às nove e meia, depois da chegada de todos, colocação e arrumação das bagagens no ônibus, os romeiros tomam seus assentos, Dona Jovem faz a chamada, a fim de verificar se todos estão presentes, e o carro parte em direção a uma das capelas da Paróquia Nossa Senhora Santana, a única da cidade, chamada “igreja nova”. Com o carro estacionado na porta da capela, foram feitas breves orações, incluindo a leitura de um texto bíblico, sobre o qual foi feita uma reflexão, inclusive com a participação e comentários de alguns romeiros. Após esse momento Dona Jovem começou a cantar, junto com os romeiros, alguns dos mais conhecidos benditos da romaria da Lapa: “Já vai saindo a romaria de paz” e “A Igreja da Lapa”, que serão analisados mais adiante, e “Pra visitar o Bom Jesus”, bendito apresentado anteriormente.

Além dos benditos próprios da romaria outros cantos tradicionais do catolicismo popular brasileiro também foram entoados na saída da romaria de Buerarema para Bom Jesus da Lapa, tais como “Segura na mão de Deus”, “Cristo tem poder” e “Só em Deus o repouso encontrei”, cujas partituras encontram-se no anexo deste trabalho.

4.2. Benditos de saída

Como já sinalizado anteriormente, diversos são os benditos cantados pelos romeiros, que marcam o início da peregrinação, além de orações, pedidos e bênçãos próprias. O bendito “É vai saindo a romaria, é vai”, cantado pelos romeiros de Lagoa Formosa – MG e recolhido por Elizabeth Travassos em 1983, é característico deste momento da romaria.

1. É vai sa - in-do a ro-ma - ri - a, é vai É vai sa - in-do a ro-ma - ri - a de a - mor

Eu pe-ço a Deus que a-ben - ço - a seus fi - lho E a nos - sa ro - ma - ria

Eu pe-ço a Deus que a-ben - ço - a seus fi - lho E a nos - sa ro - ma - ria

2. A - di - an - te de Deus na-da vai Só quem vai é a Vir - gem Ma - ria

Eu pe-ço a Deus que a-ben - ço - a seus fi - lho E a nos - sa ro - ma - ria

Eu pe-ço a Deus que a-ben - ço - a seus fi - lho E a nos - sa ro - ma - ria

É vai saindo a romaria, é vai
 É vai saindo a romaria de amor
 Eu peço a Deus que abençoa seus filho
 E a nossa romaria

Adiante de Deus nada vai
 Só quem vai é a Virgem Maria
 Eu peço a Deus que abençoa seus filho
 E a nossa romaria

Este bendito, composto por duas estrofes de quatro versos cada, descreve o exato momento da partida. O cantor apresenta a romaria como sendo uma romaria de paz e de amor e pede a Deus a benção para todos os seus filhos e não apenas àqueles que partem em peregrinação. Podemos observar neste bendito, e em tantos outros momentos da romaria, que o interesse coletivo está acima do individual. O grupo canta por todos – os que partem, os que ficam em suas casas e até mesmo por aqueles que não têm qualquer ligação com a romaria, mas que, igualmente, são filhos de Deus. A confiança em Deus, que protege, conduz e vai à frente do seu povo é cantada nos primeiros versos da segunda estrofe. Assim como os antigos peregrinos, estes romeiros cantam a certeza de que Deus é quem vai adiante do carro, cuidando e protegendo de todos os perigos:

E o Senhor ia adiante deles para lhes mostrar o caminho, de dia numa coluna de nuvem, e de noite numa coluna de fogo, para lhes servir guia num e noutro tempo. Nunca se retirou de diante do povo a coluna de nuvem durante o dia, nem a coluna de fogo durante a noite. (Ex 13, 21-22)

E o anjo disse-lhe: Eu conduzirei são o teu filho, e são to reconduzirei. E Tobias, respondendo, disse: Fazei boa jornada, e Deus seja convosco no vosso caminho, e o seu anjo vos acompanhe. (Tb 5, 20-21)

Interessante notar que a Virgem Maria é colocada também à frente do grupo, amparando e guardando de quaisquer adversidades. As duas últimas estrofes repetem o pedido de bênção feito anteriormente.

Com relação à métrica dos versos podemos dizer que esta é irregular. Os dois primeiros versos da primeira estrofe têm onze sílabas, o terceiro tem dez e o quarto tem sete sílabas. Na segunda estrofe os dois primeiros versos têm nove sílabas e os últimos são iguais aos da primeira estrofe.

O bendito está em modo jônio e sua melodia é composta, exclusivamente, por graus conjuntos e saltos de terça (maiores e menores). A melodia dos dois primeiros versos tem uma pequena progressão, ou seja, tem um desenho melódico (ascendente) que se repete, porém em outra altura. Interessante perceber que ao cantar “eu peço a Deus”, a melodia ascende do maneira bastante assertiva, com quatro graus conjuntos (si-do-ré-mi), e transborda, com a nota mais aguda da canção (fá) que, imediatamente descende em saltos de terça (fá-ré-si). Estes versos, assim como em outros benditos, se repetem. Esta repetição é um procedimento retórico e também didático, por meio do qual o cantor chama a atenção para uma parte fundamental do bendito, o pedido de bênção a todos os filhos de Deus e, principalmente, àqueles que fazem a romaria. A segunda estrofe repete a mesma estrutura melódica da primeira, com uma pequena variação no primeiro verso. O ritmo é bastante simples e o andamento é lento. Nesta partitura transcrevemos também a segunda voz, que acompanha a primeira em terças paralelas abaixo, exceto nos inícios de frase, em que o grupo canta em uníssono⁷⁴.

⁷⁴ Utilizamos o termo “uníssono” uma vez que transcrevemos as linhas melódicas em apenas um registro. Se o bendito for executado por vozes femininas e masculinas, o que está grafado uníssono soará como uma oitava justa.

No *Catecismo dos romeiros*, podemos encontrar uma variante deste bendito, adaptada e ampliada por Minelvino Francisco Silva:

Já vai sa - in-do a ro-ma - ri - a de paz Já vai sa - in-do a ro-ma - ri - a de a - mor

Se-nhor Bom Je - sus da La - pa E - le é nos - so sal - va - dor

1.Se-nhor Bom Je - sus da La - pa Fi-lho da Vir-gem Ma - ri - a
 2.Se-nhor Bom Je - sus da La - pa Dai um bom gol - pe de vis - ta
 3.Se-nhor Bom Je - sus da La - pa Quei-ra nos a - ben - ço - ar
 4.Se-nhor Bom Je - sus da La - pa Com a vos - sa pro - te - ção

1.De-fen - dei a to - dos ro - mei - ros Dos la - drões da ro - ma - ri - a
 2.Sa - ú - de e mui-ta a - ten - ção Pa-ra o nos - so mo - to - ris - ta
 3.A - ju - dai o nos-so mo - to - ris - ta Pa-ra o car - ro não vi - rar
 4.Pro-te - gei o nos-so mo - to - ris - ta En-tre o fre - io e a di - re - ção

Já vai saindo a romaria de paz
 Já vai saindo a romaria de amor
 Senhor Bom Jesus da Lapa
 Ele é nosso salvador

Senhor Bom Jesus da Lapa
 Filho da Virgem Maria
 Defendei a todos romeiros
 Dos ladrões na romaria

Senhor Bom Jesus da Lapa
 Dai um bom golpe de vista
 Saúde e muita atenção
 Para o nosso motorista

Senhor Bom Jesus da Lapa
 Queira nos abençoar
 Ajudai o nosso motorista
 Para o carro não virar

Senhor Bom Jesus da Lapa
 Com a vossa proteção
 Protegei o nosso motorista
 Entre o freio e a direção

O bendito “Já vai saindo a romaria de paz” é uma versão ampliada do bendito “É vai saindo a romaria, é vai”, que analisamos anteriormente. Aqui os pedidos de

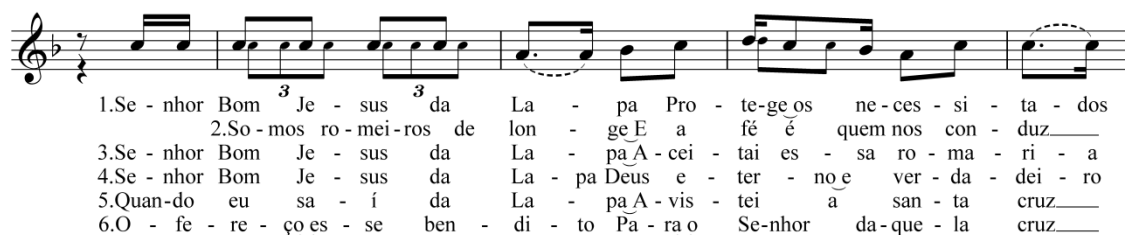
benção e proteção são pormenorizados: para que Deus defenda os romeiros dos ladrões, para que o motorista tenha saúde, boa visão e atenção, para que o carro não vire, entre outros. Neste bendito é dado destaque ao motorista. Também é interessante perceber que o próprio Deus, que tinha um caráter genérico no bendito anterior, aqui é personificado pelo Bom Jesus da Lapa que, por sua vez, recebe o título de “Filho da Virgem Maria” e “Salvador”.

Diferentemente dos benditos que analisamos anteriormente, a primeira estrofe deste bendito tem a função de refrão, ou seja, é repetida, intercalando-se às outras estrofes. Na abertura do bendito a primeira estrofe é cantada duas vezes, uma em uníssono e outra a duas vozes, conforme transcrição da partitura.

Basicamente o poema é composto por redondilhas maiores, isto é, por versos heptassílabos. Há algumas poucas exceções como, por exemplo, os dois primeiros versos do refrão, que possuem onze sílabas cada um.

A melodia, em modo jônio, é composta por graus conjuntos e saltos de terça (maiores e menores). Os saltos de quarta justa são pouco utilizados. O âmbito melódico é bastante restrito, perfazendo uma quinta justa, o que facilita a execução por parte de todos os romeiros, sejam eles homens, mulheres ou crianças. Isto acontece, igualmente, no outro bendito de saída que analisamos.

Além destes, um bendito bastante cantado quando da saída das romarias é “A Igreja da Lapa”. Possivelmente este seja o bendito mais cantado entre os romeiros do Bom Jesus. Quando se faz referência a Bom Jesus da Lapa, esta é a melodia mais lembrada e reconhecida não só pelos peregrinos, mas também por aqueles que, de alguma maneira, já ouviram falar do Santuário. Pelo fato de ser amplamente difundido e cultivado, também são numerosas as variantes a ele conferidas, principalmente no que diz respeito à interpretação. Alguns o entoam em forma de coro e solista, repetindo a melodia a cada dois versos, outros repetem toda a estrofe, entre outros. A versão que aqui transcrevemos está no *Catecismo dos romeiros* e foi gravada por Minelvino Francisco Silva, o “cantor do Bom Jesus”.



A igreja da Lapa
 Foi feita de pedra e luz
 Vamos todos visitar
 Meu Senhor Bom Jesus

Senhor Bom Jesus da Lapa
 Protege os necessitados
 Ele dá esmola aos cegos
 E aos pobres aleijados

Somos romeiros de longe
 E a fé é quem nos conduz
 Vamos todos para a Lapa
 Visitar o Bom Jesus

Senhor Bom Jesus da Lapa
 Aceitai essa romaria
 Sou romeiro de longe
 Não posso vim todo dia

Senhor Bom Jesus da Lapa
 Deus eterno verdadeiro
 Jesus Cristo Rei da Glória
 Salvador do mundo inteiro

Quando eu saí da Lapa
 Avistei a Santa Cruz
 Da Lapa saí chorando
 Com saudade do Bom Jesus

Ofereço esse bendito
 Para o senhor daquela cruz
 Na intenção desses romeiros
 Do meu Senhor Bom Jesus

Constituído quase que em sua totalidade por versos heptassílabos, o poema traz um apanhado geral da ideia da romaria, fazendo referência a diversos elementos tais como a saída, o retorno à casa, a motivação que conduz o romeiro, as distâncias percorridas, além de explicitar os predicados do Bom Jesus, que dá esmola aos pobres e cegos, que protege os mais necessitados, e seus títulos – “Salvador do mundo”, “Rei da glória” e “Deus eterno e verdadeiro”.

Merece atenção especial a última estrofe do bendito “A Igreja da Lapa”, na qual o cantor faz o “oferecimento”. Ao lado da fórmula poética “bendito e louvado seja”, que, geralmente inaugura o texto dos benditos, o oferecimento (“ofereço esse bendito”), dirigido a Jesus Cristo, é um dos elementos que caracteriza e nomeia este gênero literário e musical.

Com a partida da romaria, abre-se para os romeiros um espaço para diversas experiências, de cunho pessoal, coletivo e religioso. Aos poucos os homens e mulheres que se colocam a caminho da Lapa vão se transformando em romeiros e romeiras. Os ritos da viagem – as orações e rezas, o canto dos benditos, os relatos de romarias anteriores e dos milagres do Bom Jesus, como também as adversidades enfrentadas durante o percurso – frio, vento, poeira, desconforto, criam um ambiente favorável ao sagrado, tornando os romeiros mais abertos à experiência religiosa, aguçando sua sensibilidade para perceber e sentir a presença do Bom Jesus da Lapa durante todo o período da romaria⁷⁵.

De acordo com Croatto, mesmo que a vivência religiosa seja transcendente, trata-se, em primeira instância, de uma experiência humana, condicionada ao contexto

⁷⁵ Victor TURNER e Edith TURNER, *Image and Pilgrimage in Christian Culture*. Oxford, Basil Blackwell, 1978, p. 11: “As provações da longa peregrinação normalmente tornam os peregrinos muito vulneráveis às impressões causadas pelos símbolos sagrados”.

histórico e cultural de cada um. O ser humano não é um ser acabado, mas, ao contrário, está continuamente aberto às múltiplas possibilidades. Sendo assim, “cada ser humano constrói (e em parte traz gravado) um projeto de vida que procura realizar durante a sua existência”.

Em tudo o que deseja e faz, o ser humano manifesta que não é um ser pleno: deve crescer biologicamente, aprender intelectualmente, preparar-se para tudo, buscar metas, melhorar a saúde, aspirar a uma vida melhor, reiniciar uma e outra vez caminhos novos; ainda na véspera da morte, sente que tem de fazer algo para ser o que ainda não é. É um ser que está sempre em busca. Essa é uma característica fundamental do ser humano”.⁷⁶

Da mesma maneira acontece com os peregrinos que viajam em busca do Bom Jesus. Não são romeiros prontos, plenos. Aos poucos se preparam para as vivências que estão prestes a iniciar; aspiram melhorias, refazem suas jornadas, descobrem caminhos novos. Assim, de posse dos seus chapéus, das representações dos seus votos e promessas, dos seus anseios e angústias, iniciam a caminhada rumo ao encontro com o Santo Senhor Bom Jesus da Lapa.

⁷⁶ José Severino CROATTO, *As linguagens da experiência religiosa – uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 42.

CAPÍTULO II

“Esse carro é vai andando” – o percurso

***Esse carro é vai andando, chega é vai ‘cendendo a luz
É vai cheio de romeiro pra Lapa do Bom Jesus***

Pois tinha sido que eu acabava de sarar duma doença e minha mãe feito promessa para eu cumprir quando ficasse bom: eu carecia de tirar esmola, até perfazer um tanto – metade para se pagar uma missa, em alguma igreja, metade para se pôr dentro duma cabaça bem tapada e breada, que se jogava no São Francisco, a fim de ir, Bahia abaixo, até esbarrar no Santuário do Santo Senhor Bom-Jesus da Lapa, que na beira do rio tudo pode.

(Grande Sertão: Veredas – Guimarães Rosa)

I. Bom Jesus da Lapa: santuário e romaria

Neste capítulo abordaremos, em linhas gerais, a viagem a Bom Jesus da Lapa. A fim de contextualizar o ambiente no qual está inserida a igreja “feita de pedra e luz”, trazemos a história do Santuário, utilizando-nos, inclusive, da tradição oral. Também a natureza e a tipologia dos mitos de origem da romaria são assunto da nossa reflexão ao percorrer o itinerário da viagem. Prosseguiremos com o relato da experiência que vivenciamos ao viajar à Lapa saindo de Buerarema – BA, descrevendo os ritos e os benditos cantados pelos romeiros do Senhor Bom Jesus.

I.1. Histórico, localização e outros dados

A região onde hoje se encontra a cidade de Bom Jesus da Lapa era habitada, primitivamente, pelos índios tapuia⁷⁷. O desbravamento do território iniciou-se no final do século XVII, pelas bandeiras organizadas pelo mestre de campo Antonio Guedes de Brito, proprietário da sesmaria da Casa da Ponte. Penetrando no sertão

⁷⁷ Para identificar melhor os índios, os colonizadores os classificaram em Tupi (ou Tupinambá) e Tapuia. O termo *Tupi* designava os povos que, pela semelhança de língua e costumes, predominavam no litoral do Brasil no século XVI. *Tapuia* correspondia aos "outros" grupos, isto é, àqueles que não falavam a língua que os jesuítas chamaram de "língua geral" ou "língua mais usada na costa do Brasil", como se expressou Anchieta, o primeiro a compor uma gramática da língua tupi. Portanto, nunca houve um grupo cultural ou linguístico "tapuia". Este é um vocábulo tupi utilizado para designar os povos de outros troncos ou famílias linguísticas. Os índios tapuia habitavam as regiões mais interiores do país.

baiano, os bandeirantes instalaram muitas fazendas de gado, entre elas a fazenda "Morro", que originou o povoado Bom Jesus. Todavia, o povoamento desta localidade somente se impulsionou após a descoberta da gruta pelo português Francisco de Mendonça Mar, em 1691, de quem falaremos mais adiante.

Conhecido pelo seu Santuário incrustado no morro de pedra, o arraial de Bom Jesus da Lapa foi elevado a vila em 1890 e, posteriormente, a município, desmembrando-se da cidade de Urubu, hoje Paratinga. Em 1923, Bom Jesus da Lapa foi elevada à condição de cidade e em 1931 passou a ser denominada simplesmente Lapa. Em 1935, o município voltou a denominar-se Bom Jesus da Lapa. Em 1989, os distritos de Sítio do Mato e Gameleira da Lapa foram desmembrados e passaram a formar o novo município de Sítio do Mato. Atualmente o município é constituído de 2 distritos – Bom Jesus da Lapa e Favelândia – e tem uma população de 62.446 habitantes⁷⁸.

A diocese de Bom Jesus da Lapa foi criada somente em 21 de julho de 1962. Antes desta data o Santuário de Bom Jesus da Lapa pertencia à diocese de Barra, distante cerca de trezentos quilômetros.

O município de Bom Jesus da Lapa está situado na região centro-oeste do estado da Bahia, microrregião do Médio São Francisco, à sua margem direita, com território totalmente abrangido pelo polígono das secas. Limita-se com os municípios de Paratinga, Riacho de Santana, Sítio do Mato e Serra do Ramalho. O município possui 4.148,5 Km² de extensão territorial e está a uma altitude de 483 metros.

O clima é geralmente quente e seco. As temperaturas, ao longo do ano, oscilam entre dezoito e trinta e três graus centígrados. Chove com maior intensidade nos meses entre outubro e março. A vegetação característica da região é a caatinga, com seus arbustos de galhos retorcidos. O principal rio é o São Francisco que percorre, mais ou menos, setenta quilômetros, dentro do município, inteiramente navegáveis.

Depois do frutuoso ciclo do ouro, no século XVIII, a região passou por um longo período de pauperização, voltando sua economia, basicamente, para a agricultura, especializada para necessidades internas, e pecuária extensiva, que visa especialmente os mercados externos. A partir da segunda metade do século XX,

⁷⁸ Dados do Censo Demográfico 2010, publicados no Diário Oficial da União em 04 de novembro de 2010.

diversos projetos de modernização da estrutura agrária do São Francisco foram se desenvolvendo e Bom Jesus da Lapa recebeu investimentos na agricultura e em projetos de colonização, que visavam ocupar “vazios econômicos” existentes e acelerar o desenvolvimento da região. Mais recentemente podemos destacar o Projeto das Agrovilas, que abrigou os atingidos pela barragem de Sobradinho e criou empresas rurais com sistema de irrigação.

Atualmente, além das atividades ligadas à agricultura e pecuária, merece destaque o crescente comércio, associado às romarias e ao turismo religioso, principalmente entre os meses de julho a outubro, período em que a afluência de romeiros e peregrinos se intensifica. É possível encontrar desde artigos religiosos (terços, imagens, livros, santinhos, ex-votos, entre outros) até roupas, sapatos, brinquedos, bijuterias e utensílios de uso doméstico (panelas, vassouras, bacias, louças), além das tradicionais plantas e ervas medicinais, às quais são atribuídos efeitos extraordinários e poderes curativos. Também o comércio de CDs e DVDs “pirata” cresceu sobremaneira nos últimos anos.

Muitos lapenses⁷⁹ aproveitam o período da romaria para complementar seus rendimentos habituais, seja através do comércio informal ou do aluguel de suas casas para os romeiros e peregrinos.⁸⁰



Mapa do estado da Bahia, no qual se destaca, em vermelho, o município de Bom Jesus da Lapa

⁷⁹ Gentílico de Bom Jesus da Lapa.

⁸⁰ Nos períodos de romaria, muitos moradores de Bom Jesus da Lapa transformam suas casas em rancharias, alugando-as aos romeiros e peregrinos. Geralmente, o proprietário sai da sua casa, indo morar com parentes ou amigos. Outros permanecem em apenas um dos cômodos da casa, juntamente com todos os seus móveis e pertences, e oferecem aos romeiros o resto do espaço. Há aqueles que saem de Bom Jesus da Lapa neste período, retornando somente depois de transcorrido o tempo de maior movimento da romaria. Em casas com cinco ou seis quartos é possível encontrar grupos de mais de sessenta romeiros.

1.2. Origem do Santuário do Bom Jesus da Lapa

Por entre uma vasta planície do sertão baiano, à margem direita do rio São Francisco, surge um imponente e vistoso bloco de rocha calcária, de cor cinza-escuro, cheio de grutas e fendas estreitas. É o morro da Lapa, situado no perímetro urbano do município, com noventa e três metros de altura, quatrocentos metros de largura e aproximadamente mil metros de extensão. O morro é resultado de uma série de processos geológicos e geomorfológicos que remontam ao período Terciário (entre sessenta e cinco milhões e um milhão e meio de anos).

O surgimento do Santuário do Bom Jesus da Lapa está ligado à descoberta deste morro e suas grutas, por Francisco de Mendonça Mar, em 1691. Nascido em Portugal em 1657, o ourives chegou a Salvador em 1679. Nesta oportunidade, Francisco foi trabalhar como pintor no palácio do Governador. Após alguns desentendimentos com o Governo Geral da Bahia, cujo pretexto teria sido a pintura do palácio, Francisco de Mendonça Mar foi preso. Depois de alcançar a liberdade, iniciou uma longa caminhada pelo interior do país, seguindo uma voz interior que o mandava procurar o “calvário na gruta”. Ao percorrer este itinerário, encontrou o morro e a gruta, na qual colocou a imagem do Cristo crucificado que trazia consigo durante a caminhada. Neste local o ermitão se fixou, e a gruta do Bom Jesus, como ficou conhecida, aos poucos foi se tornando local de peregrinação.

Em 1702, as notícias acerca da atuação de Francisco de Mendonça Mar chegaram ao conhecimento do Arcebispo da Bahia, Dom Sebastião Monteiro da Vide, que mandou visitantes à Lapa a fim de verificar a veracidade das informações recebidas. Ao que parece, quem teria visitado o Santuário foi o Padre Francisco dos Santos e Oliveira, que em 1703 esteve na antiga cidade de Urubu (hoje Paratinga) e lá assinou o compromisso da Irmandade de Santo Antônio de Urubu, e algum outro, que o acompanhava como secretário na visita.⁸¹

De volta a Salvador, a mando de Dom Sebastião Monteiro, Francisco de Mendonça Mar, já com mais de quarenta anos, se preparou durante três anos para a ordenação sacerdotal.

⁸¹ Monsenhor Turíbio Vilanova SEGURA, *Bom Jesus da Lapa – resenha histórica*. Bom Jesus da Lapa: Gráfica Bom Jesus, 1987, p. 101.

Inteligente e versado em alguns conhecimentos que havia adquirido no mundo e com a leitura, meditação e contemplação dos mistérios da Religião durante a vida de anacoreta, não precisou de muitos anos para ser conceituado apto para receber a Tonsura pela qual era adscrito ao número dos clérigos e renunciava, mais uma vez, perante o altar santo de Deus a todas as vaidades do mundo, simbolizadas nos cabelos que rolaram pelo chão, cortados em forma de cruz, pelas mãos consagradas do Antístite da Igreja. Recebe depois as ordens menores, e o subdiaconato e o diaconato, degraus da escada santa que leva ao Presbiterado. Já é Padre, intermediário entre Deus e os homens por delegação, como Jesus o é por natureza, Nossa Senhora, a Virgem Maria, por privilégio. Já lhe foi concedido pela imposição das mãos o poder de pregar, administrar os santos sacramentos, absolver os pecados dos homens em nome de Deus e de consagrar o Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo na Santa Missa. Já é Sacerdote da Região, “Sal da Terra” e “Luz do Mundo”, representante da Religião e depositário da verdade.⁸²

Depois de ordenado, Francisco foi nomeado Capelão do Santuário do Bom Jesus da Lapa, para onde retornou e ficou conhecido como o “Monge da Lapa” ou “Padre Francisco da Soledade”. Faleceu em Bom Jesus da Lapa no ano de 1717 e, segundo a tradição, está enterrado na gruta do Bom Jesus. Nesta gruta há, inclusive, um importante local de visitação conhecido como “Cova do Monge”, na qual há uma lápide com a seguinte inscrição: “Aqui foi sepultado Padre Francisco da Soledade, sacerdote secular que trouxe a imagem milagrosa do Bom Jesus a ela Lapa e nela viveu em oração e penitência. Descanse em paz.” Ao lado da lápide há a imagem de um anjo de mármore, além da cruz e de uma coroa de flores, ambas feitas de pedra. Muitos romeiros visitam este local, depositando flores, ex-votos, objetos pessoais, chapéus e dinheiro.

⁸² Monsenhor Turíbio SEGURA, *Bom Jesus da Lapa – resenha histórica*, p. 103-104.



Cova do Monge

Além dos registros documentais e historiográficos que tratam da origem do santuário do Bom Jesus da Lapa, da sua descoberta pelo monge, do seu reconhecimento como local de peregrinação, entre outros, é possível perceber que esta história permeia também o imaginário dos romeiros do Senhor Bom Jesus e é, inclusive, cantata por eles nos seus benditos. Um exemplo disso é o “Bendito de Francisco da Soledade”, composto por Minelvino Francisco Silva, que narra a trajetória de quase três décadas de Francisco de Mendonça Mar, desde sua vinda de Portugal para a Bahia, até sua morte, em Bom Jesus da Lapa. Ao longo do texto diversos episódios da vida do monge são retratados, tais como sua peregrinação pelo sertão, as dificuldades enfrentadas durante o caminho, sua ordenação sacerdotal, o trabalho desenvolvido com os doentes, seu modo de ser, entre outros.



1. Vin - do lá de Por - tu - gal Pa-ra es - ta lo - ca - li - da - de
 2. Pas - san - do pe - lo de - ser - to A ma - ior ne - ces - si - da - de
 3. Trou - xe a i - ma - gem de Je - sus E da Mãe de Pi - e - da - de
 4. Fa - zen - do sua pe - ni - tên - cia Com to - da a - ma - bi - li - da - de
 5. Dom Se - bas - ti - ão Mon - tei - ro Sou-be da re - a - li - da - de
 6. Mor - reu de - pois de ve - lhi - nho A-man - do a Deus e a ver - da - de
 7. Di - a qua - tro de ou - tu - bro Fes - te - jam nes - ta ci - da - de
 8. O - fe - re - ços es - te ben - di - to A San - tis - si - ma Trin - da - de

1. Sen - do o pri - mei - ro ro - mei - ro Frei Fran - cis - co da So - le - da - de
 2. A - té che - gou nes - ta gru - ta Frei Fran - cis - co da So - le - da - de
 3. Por is - so que o cha - ma - mos Frei Fran - cis - co da So - le - da - de
 4. E cui - da - va dos do - en - tes Frei Fran - cis - co da So - le - da - de
 5. Or - de - nou pa - ra ser pa - dre Frei Fran - cis - co da So - le - da - de
 6. Foi se - pul - ta - do na gru - ta Frei Fran - cis - co da So - le - da - de
 7. São Fran - cis - co de As - sis e Frei Fran - cis - co da So - le - da - de
 8. À Vir - gem Nos - sa Se - nho - ra e Frei Fran - cis - co da So - le - da - de

Vindo lá de Portugal
 Para esta localidade
 Sendo o primeiro romeiro
 Frei Francisco da Soledade

Passando pelo deserto
 A maior necessidade
 Até chegou nesta gruta
 Frei Francisco da Soledade

Trouxe a imagem de Jesus
 E da Mãe de Piedade
 Por isso que o chamamos
 Frei Francisco da Soledade

Fazendo sua penitência
 Com toda amabilidade
 E cuidava dos doentes
 Frei Francisco da Soledade

Dom Sebastião Monteiro⁸³
 Soube da realidade
 Ordenou para ser padre
 Frei Francisco da Soledade

⁸³ Dom Sebastião Monteiro da Vide nasceu em 1643, em Monforte, Portugal, e morreu em 1722, em Salvador. Foi um religioso português, conhecido por ter sido um importante Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil. Religioso da Companhia de Jesus, foi nomeado por Dom Pedro II, em 1701, arcebispo da Bahia. Em Salvador, sede da arquidiocese, organizou um sínodo em 1707, com o objetivo de organizar a vida religiosa na colônia. Deste encontro saíram as *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, considerado o mais importante documento de caráter religioso do Brasil colônia.

Morreu depois de velinho
 Amando a Deus e a verdade
 Foi sepultado na gruta
 Frei Francisco da Soledade

Dia quatro de outubro
 Festejam nesta cidade
 São Francisco de Assis e
 Frei Francisco da Soledade

Ofereço este bendito
 À Santíssima Trindade
 À Virgem Nossa Senhora e
 Frei Francisco da Soledade

Este bendito, composto em redondilhas maiores, possui estrutura semelhante à de outros benditos já analisados. As estrofes são compostas por quatro versos de sete sílabas cada, e as rimas se encontram nos versos pares, ou seja, segundo e quarto versos, perfazendo a estrutura A-B-C-B. O último verso se repete em todas as estrofes e nomina aquele cujos feitos são descritos ao longo do poema – Frei Francisco da Soledade. Esta interessante circularidade na estruturação poética confere à repetição do último verso a função de evocação, chamamento, buscando trazer presente, no momento em que se canta o bendito, a pessoa de Francisco, o principal personagem do mito de origem do Santuário. Como nos aponta Mircea Eliade:

Na maioria dos casos, não basta conhecer o mito da origem, é preciso recitá-lo; em certo sentido, é uma proclamação e uma *demonstração* do próprio conhecimento. E não é só: recitando ou celebrando o mito da origem, o indivíduo deixa-se impregnar pela atmosfera sagrada na qual se desenrolaram esses eventos miraculosos. O tempo mítico das origens é um tempo “forte”, porque foi transfigurado pela presença ativa e criadora dos Entes Sobrenaturais. Ao recitar os mitos, reintegra-se àquele tempo fabuloso e a pessoa torna-se, conseqüentemente, “contemporânea”, de certo modo, dos eventos evocados, compartilha da presença dos Deuses e dos Heróis.⁸⁴

Em termos musicais, a repetição do último verso – “Frei Francisco da Soledade” – é bastante importante, visto que é neste momento em que os cantores fazem a segunda voz, que acompanha a melodia principal em intervalos de terça paralelas, maiores e menores.

⁸⁴ Mircea ELIADE, *Mito e Realidade*, São Paulo: Perspectiva, 2010, p. 21.

Como podemos depreender da observação deste poema, bem como das narrativas populares e até mesmo em alguns relatos de historiadores, a Francisco de Mendonça Mar foram atribuídos títulos religiosos tais como “frei” ou “monge”. Estes nomes, possivelmente, têm relação ao estilo de vida assumido por Francisco da Soledade, dedicado integralmente à oração, ao trabalho e ao recolhimento, características próprias da vida monástica.

O historiador lapense Antônio Barbosa, contrariando a fala do senso comum, chama a atenção para o fato de Francisco de Mendonça Mar ter sido ordenado para o clero diocesano, não sendo, portanto, padre religioso:

A cidade de Bom Jesus da Lapa surgiu e se desenvolveu em função do culto de veneração a uma providencial Imagem de Jesus Crucificado, o Milagroso Senhor Bom Jesus da Lapa, trazido da Capital de nosso Estado da Bahia por um “penitente”, pintor e ourives de profissão, português de nascimento, o “Monge” Francisco de Mendonça Mar que, após receber das mãos de Dom Sebastião Monteiro Da Vide, Arcebispo Metropolitano de Salvador da Bahia, o uso de Ordens Sacerdotais, no começo do século XVIII, resolveu chamar-se, desde logo, Padre Francisco da Soledade, ou seja, Clérigo da Ordem de São Pedro, Padre Secular, de batina preta, e não “frei”, ou “frade”, como erroneamente alguns ainda o chamam.⁸⁵

Esta tentativa de esclarecer o povo e contar-lhe a “verdadeira história” de Bom Jesus da Lapa e do Santuário tem suas origens em meados da década de 1930, quando Monsenhor Turíbio Vilanova Segura publicou a sua *Resenha Histórica*, cujo objetivo era “purificar” o culto ao Bom Jesus da Lapa das narrativas populares míticas e fantasiosas. A respeito do início da romaria ele diz:

Sua origem, digna de um poema, não se fundamenta nos rústicos vaqueiros ou prosaicos caçadores da lenda. Seu inigualável fundador foi o virtuoso e venerável monge Francisco de Mendonça Mar, que, num século de positivismo⁸⁶, renovou com sua vida ascética na solidão da Gruta, as encantadoras cenas dos cenobitas do Antigo Egito e da Tebaida, São Paulo, primeiro ermitão, Santo Antônio, Santo Hilário, São Pacômio, etc.

⁸⁵ Antônio BARBOSA, *Bom Jesus da Lapa – antes de Monsenhor Turíbio, no tempo de Monsenhor Turíbio, depois de Monsenhor Turíbio*, Rio de Janeiro: Jotanesi, 1995, p. 22-23.

⁸⁶ Cabe salientar nesta passagem o anacronismo cometido por Monsenhor Turíbio, o autor da “verdadeira história” do Santuário e da romaria, que fala do tempo do Monge como um “século de positivismo”.

Apesar de todos os esforços no sentido de elucidar o povo a respeito da história do Santuário e do seu fundador, para o povo sertanejo peregrino, Francisco de Mendonça Mar continuou sendo o “Monge da Lapa”, o “Frei Francisco da Soledade”, o primeiro romeiro do Bom Jesus. Pouco importa se foi sacerdote da ordem de São Pedro, se sua batina era preta ou se, de fato, está enterrado na gruta. O que prevalece é o imaginário popular acerca deste ermitão que, ao ouvir a voz de Deus, pôs-se a caminho, peregrinando pelo deserto do sertão, encontrou a gruta e fixou-se naquele local, fazendo o bem a todas as pessoas.

Ao falar das origens do Santuário do Bom Jesus da Lapa, podemos perceber a importância que este conjunto de acontecimentos tem para o próprio fenômeno cultural da romaria. São estas histórias, essas narrativas que, por meio do rito, atualizam o mito. Os acontecimentos ligados à vida de Frei Francisco da Soledade, sua caminhada aparentemente descabida pelo sertão baiano, a fé no Cristo crucificado e Nossa Senhora é que justificam que, até hoje, se deva peregrinar até a Lapa.

2. Os mitos fundantes do lugar de culto ao Bom Jesus da Lapa

A devoção ao Bom Jesus tem sido difundida em terras brasileiras desde a chegada dos primeiros colonizadores. Muitas são as capelas, igrejas e santuários dedicados a Jesus Cristo, o “Bom Jesus”. Em nossas pesquisas, encontramos vinte e oito santuários dedicados ao Bom Jesus em todo o território nacional.⁸⁷ Este número

⁸⁷

	Santuário	Município	Diocese / Arquidiocese
1.	Bom Jesus da Lapa	Bom Jesus da Lapa – BA	Bom Jesus da Lapa
2.	Bom Jesus da Lapa	Jardinópolis – SP	Ribeirão Preto
3.	Bom Jesus de Matozinhos	Matozinhos – MG	Sete Lagoas
4.	Bom Jesus de Pirapora	Pirapora – SP	Jundiaí
5.	Bom Jesus de Iguape	Iguape – SP	Registro
6.	Bom Jesus de Tremembé	Tremembé – SP	Taubaté
7.	Bom Jesus do Horto	Juazeiro do Norte – CE	Crato
8.	Senhor Bom Jesus do Monte Alegre do Sul	Monte Alegre do Sul – SP	Amparo
9.	Bom Jesus da Santa Cruz	São Pedro de Alcântara – SC	Florianópolis
10.	Bom Jesus do Córrego	Córrego do Bom Jesus –MG	Pouso Alegre
11.	Bom Jesus da Cana Verde	Siqueira Campos – PR	Jacarezinho
12.	Bom Jesus	Conchas – SP	Botucatu
13.	Bom Jesus dos Perdões	Bom Jesus dos Perdões – SP	Bragança Paulista
14.	Bom Jesus Eucarístico Apreciado	Sousa – PB	Cajazeiras
15.	Senhor Bom Jesus	Bom Jesus do Galho – MG	Caratinga

equivale a cerca de 10,8% de todos os santuários brasileiros.⁸⁸ Muitos destes santuários erigidos em honra ao Bom Jesus são bastante antigos, como próprio Santuário do Bom Jesus da Lapa – BA, cujas origens remontam ao final do século XVII; outros são mais recentes, datando de meados do século XX. Ainda que alguns destes santuários não sejam reconhecidos oficialmente pela instituição eclesial tal, a vivência da fé e a experiência do contato com o sagrado nestes espaços fazem com que o próprio povo os reconheça como um local diferenciado, morada do santo e, portanto, digno de culto.

Com relação ao Santuário do Bom Jesus da Lapa, além das narrativas oficiais a respeito da fundação do Santuário e da origem da romaria, amplamente difundidas pelos representantes da instituição eclesial (especialmente por Monsenhor Turíbio Vilanova Segura, na década de 1930), é preciso falar das outras histórias que, igualmente, contam e recriam a origem do local de culto ao Bom Jesus. Estas narrativas míticas, consideradas sem valor por alguns e cultivadas pela tradição oral sertaneja até hoje, povoam o imaginário popular peregrino e são fundamentais para a compreensão do Santuário e da romaria.

Nesta seara fértil da tradição oral podemos encontrar também os benditos cultivados pelos romeiros e peregrinos do Senhor Bom Jesus da Lapa, os quais podem ser entendidos como veículo de conservação e recriação dos mitos de origem do Santuário.

16.	Senhor Bom Jesus de Caratinga	Caratinga – MG	Caratinga
17.	Senhor Bom Jesus	Belo Horizonte – MG	Belo Horizonte
18.	Senhor Bom Jesus	Divinópolis – MG	Divinópolis
19.	Senhor Bom Jesus	Araquari – SC	Joinville
20.	Senhor Bom Jesus do Livramento	Liberdade – MG	Juiz de Fora
21.	Senhor Bom Jesus	Mogi das Cruzes – SP	Mogi das Cruzes
22.	Senhor Bom Jesus de Matosinhos	Congonhas do Campo – MG	São João del Rei
23.	Senhor Bom Jesus dos Castores	Onda Verde – SP	São José do Rio Preto
24.	Bom Jesus	Teófilo Otoni – MG	Teófilo Otoni
25.	Bom Jesus da Cabeça	Guarulhos – SP	Guarulhos
26.	Bom Jesus da Pedra Fria	Jaguariaíva – PR	Jacarezinho
27.	Bom Jesus de Matosinhos	Conceição do Mato Dentro – MG	Guanhães
28.	Senhor Bom Jesus do Bonfim	Salvador – BA	Salvador

⁸⁸ De acordo com os dados do Anuário Católico do Brasil 2012, há 266 santuários no Brasil.

Apesar de todas as contendas existentes desde as origens do Santuário entre a instituição eclesial e a cultura oral sertaneja, o que se observa, ao longo dos mais de trezentos anos de romaria, é que a convivência se dá em um terreno de concessões, no qual “a oralidade e a escrita não apenas se misturam, mas se reforçam mutuamente”.⁸⁹

2.1. Natureza e tipologia do mito⁹⁰

Mitos são histórias ou discursos explícitos ou implícitos que falam de seres que manifestam poderes extraordinários e relatam também os eventos e acontecimentos que se realizam por intervenção de forças sobrenaturais. Estas forças são capazes de fazer nascer o cosmo, um determinado elemento geográfico, uma instituição religiosa, entre outros.

Segundo Mircea Eliade, o mito conta uma história sagrada, ou seja, um acontecimento primordial ocorrido no começo do tempo, *ab inicio*. Para ele, contar uma história sagrada equivale a revelar um mistério, uma vez que as personagens do mito não são seres humanos e, portanto, seus feitos memoráveis constituem mistérios. Assim, o mito é a história daquilo que se passou *in illo tempore*; é a narrativa do que os deuses ou seres divinos fizeram no tempo primordial. E uma vez que é “dito” (ou cantado), isto é, “revelado”, um mito torna-se verdade apodítica: funda a verdade absoluta.⁹¹ Exemplificando este pensamento de Eliade, servimo-nos de um exemplo utilizado por Lévi-Strauss em sua obra *Antropologia Estrutural*⁹² ao tratar da eficácia simbólica da palavra. De acordo com o relato, entre os índios Cuna, do Panamá, existe a tradição de se convocar o xamã da tribo para recitar e cantar versos para a mulher que se encontra em situação de dificuldade durante o parto. Segundo o autor, “o

⁸⁹ Carlos Albert STEIL, *O sertão das romarias – um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 145-146.

⁹⁰ Para a construção dos conceitos a respeito da natureza e tipologia do mito nos servimos, fundamentalmente, das obras *As linguagens da experiência religiosa – uma introdução à fenomenologia da religião*, de José Severino CROATTO, e *O sagrado e o profano – a essência das religiões*, de Mircea ELIADE.

⁹¹ Mircea ELIADE, *O Sagrado e o profano – a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 84.

⁹² Claude LÉVI-STRAUSS, *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

objetivo do canto é ajudar num parto difícil”.⁹³ Depois de a parteira tentar todos os modos e tendo fracassado em seu objetivo, ela convoca o xamã que, com seu canto, facilita os processos biológicos do parto. O que é interessante perceber neste relato é que os cantos entoados pelo xamã não são cantos aleatórios, mas, ao contrário, fazem referência aos mitos cosmogônicos da etnia da parturiente. Durante todo o processo de cura xamânica, as histórias e acontecimentos passados *in illo tempore* são narrados em canto e, aos poucos, pelo poder da palavra, a mulher tem seu ser recomposto e reorganizado podendo, então, dar a luz. Dessa maneira, podemos concluir que ao ouvir os cantos que remetem às cosmogonias do seu povo, também o parto é propiciado. Em outras palavras, o relato da criação no tempo primordial, favorecia a criação no tempo atual.

Tudo se passa como se o oficiante tentasse levar uma paciente, cuja atenção para com o real está certamente diminuída – e a sensibilidade, exacerbada – pelo sofrimento, a reviver com muita precisão e intensidade uma situação inicial e a perceber mentalmente seus mínimos detalhes. Essa situação introduz uma série de eventos cujo suposto palco são o corpo e os órgãos internos da paciente. Passa-se, assim, da realidade mais banal para o mito, do universo físico para o universo fisiológico, do mundo exterior para o corpo interior. E o mito que transcorre no corpo interior deverá conservar a mesma vivacidade, o mesmo caráter de experiência vivida, cujas condições terão sido impostas pelo xamã a favor do estado patológico e por meio de uma técnica obsidente apropriada.⁹⁴

Falando agora do estudo sistematizado dos mitos, de acordo com José Severino Croatto, quem primeiro formulou uma tipologia global, diferenciando os “mitos cosmogônicos” dos “mitos de origem”, foi Rafael Petazzoni. Apesar de todos os mitos, no fundo, serem mitos de origem, uma vez que narram um acontecimento instaurador, a diferença entre as duas categorias é válida visto que as realidades instauradas por cada um deles é diferente.

Em todas as culturas é possível encontrar mitos cosmogônicos e antropogônicos.

Os mitos cosmogônicos buscam responder a uma necessidade vital, visam garantir a existência do universo e do cosmo, sua estabilidade e permanência. É o

⁹³ LÉVI-STRAUSS, *Antropologia Estrutural*, p. 201.

⁹⁴ LÉVI-STRAUSS, *Antropologia Estrutural*, p. 208.

acontecimento cosmogônico que define o lugar do ser humano no cosmo. Dessa maneira, ele se coloca como uma preocupação existencial.⁹⁵ Também faz parte da cosmogonia a fundação da cidade central de um grupo cultural ou de uma unidade política. Dessa maneira, cada tradição se sente ‘dona’ do centro do mundo. Esta característica está também presente nas histórias relacionadas ao Santuário do Bom Jesus da Lapa. Para os romeiros, o Santuário existe desde o início do mundo, como podemos observar neste relato de um romeiro, referindo-se ao uso do chapéu: “toda a vida, desde o começo do mundo, quem vem pra Lapa vem com chapéu forrado”.⁹⁶ É neste centro do mundo, que é ao mesmo tempo um espaço existencial e sagrado, que acontece a comunicação com o transcendente.

Os mitos de origem são aqueles que narram a instauração dos diversos aspectos da civilização. Não importa se o fenômeno está vinculado à realidade histórica, com uma data definida; é preciso que o *homo religiosus* esteja vinculado à sacralidade das origens. Todas as instituições significativas têm uma origem primordial e uma divindade como ator paradigmático. Também os acontecimentos mais importantes de uma cultura são remontados às origens.⁹⁷

A variedade destes mitos é bastante extensa. Dessa maneira, Croatto, ao propor uma tipologia do mito, opta por descrever apenas três tipos de mitos de origem – da cultura, das instituições e dos acontecimentos significativos.

Os “mitos de origem da cultura” têm ligação com os deuses iniciadores da cultura, os chamados heróis culturais.

Os “mitos de origem das instituições” são muito parecidos aos mitos de origem da cultura, uma vez que as instituições são um elemento da cultura. Dessa maneira, a criação de uma instituição/lei remonta sempre a um modelo anterior, a um acontecimento primordial. Se tomarmos como exemplo a religião do povo hebreu, podemos notar que muitas recomendações remontam à Aliança do Sinai. Existe um protótipo transcendente e anterior que justifica e regula toda a práxis humana:

⁹⁵ Segundo Eliade, “o homem só se torna verdadeiro homem conformando-se ao ensinamento dos mitos, imitando deuses.” (Mircea ELIADE, *O Sagrado e o profano*, p. 89)

⁹⁶ Carlos STEIL, *O sertão das romarias*, p. 69.

⁹⁷ José Severino CROATTO, *As linguagens da experiência religiosa – uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 252-253.

Porque tu és um povo consagrado ao Senhor teu Deus. O Senhor teu Deus te escolheu para seres um povo particular, entre todos os povos que há na terra. Não foi porque excedêsseis em número todas as nações, que o Senhor se uniu a vós e vos escolheu, sendo vós menos em número do que todos os outros povos, mas foi porque o Senhor vos amou e guardou o juramento que tinha feito a vossos pais; por isso vos tirou com mão poderosa, e vos resgatou da casa da escravidão, do poder do Faraó, rei do Egito. E saberás que o Senhor teu Deus é o Deus forte e fiel, que guarda o seu pacto e a sua misericórdia até mil gerações com aqueles que o amam; e que castiga prontamente os que o aborrecem, de modo a exterminá-los e a não diferir por mais tempo, dando-lhes imediatamente o que merecem. Guarda, pois, os preceitos e cerimônias e ordenações, que eu hoje te mando observar. (Dt 7,6-11)

Nos “mitos de origem dos acontecimentos significativos”, os acontecimentos vão sendo interpretados como atos de criação. Um exemplo é o relato bíblico da passagem do povo hebreu pelo Mar Vermelho (Ex 14-15). As origens de Israel são remontadas a este acontecimento, ou seja, é como se Deus, ao combater a favor de Israel, tivesse criado e consolidado seu povo enquanto tal:

Vós mesmos vistes o que eu fiz aos Egípcios, de que modo vos trouxe sobre as asas de águia, e vos tomei para mim. Se, portanto, ouvirdes a minha voz, e observardes a minha aliança, sereis para mim a porção escolhida dentre todos os povos; porque toda a terra é minha. E sereis para mim um reino sacerdotal, e uma nação santa. (Ex 19, 4-6)

Nos relatos desta categoria é mais importante conservar os elementos mítico-simbólicos do que detalhar este ou aquele fato. Não importa como foi que aconteceu; importa que aconteceu. O significado dos feitos é muito importante e é justamente por isso que são transmitidos. Os detalhes do mito ficam por conta daquele que o transmite. Os acontecimentos significativos se transformam em relatos míticos a fim de garantir que sejam inteligíveis e compreensíveis mediante a sua ligação com a esfera do sagrado.

2.2. Mitos de origem da romaria do Bom Jesus da Lapa

Tomando como base a tipologia de Croatto, dentro do conjunto dos mitos de origem dos acontecimentos significativos podemos enquadrar os “mitos de origem da romaria do Bom Jesus da Lapa”, que remonta ao final do século XVII, mais

precisamente 1691, quando Francisco de Mendonça Mar descobriu uma gruta de pedra no sertão baiano e lá se fixou.

Diversas são as narrativas da tradição oral popular acerca da origem e fundação do Santuário. Muitas delas estão relacionadas à figura de um vaqueiro,⁹⁸ que encontra o local sagrado, e também à presença de feras e serpentes que, em um tempo mítico, poderiam conviver em perfeita harmonia com os homens, como por exemplo em Gn 2,20 e Is 11,6-8.

Além do esforço de aproximação destas histórias às narrativas bíblicas, como nos aponta Victor Turner e Edith Turner (a figura do vaqueiro se junta à figura dos pastores, que visitam Jesus após seu nascimento – Lc 2,7-20),⁹⁹ há também uma tentativa, por parte dos romeiros, de relacionar as suas devoções particulares, superando, assim, os limites do culto local:

Quem encontrou a gruta foi um monge que chamava São Francisco da Soledade. Naquele tempo, quando alguém matava outro era degolado. Não tinha cadeia. Então, surgiu um crime na terra dele, e ele, para não ser degolado, tentou fugir e saiu pelo mundo. Ele foi no Juazeiro, no tempo do Padre Cícero, e conversou com o padre: ‘oh meu padrinho, sou um criminoso, estou fugindo pra não ser degolado’. Então o Padre Cícero disse: ‘meu filho, vou te dar aqui uma imagem, você vai levar esta imagem e, no dia que você encontrar uma gruta, vai colocar lá’. Ele veio com a imagem e colocou na gruta. A serpente não ofendeu ele, nem a onça. Diz que cada um se virava pro seu lado e ele viveu estes anos, até que o povo descobriu ele ali. (Romeiros de Francisco Sá – MG)¹⁰⁰

Muitos são os relatos relacionados à origem da romaria e do Santuário transmitidos oralmente, de modo que não há que se falar de um único mito fundador. Há uma pluralidade de histórias, com muitos símbolos e figuras, que se articulam a cada narrativa e que muito se relacionam com a experiência de cada romeiro com o Bom Jesus. De acordo com este relato, por exemplo, Padre Cícero Romão e Frei Francisco da Soledade convivem perfeitamente em um tempo mítico primordial, *in illo tempore*. A diferença histórica de mais de duzentos anos e a distância de cerca de mil e

⁹⁸ Segundo Victor TURNER e Edith TURNER, a figura do vaqueiro está associada ao chamado “Ciclo dos pastores”, que se refere a um conjunto de lendas bastante comuns entre os séculos IX e XIII, que descreviam milagrosas descobertas de imagens da Virgem Maria feitas por pastores ou agricultores (*Image and Pilgrimage in Christian Culture*, p. 41)

⁹⁹ Victor TURNER e Edith TURNER, *Image and Pilgrimage in Christian Culture*, Oxford: Basil Blackwell, 1978, p. 42.

¹⁰⁰ Carlos STEIL, *O sertão das romarias*, p. 166.

duzentos quilômetros que separam Juazeiro do Norte de Bom Jesus da Lapa não são impeditivos para a construção desta narrativa.

O que se pode dizer é que, apesar da multiplicidade de elementos, há uma estrutura comum que se repete e assegura uma sequência narrativa previsível. Igualmente, os textos bíblicos, que apontam, segundo Steil, para uma cultura bíblico-católica dos romeiros,¹⁰¹ têm uma presença significativa nas narrativas acerca da fundação do Santuário e da romaria. Animais como a serpente e a onça são fundamentais para a composição do relato e nos remetem ao texto de Isaías 11,6-8:

O lobo habitará com o cordeiro; o leopardo se deitará ao pé do cabrito; o novilho e o leão e a ovelha viverão juntos, e um menino pequeno os conduzirá; o novilho e o urso irão comer às mesmas pastagens; as suas crias descansarão umas com as outras; e o leão comerá palha como o boi; e a criança de peito brincará sobre a toca da áspide; e na caverna do basilisco meterá a sua mão a que estiver já desquitada.

Também a figura do vaqueiro aparece em diversos relatos orais. Alguns dizem que esta figura está diretamente relacionada ao mistério do nascimento e encarnação de Jesus:

Amanhã bem cedo, vou à gruta onde Nossa Senhora escondeu o menino Jesus, para salvá-lo de Herodes. É uma gruta muito difícil de entrar, a gente tem que se abaixar para passar na boca da gruta e levar uma vela pra andar lá dentro. Mas está lá a pedra com a marca da cabecinha do menino Jesus, o espinhaço da serpente e o terço.¹⁰²

Com já dissemos anteriormente, ao “mito de origem dos acontecimentos significativos” não importa como aconteceu o fato, mas sim que aconteceu. Os elementos míticos/simbólicos são mais importantes do que propriamente os detalhes da narração.¹⁰³ Podemos exemplificar esta afirmação com alguns relatos dos romeiros a respeito da origem do Santuário:

De como começou o santuário eu não sei! Quando me entendi por gente o povo já ia lá. Ainda não achei uma pessoa para me dar o significado nem um livro que conta como foi a Lapa, quem encontrou. Só sei que foi um Francisco Salesiano que descobriu

¹⁰¹ Carlos STEIL, *O sertão das romarias*, p. 199.

¹⁰² Carlos STEIL, *O sertão das romarias*, p. 157. Aqui temos duas narrativas bíblicas: uma ligada aos pastores (Lc 2, 1-20) e outra, à qual se refere o relato, ligada à fuga para o Egito (Mt 2, 13-18).

¹⁰³ José Severino CROATTO, *As linguagens da experiência religiosa*, p. 260.

a Lapa. Não sei se ele era vaqueiro, se ele era caçador... não sei o que andava fazendo. Não sei se a imagem já estava dentro da gruta ou se foi colocada lá. Já ouvi uma conversa que foi este Francisco Salesiano que achou a gruta e trouxe a imagem. Mas eu não sei da conversa como é que foi, nem li em livro. (Romeira de Ramalho – BA)¹⁰⁴

Com relação à diversidade de relatos, podemos destacar outros relatos:

Está com 302 anos que eles acharam essa gruta. Quem achou essa gruta foi um vaqueiro. Quando ele achou, não tinha santo nenhum. Tinha uma serpente e uma onça. Diz que ele ficou morando ali, junto com a onça e a serpente, cada um numa gruta. Chamava São Francisco da Soledade. (Romeiros de Francisco Sá – MG)¹⁰⁵

E ainda:

Esta é história do Bom Jesus, de quando ele fundou a sua igreja. Quem descobriu a igreja dele foi um vaqueiro. Ele chegou na cidade e contou para o padre. Ele veio visitar a gruta, pra ver o que tinha dentro. Quando entrou, viu essa bela imagem, muito bonita e brilhante. Aí foi, mandou abrir a porta direitinho e arrumou. A gruta já estava feita, os homens só tiraram os bicos das pedras pra poder passar. (Romeira de São Manuel – BA)¹⁰⁶

Diante de tantas narrativas míticas sobre a origem do Santuário do Bom Jesus da Lapa e da romaria, em 1937, o então capelão Monsenhor Turíbio Vilanova Segura publicou a obra *Bom Jesus da Lapa: Resenha Histórica*, para, entre outras coisas, suprimir e conter a pluralidade dos relatos orais. Esta foi, como já dissemos, uma tentativa de “purificação” do culto ao Bom Jesus e sua romaria, afastando e combatendo a rica tradição oral própria dos romeiros e peregrinos. Era também uma maneira de oficializar o culto e garantir a autenticidade do relato, buscando, assim, uma fundamentação histórica que apontasse para fatos bastante objetivos e reais. Dentre as muitas razões pelas quais ele escreve a resenha, destacamos uma, em particular, explicitada no prefácio da obra:

¹⁰⁴ Carlos STEIL, *O sertão das romarias*, p. 146 e 148.

¹⁰⁵ Carlos STEIL, *O sertão das romarias*, p. 154.

¹⁰⁶ Carlos STEIL, *O sertão das romarias*, p. 161.

Evitar que adquiram carta de natureza, como história verdadeira, certas lendas que atualmente correm entre o povo. À vista dos documentos que apresentamos, a figura do monge é uma figura histórica inconfundível, que lança ao canto dos trastes velhos e inúteis essas lendas, caricatura da história, mas quais, se alguma verdade pode encontrar-se, é misturada com uma grande dose de falsidade, como o ouro, na mina, se apresenta aos olhos alegres do faiscador, acompanhado da ganga imunda de saibro esterilizante.¹⁰⁷

Como se pode constatar, os mitos de fundação do Santuário do Bom Jesus da Lapa ocupam um lugar bastante significativo no imaginário religioso dos romeiros. É possível dizer que assim como no relato da passagem do Mar Vermelho, que configura o povo de Israel como tal, também os mitos de fundação do Santuário e da romaria, configuram os peregrinos como romeiros do Bom Jesus, como povo de Deus. Essa importância não só se apresenta através dos relatos da tradição oral, mas também é cantada nos benditos populares. Afinal, como os próprios romeiros declaram: “eu sou cantor e sou romeiro, viva Jesus Cristo lá no céu”. Por meio dos relatos e dos benditos os peregrinos reafirmam sua identidade, deixando transparecer que não são quaisquer viajantes ou turistas, mas, ao contrário, reconhecem-se como “romeiros do Bom Jesus”, e mais, como “cantores-romeiros”. Eles se sentem membros de uma classe diferenciada, de um grupo específico de peregrinos.

Já há algum tempo, existe uma intenção, por parte da instituição eclesial, de unir os relatos da tradição oral, muitas vezes recheados de elementos míticos e misteriosos, aos relatos históricos, consolidados, principalmente, por Monsenhor Turíbio em sua *Resenha Histórica*. Nesta arena de disputas, caracterizada pela ambiguidade, é possível observar um jogo de trocas e concessões mútuas: de um lado a instituição, que ao desejar uma aproximação maior com os romeiros, aceita seus relatos e suas histórias tradicionais, mas sempre em uma versão mais depurada, livre dos elementos mágicos e da fantasia, e de outro, o povo peregrino, que aceita a história “verdadeira” contada pelos padres, mas o faz de modo ressignificado, à sua maneira. Sendo assim, o relato popular é aceito pela instituição desde que associado a elementos passíveis de comprovação por meio dos documentos históricos. Exemplo disso é o texto que abre o *Catecismo dos romeiros – benditos de romaria e orações populares*, opúsculo editado pela Gráfica Bom Jesus, editora coordenada pela Vice-Província Redentorista da Bahia, mesma congregação que dirige o Santuário. Se por um

¹⁰⁷ Monsenhor Turíbio Vilanova SEGURA, *Bom Jesus da Lapa – resenha histórica*, p. 11.

lado, há uma tentativa de fundamentar historicamente o relato através da precisão das datas, das localizações geográficas e dos personagens, por outro, figuras típicas do imaginário popular brasileiro tais como a onça pintada, a jiboia, os índios antropófagos, entre outros, apresentam-se, igualmente, verossímeis:

Em 1657, em Portugal, nascia Francisco de Mendonça Mar, que com 22 anos embarcou para o Brasil, chegando em Salvador com a profissão de ourives. Vendo que não dava certo, deixou a profissão e foi trabalhar de pintor. Foi onde empreitou a casa do senhor governador para pintar. Quando ele estava pintando o governador morreu, sendo eleito outro governador. Quando Francisco terminou todo o seu trabalho, o atual governador não quis pagar a quantia que ele havia acertado com o governador falecido. Francisco um pouco alterado reclamou os seus direitos. O atual governador, abusando do seu poder, mandou prender Francisco. Quando ele estava preso numa cela ouviu uma voz que dizia... “Francisco, Francisco, procure o calvário na gruta”. Quando ele foi solto, vendeu tudo o que possuía, e deu de esmola aos pobres. Vestiu uma túnica de penitente, pegou uma imagem do Bom Jesus, e outra de Nossa Senhora da Soledade, que havia trazido de Portugal e seguiu por este sertão afora sem destino, se alimentando com raiz de pau e frutas, quando se encontrava, e de vez em quando ouvia a voz que dizia... “Francisco, Francisco, procure o calvário na gruta”. Certo dia ele ouviu bem de perto o esturro de uma onça... ele olhou, e viu de repente uma onça pintada enorme, deitada como quem fazia o pulo para pegá-lo. Assim que ele virou gritou: “Valei-me, Bom Jesus”! Nisso, a onça ficou calma. Ele andou calmamente em direção a ela e descobriu que ela estava com uma lasca de pau enorme cravada em uma das patas. Ele com muito cuidado, foi encostando, encostando, até que passou a mão no lombo da onça procurando jeito e tirando assim a lasca de pau que tanto maltratava aquele pobre animal. Depois de fazer suas orações em agradecimento a Deus, deixou a onça lá e foi embora. Muito adiante, os índios antropófagos agarraram ele para matar e comer, mas a onça que tinha ficado sã e vinha atrás dele, avançou nos índios que largaram Francisco e correram assombrados e dali desapareceram. Francisco seguiu viagem e a onça seguiu atrás dele como se fosse um cachorro. Muito adiante ele encontrou uma jiboia. Pegou e a colocou no pescoço e seguiu viagem. Quando chegou nessa gruta maravilhosa, parou e disse consigo mesmo: “Ah, é aqui que é o calvário da gruta que a voz mandou eu procurar”. Ele entrou na gruta com a onça pintada e a jiboia. Todos os bichos ferozes que ali habitaram correram, abandonando o local. Ali ele colocou a imagem do Bom Jesus, e uma imagem de Nossa Senhora da Soledade. Fazendo orações diariamente, três vezes ao dia, plantara uma pequena horta na beira do rio, onde tinha tanto peixe, que era capaz de pegá-los até com a mão. Assim vivia ele. Mais tarde, os mineiros passavam ali, muitos doentes de impaludismo. Com orações e remédios caseiros, curava. E foi chegando gente, chegando gente, fazendo promessas ao Bom Jesus e recebendo milagres. Até que esta notícia chegou aos ouvidos do senhor bispo D. Sebastião Monteiro da Vide, em Salvador, que mandou chamar Francisco e o ordenou sacerdote, com o nome de padre Francisco da Soledade, que morreu com 63 anos. Morreram também a onça e a cobra, que foram enterradas na gruta. E a romaria do Bom Jesus e Nossa Senhora da Soledade, continua até os dias de hoje.¹⁰⁸

¹⁰⁸ *A origem da romaria do Bom Jesus da Lapa. Catecismo dos romeiros – benditos de romaria e orações populares. Bom Jesus da Lapa: Gráfica Bom Jesus.*

Além dos elementos factuais e míticos presentes neste relato, que nos revelam a ambiguidade e fragmentariedade tão próprias da cultura popular, é forte a presença da instituição eclesial, que, por exemplo, atribui a Frei Francisco o hábito de rezar três vezes ao dia, fazendo alusão ao Ofício Divino. Podemos perceber também a influência do texto bíblico, ainda que de maneira implícita, neste relato: a voz que fala a Francisco, impelindo-o a procurar a gruta, remonta a diversas situações da história do povo de Deus, que chama para o si profetas, apóstolos e pastores;¹⁰⁹ a alimentação de Francisco durante a caminhada pelo sertão nos remete à lembrança de João Batista, no deserto, que se comia “gafanhotos e mel silvestre” (Mt 3,4); a abundância da horta e dos peixes do Rio São Francisco nos lembra a fartura da terra prometida, da qual “mana leite e mel” (Ex 3,8).

Segundo Steil, o Santuário do Bom Jesus da Lapa, assim como outros santuários, é percebido pelos romeiros como fragmentos de um sagrado que se manifesta no espaço físico por onde o povo peregrina. É a própria peregrinação que costura e interliga estes fragmentos, conferindo-lhes significados, os quais estão, geralmente, “implícitos, manifestando-se através das histórias, mitos, relatos de milagres, aparições de imagens e santos, sonhos, causos, anedotas que circulam em torno destes lugares sagrados”.¹¹⁰ Os benditos, parte integrante deste processo simbólico-ritual, contribuem significativamente para isso.

3. Ritos e benditos da viagem

De acordo com Durkheim, os fenômenos religiosos podem ser ordenados em duas categorias fundamentais: as crenças (mitos), entendidas como representações, e os ritos, vistos como modo de ação determinado. Segundo o autor a função primeira dos ritos é manter a vitalidade dos mitos, impedindo que eles se apaguem da memória das pessoas. Além disso, têm como função revivificar os elementos mais essenciais da consciência coletiva. Através dos ritos o grupo reanima o sentimento que tem sobre si mesmo e de sua unidade; ao mesmo tempo, as pessoas se reafirmam na sua natureza

¹⁰⁹ Por exemplo: o chamado de Samuel (1 Sm 3,1-21), a vocação de Moisés (Ex 3, 4) e o chamado de Paulo (At 9, 4-5).

¹¹⁰ Carlos STEIL, *O sertão das romarias*, p. 201.

de seres sociais.¹¹¹ O homem, por meio dos ritos, traz presente o acontecimento primordial que fundou a condição humana atual, para que, dessa maneira, não se esqueça daquilo que se passou *in illo tempore*. Assim, toda a vida religiosa é uma comemoração, uma rememoração.¹¹²

Neste sentido, os benditos cantados pelos romeiros (e que estão inseridos na ritualidade que marca todo o itinerário da romaria) podem ser entendidos como forma de recordação dos acontecimentos primordiais ligados ao culto ao Bom Jesus. Ao entoar estas canções, os romeiros revivificam sua crença no Bom Jesus, reafirmam o senso coletivo da peregrinação, dando novo vigor à sua fé. Através da reatualização dos acontecimentos míticos o homem reencontra a possibilidade de transfigurar sua existência.¹¹³

Ao analisar os rituais da romaria, os quais se apresentam de diversas formas, é preciso levar em consideração o momento da viagem. Ele é de fundamental importância para a compreensão da peregrinação.

Cada romaria tem suas particularidades, suas características e, conseqüentemente, os ritos que a compõe são também bastante diversos. De qualquer maneira, o que se pode dizer é que, apesar da diversidade de ritos, a viagem caracteriza-se como um tempo favorável e, sobretudo, necessário à preparação dos romeiros que, aos poucos, vão se tornando mais sensíveis à experiência religiosa e aptos ao encontro com o Bom Jesus e com a Mãe da Soledade.

Servindo-nos das categorias construídas por Victor Turner, podemos dizer que a viagem é o momento, por excelência, da liminaridade. Neste período os romeiros se encontram em um estado intermediário, ou seja, já passaram pela fase de separação, em que se desprenderam da sua vida anterior (onde exerciam papéis fixos e estabelecidos) e tomaram a decisão de peregrinar, e agora não se encaixam classificações comuns, passando a vivenciar uma situação de ambiguidade.

¹¹¹ Émile DURKHEIM. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

¹¹² Mircea ELIADE, *O sagrado e o profano*, p. 90.

¹¹³ Mircea ELIADE, *O sagrado e o profano*, p. 94.

A viagem, com todos os seus ritos próprios e profundamente marcada pela liminaridade, não é apenas um momento de *transição*, mas também de *potencialidade*, ou seja, não importa unicamente o “vir a ser”, mas também “o que poderá ser”.¹¹⁴

Considerando a potencialidade que caracteriza não só a viagem, mas também os outros momentos da peregrinação, é possível pensar a romaria a partir do seu caráter ritual e performativo, como nos aponta Steil:

Enquanto ritual, a romaria também pode ser classificada como um *ato performativo* – isto é, que produz resultados em virtude de ser realizado. Talvez se possa pensar na própria viagem como um ato que se realiza como uma *performance*.¹¹⁵

Compartilhando desta visão, podemos perceber a dimensão ritual e performática da viagem. Os romeiros não fazem da romaria um simples meio para cumprir sua promessa ou para alcançar alguma graça, mas a veem como um fim. Dessa maneira, para além de todas as motivações, reais e decisivas, que fazem com que o romeiro tome a decisão de se colocar a caminho do Santuário, a própria peregrinação é vivida como um ato que tem um propósito em si mesmo.¹¹⁶

A performance da viagem é composta por diversos ritos que, observados no seu conjunto, compõem um corpo único, um ritual necessário, que prepara o romeiro para a chegada ao Santuário. Dentre os ritos que constituem este ato performativo podemos citar as orações diversas, o canto dos benditos, a recitação de ladainhas, a reza do terço, as paradas na estrada, a partilha da comida e bebida, entre outros. Na descrição dos ritos de viagem que se segue poderemos observar a presença de muitos destes elementos performáticos constitutivos da viagem.

3.1. A romaria de Buerarema – viagem

Depois de cumprir o rito de passar em frente à “igreja nova” a fim de fazer as orações próprias para a saída e de cantar alguns benditos e outros cantos do cancionário católico popular, a romaria de Buerarema partiu em direção ao Santuário do Santo Senhor Bom Jesus da Lapa. Levamos quase doze horas de viagem para

¹¹⁴ Victor TURNER e Edith TURNER, *Image and Pilgrimage in Christian Culture*, p. 3.

¹¹⁵ Carlos STEIL, *O sertão das romarias*, p. 109.

¹¹⁶ Carlos STEIL, *O sertão das romarias*, p. 109.

percorrer os mais de seiscentos quilômetros que separam Buerarema, no sul da Bahia, de Bom Jesus da Lapa, no oeste do estado.



Romeiros de Buerarema - BA

Logo no início da viagem, terminadas as orações e os cantos “ao vivo”, alguns CDs, previamente selecionados por Dona Jovem (a chefe da romaria) e uma das romeiras, foram reproduzidos no som do ônibus que, neste momento, já estava com as luzes apagadas.¹¹⁷ As músicas eram conhecidas pela grande maioria dos romeiros, que a meia-voz cantavam junto com a gravação.

Depois de algumas horas de viagem, por volta das cinco horas da manhã, nos aproximamos da cidade de Caetité, localizada no centro-sul do estado da Bahia. Há a tradição, por parte das romarias que saem do sul do estado, de entrar na cidade e fazer uma visita à igreja catedral, dedicada a Senhora Santana. Geralmente o padre recebe os peregrinos, que são abençoados, antes de seguirem viagem em direção à Lapa.

¹¹⁷ Até mesmo a ordem dos cantos parece ter sido escolhida, no sentido de conduzir as pessoas para os ritos que estavam para acontecer. Depois de entoar os benditos da romaria, Dona Jovem começou a cantar “Segura da mão de Deus”. Esse primeiro canto, cuja partitura está reproduzida no anexo, apresenta a certeza de que a mão de Deus sempre sustenta seus filhos, ainda que a jornada seja pesada e que as tristezas da vida sejam profundas. Além disso, o Espírito do Senhor e a Virgem Maria são citados no poema, como fonte de proteção e confiança. Depois deste canto, foi entoada a canção “Cristo tem poder”, que narra os milagres realizados pelo Bom Jesus durante sua vida pública – as bodas de Caná, a cura do cego de Jericó, a multiplicação dos pães, ressurreição do filho da viúva de Naim, entre outros. Para encerrar este ciclo, entoou-se “Só em Deus o repouso encontrei”, que apresenta o Senhor como fonte do repouso, do abrigo e da segurança. Terminada esta canção, apagaram-se as luzes do ônibus.

Nesta época de romaria, o templo costuma ficar aberto para receber os romeiros, entretanto, no dia em que passamos por lá estava fechado. Alguns disseram que ainda era muito cedo e, por isso, não conseguimos encontrar a igreja aberta. Mesmo assim, alguns romeiros desceram do ônibus e passaram em frente à porta principal da igreja.

Além do rito de visitar a catedral, esta parada também foi um momento intenso de partilha dos alimentos e bebidas que tanto Dona Jovem quanto outros romeiros levaram para a viagem. Os copos de chá e café eram servidos a todos que quisessem. Pães e biscoitos também eram partilhados pelos romeiros.

Ao sair de Caetité Dona Jovem saudou todos os seus romeiros e disse que, como já havíamos dormido e o dia estava amanhecendo, deveríamos rezar o terço, a fim de agradecer a Deus e a Nossa Senhora pela noite de sono, pela segurança na viagem, entre outros. A reza do terço foi intercalada por cantos próprios do cancionário popular católico como, por exemplo, “Maria de Nazaré” e “Podes reinar, Senhor Jesus”.¹¹⁸

Terminada a reza do terço, a ansiedade por chegar à Lapa, aos poucos, foi tomando conta dos romeiros. Alguns se perguntavam sobre a hospedaria, outros diziam que assim que chegassem deveriam telefonar para os parentes, outros ainda falavam sobre as maravilhas do Santuário.

Já bem próximo a Bom Jesus da Lapa o ônibus parou em um restaurante na beira da estrada para o café da manhã. Ao que nos parece este é um ponto de parada de diversas romarias, visto que quando chegamos já havia muitos peregrinos.

¹¹⁸ As partituras destas canções encontram-se no anexo do trabalho.



Parada para o café da manhã



Farofa partilhada pelos romeiros



Romeiros na parada

Neste momento todos partilharam seus alimentos e bebidas – farofa¹¹⁹, inhame, banana, sucos, café, biscoitos, pães, entre outros. O clima é de festa, de alegria e também de muita ansiedade, afinal, falta pouco para o encontro com o Bom Jesus.

3.2. Benditos de viagem

Dentre os muitos elementos que compõem a performance da viagem, destacamos os benditos cantados pelos romeiros, sobre os quais lançaremos um olhar atento, uma vez que são o objeto principal deste nosso estudo. Sabemos que são inúmeras estas canções próprias da viagem à Lapa. Sendo assim, procuramos recolher as mais significativas, que contribuirão para a análise do itinerário da romaria, compreendido a partir dos benditos cantados pelos peregrinos do Senhor Bom Jesus da Lapa.

Muitos são os assuntos e temas desenvolvidos nestes benditos. A fim de facilitar nosso estudo, podemos dividir os benditos de viagem, basicamente, em quatro grupos temáticos: benditos que cantam a própria viagem, benditos que pedem proteção, benditos-incelença, benditos de conteúdos diversos. Evidentemente, as canções podem trazer em seu conteúdo características de mais de um dos grupos temáticos enumerados. O que pretendemos, com esta classificação, é agrupá-las de acordo com sua temática principal.

3.2.1. Benditos que cantam a própria viagem

O primeiro grupo de benditos é daqueles que tratam, basicamente, de assuntos e temas relacionados à viagem em si, quais sejam o carro, o motorista, a estrada, a direção, o freio, entre outros.

No bendito “Esse carro é vai andando” o romeiro descreve o que acontece no exato momento em que estão viajando, isto é, o instante em que o carro que leva os peregrinos para a Lapa do Bom Jesus está andando.

¹¹⁹ Ao partilhar os alimentos trazidos por Dona Jovem ela nos disse: “Na romaria eu como coisas que normalmente não como em minha casa, mas romeiro que é romeiro tem que comer farofa”. Esta fala de Dona Jovem corrobora a fala de outros romeiros e demonstra que todos os atos performativos da viagem contribuem para a constituição do romeiro enquanto tal. Não basta se dizer romeiro; é preciso usar o chapéu branco, comer farofa, sofrer com a poeira e o calor, entre outros.



Esse carro é vai andando
Chega e vai 'cendendo a luz
É vai cheio de romeiro
Pra Lapa do Bom Jesus

Composto em versos heptassílabos, esta quadra rima o segundo e quarto versos, perfazendo a estrutura A-B-C-B. O perfil melódico deste bendito, composto a partir de uma escala hexacordal, ou seja, modo maior sem o sétimo grau, caracteriza-se pelo emprego de saltos de terça (maiores e menores). O âmbito é de uma oitava justa, entretanto, grande parte da melodia concentra-se no âmbito da tríade de ré maior (ré - fá# - lá), que é apresentada diversas vezes, ora no seu estado fundamental, ora invertida. Em alguns momentos estes saltos são preenchidos.

O bendito “Aguia o carro, seu motorista” também faz parte deste grupo de canções cuja temática é a própria viagem.



Aguia o carro, seu motorista
Pra Nossa Senhora nos ajudar
Mamãe das Graça e Aparecida
Ela mesmo quer nos ajudar

Nesta canção, a temática da viagem – carro e motorista – está permeada pela certeza da ajuda e proteção da Virgem Maria, evocada na sua versão “Aparecida” e

“das Graças”. O motorista é exortado pelos cantores a guiar o carro para que, assim, Nossa Senhora possa ajudar. Os versos têm métrica diversa, apresentando-se com oito, nove ou dez sílabas; os versos pares têm a mesma terminação, de acordo com a estrutura A-B-C-B; os dois últimos versos se repetem, como está grafado na partitura.

A melodia, composta em modo maior, na maioria das vezes apresenta o sétimo grau da escala em sua forma original (fa#), característica do modo jônio. No quarto compasso observamos a alteração do sétimo grau da escala, que se apresenta abaixado, o que caracteriza o modo mixolídio. Como podemos observar, neste bendito temos a presença de dois modos (jônio-mixolídio); esta combinação é chamada de dualismo modal, como nos aponta Ermelinda Paz:

Na música brasileira (...) há, com frequência, o uso de mais de um modo numa mesma música, resultando daí, o que denominamos “dualismo modal”. Os tipos mais comuns são: jônio-lídio, jônio-mixolídio, mixolídio-lídio, eólio-dórico e dórico-mixolídio. O modalismo é muito frequente no nordeste brasileiro, seu principal reduto.¹²⁰

De acordo com o registro de campo, durante toda a execução há uma segunda voz, que acompanha a voz principal uma terça abaixo. Raras exceções se dão nos inícios de frase que, em geral, são entoados apenas pela primeira voz.

Ainda nesta categoria das canções que tratam da viagem, trazemos o bendito “Nesta bonita estrada”.

Nes - ta bo - ni - ta es - tra - da Eu que - ro pas - sar

Nes - ta bo - ni - ta es - tra - da Eu que - ro pas - sar

Meu Bom Je - sus da La - pa Vem nos a - ju - dar

Meu Bom Je - sus da La - pa Vem nos a - ju - dar

¹²⁰ Ermelinda A. PAZ, *500 canções brasileiras*. Brasília: Musimed, 2010, p. 21.

Nesta bonita estrada
 Eu quero passar
 Meu Bom Jesus da Lapa
 Vem nos ajudar

Neste bendito a temática da viagem se junta ao pedido de ajuda ao Senhor Bom Jesus da Lapa. O cantor qualifica a estrada, apresentando-a como bonita e ao mesmo tempo solicita ao Bom Jesus que o ajude. O primeiro e o terceiro versos têm seis sílabas; o segundo e quarto versos têm cinco sílabas e rimam entre si, de acordo com a estrutura A-B-C-B. O âmbito melódico é restrito, perfazendo um intervalo de sexta menor. Os compassos apresentam-se irregulares – binários e ternários. A melodia, em modo maior, é composta por graus conjuntos e intervalos de terça (maiores e menores). O sétimo grau da escala se apresenta, em alguns momentos, abaixado, o que caracteriza o modo mixolídio. Esta alternância do sétimo grau, que ora se apresenta na sua versão original (fá#), ora abaixado (fá), combinando o modo jônio com o modo mixolídio, caracteriza o chamado dualismo modal. Neste bendito solista e coro se alternam; tudo o que o solista canta, o coro repete. Dessa maneira, os versos se repetem, de dois em dois, conforme notação na partitura.

3.2.2. Benditos que pedem proteção

A temática da proteção e da confiança está presente em muitos dos benditos cultivados pelo povo sertanejo que parte em romaria.

Neste segundo grupo, apresentamos dois benditos cujos conteúdos estão vinculados ao pedido de proteção. No primeiro deles – “Maria, valei-me” – o romeiro pede o auxílio e a ajuda da Mãe de Deus durante a viagem. Ele simplesmente invoca a Virgem Maria e termina com uma bênção – “Bendita sejais”.

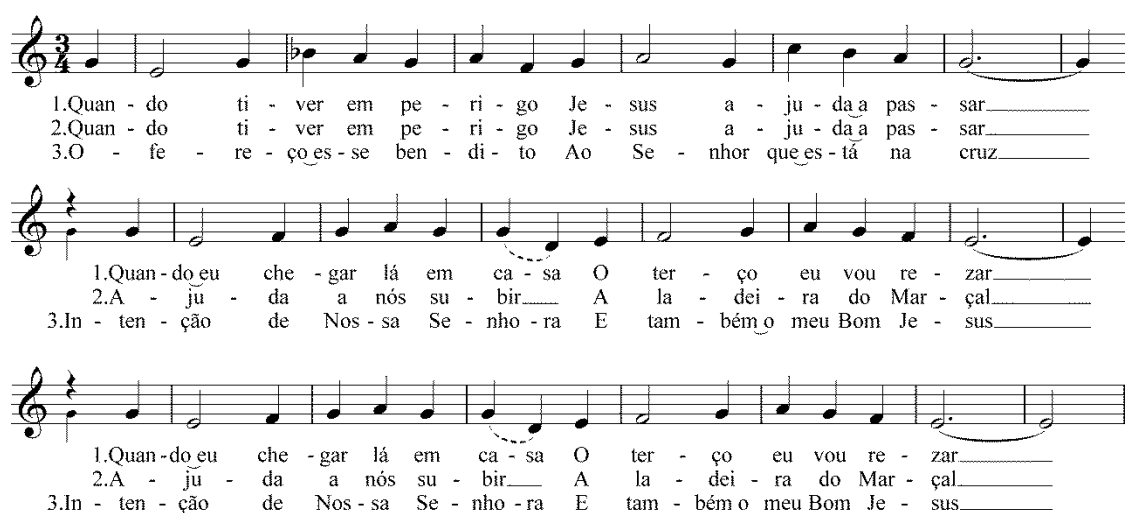


The image shows a musical score for a song in 4/4 time, key of B-flat major (two flats). The melody is written on a single staff. The lyrics are: Ma - ri - a va lei - me Ma - ri - a va lei - me Ma - ri - a va lei - me Ben - di - ta se - jais Ma - ri - a va lei - me Ben - di - ta se - jais. The melody consists of eighth and quarter notes, with a final cadence on the last line.

Maria, valei-me¹²¹
 Maria, valei-me
 Maria, valei-me
 Bendita sejas

A melodia, composta em modo mixolídio, de caráter dolente e suplicante, é um rogo do romeiro que, insistentemente pede auxílio e socorro à mãe do Bom Jesus e sua mãe.

O bendito “Quando tiver em perigo” é um exemplo bastante significativo desta categoria dos benditos que pedem proteção.



1. Quan - do ti - ver em pe - ri - go Je - sus a - ju - da a pas - sar
 2. Quan - do ti - ver em pe - ri - go Je - sus a - ju - da a pas - sar
 3. O - fe - re - ço es - se ben - di - to Ao Se - nhor que es - tá na cruz

1. Quan - do eu che - gar lá em ca - sa O ter - ço eu vou re - zar
 2. A - ju - da a nós su - bir A la - dei - ra do Mar - çal
 3. In - ten - ção de Nos - sa Se - nho - ra E tam - bém o meu Bom Je - sus

1. Quan - do eu che - gar lá em ca - sa O ter - ço eu vou re - zar
 2. A - ju - da a nós su - bir A la - dei - ra do Mar - çal
 3. In - ten - ção de Nos - sa Se - nho - ra E tam - bém o meu Bom Je - sus

Quando tiver em perigo¹²²
 Jesus, ajuda a passar
 Quando eu chegar lá em casa
 O terço eu vou rezar

Quando tiver em perigo
 Jesus, ajuda a passar
 Ajuda a nós subir
 A ladeira do Marçal¹²³

¹²¹ O texto deste bendito é parte de uma oração bastante cultivada pelo catolicismo popular, conhecida como “Oração de Maria valei-me”, cujo conteúdo é semelhante ao da “Salve Rainha”. Esta oração começa com a invocação “Maria, valei-me, a seus devotos vinde socorrer” e termina com a “Ave Maria”.

¹²² Neste bendito pode-se complementar o texto do primeiro verso, nominando cada uma das pessoas da romaria: “Quando *fulano* estiver em perigo, Jesus, ajuda a passar...”

¹²³ A *Ladeira do Marçal* é um trecho da estrada que liga o sul da Bahia a Bom Jesus da Lapa, na região de Vitória da Conquista – BA bastante conhecido e temido pelos romeiros. Este local é conhecido pela frequência com que acontecem acidentes envolvendo carros, caminhões, entre outros. Através dos relatos que ouvimos da romaria que saiu de Itabuna – BA no dia 31 de julho de 2011, soubemos que ao se aproximar da Ladeira do Marçal o ônibus pára e os romeiros cantam este bendito. Só depois seguem viagem.

Ofereço esse bendito
 Ao Senhor que está na cruz
 Intenção de Nossa Senhora
 E também o meu Bom Jesus

Nesta canção o romeiro pede auxílio ao Bom Jesus para enfrentar os perigos da vida. Em troca, se compromete a rezar o terço, assim que chegar à sua casa, salvo de todos os males. Os versos, em redondilha maior, são organizados de acordo com a estrutura A-B-C-B; os versos pares rimam entre si.

A melodia deste bendito, composta a partir do dualismo modal jônio-mixolídio, é bastante recorrente no ambiente das romarias do nordeste. Ela é cantada largamente pelos romeiros do Padre Cícero, em Juazeiro do Norte – CE, com o seguinte texto:

Bendito e louvado seja
 A luz que mais alumeia
 Valei-me, padrinho Cícero
 E a Mãe de Deus das Candeias

3.2.3. Benditos-incelença

Chamamos de benditos-incelença aquelas canções cuja forma poética se caracteriza pela repetição das estrofes, com a alteração de apenas uma palavra. Esta forma é comumente encontrada nas incelenças – cantos típicos das cerimônias fúnebres populares. Ao que nos parece, estes benditos têm como função principal preencher o tempo da viagem que, na maioria das vezes, é bastante longo.

Mesmo com esta função de preenchimento, as repetições estão repletas de simbolismos. São comuns repetições em número de sete, dez ou doze.

Como primeiro exemplo deste tipo de benditos, trazemos “Uma espada de dor”, gravado por Elizabeth Travassos:

U - ma es - pa - da de dor que no seu co - ra - ção pas - sou

A dor de Mar - ta cho - rar, os tro - men - to da pai - xão

Foi a dor que Je - sus pa - de - ceu, su - a mãe no co - ra - ção

Foi a dor que Je - sus pa - de - ceu, su - a mãe no co - ra - ção

Uma espada de dor que no seu coração passou
 A dor de Marta chorar, os tormento¹²⁴ da paixão
 Foi a dor que Jesus padeceu, sua mãe no coração
 Foi a dor que Jesus padeceu, sua mãe no coração

Duas espada de dor que no seu coração passou
 A dor de Marta chorar, os tormento da paixão
 Foi a dor que Jesus padeceu, sua mãe no coração
 Foi a dor que Jesus padeceu, sua mãe no coração

Apesar de o registro musical que possuímos apresentar somente duas estrofes, é possível supor que o texto integral tenha sete estrofes, as quais estão relacionadas às Sete Dores de Nossa Senhora¹²⁵, devoção tradicional do catolicismo popular.

Situação análoga acontece no bendito “Romeiros que vão à Lapa”:

¹²⁴ A palavra “tormento” foi registrada da maneira como entoada pelos romeiros.

¹²⁵ As *Sete Dores de Nossa Senhora* estão relacionadas aos seguintes episódios evangélicos: 1. A profecia do velho Simeão (Lc 2,34-35), 2. A fuga para o Egito (Mt 2,13-14), 3. A perda de Jesus aos doze anos durante a peregrinação à Cidade Santa (Lc 2,43b-45), 4. O caminho de Jesus para o Gólgota (Lc 23,26-27), 5. A crucificação (Jo 19,15-27a), 6. A deposição da cruz (Mc 15,42) e 7. A sepultura de Jesus (Jo 19,40-42a).

Ro - mei - ros que vão à La - pa Vai re - zan - do A - ve Ma - ri - a

Pra fa - zer fe - liz vi - a - gem To - da noi - te, to - do di - a

1. Na se - gun - da - fei - ra san - ta Que os ro - mei - ro é vai em - bo - ra
2. Ter - ça - fei - ra san - ta Que os ro - mei - ro é vai em - bo - ra

Vi - si - tar o Bom Je - sus Fi - lho de Nos - sa Se - nho - ra

Ro - mei - ros que vão à La - pa Vai re - zan - do A - ve Ma - ri - a pra fa -

zer fe - liz vi - a - gem To - da noi - te to - do di - a

Romeiros que vão à Lapa
Vai rezando Ave Maria
Pra fazer feliz viagem
Toda noite, todo dia

Na segunda-feira santa
Que os romeiro é vai embora
Visitar o Bom Jesus
Filho de Nossa Senhora

Terça-feira santa
Que os romeiro é vai embora
Visitar o Bom Jesus
Filho de Nossa Senhora

No registro musical que temos estão gravadas apenas as duas primeiras estrofes, que se referem à segunda-feira santa e à terça-feira santa. Igualmente neste bendito, nossa suposição é que as outras estrofes que se seguem perfazem todos os dias da semana, de segunda à sexta-feira.

Os benditos “Uma beata santa”, transmitido por uma romeira de Eunápolis – BA, e “Uma bandeirinha vermelha”, transmitido por um romeiro de Águas Vermelhas – MG, reproduzem a mesma estrutura de repetição:

U-ma be-a - ta san-ta que no céu a - pa - re - ceu U-ma be-a - ta san-ta que no céu a - pa - re - ceu

A Vir-gem Ma - ri - a, che - ia de gra - ça Cer-ca-da de luz, que no céu a - pa - re - ceu

A Vir-gem Ma - ri - a, che - ia de gra - ça Cer-ca-da de luz, que no céu a - pa - re - ceu

Uma beata santa que no céu apareceu
 A Virgem Maria, cheia de graça
 Cercada de luz,, que no céu apareceu

Duas beata santa que no céu apareceu
 Três beata santa que no céu apareceu
 (...)
 Doze beata santa que no céu apareceu

Este bendito repete doze vezes o mesmo texto, trocando apenas o número das beatas santas que no céu apareceram. Seus versos não possuem uma métrica regular. O último verso reproduz uma parte do primeiro. A melodia, composta em modo jônio, perfaz um âmbito de sétima menor.

Assim como “Uma beata santa”, o bendito “Uma bandeirinha vermelha” apresenta a mesma estrutura:

U - ma ban-dei - ri - nha ver - me - lha A ou - tra da cor do céu

Nós so - mos can - to - res e ro - mei - ros Vi - va Je - sus Cris - to lá no céu

Nós so - mos can - to - res e ro - mei - ros Vi - va Je - sus Cris - to lá no céu

Uma bandeirinha vermelha
 A outra da cor do céu
 Nós somos cantores e romeiros
 Viva Jesus Cristo lá no céu

Duas bandeirinha vermelha
Três bandeirinha vermelha
(...)
Doze bandeirinha vermelha

O texto deste bendito, aparentemente despretensioso, também é repetido por doze vezes. Os últimos dois versos são repetidos, conforme transcrição da partitura, alternando coro e solista. Estes versos, inclusive, fazem parte de outro bendito por nós analisado. Ao ser indagado sobre o significado das repetições, o romeiro que nos transmitiu o bendito disse: “Eles contam doze apóstolos, né? Sejam doze. É simbólico.”

Ainda outra canção que integra o grupo temático dos benditos-incelença, que é o bendito “Os apóstolos de Deus”:



Os apóstolos de Deus eram um
Eram dois e consigo¹²⁶, ó Senhor
Era Deus que andava no mundo
Era Deus que no mundo ele andou

Os apóstolos de Deus eram dois
Eram três e consigo, ó Senhor
Era Deus que andava no mundo
Era Deus que no mundo ele andou

Assim como os nos outros benditos, as estrofes se mantêm e apenas uma pequena parte do texto é alterada. Interessante notar o jogo matemático que se coloca. A cada estrofe é preciso somar mais um apóstolo ao grupo dos que andavam com Jesus. Ao final da décima segunda estrofe, temos “os apóstolos de Deus eram doze, eram treze contigo, ó Senhor”.

¹²⁶ O registro de campo apresenta a palavra “consigo”, porém supomos ser “contigo”.

Dentro do grupo de benditos-incelença, apresentamos um último exemplo, que é bendito “Ô romeiro, romeirinho, uma palavra de romeiro”.



Ô romeiro, romeirinho
Uma palavra de romeiro
Vou cantando e vou rezando
Ao Bom Jesus verdadeiro

Ô romeiro, romeirinho
Duas palavra de romeiro
(...)
Ô romeiro, romeirinho
Doze palavra de romeiro

Nesta canção, o romeiro é chamado pelo grupo a dar uma palavra, fazer uma declaração, levando em consideração a sua identidade de peregrino: “romeiro, romeirinho, uma palavra de romeiro”. Este, por sua vez, responde prontamente, deixando claro aquilo que está fazendo: “vou cantando e vou rezando ao Bom Jesus verdadeiro”. As estrofes são repetidas doze vezes, alterando apenas o número de “palavras de romeiro”. Os versos, de sete sílabas, são organizados de acordo com a estrutura A-B-C-B, de acordo com a qual os versos pares, que têm a terminação ‘eiro’, rimam entre si.

A melodia, que emprega dois modos (jônio e mixolídio) na sua composição, pode ser dividida em duas partes distintas. A primeira, executada pelo coro de romeiros, tem duas vozes em terças paralelas e sua predominância é de graus conjuntos. Nesta primeira parte o modo empregado é o jônio. A segunda é cantada em uníssono, uma vez que representa a resposta do peregrino, “a palavra de romeiro”. Nesta parte o sétimo grau da escala aparece abaixado, o que caracteriza o modo mixolídio. O perfil melódico é caracterizado por saltos de terça (maiores e menores).

3.2.4. Benditos de conteúdos diversos

Além dos benditos que retratam a viagem, dos benditos que pedem proteção e dos benditos-incelença, cuja estrutura está calcada na repetição, muitos outros são cantados pelos romeiros e peregrinos do Senhor Bom Jesus da Lapa durante o percurso. Estes, muitas vezes, descrevem o Santuário, com suas pedras, imagens e grutas, outros parecem ser criados na hora, de improviso, e falam do Bom Jesus, há ainda aqueles que estão relacionados a outros centros de romaria ou outros santos de devoção.

O bendito “Somos romeiros de longe” retrata as belezas do Santuário. É como se, ao cantar o bendito, os romeiros antecipassem todas as maravilhas que estão prestes a experimentar ao chegar à Lapa:



1. So - mos ro - mei - ros de lon - ge A fé é quem nos con - duz
2. Nu - ma La - pa en - can - ta - do - ra Bri - lhou um ra - io de luz
3. Re - tra - to, bra - ço e ca - be - ça De ce - ra o po - vo con - duz
4. No morro de lá da La - pa Se vê u - ma al - ta cruz
5. Tem Di - mas e tam - bém tem Ges - tas To - dos cra - va - dos na cruz
6. Tem San - ta He - le - na tris - to - nha Se - gu - ran - do a san - ta cruz
7. Tem pe - dra com som de si - no A lí - per - ti - nho da cruz
8. Se - nho - ra da So - le - da - de Cla - re - ia com vos - sa luz



1. Va - mos to - dos pa - ra a La - pa Vi - si - tar o Bom Je - sus
2. A - on - de os fi - éis ro - mei - ros Vi - si - tam o Bom Je - sus
3. Pa - ra pa - gar as pro - mes - sas Que fa - zem ao Bom Je - sus
4. Pa - re - ce a - té o cal - vá - rio On - de mor - reu Bom Je - sus
5. No me - io tem a i - ma - gem Do a - ma - do Bom Je - sus
6. Que trou - xe da Ter - ra San - ta On - de mor - reu Bom Je - sus
7. Só po - de ser um mi - la - gre Do a - ma - do Bom Je - sus
8. Da - qui a - té nos - sas ca - sas Pa - ra sem - pre A - mém Je - sus



1. Va - mos to - dos pa - ra a La - pa Vi - si - tar o Bom Je - sus
2. A - on - de os fi - éis ro - mei - ros Vi - si - tam o Bom Je - sus
3. Pa - ra pa - gar as pro - mes - sas Que fa - zem ao Bom Je - sus
4. Pa - re - ce a - té o cal - vá - rio On - de mor - reu Bom Je - sus
5. No me - io tem a i - ma - gem Do a - ma - do Bom Je - sus
6. Que trou - xe da Ter - ra San - ta On - de mor - reu Bom Je - sus
7. Só po - de ser um mi - la - gre Do a - ma - do Bom Je - sus
8. Da - qui a - té nos - sas ca - sas Pa - ra sem - pre A - mém Je - sus

Somos romeiros de longe
A fé é que nos conduz
Vamos todos para a Lapa
Visitar o Bom Jesus

Numa Lapa encantadora
 Brilhou um raio de luz
 Aonde os fiéis romeiros
 Visitam o Bom Jesus

Retrato, braço e cabeça
 De cera o povo conduz
 Para pagar as promessas
 Que fazem ao Bom Jesus

No morro de lá da Lapa
 Se vê uma alta cruz
 Parece até o calvário
 Onde morreu Bom Jesus

Tem Dimas e também tem Gestas
 Todos cravados na cruz
 No meio tem a imagem
 Do amado Bom Jesus

Tem Santa Helena tristonha
 Segurando a santa cruz
 Que trouxe da Terra Santa
 Onde morreu Bom Jesus

Tem pedra com som de sino
 Ali pertinho da cruz
 Só pode ser um milagre
 Do amado Bom Jesus

Senhora da Soledade
 Clareia com vossa luz
 Daqui até nossas casas
 Para sempre, amém, Jesus

Este bendito é cantado também na viagem de volta, como podemos observar no texto da última estrofe. A melodia é bastante conhecida pelos romeiros – é a mesma da canção “Bendita e louvada seja no céu a divina luz”, com algumas variações. Este é um procedimento bastante comum no repertório cultivado pelos romeiros. Com muita frequência encontramos o mesmo texto com diversas melodias ou diversos textos com uma única melodia, como é o caso deste bendito.

Sobre o modo de transmissão deste repertório sacro, disse uma romeira de Campo Alegre – GO:

Aqui na gruta do Bom Jesus, a gente vê aqui estes velho pedindo esmola, que fica aí sentados, né, cantando, e consegue escrever alguma letra bonita com a gruta do Bom Jesus, depois forma essas estrofe e os romeiros pega pra fazer as romaria. A maioria

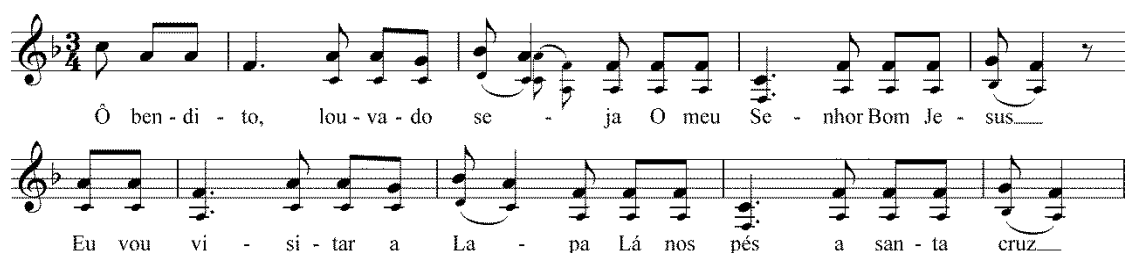
desses canto que os romeiros cantam são tirados por algumas pessoas devotas que vêm na gruta do Bom Jesus e consegue fazer alguma letra. Depois a música, é a que dá certo, a gente põe.¹²⁷

Corroborando este pensamento, o romeiro de Águas Vermelhas – MG, que nos transmitiu alguns dos benditos, ao ser indagado sobre a origem das melodias dos benditos, revela:

Eu acho que é muito antigo mesmo. As pessoas idosas que vêm aqui já aprenderam muito antes. É passada de boca, não é escrito não. Tem uns que cantam de outra forma; eu já vi de outra forma cantando. Dependendo da localidade, eles criam. É que a questão desta tradição, então, não é coisa de agora. A questão da romaria, são trezentos e dezessete anos. Isso é uma tradição passada de pai pra filho.¹²⁸

Dentro desta categoria dos benditos que possuem conteúdos diversos, percebemos, por meio da análise dos registros de campo, que algumas destas canções parecem ser “tiradas” na hora, durante a viagem. Algum cantor mais experiente, capaz de criar pequenos versos, entoia seu bendito recém-criado, que rapidamente é aprendido pelos companheiros peregrinos.

O bendito “Ô bendito, louvado seja o meu Senhor Bom Jesus” parece ser um exemplo deste tipo de criação.



Ô Bendito, louvado seja
O meu Senhor Bom Jesus
Eu vou visitar a Lapa
Lá nos pés da santa cruz

¹²⁷ BENDITOS/BA – Documentário Sonoro do Folclore Brasileiro no. 42 (Fundação Nacional de Arte / Instituto Nacional do Folclore).

¹²⁸ Registro de campo feito no ano 2008.

Os versos desta quadra possuem sete sílabas e são dispostos segundo o esquema A-B-C-B, isto é, rimando-se o segundo e quarto versos. A melodia, em modo jônio, é composta, por graus conjuntos, saltos de terça (maiores e menores) e quarta justa. A segunda voz é cantada em sextas paralelas, quase que o tempo todo, com exceção do início do primeiro verso, entoado sempre pelo solista, possivelmente aquele que criou o bendito.

O chapéu também é mote para os benditos criados e cantados pelos romeiros durante a viagem. No bendito que se segue, “Romeiro, romeirinho, quem te deu esse chapéu”, o peregrino é novamente indagado sobre a origem do seu chapéu:

Ro - mei - ro, ro - mei -rinho Quem te deu es - se cha - péu?

Es - se cha - péu veio de Ro - ma E a fi - ta veio do céu

Es - se cha - péu veio de Ro - ma E a fi - ta veio do céu

Romeiro, romeirinho
 Quem te deu esse chapéu?
 Esse chapéu veio de Roma
 E a fita veio do céu

Em relação à métrica, os versos do bendito são irregulares e o segundo e quarto versos rimam entre si. Nesta melodia, o quarto grau da escala aparece alterado, em alguns momentos, meio tom acima. Esta é uma característica do modo lídio. O sétimo grau está abaixado, caracterizando o modo mixolídio. Sendo assim, os modos lídio e mixolídio se alternam neste bendito (dualismo modal), cujo âmbito é restrito e perfaz uma quinta diminuta.

Como se pôde perceber da análise deste material musical, inúmeros são os benditos cantados pelos romeiros do Senhor Bom Jesus da Lapa durante a viagem. Nossa intenção foi apresentar, ainda que brevemente, a diversidade e a riqueza cultural, poética e musical presentes nestas canções cultivadas pelos peregrinos. Da

apresentação deste rico material depreendemos que a música é parte integrante dos ritos da viagem.

Através do canto dos benditos os mitos de origem do Santuário são revivificados e atualizados na vida dos romeiros. Estes, por sua vez, ao proclamar tais mitos tornam-se contemporâneos das realidades primordiais, partícipes da história deste local de culto.

O canto, na romaria, é também um elemento que cria identidade no romeiro. Estes podem ser identificados não só pela sua vestimenta, pelo uso do chapéu, mas também pela música que entoam:

Todos os carros e caminhões, que chegam e saem da Lapa, levando romeiros, são facilmente reconhecidos, mesmo à distância, pois todos entram e saem da cidade cantando benditos. É da mesma maneira que os viajantes dos caminhões se identificam ao cruzarem os povoados e pequenos comércios, no percurso para a Lapa.¹²⁹

Além disso, cantar faz com que os romeiros se sintam mais fortes e confiantes, seguros da sua fé, como relata uma romeira de Poções – BA:

Porque a gente esse tempo todo, cheio de acidente, então a gente põe a fé em Jesus Cristo e parece que, cantando alguma coisa, cria mais coragem. Nós vem viajando, apegado com o Senhor Bom Jesus pra ver se ele dá uma boa sorte pra nós, pra nós vir e tornar a voltar.¹³⁰

¹²⁹ BENDITOS/BA – Documentário Sonoro do Folclore Brasileiro no. 41.

¹³⁰ BENDITOS/BA – Documentário Sonoro do Folclore Brasileiro no. 41.

CAPÍTULO III

“Meu Bom Jesus olha eu, graças a Deus que eu cheguei” – A chegada e a permanência no Santuário

*Meu Bom Jesus, olha eu
Graças a Deus que eu cheguei
Graças a Deus que eu cheguei*

Ora, entre as dádivas que jazem em considerável cópia no chão e às paredes do estranho templo, o visitante observa, de par com imagens e relíquias, um traço sombrio de religiosidade singular: facas e espingardas. O clavinoteiro ali entra, contrito, descoberto. Traz à mão o chapéu de couro e a arma à bandoleira. Tomba genuflexo, a fronte abatida sobre o chão úmido do calcário transudante... E reza. Sonda longo tempo, batendo no peito, as velhas culpas. Ao cabo cumpre devotamente a promessa que fizera para que lhe fosse favorável o último conflito que travara: entrega ao Bom Jesus o trabuco famoso, tendo na coronha alguns talhos de canivete lembrando o número de mortes cometidas.
(Euclides da Cunha – *Os sertões*)

O tempo da viagem não pode ser entendido, simplesmente, de modo cronológico; não pode ser medido tão somente como o transcorrer de minutos, horas e, em alguns casos, até mesmo dias, que separam a saída da romaria e a chegada ao Santuário. O período da viagem, como já vimos nos capítulos anteriores, é um tempo privilegiado e indispensável, o qual permite aos homens e mulheres se transformarem, aos poucos, em romeiros e romeiras do Bom Jesus. Como nos assinala Ameigeiras:

A peregrinação pressupõe a realidade do caminho e a decisão de percorrê-lo, mas é por sua vez um “deslocamento no espaço e no tempo, progressão dentro de si mesmo, o itinerário do peregrino é uma metáfora da vida profana e o que dá sentido a essa vida”.¹³¹

Segundo Ameigeiras, este itinerário da romaria é bastante relevante visto que afeta tanto a dimensão corporal quanto a espiritual. Afinal, o esforço, o sacrifício e o desgaste físico estão presentes e atuam como uma espécie de oblação, de dom que se

¹³¹ Aldo Rubén AMEIGEIRAS, Para una hermenéutica de la peregrinación: cultura popular e identidad religiosa. Los migrantes santiagueños en la Argentina. *Stromata*, 2000, p. 124-125.

oferece e se explicita no transcurso da marcha, do caminho difícil. Por outro lado, a dimensão espiritual implica “internar-se nas profundidades de si mesmo, abreviar no redescobrimento dos valores mais vinculados à sua experiência de vida e suas coordenadas de fé; transitar pelos becos da alma onde se justapõem a trajetória de crença com novas vivências e apreciações existenciais”.¹³²

Pode-se pensar este lapso de tempo como um momento extraordinário (no sentido de que foge do que é usual ou do previsto), durante o qual o cotidiano é suspenso e novas configurações de relacionamento entre as pessoas se estabelecem. Dessa maneira, algo que a princípio pareceria improvável, passa a ser esperado e até mesmo aspirado. É como se se abrissem “fendas” na realidade.

É um processo longo, um estado performático liminar, cuja configuração está intimamente relacionada aos próprios ritos da viagem, ou seja, às orações, ao canto dos benditos, às memórias e lembranças das romarias anteriores, às narrativas de milagres vivenciados, como também aos infortúnios experimentados no percurso – sol, calor, desconforto, poeira, entre outros. Todos estes elementos colocam os romeiros e romeiras em um estado de liminaridade, no qual a segurança das situações fixas aos poucos se dissolve e as formas de pensamento e comportamento anteriores passam a ser questionadas e revistas.

O conceito de liminaridade pode ser aplicado a todas as fases de mudanças culturais decisivas, nas quais os ordenamentos anteriores de pensamento e comportamento são sujeitos a revisões e críticas, e quando modos imprevistos de relações entre as pessoas se tornam possíveis e até mesmo desejáveis.¹³³

Transcorrida a experiência performático-ritual da viagem, avizinha-se um momento de fundamental importância da romaria a Bom Jesus da Lapa: a chegada ao Santuário e a permanência nele. Esta etapa da romaria é composta por inúmeros ritos, que incluem desde passar em frente à esplanada com o ônibus ou caminhão logo ao

¹³² Aldo AMEIGEIRAS, Para una hermenéutica de la peregrinación, p. 125-126.

¹³³ Victor TURNER e Edith TURNER, *Image and Pilgrimage in Christian Culture*, Oxford, Basil Blackwell, 1978, p. 2.

chegar à Lapa¹³⁴, até cumprir promessas, visitar as grutas do Santuário, subir o morro, confessar-se, participar da missa, entre outros.

Assim como nas etapas anteriores da romaria (saída e percurso), a chegada e a permanência no Santuário do Bom Jesus da Lapa são marcadas fortemente pelo canto e pela oração. Para cada ação ritual há benditos próprios, que são cantados pelos romeiros e romeiras do Bom Jesus.

Durante a saída da romaria e o percurso até a Lapa, tivemos a oportunidade de acompanhar integralmente o grupo de romeiros de Buerarema – BA. Ao chegar à cidade acompanhamos apenas os primeiros momentos da performance ritual da permanência deste grupo. Dona Jovem, a chefe da romaria, foi a primeira a descer do ônibus e adentrar na hospedaria em que ficariam todos os romeiros. Rapidamente toda a bagagem foi retirada do ônibus e, aos poucos, os romeiros foram se ajeitando nos quartos e outros espaços destinados ao repouso. Algumas breves orientações relativas à segurança e às regras para a convivência foram dadas. O que se pôde perceber é que este grupo acabou se dividindo para cumprir seus votos, visitar o Santuário, passear pela cidade. Logo no primeiro momento, alguns se juntaram para ir ao Santuário; uns com ofertas, outros ainda vestidos com a mortalha (a fim de pagar uma promessa), outros apenas para visitar. Dona Jovem e outras mulheres permaneceram na hospedaria para providenciar o almoço, prover as necessidades dos romeiros e também recolher o dinheiro referente aos dias de hospedagem. Nos outros dias em que permanecemos na Lapa pudemos encontrar os romeiros de Buerarema em diversas situações – missas, ofícios, no interior das grutas, nas ruas da cidade, no comércio, entre outros – mas nunca todos juntos.

¹³⁴ Esta é uma prática bastante comum entre os romeiros. Notamos que muitos ônibus e caminhões passam em frente à esplanada do Santuário logo na chegada à Lapa. Alguns romeiros fazem questão de pagar suas promessas ou cumprir seus votos antes mesmo de se dirigirem aos locais de hospedagem, acreditando que primeiro se deva visitar o Bom Jesus e sua mãe, Nossa Senhora da Soledade. Entretanto, este rito tem sido desencorajado pelos dirigentes do Santuário, inclusive nas pregações durante a romaria; estes aconselham os romeiros a tomar banho e trocar as roupas para visitar o Bom Jesus, uma vez que faz muito calor e há muita poeira na viagem.



Romeiros de Buerarema – BA na hospedaria

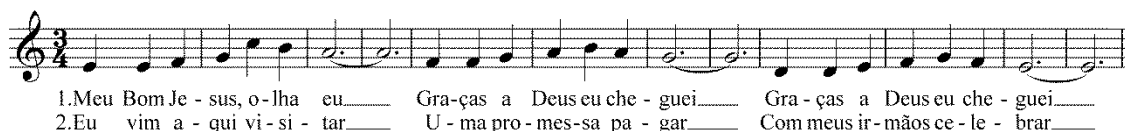
I. Benditos de chegada

Chamamos de benditos de chegada aqueles que são cantados pelos romeiros assim que adentram o Santuário do Bom Jesus da Lapa. Por meio destas canções os peregrinos se apresentam aos santos aos quais vieram visitar, agradecem pela viagem e colocam as intenções e motivações para os dias de permanência no Santuário. Esta ação ritual funciona como uma primeira aproximação às realidades transcendentais que habitam este local.

O romeiro, ao aproximar-se do sagrado, contempla-o. Persigna-se. Fala. Apresenta-se. Nomeia e reza pelos ausentes. Diz as suas precisões. Partilha a vida, se oferece. Oferta os mais variados objetos: fitas, velas, flores, retratos, cachos de cabelo, diploma, (...) maquetes de parte do corpo, o dinheiro de suas esmolas, mas, sobretudo o seu grande amor. (...) Ao encontrar-se com o santo vivo, esvazia-se. Desprende-se. Ouve. Abandona-se. Sai de si e entra no mistério.¹³⁵

O bendito “Meu Bom Jesus, olha eu”, bastante cantado pelos romeiros, é próprio deste momento de chegada. O romeiro, ao se colocar diante do Bom Jesus, suplica ao santo um simples olhar e dá graças a Deus por ter chegado:

¹³⁵ Marcelo J. S. OLIVEIRA, *Francisco: o Santo Vivo*. Fortaleza: Premium, 2010, p. 80-81.



Meu Bom Jesus, olha eu
 Graças a Deus que eu cheguei
 Graças a Deus que eu cheguei

Eu vim aqui visitar
 Uma promessa pagar
 Com meus irmãos celebrar

Na segunda estrofe, o peregrino continua seu diálogo com o santo, contando quais são suas intenções para os dias que permanecerá no Santuário: fazer uma visita, pagar uma promessa e celebrar com os irmãos.¹³⁶

Os versos, heptassílabos, são agrupados em duas estrofes de três versos cada. Na primeira estrofe o segundo verso se repete e não há rimas entre eles. Na segunda estrofe temos três versos distintos, com a terminação “ar”, própria dos verbos no infinitivo na primeira conjugação.

A melodia, em modo jônio e com subdivisão ternária, tem a singeleza das canções de ninar. É como se o romeiro, depois de enfrentar os perigos das estradas, o desconforto do ônibus ou caminhão, o sol, o calor e a poeira, se aconchegasse nos braços do Bom Jesus, pedindo, simplesmente, um olhar, um carinho. O romeiro quer ser notado, ser visto pelo santo. Na primeira frase, chama a atenção o salto de quarta justa; a melodia, que se desenvolvia por meio de graus conjuntos ao seguir o texto “Meu Bom Jesus”, ganha um salto ao acompanhar o imperativo “olha”. A segunda frase, assim como a terceira, retoma o perfil de graus conjuntos. Nota-se também que ao invocar o Bom Jesus o perfil melódico é ascendente (quatro graus conjuntos), ao passo que quando o cantor pede “olha eu” temos três graus conjuntos descendentes. Ao invocar a realidade transcendente, a melodia ascende; ao tornar presente a realidade humana, temos a descendência.

¹³⁶ Este bendito foi transmitido a nós pelo Padre Roque Silva, atual reitor do Santuário do Bom Jesus da Lapa. Ao que nos parece, há uma certa incoerência entre o último verso e o restante do poema. A simplicidade e singeleza do texto, desrespeitando inclusive a norma culta (“olha eu”), a concretude das intenções (fazer uma visita e pagar promessa) não aparenta ter relação com a expressão “com meus irmãos celebrar”. Esta última, de caráter evangelizador e catequético, é mais característica do catolicismo institucional e não da prática e do discurso do romeiro.

Outro bendito próprio da chegada ao Santuário é “Nossa Senhora, eu já sei seu nome”.¹³⁷ Este, cantado pelos romeiros diante do altar de Nossa Senhora da Soledade, retrata o exato momento em que os peregrinos se apresentam à Virgem Maria e revelam a intenção da peregrinação, qual seja, louvar o Bom Jesus da Lapa:



Nossa Senhora, eu já sei seu nome
 Nossa Senhora, eu vou dizer o meu
 Nossa Senhora, eu cheguei agora
 Eu vim louvar o filho seu

Cada verso desta quadra inicia-se com o vocativo “Nossa Senhora” e depois segue com uma fala do romeiro. Essa estrutura revela, além da proximidade entre o devoto e a santa, o diálogo existente entre os dois. O romeiro, por meio deste bendito, invoca a Mãe de Deus por três vezes, como que chamando sua atenção, e lhe explica aquilo que sabe e o que vai fazer nos dias da romaria. A melodia para o vocativo é sempre ascendente e em graus conjuntos; o restante da frase tem caráter descendente e a cada verso encontramos uma progressão: primeiro verso – si-do-ré/sol-ré-mi, segundo verso – do-ré-mi/fá-mi-ré, terceiro verso – si-do-ré/mi-ré-do, quarto verso – lá-si-do/ré-do-si. Esta pequena canção, em tonalidade maior, é cantada pelos romeiros de modo bastante animado, com acompanhamento de palmas.

No mês de agosto de 2007, tivemos a oportunidade de acompanhar alguns romeiros e romeiras de Valença – BA que visitavam o Santuário do Bom Jesus da Lapa. Diante do altar de Nossa Senhora da Soledade, os peregrinos cantavam o bendito “Nossa Senhora eu já sei seu nome”, intercalado com esta canção, bastante conhecida no terreno da cultura popular:

¹³⁷ Utilizamos o primeiro verso para nomear os benditos recolhidos durante a pesquisa de campo e cujo nome não foi explicitado pelos romeiros.



Eu dis-se flor, mi-nha flor Flor, vem cá Eu dis-se flor, mi-nha flor La - iá, la - iá, la - iá

Eu dis-se flor, mi-nha flor Flor, vem cá Eu dis-se flor, mi-nha flor La - iá, la - iá, la - iá

1. Eu dis se flor, mi nha flor Flor, vem cá Pa-ra mim a-pre-sen - tar La - iá, la - iá, la - iá
 2. Eu vou cha - mar o(a) *fu-lano(a)* Flor, vem cá Pa-ra mim a-pre-sen - tar La - iá, la - iá, la - iá
 3. Eu vou pe - dir Nos-sa Se-nhora Flor, vem cá Pa-ra mim a-pre-sen - tar La - iá, la - iá, la - iá
 4. Eu vou pe - dir ao Bom Je - sus Flor, vem cá Pa-ra mim a-pre-sen - tar La - iá, la - iá, la - iá
 5. Eu vou cha - mar to - dos ro-meiro Flor, vem cá Pa-ra se a-pre-sen - tar La - iá, la - iá, la - iá

Eu disse flor, minha flor
 Flor, vem cá
 Eu disse flor, minha flor
 Laiá, laiá, laiá

Eu disse flor, minha flor
 Flor, vem cá
 Para mim apresentar
 Laiá, laiá, laiá

Eu vou chamar o(a) *fulano(a)*
 Flor, vem cá
 Para mim apresentar
 Laiá, laiá, laiá

Eu vou pedir Nossa Senhora
 Flor, vem cá
 Para mim apresentar
 Laiá, laiá, laiá

Eu vou pedir ao Bom Jesus
 Flor, vem cá
 Para mim apresentar,
 Laiá, laiá, laiá

Eu vou chamar todos romeiro
 Flor, vem cá
 Para se apresentar
 Laiá, laiá, laiá

Com esta canção, os romeiros, um a um, eram chamados para se apresentar diante da Mãe da Soledade. A cada repetição o grupo de cantores dizia o nome de um dos romeiros, que se achegava à imagem da santa individualmente. No final, os cantores chamam todos os romeiros, para que se apresentem.

Ao observar esta ação ritual, podemos perceber a coerência dos romeiros e das suas práticas. Aqui, a palavra cantada e o local onde acontece o rito estão plenamente em conformidade e sintonia, se completam. Cantar este bendito em qualquer outro espaço do Santuário não teria tanta força simbólica quanto fazê-lo em frente à imagem de Nossa Senhora. Nota-se que não é possível dissociar a vivência do pensamento. Os romeiros, ao vivenciar este rito, o fazem ao mesmo tempo em que dão sentido à própria ação ritual e às suas vidas peregrinas.

Ao analisar este bendito, retomamos a presença da cultura bíblico-católica na vida dos romeiros.¹³⁸ Nesta canção executada na chegada ao Santuário percebemos a importância e o destaque dados ao nome, elemento bastante importante da tradição judaico-cristã.¹³⁹ Os romeiros afirmam conhecer o nome da Virgem Maria, que neste Santuário ganha o título de “Senhora da Soledade” e, ao mesmo tempo, desejam pronunciar os seus próprios nomes, um a um. Em outras palavras, os romeiros sabem o nome daquela Nossa Senhora especial, única, própria daquela localidade; não é qualquer Nossa Senhora e sim a Virgem Mãe da Soledade, do Santuário do Bom Jesus da Lapa, e eles não são quaisquer romeiros, mas se destacam, nominalmente, entre os milhares de peregrinos que a visitam durante toda a romaria.

Saber o nome de alguém denota intimidade e conhecimento em profundidade. Nominar pessoas e objetos significa conferir existência, evocar, trazer presente.¹⁴⁰ As

¹³⁸ Sobre isso já falamos anteriormente, quando pudemos identificar diversas correspondências literárias entre os textos bíblicos e as narrativas e relatos populares acerca da fundação do Santuário.

¹³⁹ Is 43,1: “Entretanto eis o que diz o Senhor que te criou, ó Jacó, e que te formou, ó Israel: Não temas, porque eu te remi, e te chamei pelo teu nome; tu és meu.”; Sl 69,29: “Sejam riscados do livro dos viventes, e não sejam inscritos com os justos.”; Lc 10,20: “Contudo não vos alegreis porque os espíritos (*maus*) vos estão sujeitos, mas alegrai-vos porque os vossos nomes estão escritos no céu.”; Ap 3,5: “Aquele que vencer será assim revestido de vestiduras brancas, e eu não apagarei o seu nome do livro da vida, e confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos sete anjos.”; Ap 20,12.15: “E vi os mortos grandes e pequenos estar de pé diante do trono; e foram abertos os livros; e foi aberto outro livro, que é o da vida; e foram julgados os mortos pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras. (...) E aquele que não se achou inscrito no livro da vida, foi lançado no tanque de fogo.”; Ap 21,27: “Não entrará nela coisa alguma contaminada, ou quem cometa abominação ou mentira, mas somente aqueles que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro.”

¹⁴⁰ Podemos ratificar esta ideia quando observamos o modo com que muitas pessoas se referem àqueles que já morreram; é bastante comum ouvirmos expressões como “finado” ou “falecido”, sem que o nome do morto seja proferido. Acredita-se que, ao chamar pelo nome, a pessoa ou seu espírito poderiam se fazer presentes. Da mesma maneira acontece com o diabo, a quem não se deve nominar. No Grande Sertão: Veredas, Guimarães se utiliza de dezenas de nomes diferentes para se referir a ele: “E as ideias instruídas do senhor me fornecem paz. Principalmente a confirmação, que me deu, de que o Tal não existe; pois é não? O Arrenegado, o Cão, o Cramulhão, o Indivíduo, o Galhardo, o Pé-de-Pato, o Sujo, o Homem, o Tisnado, o Côxo, o Temba, o Azarape, o Coisa-Ruim, o Mafarro, o Pé-Preto, o Canho, o

coisas e as pessoas existem na realidade a partir do momento em que existem no discurso. Sendo assim, para o romeiro, saber o nome do santo e, sobretudo, dizer seu nome revela a intimidade da relação que se estabelece, mas, sobretudo, faz com que cada um – santo e romeiro – passe a existir de modo bastante concreto e real na realidade do outro. Ao se tratarem pelo nome ambos estão se fazendo presentes, passam a ser realidade.

Quando se chamam nominalmente, o santo e o romeiro se tornam familiares, ficam próximos. Além disso, para o peregrino, o fato de seu nome ser conhecido pela realidade transcendente, significa a possibilidade de tê-lo escrito no livro da vida. Este relacionamento cria identidade: o romeiro se percebe único, diferente, caro ao transcendente. No meio da multidão de milhares de fieis, ele tem a certeza de que sua prece e seu pedido serão atendidos. Afinal, ele não é qualquer um; tem uma identidade, uma história e uma existência que são únicos. O santo o conhece e ele conhece o santo, se chamam pelo nome. A relação que se cria é incomparável, única. Dessa maneira, o compromisso que se estabelece é igualmente singular.



Romeiros diante do altar do Bom Jesus

Duba-Dubá, o Rapaz, o Tristonho, o Não-sei-que-diga, O-que-nunca-se-ri, o Sem Gracejos... Pois, não existe! E, se não existe, como é que se pode contratar pacto com ele?"

Além destes benditos de chegada, de cunho pessoal e intimista, há outros com caráter mais coletivo. Uma canção bastante cantada na chegada das romarias é uma adaptação do bendito de saída “É vai saindo a romaria, é vai”. Este, conhecido como “Canto de acolhida dos romeiros”, geralmente é cantado na recepção dos romeiros, nos momentos que antecedem o início das celebrações que têm como local a esplanada do Santuário (missas, novenas, ofícios, entre outros):

Lá vai chegando a romaria de paz
Lá vai chegando a romaria de amor
Senhor Bom Jesus da Lapa
É o nosso Salvador

A melodia desta canção é a mesma da analisada anteriormente. Foi feita apenas uma pequena adaptação no texto para que se tornasse adequado à ocasião da chegada das romarias ao Santuário.



Romeiros chegando para a celebração da manhã

2. O romeiro e o Bom Jesus: relação de proximidade e intimidade

Como nos apresenta Orlando Espín, a “experiência do divino” pode ser entendida como “o encontro entre um ser (ou grupo) humano e alguém que é

fortemente sentido, indubitavelmente experimentado como próximo e bom, e que (embora de maneira sucinta) dá sentido e satisfação à vida desse ser (ou grupo humano)”.¹⁴¹ Essa proximidade que produz sentido à vida dos romeiros pode ser perfeitamente percebida quando observamos o seu relacionamento com os santos cultuados no Santuário do Bom Jesus da Lapa.

Os benditos de chegada, assim como os demais, deixam transparecer a relação íntima e próxima que se estabelece entre os romeiros e os santos, principalmente o Bom Jesus da Lapa e a Mãe da Soledade, figuras de maior proeminência neste cenário. O peregrino trata o transcendente como sendo um familiar próximo, um ente querido, em quem se confia e com quem é possível trocar confidências, revelar suas mazelas, enfim, expor-se por inteiro. O modo de rezar, de pedir e de conversar revela a proximidade e a intimidade deste relacionamento, que se apresenta sem reservas, com muita liberdade, e cujas bases estão assentadas, sobretudo, no princípio do amor.

Não raras vezes os romeiros conversam com o Bom Jesus, ora em voz alta, ora em silêncio, ora cantando seus benditos. Este diálogo-monólogo face a face com o Bom Jesus, ocorrido nos limiares do lugar santo, lhe permite apresentar ao Bom Jesus sua vida com seus múltiplos desafios.¹⁴²

Também como nos aponta Marcelo Oliveira:

Os devotos possuem um modo particular de proximidade. Quando se achegam, pressentem uma pessoa, não um objeto. Comunicam-se e se apresentam. Por isso procuram não somente vê-la, acariciá-la ou beijá-la, mas falar, relacionar-se intimamente com o ser refletido nela. Assim, falam em voz alta ou em silêncio, como que dialogando com alguém que conhece suas confidências, de modo que desabafam e choram, recordam as passagens de suas vidas e corrigem equívocos entre os dois. Pedem proteção, agradecem sua existência.¹⁴³

Tamanha intimidade também é fruto da identificação do romeiro com o santo, especificamente, com o Bom Jesus. O peregrino se reconhece na figura sofredora,

¹⁴¹ Orlando ESPÍN, *A fé do povo*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 154.

¹⁴² Krzysztof DWORAK, *Meu Bom Jesus eu estou lhe escrevendo...* em busca de alguns traços de espiritualidade do romeiro a partir das cartas dirigidas ao Senhor Bom Jesus da Lapa. In: *Anais do 24º Congresso Internacional da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião – SOTER*, Belo Horizonte, 2011, p. 888.

¹⁴³ Marcelo OLIVEIRA, *Francisco: o Santo Vivo*, p. 84-85.

frágil e chagada do crucificado. Assim como o Filho de Deus, ele também tem uma face sofrida e uma história de vida marcada pela solidão, incompreensão, perda e abandono. Ao se relacionar com o santo, o romeiro se relaciona com a sua própria história. Ele se sente acolhido, reconfortado, tendo a certeza de que “o santo é tolerante e compassivo, sabe escutar, perdoar, entender. Comunicando-se mais por gestos e sinais que por palavras, não faz discurso, não condena a homens e mulheres, entende, ensina e reconcilia sarando”.¹⁴⁴

O relacionamento afetivo dos romeiros com os santos não é característico apenas do momento de chegada. Durante o tempo de permanência no Santuário, o contato afetivo e verdadeiro com a realidade transcendente ganha maior destaque. Isto se deve, por exemplo, ao fato de a viagem ter propiciado aos romeiros um tempo de preparação para o encontro com o Bom Jesus e tê-los feito mais abertos à transcendência. Também o próprio Santuário, com suas grutas de pedra, configura-se como um espaço privilegiado, um ambiente favorável ao contato com o santo:

Esta experiência é vivenciada de várias maneiras ao longo de todo o percurso de romaria. Mas ela encontra o seu momento culminante nas experiências vivenciadas no extraordinário ambiente lítico da Gruta do Bom Jesus. Ao entrar no limiar do Santuário o peregrino sente-se cativado, em primeiro momento, pela grandiosidade e beleza do encantador Morro, que serve de casa ao Bom Jesus. Aqui, o romeiro passa pela experiência de entrar num outro espaço, numa outra realidade, num paraíso modelado pelas mãos do Criador, onde as categorias do cotidiano, do tempo e do espaço se transformam e se transfiguram.¹⁴⁵

Apesar de haver momentos e situações marcantes, em que estas relações se estreitam e se aprofundam, a intimidade com o Bom Jesus e a proximidade e a confiança nele permeiam toda a vida de fé dos romeiros e romeiras.

¹⁴⁴ Fernando Torres LONDOÑO, As devoções e o ser religioso do Brasil. In: *Tempo – Presença*, março/abril/2000, p. 20.

¹⁴⁵ Krzysztof DWORAK, Meu Bom Jesus eu estou lhe escrevendo..., p. 883.



Romeira abraçando a imagem de Jesus na esplanada



Romeira conversando com Jesus na esplanada

3. Ritos e benditos de permanência

Para descrever alguns dos ritos de permanência celebrados pelos romeiros do Bom Jesus da Lapa, retomamos as ideias de Durkheim e Eliade apresentadas anteriormente quando tratamos dos ritos e benditos de viagem. Estes autores assinalam que os ritos têm a função de manter a vitalidade dos mitos, impedindo, assim, que estes se apaguem da memória das pessoas. Através dos ritos pode-se recordar daquilo que se passou *in illo tempore*. Em outras palavras, podemos dizer que por meio dos ritos, é possível trazer presente acontecimentos primordiais. Além disso, os mitos também são capazes de revivificar os elementos essenciais da consciência

coletiva. É através deles que o grupo, neste caso os romeiros e peregrinos do Bom Jesus, se reafirmam enquanto seres sociais, dotados de uma identidade própria, a qual está intimamente associada à identidade do santo. Como nos aponta Steil:

Através da romaria para a Lapa, pode-se dizer que os romeiros realizam uma *performance* espacial de algumas concepções fundamentais que compõem a sua cultura e que são, de algum modo, englobadas pelo drama do Bom Jesus. O ato da peregrinação está efetivamente marcado por uma visão de sacrifício, associada ao sacrifício do Bom Jesus, de forma que cada romaria significa, em menor escala, uma repetição do sacrifício da cruz.¹⁴⁶

Percebemos esta identificação não só entre os romeiros do Bom Jesus da Lapa, mas também em outras tantas romarias do país. Em Canindé – CE, por exemplo, os romeiros comumente se identificam e se veem na figura de São Francisco das Chagas, que é denominado pelos romeiros de Santo Vivo:

O Santo Vivo é uma expressão utilizada pelos romeiros para a autocomunicação, na tentativa de recriarem suas vidas no Sagrado. Para os romeiros São Francisco das Chagas é o Santo vivo. Quanto mais os devotos se aproximam do Santo vivo, mais deixam transparecer quem são.¹⁴⁷

Podemos dizer também que os ritos de permanência, assim como toda a *performance* da romaria, criam identidade e contribuem para a produção de sentido. Ao mesmo tempo em que estão vivendo e celebrando os ritos, os romeiros estão dando sentido para suas vidas. É através desta vivência, que não é apenas espiritual, mas passa também pela experiência corporal e vocal, que os peregrinos atualizam a própria história, identificam-se com a realidade transcendente e renovam as forças necessárias para seguir lutando. Dessa maneira, podemos dizer que

Os devotos depositam no santuário suas vidas fragmentadas. (...) No santuário renovam-se e encontram amparo para a fadiga, a desilusão. (...) Lá sentem a presença do mistério que os faz vagar por um caminho desconhecido, o mundo interior que os deixa felizes, pelo menos nesse período. Eles tornam-se peregrinos da própria

¹⁴⁶ Carlos Alberto STEIL, *O sertão das romarias – um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 110.

¹⁴⁷ Ênio José da Costa BRITO, Prefácio à terceira edição: O Santo vivo expressão de memória e identidade dos peregrinos. In: Marcelo OLIVEIRA, *Francisco: o Santo Vivo*, p. 16.

identidade, fugindo dos mortais que deles se utilizaram, identificando-se com o santo redivivo e cultuado no santuário, num espaço e tempo não marcados pelo cronômetro, mas percebido pela intensidade vivida.¹⁴⁸

Os rituais podem ser vistos, igualmente, como um sistema cultural de comunicação simbólica. Por meio das práticas rituais da romaria, os peregrinos “comunicam-se com o sagrado sem atrelar-se aos decretos eclesiásticos, (...) procurando compreender a mensagem simbólica do relacionamento afetivo”.¹⁴⁹ Constituídos de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e/ou atos, os ritos podem ser expressos por múltiplos meios.

Embora nos debruçemos, neste momento, apenas sobre alguns dos rituais praticados pelos romeiros durante os dias em que passam na Lapa do Bom Jesus é preciso reafirmar a ideia de que toda a romaria deve ser vista como uma prática ritual, na qual cada rito tem sua importância, seu significado, suas peculiaridades e especificidades.

A riqueza e multiplicidade de ritos celebrados pelos romeiros durante a sua permanência no Santuário do Bom Jesus é enorme. Não teríamos condições, neste trabalho, de listar e analisar todos eles. Sendo assim, nos propomos a apresentar alguns dos mais importantes, tais como as visitas ao Bom Jesus e à Nossa Senhora da Soledade, bem como aos outros santos e grutas do Santuário, o pagamento das promessas e o cumprimento de algum voto, a participação nos sacramentos (principalmente a missa e a confissão), assim como nas demais ações litúrgicas (ofícios, novenas e procissões), a subida do morro, com a pedra do sino, o acender das velas e os fogos de artifício, entre outros.

Toda a performance ritual própria dos dias da romaria, além de praticada pelos fieis devotos, é também descrita nos benditos cantados pelos romeiros e romeiras em diversos momentos. Quando tratamos da viagem, apresentamos o bendito “Somos romeiros de longe”, que descreve visualmente o Santuário, com suas estátuas, imagens, pedras e ex-votos.

¹⁴⁸ Marcelo OLIVEIRA, *Francisco: o Santo Vivo*, Fortaleza: Premius, 2010, p. 54.

¹⁴⁹ Marcelo OLIVEIRA, *Francisco: o Santo Vivo*, p. 31.

Para falarmos dos ritos de permanência, apresentamos o texto do bendito “Despedida dos romeiros do Bom Jesus da Lapa”, de Minelvino Francisco Silva.¹⁵⁰ Este poema, em primeira pessoa, enumera toda a atividade peregrina do romeiro durante os dias no Santuário:

Senhor Bom Jesus da Lapa
Dai-me calma, paz e luz
Que agora vou embora
Adeus, adeus, Bom Jesus

Pra cumprir minha promessa
De joelho me dispus
E entrei na santa igreja
Adeus, adeus, Bom Jesus

Visitei Senhor dos Passos
De joelhos com a cruz
E agora vou embora
Adeus, adeus, Bom Jesus

Visitei Nossa Senhora
Que pra o céu nos conduz
E agora vou embora
Adeus, adeus, Bom Jesus

Já confessei meus pecados
Jamais ninguém me conduz
Já tomei a santa hóstia
Adeus, adeus, Bom Jesus

Já subi o lindo morro
Onde tem a Santa Cruz
Já rezei na capelinha
Adeus, adeus, Bom Jesus

Bati na pedra do sino
Bem pertinho da santa cruz
Visitei meu São Francisco
Adeus, adeus, Bom Jesus

Senhor Bom Jesus da Lapa
Mandai um anjo de luz
Pra acompanhar meus romeiros
Para sempre, amém, Jesus

¹⁵⁰ Apresentaremos a partitura deste bendito quando falarmos dos benditos de saída. Neste momento nos interessa a descrição que o poeta faz de muitos ritos que compõe a performance própria da permanência do romeiro no Santuário do Bom Jesus da Lapa.

Salientamos que neste momento nossa análise se concentra nos ritos performáticos que têm como suporte principal a música, ou seja, os benditos de romaria cantados pelos peregrinos durante sua permanência no Santuário.

3.1. “Pra visitar o Bom Jesus”

Visitar o Santuário talvez seja uma das principais motivações dos romeiros quando se dispõem a percorrer o caminho até a Lapa. Este é um rito bastante importante no período de permanência e inclui, além da visita ao Bom Jesus e a Nossa Senhora da Soledade, a visita aos outros santos e grutas, que compõem o conjunto arquitetônico do Santuário.

Na gruta do Bom Jesus, além do altar principal que abriga o Crucificado e as imagens do Sagrado Coração de Jesus e Imaculado Coração de Maria (situadas nos altares laterais), diversas imagens, altares e pequenas grutas são usualmente visitadas pelos romeiros. São estas: altar do Senhor dos Passos e Nossa Senhora da Piedade, Ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Imagem de São Francisco, Cova do Monge (Frei Francisco da Soledade), Cova da Onça, Capela de Nossa Senhora Aparecida (antiga Cova da Serpente), Capela do Santíssimo e Capela do Batismo (com o Espírito Santo).



Gruta do Bom Jesus (visão a partir do altar)

Outro lugar igualmente importante é a gruta de Nossa Senhora da Soledade, bastante visitada pelos romeiros. A entrada desta gruta situa-se à esquerda do altar do Bom Jesus. No corredor que liga as duas grutas (parte exterior da Cova do Monge) é muito comum encontrar os romeiros em busca da chamada “água dos milagres”,¹⁵¹ que escorre pelas paredes rochosas. Também notamos os romeiros espreitando pelas frestas das pedras. Alguns afirmam que é possível ver o Bom Jesus nestas fendas.

A gruta da Soledade é o maior espaço celebrativo no interior do Santuário, no qual se reúnem os romeiros para as missas, ofícios de bênçãos, entre outras celebrações. Além do altar de Nossa Senhora da Soledade é através desta gruta que os romeiros acessam outros espaços do Santuário tais como a gruta de Santa Luzia, a gruta de São Geraldo, a sala dos milagres, entre outros. Também é na gruta de Nossa Senhora da Soledade que se encontra a imagem do Cristo morto.



Gruta de Nossa Senhora da Soledade

Além destas duas grutas principais – Bom Jesus e Soledade – os romeiros costumam visitar as grutas menores que ficam no interior do Santuário propriamente

¹⁵¹ Apesar de muitos romeiros acreditarem no poder milagroso desta água, os dirigentes do Santuário insistem em contestar esta crença: “A água encontrada nas grutas não sai de modo milagroso nem possui qualidades milagrosas. É água das chuvas, depositada e canalizada nos reservatórios naturais, escoando-se a modo de goteiras até nos longos meses de estiagem” (Guia de Peregrinos e Turistas, Bom Jesus da Lapa: Gráfica Bom Jesus, 2003, p. 45)

dito e as outras grutas, nos arredores do morro, cujo acesso se dá pelas ruas centrais da cidade (Gruta do Belém, da Ressurreição, dos Santos Mártires, entre outras).

Nos tempos de romaria, quando o fluxo de romeiros é maior, os locais de culto extrapolam o espaço do Santuário, das grutas e da esplanada, ou seja, o “palco” da performance ritual se amplia. Assim, toda a cidade passa a ser objeto de visitaço por parte dos peregrinos.

Nos últimos anos, por conta no número crescente de romeiros, os dirigentes do Santuário têm procurado oferecer celebrações litúrgicas em outras igrejas e capelas da cidade, como por exemplo, a Igreja de Santa Luzia, localizada junto ao cemitério, e a Igreja do Bom Jesus dos Navegantes, próxima à margem do rio São Francisco. Isso faz com que haja maior participação dos romeiros nas missas e ofícios, principalmente no período vespertino. Nestes outros espaços os romeiros podem se acomodar com maior conforto, já que o calor, via de regra, é bastante intenso em Bom Jesus da Lapa durante todo o ano.

Em se tratando dos benditos cantados pelos romeiros, além daqueles próprios da chegada, entoados no momento em que se apresentam aos santos, os romeiros costumam cantar outros em honra aos santos que habitam as diversas grutas do Santuário. Como exemplo, apresentamos alguns benditos que recolhemos durante as pesquisas de campo.

O bendito “Meu Bom Jesus, meu Redentor”, recolhido por nós em 2007, foi cantado por romeiros de Itamaraju – BA ao visitar a Imagem do Bom Jesus da Lapa:



1. Meu Bom Je - sus, meu Re-den - tor Meu co - ra - ção par - ti-do em
dor Meu co - ra - ção par - ti-do em dor Ai, Je - sus

2. Eu a - mo ver San - ta Ve-rônica Ar-re - cos - ta - da num ca - valo
3. E cho-ran - do pe - lo seu fi - lho Que mor - reu cun - ci - fi - cado
4. E cun - ci - fi - ca - do na cruz E já mor - reu meu Bom Je - sus
5. To - do fe - rido, to - do en - san - gren tado Mor - ren do a sede ao de - sem - par
6. Aos pés da cruz eu que-ro es - tar Pa - ra com vós eu me a - pe - gar
7. Nos pés da cruz to - do e u - nida Que-ro mor - rer, que - ro ter vida
8. E o - fe - re - ço es - te ben - dito E ao Se - nhor que es - tá na cruz
9. E in - ten - ção do Bom Je - sus E pa - ra sem - pre, a - mém, Je - sus

2. Ar - re - cos - ta - da num ca - valo Ai, Je - sus
3. Que mor - reu cun - ci - fi - cado Ai, Je - sus
4. E já es - tá meu Bom Je - sus Ai, Je - sus
5. Mor - ren do ao sede ao de - sem - par Ai, Je - sus
6. Pa - ra com vós eu me a - pe - gar Ai, Je - sus
7. Que - ro mor - rer, que - ro ter vida Ai, Je - sus
8. E ao Se - nhor que es - tá na cruz Ai, Je - sus
9. E pa - ra sem - pre, a - mém, Je - sus Ai, Je - sus

Meu Bom Jesus, meu Redentor
Meu coração partido em dor
Meu coração partido em dor
Ai, Jesus

Eu amo ver Santa Verônica
Arrecoitada num cavalo
Arrecoitada num cavalo
Ai, Jesus

E chorando ver o seu filho
Que morreu cuncificado
Que morreu cuncificado
Ai, Jesus

E cuncificado na cruz
E já morreu meu Bom Jesus
E já está meu Bom Jesus
Ai, Jesus

Todo ferido, todo ensangrentado¹⁵²
 Morrendo, a sede ao desempar¹⁵³
 Morrendo, a sede ao desempar
 Ai, Jesus

Aos pés da cruz eu quero estar
 Para com vós eu me apegar
 Para com vós eu me apegar
 Ai, Jesus

Nos pés da cruz todo em unida
 Quero morrer, quero ter vida
 Quero morrer, quero ter vida
 Ai, Jesus

E ofereço este bendito
 E ao Senhor que está na cruz
 E ao Senhor que está na cruz
 Ai, Jesus

E intenção do Bom Jesus
 E para sempre, amém, Jesus
 E para sempre, amém, Jesus
 Ai, Jesus

O bendito, composto em modo jônio, tem a maioria dos seus versos com oito sílabas. Organizados em quadras, os versos dois e três se repetem. O quarto verso – “Ai, Jesus” – se repete em todas as estrofes. É como se diante do sofrimento da cruz, o romeiro não tivesse mais forças para cantar e apenas suspirasse o nome de Jesus. O primeiro verso está construído predominantemente por saltos, que perfazem a tríade de mi bemol. O perfil melódico do segundo verso é composto por graus conjuntos descendentes e ascendentes. O terceiro verso tem a mesma melodia do primeiro, com saltos. O quarto verso está assentado sobre duas notas – fá-mib. O cantor, depois de cantar diversos saltos (ascendentes e descendentes) e graus conjuntos, repousa no mib, primeiro grau da escala. No registro de campo que fizemos, a primeira estrofe tem função de refrão, e é cantada a mais de uma voz. A melodia principal, cantada por mulheres, é acompanhada por uma segunda voz, uma terça acima (também entoada por voz feminina). O coro masculino faz a terceira voz, cujo desenho melódico é

¹⁵² Neste bendito, as palavras “arrecostada” (recostada), “cuncificado” (crucificado) e “ensangrentado” (ensanguentado) foram registradas da maneira como entoadas pelos romeiros.

¹⁵³ De acordo com o dicionário Houaiss, o verbo desempar significa “tirar as empas (estacas) que sustentam as videiras”. Este verso parece nos remeter ao texto de João, 19,30: “E Jesus, tendo tomado o vinagre, disse: Tudo está consumado. E, inclinando a cabeça, rendeu o espírito.” Ao entregar o espírito, as estacas que sustentavam a videira, foram retiradas.

paralelo à voz principal, uma sexta abaixo. Nas outras estrofes apenas o coro feminino participa, em uníssono.

Com relação ao texto, interessante perceber que o Cristo, neste bendito, é invocado sob diversos títulos: “Meu Bom Jesus”, “Meu Redentor”, “Filho”, “Jesus” e “Senhor”. Ao mesmo tempo em que o cantor se coloca próximo ao santo, íntimo, chamando-o de seu, também o reconhece como o filho de Maria, como o Redentor. Apesar de a canção não começar com a fórmula “Bendito e louvado seja”, que é própria deste gênero, o oferecimento, aparece nos dois últimos versos, ambos dirigidos a Jesus Cristo.

Esta canção, entoada diante do altar do Bom Jesus, retrata o acontecimento do Calvário. É como se os romeiros, ao cantar o bendito, se colocassem junto aos pés da cruz de Jesus, com seus corações partidos pela dor de ver o Filho de Deus crucificado, sofrendor. Como já dissemos anteriormente, este bendito traz presente aquilo que aconteceu *in illo tempore*, ou seja, “naquele tempo”. Dessa maneira, o acontecimento primordial, qual seja a morte de Jesus, faz-se contemporâneo dos romeiros, de suas vidas, de seus dramas e sofrimentos. Também Verônica, aquela que teria enxugado o rosto de Cristo na *via crucis*, e Maria, mãe de Jesus, são retratadas neste bendito. Ao lado destas mulheres os peregrinos se colocam, choram e sofrem com o drama da Paixão.¹⁵⁴

O conteúdo deste bendito se aproxima muito da Sequência¹⁵⁵ de Nossa Senhora das Dores, *Stabat Mater*,¹⁵⁶ hino composto provavelmente no século XIII que retrata as dores de Maria aos pés da cruz.

¹⁵⁴ O teólogo alemão Gerd Theissen, ao tratar da religião como um sistema religioso de sinais, diz que tal sistema se caracteriza pela combinação de três formas de expressão: mito, rito e ethos. Com relação ao mito, ele afirma que “na tradição bíblica, (...) o mito das ações fundamentais de Deus foi estendido por toda a história até o presente, tornou-se uma narrativa histórico-salvífica que também engloba a história” (Gerd THEISSEN, *A religião dos primeiros cristãos – uma teoria do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 15).

¹⁵⁵ “A sequência é um canto em poesia ou prosa ritmada que segue o canto da leitura precedente ao evangelho em alguma solenidade” (Domenico SARTORE e Achille TRIACCA (org.), *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992, p. 1276). Também “pode ser definida como uma peça de canto sacro, extensa e de grande âmbito, com texto latino, que é musicada silabicamente” (Stanley SADIE, *Dicionário Grove de Música*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 853-854). Alguns relacionam este tipo de composição ao canto do Aleluia, geralmente melismático. Para estes, a princípio, os textos das sequências teriam sido introduzidos a fim de facilitar a memorização dos melismas do Aleluia. Aos poucos estes cantos sacros se tornaram composições autônomas. O missal de São Pio V conservou apenas quatro delas – *Victimae Paschali Laudes*, para o Domingo de Páscoa, *Lauda Sion*, para a festa de Corpus Christi, *Veni Sancte Spiritus*, para a solenidade de Pentecostes e *Dies Irae*, para as missas dos fiéis defuntos. Em 1727 a

Além dos louvores dirigidos ao Bom Jesus, os benditos cantados aos santos também são bastante comuns durante as visitas ao Santuário. Como exemplo deste gênero, apresentamos os benditos de Santa Luzia, de Santo Antônio¹⁵⁷ e São Sebastião, santos de devoção dos romeiros e muito lembrados não apenas na romaria, mas também durante todo o ano, em suas casas e comunidades.

O louvor a Santa Luzia foi por nós recolhido na gruta de mesmo nome, no ano 2007, no interior do Santuário.

sequência *Stabat Mater* passa a integrar o Missal Romano, destinada à festa de Nossa Senhora das Dores. Atualmente, depois do Concílio Vaticano II, permanecem quatro sequências: *Victimae Paschali Laudes*, *Lauda Sion*, *Veni Sancte Spiritus* e *Stabat Mater*.

¹⁵⁶ Apresentamos apenas algumas estrofes da sequência *Stabat Mater*, as quais se ligam diretamente ao conteúdo do bendito “Meu Bom Jesus, meu redentor” (versão segundo *MISSAL COTIDIANO - missal da assembléia cristã*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 1534-1535):

De pé a Mãe dolorosa,
Junto da cruz, lacrimosa,
Via o Filho que pendia.

Oh! Quão triste e quão aflita,
Entre todas, Mãe bendita,
Que só tinha aquele Filho.

Quem não chora, vendo isto:
Contemplando a Mãe do Cristo
Num suplício tão enorme?

Faze, ó Mãe, fonte de amor,
Que eu sinta o espinho da dor,
Para contigo chorar.

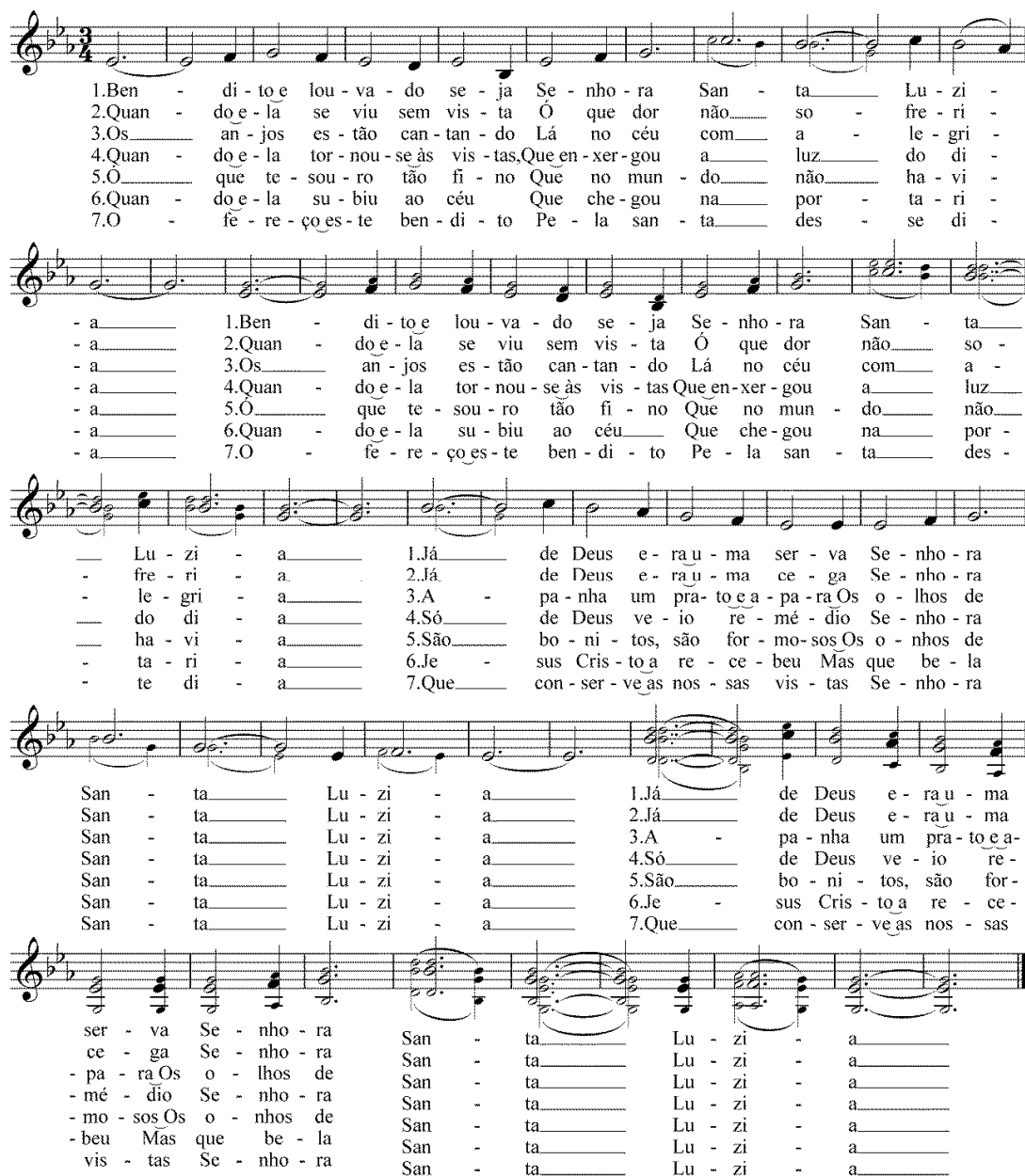
Ó santa Mãe dá-me isto:
Trazer as chagas do Cristo
Gravadas no coração.

Oh! Dá-me, enquanto viver,
Com Cristo compadecer,
Chorando sempre contigo.

Junto à cruz eu quero estar,
Quero o meu pranto juntar
Às lágrimas que derramas.

Quando o meu corpo morrer,
Possas a alma merecer
Do Reino celeste a glória!
Amém. (Aleluia)

¹⁵⁷ Tanto o bendito de Santa Luzia quanto o de Santo Antônio constam no livro “Abra a Porta – Cartilha do Povo de Deus”. Esta publicação, bastante popular entre os romeiros da Bahia e, principalmente, do Norte de Minas Gerais, originou-se, na Diocese de Araçuaí – MG, em 1978, e tem como destinatário as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). O texto é dividido em três partes: a primeira traz temas para a formação catequética, indicações para grupos de reflexão, estudos em família, entre outros; a segunda conta com cantos e orações diversas; e a terceira traz regras para bem viver a vida cristã. Até hoje muitos romeiros usam este texto para auxiliar nas orações durante a romaria à Lapa.



1. Ben - di - to e lou - va - do se - ja Se - nho - ra San - ta Lu - zi -
 2. Quan - do e - la se viu sem vis - ta Ó que dor não so - fre - ri -
 3. Os an - jos es - tão can - tan - do Lá no céu com a - le - gri -
 4. Quan - do e - la tor - nou - se às vis - tas, Que en - xer - gou a luz do di -
 5. Ó que te - sou - ro tão fi - no Que no mun - do não ha - vi -
 6. Quan - do e - la su - biu ao céu Que che - gou na por - ta - ri -
 7. O - fe - re - ço es - te ben - di - to Pe - la san - ta des -

- a 1. Ben - di - to e lou - va - do se - ja Se - nho - ra San - ta
 - a 2. Quan - do e - la se viu sem vis - ta Ó que dor não so -
 - a 3. Os an - jos es - tão can - tan - do Lá no céu com a -
 - a 4. Quan - do e - la tor - nou - se às vis - tas, Que en - xer - gou a luz
 - a 5. Ó que te - sou - ro tão fi - no Que no mun - do não
 - a 6. Quan - do e - la su - biu ao céu Que che - gou na por -
 - a 7. O - fe - re - ço es - te ben - di - to Pe - la san - ta des -

Lu - zi - a 1. Já de Deus e - ra u - ma ser - va Se - nho - ra
 - fre - ri - a 2. Já de Deus e - ra u - ma ce - ga Se - nho - ra
 - le - gri - a 3. A pa - nha um pra - to e a pa - ra Os o - lhos de
 do di - a 4. Só de Deus ve - io re - mé - dio Se - nho - ra
 ha - vi - a 5. São bo - ni - tos, são for - mo - sos Os o - nhos de
 ta - ri - a 6. Je - sus Cris - to a re - ce - beu Mas que be - la
 te di - a 7. Que con - ser - ve as nos - sas vis - tas Se - nho - ra

San - ta Lu - zi - a 1. Já de Deus e - ra u - ma
 San - ta Lu - zi - a 2. Já de Deus e - ra u - ma
 San - ta Lu - zi - a 3. A pa - nha um pra - to e a
 San - ta Lu - zi - a 4. Só de Deus ve - io re -
 San - ta Lu - zi - a 5. São bo - ni - tos, são for -
 San - ta Lu - zi - a 6. Je - sus Cris - to a re - ce -
 San - ta Lu - zi - a 7. Que con - ser - ve as nos - sas

ser - va Se - nho - ra San - ta Lu - zi - a
 ce - ga Se - nho - ra San - ta Lu - zi - a
 - pa - ra Os o - lhos de San - ta Lu - zi - a
 - mé - dio Se - nho - ra San - ta Lu - zi - a
 - mo - sos Os o - nhos de San - ta Lu - zi - a
 - beu Mas que be - la San - ta Lu - zi - a
 vis - tas Se - nho - ra San - ta Lu - zi - a

Bendito e louvado seja
 Senhora Santa Luzia
 Já de Deus era uma serva
 Senhora Santa Luzia

Quando ela se viu sem vista
 Ó que dor não sofreria
 Já de Deus era uma cega
 Senhora Santa Luzia

Os anjos estão cantando
 Lá no céu com alegria
 Apanha um prato e ampara
 Os olhos de Santa Luzia

Quando ela tornou-se às vistas
 Que enxergou a luz do dia
 Só de Deus veio o remédio
 Senhora Santa Luzia

Ó que tesouro tão fino
 Que no mundo não havia
 São bonitos, são formosos
 Os olhos de Santa Luzia

Quando ela subiu ao céu
 Que chegou na portaria
 Jesus Cristo a recebeu mais que bela
 (Senhora) Santa Luzia

Ofereço este bendito
 Pela santa deste dia
 Que conserve as nossas vistas
 Senhora Santa Luzia

Este bendito tem a estrutura típica que dá nome ao gênero, ou seja, inicia-se com a fórmula “bendito e louvado seja” e termina com o verso “ofereço este bendito”. Interessante notar que o oferecimento, em geral dirigido a Jesus Cristo, neste bendito está endereçado à própria Santa Luzia. As estrofes são organizadas em grupos de quatro versos heptassílabos, salvo algumas poucas exceções.

Neste bendito, os romeiros cantam a história de Santa Luzia, que recuperou a vista por graça de Deus, e tornou-se a padroeira da visão. Interessante notar que Santa Luzia, neste bendito é reconhecida não só como “serva de Deus”, mas também como “cega de Deus”. Pode parecer um trocadilho, pela proximidade sonora das palavras, mas também é uma maneira de reconhecer que até mesmo a cegueira, reconhecida como deficiência ou desgraça, pode ter sido plano de Deus para a vida de Santa Luzia.

A melodia deste bendito, construída em modo jônio, utiliza-se, basicamente, de graus conjuntos. O final do último verso de cada estrofe, que nomeia a santa a quem o bendito é dirigido está calcado sobre a tríade descendente de mib maior (sib-sol-mib), ou seja, somente há saltos quando há referência à Santa Luzia. Este procedimento enfatiza de modo especial o nome da santa.

Com relação aos procedimentos interpretativos, podemos perceber que os versos são repetidos, de dois em dois. Na primeira vez, a melodia do primeiro e segundo versos é cantada por um solista, que “puxa” o bendito; estes versos, na quando da repetição, é entoado pelo coro, mas desta vez a duas vozes, separadas por

um intervalo de terça. A mesma situação ocorre ao se cantar o terceiro e quarto versos. Entretanto, na repetição destes últimos, o grupo introduz uma terceira voz, que no caso deste registro de campo foi cantada pelos homens. Esta melodia acompanha, em intervalo de oitava, a segunda voz que já havia aparecido nos dois primeiros versos. Dessa maneira, à voz principal juntam-se outras duas vozes: a segunda, entoada uma terça acima pelo coro feminino e a terceira, executada pelo coro masculino uma sexta abaixo. Assim, temos três vozes paralelas cantando a mesma melodia. Este procedimento é conhecido como *fauxbourdon* ou falsobordão.¹⁵⁸

Ainda com relação ao texto podemos observar uma organização no que diz respeito às estrofes. Estas são em número de sete e têm como eixo articulador a de número quatro que conta especificamente o milagre divino que fez com que Luzia voltasse a enxergar. A primeira estrofe relaciona-se diretamente à última (“Bendito e louvado seja” – “Ofereço este bendito”), binômio que caracteriza o gênero; a segunda estrofe está ligada à sexta (“Quando ela se viu sem vista” – “Quando ela subiu ao céu”); e a terceira faz par com a quinta estrofe (“Os anjos estão cantando” – “Oh que tesouro tão fino”). Também as finalizações das estrofes têm esta interconexão: primeira e última, segunda e sexta, quarta – “Senhora Santa Luzia”; terceira e quinta estrofes – “Os olhos de Santa Luzia”. A este tipo de procedimento retórico chamamos quiasma.

Outro bendito recolhido durante as pesquisas de campo no Santuário do Bom Jesus da Lapa é o bendito de Santo Antônio, figura bastante conhecida e cultuada no catolicismo popular brasileiro.

¹⁵⁸ “Técnica, tanto de canto improvisado quanto de notação abreviada, particularmente associada à música sacra do século XV. O termo foi aplicado a certas obras, ou seções de obras, aparentemente em duas partes, em geral, com um cantochão elaborado na parte superior. As duas partes escritas baseiam-se numa estrutura de 6^{as} e 8^{as}, à qual podiam ser acrescentadas uma terceira parte e até mesmo uma quarta, seguindo-se fórmulas estritas. (...) Como método de improvisação o *fauxbourdon* funcionava como um simples meio de harmonizar um cantochão (Stanley SADIE, *Dicionário Grove de Música*, p. 315). Este mesmo procedimento apareceu no bendito “Meu Bom Jesus, meu Redentor”, analisado anteriormente.

1. Ó meu pa - dre San - to An - tô - nio San - to de gran - de va - lor

Le - vai mi - nha al - ma pra gló - ria, meu Je - sus Quan - do des - te mun - do eu for

2. Ó meu pa - dre San - to An - tô - nio San - to de gran - de va - lia
 3. Na - que - la tre - men - da ho - ra Que meu Je - sus pa - de - ceu
 4. Co - mo não te - me - rei eu que so - mos gran - des pe - ca - dor?

2. Le - vai mi - nha al - ma pra gló - ria meu Je - sus On - de es - tá a Vir gem Ma - ria
 3. Quan - do e - le te - meu a mor - te, meu Je - sus Co - mo não te - me - rei eu?
 4. Con - fes - sais a mi - nha al - ma, meu Je - sus quan - do des - te mun - do eu for

Ó meu padre Santo Antônio
 Santo de grande valor
 Levai minha alma pra glória, meu Jesus
 Quando deste mundo eu for

Ó meu padre Santo Antônio
 Santo de grande valia
 Levai minha alma pra glória, meu Jesus
 Onde está a Virgem Maria

Naquela tremenda hora
 Que meu Jesus padeceu
 Quando ele temeu a morte, meu Jesus
 Como não temerei eu?

Como não temerei eu
 Que somos grandes pecador?
 Confessais a minha alma, meu Jesus
 Quando deste mundo eu for¹⁵⁹

Neste bendito, a primeira estrofe tem a função de refrão, ou seja, é repetida, intercalando-se as outras estrofes. Composta em tonalidade maior, esta melodia é

¹⁵⁹ Na cartilha “Abra a Porta”, este bendito de Santo Antônio possui mais dois versos, que nas gravações de campo não apareceram com clareza. Os versos, primeiro e último, são:

Ó meu padre Santo Antônio, santo de grande louvor
 Na hora da minha morte, meu Jesus, vós sereis meu confessor.

Quando eu deste mundo for, os anjos irão também
 Levar na eterna glória, meu Jesus, para todo sempre, amém.

construída por graus conjuntos e saltos de terça. No início de cada estrofe há um salto de sexta, como que anunciando o início da seção. O grupo de romeiros que nos transmitiu este bendito o entoou a duas vozes. Na primeira estrofe, as mulheres cantavam em terças paralelas e nas demais os homens participavam, entoando a segunda voz, construída em sextas paralelas.

O bendito de São Sebastião, recolhido durante as pesquisas de campo na romaria de 2011, foi cantado por um grupo de romeiras de Salto da Divisa – MG. A comunidade de origens destas peregrinas tem como padroeiro o mesmo santo:

1. Ó gran - de Se - bas - ti - ão San - to már - tir glo - ri - oso
 2. Deus vos sal - ve ca - sa santa On - de Deus fez a mo - rada
 3. Deus vos sal - ve cruz ben - dita On - de Deus pôs a luz
 4. Ó Se - bas - ti - ão ben - dito Ro - ga por mim pe - ca - dor
 5. A - jo - e - lha po - vo todo Pra Je - sus a - ben - ço - ar
 6. Pe - ca - dor a - go - ra é tempo De con - tri - ção e de a - mor

1. Li - vra - nos da pes - te, fo - me, guer - ra E dos mal con - ta - gi - oso
 2. On - de mo - ra o cá - lix ben - to E a hós - tia con - sa - grada
 3. Es - tá com os bra - ços a - ber - tos Pra re - mir - nos Bom Je - sus
 4. Pa - ra que dos meus pe - ca - dos Eu sin - ta pro - fun - da dor
 5. Va - mos fa - zer pe - ni - tên - cia Pra nos - sas al - mas sal - var
 6. Dei - xa o mundo e a - ma a Deus Que não se - ja pe - ca - dor

1. Li - vra - nos da pes - te, fo - me, guer - ra E dos mal con - ta - gi - oso
 2. On - de mo - ra o cá - lix ben - to E a hós - tia con - sa - grada
 3. Es - tá com os bra - ços a - ber - tos Pra re - mir - nos Bom Je - sus
 4. Pa - ra que dos meus pe - ca - dos Eu sin - ta pro - fun - da dor
 5. Va - mos fa - zer pe - ni - tên - cia Pra nos - sas al - mas sal - var
 6. Dei - xa o mundo e a - ma a Deus Que não se - ja pe - ca - dor

Ó grande Sebastião
 Santo mártir glorioso
 Livrai-nos da peste, fome, guerra
 E dos mal contagioso

Deus vos salve casa santa
 Onde Deus fez a morada
 Onde mora o cálix bento
 E a hóstia consagrada

Deus vos salve cruz bendita
 Onde Deus pôs a luz
 Está com os braços abertos
 Pra remi-nos Bom Jesus

Ó Sebastião bendito
 Roga por mim pecador
 Para que dos meus pecados
 Eu sinta profunda dor

Ajoelha povo todo
 Pra Jesus abençoar
 Vamos fazer penitência
 Pra nossas almas salvar

Pecador agora é tempo
 De contrição e de amor
 Deixa o mundo e ama a Deus
 Que não seja pecador

O que chama a atenção no texto deste bendito é o fato de alguns trechos serem partes de outros cantos oriundos do terreno do catolicismo popular. A segunda estrofe do bendito, por exemplo, é a citação literal do “Calix Bento”, canção amplamente cantada pelos romeiros e romeiras do Bom Jesus durante a peregrinação. Também a última estrofe cita outra canção popular do tempo quaresmal:

Pecador agora é tempo
 De pesar e de temor
 Serve a Deus, despreza o mundo
 Já não sejas pecador

Encontramos este tipo de repertório dedicado aos santos também em outras grutas do Santuário. Na Gruta do Belém, por exemplo, encontramos muitos grupos de foliões cantando seus reisados, prestando homenagem, cumprindo seus votos e promessas aos reis magos e ao menino Jesus no presépio. Como ex-votos, nesta gruta, encontramos fitas, bandeiras, terços, tecidos pintados com representações do presépio, entre outros.



Romeiros na Gruta do Belém

Estes são apenas alguns exemplos deste tipo de prática musical durante a visita aos santos e às grutas do Santuário. Sabemos que há uma infinidade de canções e benditos cantados pelos romeiros para este momento ritual e seria inviável a tentativa de reunir todos eles no presente trabalho. No momento, nossa intenção é identificar, durante toda a performance da romaria, os cantos próprios para cada momento, compondo, assim, o itinerário de toda a romaria por meio dos benditos cantados pelos romeiros e peregrinos.

3.2. “Pra cumprir minha promessa de joelho me dispus”

Cumprir um voto ou pagar uma promessa é uma das intenções mais importantes da romaria, juntamente com o propósito de “visitar” os santos. É uma atividade muito intensa, rica em símbolos e que se dá de variadas formas.

Para muitos romeiros, fazer a própria romaria, ou seja, viajar a Bom Jesus da Lapa já significa cumprir o voto. Para outros peregrinos, não basta ir à Lapa. Além de fazer a romaria, viajar a pé, de ônibus ou caminhão, passar pelas dificuldades do caminho, é preciso visitar o Santuário e, sobretudo, deixar um sinal visível da sua presença.

Como símbolo da promessa e do vínculo estabelecido, muitos peregrinos se dispõem a atravessar toda a esplanada e adentrar o Santuário de joelhos, há aqueles fazem o caminho até o altar do Bom Jesus engatinhando, outros fazem ofertas em dinheiro, depositam representações em cera de partes do corpo, explicitando a cura

dos males físicos, deixam cachos de cabelo, velas, fogos de artifício, peças de roupas, maquetes, flores, fotografias, entre outros. Como nos aponta Marcelo Oliveira,

(...) tais práticas não devem ser interpretadas simplesmente como penitência ou retribuição, mas, refletidas no sentido de amizade, memória, liberdade, relacionamento afetivo que traduz a relação firmada diretamente entre o devoto e o santo. É uma maneira própria de se comunicarem entre si.¹⁶⁰

Por isso, não raro, encontrarmos romeiros que, ao cumprir seu voto, fazem muito mais do que aquilo que inicialmente prometeram ao santo, uma vez que esta ação não significa tão somente quitar uma dívida; é também uma maneira de se comunicar, de firmar o relacionamento e de buscar sentido à própria vida.

Nestas imagens observamos os romeiros defronte ao altar do Bom Jesus da Lapa bem como a diversidade de objetos deixados em sinal do relacionamento estabelecido:



Romeiros no altar do Bom Jesus

¹⁶⁰ Marcelo OLIVEIRA, *Francisco: o Santo Vivo*, p. 155.



Objetos deixados no altar

Nos dias de maior movimento no Santuário, os bancos da gruta do Bom Jesus são retirados, de modo que os romeiros possam circular com maior facilidade. Também é improvisado um corredor, que conduz os peregrinos desde a entrada da gruta até o altar do Bom Jesus. Assim, os romeiros, de modo mais organizado, podem passar em frente ao altar do Bom Jesus para cumprir seu voto ou promessa, fazer sua oferta, rezar, cantar seus benditos, suplicar as bênçãos, agradecer. Nestes dias de festa, a fila de romeiros que aguardam para “visitar o Bom Jesus” é bastante grande, começando já na esplanada do Santuário.

Neste contexto do cumprimento dos votos, notamos atitudes de solidariedade entre os peregrinos do Bom Jesus. É muito comum encontrar grupos de romeiros que simplesmente acompanham um de seus colegas ao pagar a promessa. Muitas vezes auxiliam aqueles que cumprem o voto de joelhos, dando apoio, carregando os ex-votos, outras vezes simplesmente ajudam a cantar ou a rezar.



Romeiros se aproximando do altar do Bom Jesus

Muitos romeiros e peregrinos fazem votos ou promessas que devem ser cumpridos coletivamente. Este é o caso dos grupos de congadas, folias, reisados, entre outros, que prometem, por exemplo, cantar e dançar para os santos. Encontramos, principalmente no tempo da romaria, nas grutas do Santuário diversos grupos desta natureza, como também na esplanada, nos momentos que antecedem ou sucedem as celebrações litúrgicas. Algumas promessas dessa natureza devem ser cumpridas publicamente, em locais de grande visibilidade, para assim, atingir o maior número de pessoas. Em 2011, por exemplo, pudemos presenciar a situação de uma romeira que, logo após a missa solene da festa do Bom Jesus da Lapa, pedia, com os olhos marejados, para que um dos músicos¹⁶¹ do Santuário cantasse no microfone a canção “Dai-nos a bênção, ó Mãe Querida”. Ela havia prometido ao Bom Jesus que cumpriria esta promessa e temia ter que voltar para casa sem conseguir honrar o compromisso assumido. Ela argumentava com o músico que se não fosse naquele momento, levaria mais um ano até que pudesse cumprir com o que prometeu, uma vez que seus colegas de romaria já estavam saindo e ela só retornaria à Lapa em 2012, na próxima festa do Bom Jesus.



Folia de São Sebastião na esplanada do Santuário

¹⁶¹ A fim de dinamizar as celebrações e contribuir com a participação dos fieis devotos, o Santuário do Bom Jesus da Lapa mantém constantemente pelo menos dois músicos profissionais contratados. Ao lado de outros cantores e grupos musicais da comunidade, garantem a parte musical de todas as celebrações.



Folia de Reis na Gruta da Soledade

Além das ofertas em dinheiro e o depósito de objetos diversos, outro sinal que revela e a intimidade e a comunicação estabelecida com os santos são as cartas escritas pelos romeiros e romeiras que comumente são depositadas nos altares (principalmente do Bom Jesus), aos pés dos santos e até mesmo nas frestas das rochas do Santuário. Todos os anos, centenas de cartas de conteúdos diversos são deixadas no Santuário. Por meio delas os romeiros fazem pedidos, agradecem, contam histórias, apresentam seus problemas, entre outros. É uma maneira de se fazer presente, mesmo estando fisicamente ausente. Além disso, é mais uma forma de se apresentar, garantindo que o santo conheça seu nome e sua história; é um jeito de se fazer único, mesmo estando em meio a milhares de fieis. Como argumenta Krzysztof Dworak:

O que nos parece é que estas cartas, de alguma maneira particular, fazem parte do grande movimento das romarias que são realizadas anualmente ao Santuário do Bom Jesus da Lapa. Elas revelam também alguns traços característicos da religiosidade, piedade, mística e espiritualidade dos romeiros. Por fim, elas se tornam um dos meios possíveis do encontro com o Sagrado, configurando-se numa “presença na ausência”, que é capaz de superar as lógicas do tempo e do espaço (...).¹⁶²

¹⁶² Krzysztof DWORAK, *Meu Bom Jesus eu estou lhe escrevendo...*, p 880.



Romeiro escrevendo uma carta ao Bom Jesus da Lapa



Romeiro apresentando sua carta ao Bom Jesus

Como é possível perceber, neste contexto do cumprimento dos votos ou pagamento das promessas, muitos são os benditos cantados pelos romeiros. Algumas destas canções simplesmente acompanham a ação ritual, ou seja, são cantados enquanto o fiel cumpre seu voto, fica na fila para se aproximar do altar, se desloca, faz a oferta de alguma quantia em dinheiro, entre outros. Há também alguns benditos que são, *per se*, objeto da promessa. Em outras palavras, podemos dizer que muitos romeiros fazem a promessa de cantar benditos no interior do Santuário do Bom Jesus da Lapa.

O bendito “Abre a porta, povo” foi transmitido em 2007 por um grupo de romeiros de Itamaraju – BA. Eles entoavam esta canção enquanto aguardavam na fila para pagar uma promessa feita por uma das romeiras ao Bom Jesus da Lapa. Esta senhora, que vestia uma mortalha branca e se deslocava de joelhos, era acompanhada pelos seus companheiros de romaria que a amparavam e cantavam com bastante vigor este bendito:

A - bre a por - ta po - vo Que já vem Je - sus.

E - le é vem can - sa - do Com o pe - so da cruz.

A - bre a por - ta po - vo Que já vem Je - sus.

E - le é vem can - sa - do Com o pe - so da cruz.

1. Sai de por - ta em por - ta Sai de ru - a em rua
 2. Ho - je tem três dias Que pro - cu - ro Je - sus
 3. De que vale po - der Com tan - ta no - breza
 4. So - mos cas - ti - ga dos Per - do - ai, Se - nhor
 5. Ma - da - lena, de - pres - sa Ci - re - neu, vem ver
 6. Que Je - sus é meu Eu sou de Je - sus

1. Meu Deus da mi - nha al - ma Sem cul - pa ne - nhu - ma
 2. En - con - trei com e - le Nos bra - ços da cruz
 3. Quem per - deu o céu Per - deu to - da ri - que - za
 4. Que se - rá de nós Sem vos - so fa - vor?
 5. Lá se vai meu fi - lho E - le vai mor - rer
 6. Je - sus vai co - mi - go Eu vou com Je - sus

Abre a porta povo
 Que já vem Jesus
 Ele é vem cansado
 Com o peso da cruz

Sai de porta em porta
 Sai de rua em rua
 Meu Deus da minha alma
 Sem culpa nenhuma

Hoje tem três dias
Que procuro Jesus
Encontrei com ele
Nos braços da cruz

De que vale poder
Com tanta nobreza
Quem perdeu o céu
Perdeu toda riqueza

Somos castigados
Perdoai, Senhor
Que será de nós
Sem vosso favor?

Madalena, depressa
Cireneu, vem ver
Lá se vai meu filho
Ele vai morrer

Que Jesus é meu
E eu sou de Jesus
Jesus vai comigo
E eu vou com Jesus¹⁶³

Este bendito, composto em sua maioria por redondilhas menores (versos de cinco sílabas) e com rimas nos versos pares, retrata o caminho percorrido pelo Bom Jesus até o Calvário. O cantor exorta as pessoas para que abram a porta e vejam o Senhor, que vem cansado pelo caminho, carregando sua cruz. Simão Cireneu e Maria Madalena, figuras presentes no drama da Paixão são chamados para que, rapidamente, presenciem a cena.

Neste poema, diversas situações e personagens compõem o caminho da *via crucis*. Em alguns momentos o cantor parece incorporar Verônica que, além de enxugar o rosto de Cristo, canta para os transeuntes: *O vos omnes qui transitis per viam, attendite et videte si est dolor sicut dolor meus*.¹⁶⁴ Também Maria, mãe de Jesus, faz-se presente, vendo o filho, que se encaminha para a morte.

¹⁶³ Na cartilha “Abra a Porta”, este bendito possui um verso a mais, que não apareceu no registro de campo:

O peso da cruz
É nosso pecado
Nós queremos ser grandes
Somos castigados

¹⁶⁴ Tradução: Ó vós todos que passais pelo caminho, olhai e vede se há dor igual à minha dor.

Além de descrever as cenas da *via crucis*, o cantor faz reflexões acerca do seu próprio pecado, que é a causa do sacrifício de Jesus, da importância de se ter o céu ao invés das riquezas da vida terrena, entre outros. Ele também suplica o perdão de Deus e canta a certeza de “ser de Jesus” e ir com ele pelos caminhos da vida. Este bendito é um lamento em meio à multidão que assiste os últimos momentos da vida de Jesus; é um apelo para que o povo se volte à figura de Jesus e para ele abra a porta, para que o aceite como Salvador.

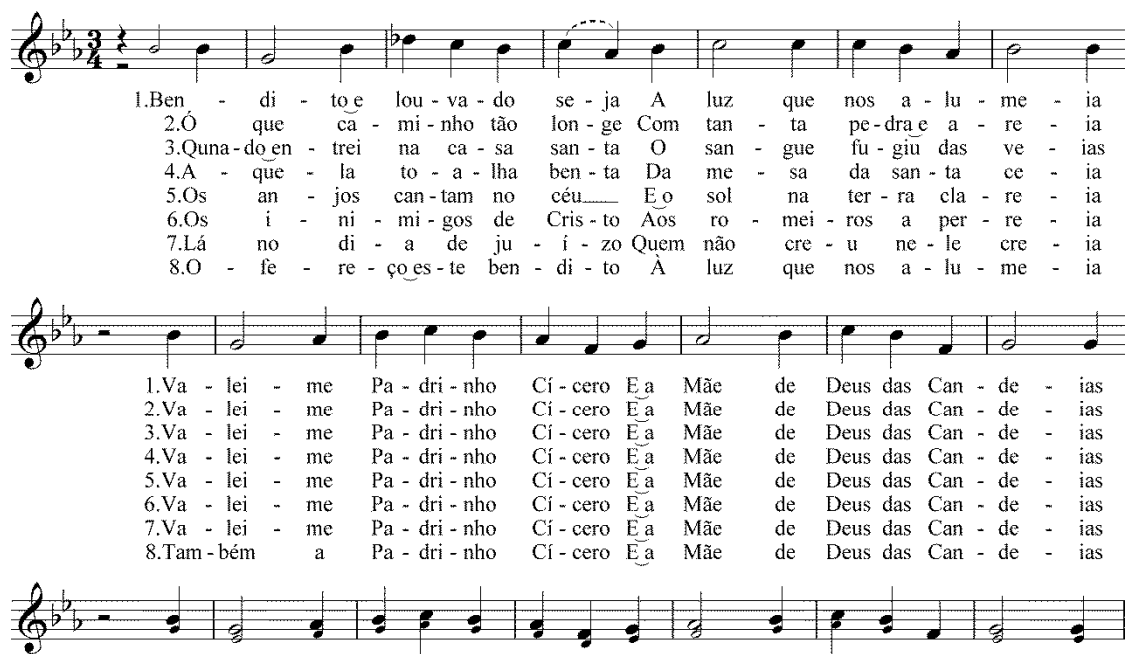
A melodia, baseada nos modos jônio e mixolídio, é bastante dolente, lamentosa. No primeiro verso, ela está assentada na tríade de mi bemol maior (mib-sol-sib), que é preenchida, de modo a criar uma escala ascendente no primeiro verso (Abre a porta povo) e uma escala descendente no segundo verso (que já vem Jesus) – modo jônio. No terceiro verso (ele vem cansado) a melodia praticamente se mantém em uma nota (fã), que é preenchida por um grupeto.¹⁶⁵ O quarto verso (com o peso da cruz) é construído sobre duas notas musicais (sol-mib), que são igualmente preenchidas. As outras estrofes do bendito possuem o mesmo perfil melódico, porém uma terça acima. É como se esta melodia fosse, na verdade, a ‘segunda voz’ da melodia da primeira estrofe. Nelas o sétimo grau da escala apresenta-se abaixado (réb), caracterizando, dessa maneira, o modo mixolídio. Em alguns momentos as duas melodias se sobrepõem, de tal modo que os romeiros cantam em terças paralelas.

Em termos rítmicos, temos basicamente duas figuras – uma longa (mínima) e outra breve (semínima) – que se alternam, dando a impressão de um caminhar vacilante, trôpego, coxo. É possível, por meio das figuras rítmicas, sentir os passos do Bom Jesus ao carregar a cruz. Interessante notar que no final das frases musicais (versos pares) há um prolongamento da última nota. Isso faz com que o cantor e/ou o ouvinte tenham a sensação de que Jesus, no meio do caminho, assim como a melodia, também pára.

Da mesma maneira como acontece em outros benditos analisados anteriormente, a primeira estrofe tem a função de refrão, sendo repetida depois de cada uma das outras estrofes.

¹⁶⁵ Grupeto – ornamento que consiste, essencialmente, de quatro notas: a acima da principal, a principal, a abaixo da principal e a principal novamente.

Outra canção também entoada pelos romeiros e peregrinos do Bom Jesus da Lapa é o bendito do “Padre Cícero e Nossa Senhora das Candeias” que, em geral, é cantado de modo a acompanhar alguma ação performático-ritual da romaria.



1. Ben - di - to e lou - va - do se - ja A luz que nos a - lu - me - ia
 2. Ó que ca - mi - nho tão lon - ge Com tan - ta pe - dra e a - re - ia
 3. Qua - do en - trei na ca - sa san - ta O san - gue fu - giu das ve - ias
 4. A - que - la to - a - lha ben - ta Da me - sa da san - ta ce - ia
 5. Os an - jos can - tam no céu E o sol na ter - ra cla - re - ia
 6. Os i - ni - mi - gos de Cris - to Aos ro - mei - ros a per - re - ia
 7. Lá no di - a de ju - í - zo Quem não cre - u ne - le cre - ia
 8. O - fe - re - ço es - te ben - di - to À luz que nos a - lu - me - ia

1. Va - lei - me Pa - dri - nho Cí - cero E a Mãe de Deus das Can - de - ias
 2. Va - lei - me Pa - dri - nho Cí - cero E a Mãe de Deus das Can - de - ias
 3. Va - lei - me Pa - dri - nho Cí - cero E a Mãe de Deus das Can - de - ias
 4. Va - lei - me Pa - dri - nho Cí - cero E a Mãe de Deus das Can - de - ias
 5. Va - lei - me Pa - dri - nho Cí - cero E a Mãe de Deus das Can - de - ias
 6. Va - lei - me Pa - dri - nho Cí - cero E a Mãe de Deus das Can - de - ias
 7. Va - lei - me Pa - dri - nho Cí - cero E a Mãe de Deus das Can - de - ias
 8. Tam - bém a Pa - dri - nho Cí - cero E a Mãe de Deus das Can - de - ias

1. Va - lei - me Pa - dri - nho Cí - cero E a Mãe de Deus das Can - de - ias
 2. Va - lei - me Pa - dri - nho Cí - cero E a Mãe de Deus das Can - de - ias
 3. Va - lei - me Pa - dri - nho Cí - cero E a Mãe de Deus das Can - de - ias
 4. Va - lei - me Pa - dri - nho Cí - cero E a Mãe de Deus das Can - de - ias
 5. Va - lei - me Pa - dri - nho Cí - cero E a Mãe de Deus das Can - de - ias
 6. Va - lei - me Pa - dri - nho Cí - cero E a Mãe de Deus das Can - de - ias
 7. Va - lei - me Pa - dri - nho Cí - cero E a Mãe de Deus das Can - de - ias
 8. Tam - bém a Pa - dri - nho Cí - cero E a Mãe de Deus das Can - de - ias

Bendito e louvado seja
 A luz que nos alumeia
 Valei-me Padrinho Cícero
 E a Mãe de Deus das Candeias

Ó que caminho tão longe
 Com tanta pedra e areia
 Valei-me Padrinho Cícero
 E a Mãe de Deus das Candeias

Quando entrei na casa santa
 O sangue fugiu das veias
 Valei-me Padrinho Cícero
 E a Mãe de Deus das Candeias

Aquela toalha benta
 Da mesa da santa ceia
 Valei-me Padrinho Cícero
 E a Mãe de Deus das Candeias

Os anjos cantam no céu
 E o sol na terra clareia
 Valei-me Padrinho Cícero
 E a Mãe de Deus das Candeias

Os inimigos de Cristo
 Aos romeiros aperreia
 Valei-me Padrinho Cícero
 E a Mãe de Deus das Candeias

Lá no dia do juízo
 Quem não creu nele creia
 Valei-me Padrinho Cícero
 E a Mãe de Deus das Candeias

Ofereço este bendito
 À luz que nos alumeia
 Também a Padrinho Cícero
 E à Mãe de Deus das Candeias

Este bendito, além de ser cantado pelos peregrinos do Bom Jesus da Lapa, é possivelmente o principal canto da romaria do Padre Cícero, em Juazeiro do Norte – CE. Por ocasião da festa de Nossa Senhora das Candeias, celebrada sempre no segundo dia do mês de fevereiro, centenas de milhares de romeiros se reúnem em Juazeiro do Norte para celebrar a Mãe de Deus sob o título de “Mãe das Candeias”. Além de uma missa campal celebrada no período vespertino, ao entardecer acontece a procissão de Nossa Senhora das Candeias, momento em que os romeiros caminham pelas principais ruas da cidade, com velas, lampiões e lamparinas acesas, rendendo suas homenagens a Nossa Senhora.

Composto em versos heptassílabos (redondilhas maiores), este bendito é composto por estrofes de quatro versos. O terceiro e quarto versos são iguais em todas as estrofes e fazem referência ao Padre Cícero Romão e a Nossa Senhora das Candeias. Há uma pequena variação no terceiro verso da última estrofe que, ao invés do texto “Valei-me Padrinho Cícero”, tem a formulação “Também a Padrinho Cícero”, uma vez que trata-se do oferecimento do bendito.

Assim como afirmamos ao analisar o bendito de Frei Francisco da Soledade, percebemos que esta repetição dos últimos dois versos não é algo meramente casual, mas, ao contrário, carrega em si uma intenção bastante clara, que é trazer presente, evocar e chamar as figuras centrais daquela devoção – Padrinho Padre Cícero e Nossa Senhora das Candeias.



Romeiros de Juazeiro do Norte – Procissão de Nossa Senhora das Candeias

Esta melodia já foi apresentada neste trabalho quando, ao tratar dos ritos da viagem, falamos dos benditos que pedem proteção. Naquele contexto, os romeiros do Bom Jesus da Lapa entoaram esta mesma melodia, porém com algumas poucas variações e com texto diferente (“Quando tiver em perigo, Jesus ajuda a passar...”).

Ao nos depararmos com este bendito na festa de Nossa Senhora das Candeias, em Juazeiro do Norte – CE, na viagem a Bom Jesus da Lapa, no ambiente do Santuário, ou seja, em tantas situações da vida peregrina do povo nordestino, podemos constatar o que Carlos Steil afirma: “há um ciclo de romarias que pode ser anual, ou estender-se dentro de um período mais longo, do qual os mesmos romeiros participam...”.¹⁶⁶ Os romeiros se movimentam e, com eles, os símbolos, as vestimentas os gestos as canções e os costumes também se movem.

Falando ainda dos benditos que acompanham a performance ritual durante a permanência dos romeiros no Santuário do Bom Jesus da Lapa, apresentamos ainda três canções por nós recolhidas durante as pesquisas de campo: o bendito da Senhora da Conceição, o bendito da Estrela do Céu e Deus Soberano, canto de cunho penitencial. Todas estas canções foram cantadas enquanto os romeiros e romeiras cumpriam suas promessas.

O bendito da “Senhora da Conceição”, cantado em louvor à Virgem Maria, tem a estrutura que nomeia este tipo de construção poético-musical, ou seja, inicia-se com

¹⁶⁶ Carlos STEIL, *O sertão das romarias*, p. 201.

a fórmula “bendito e louvado seja” e termina com um oferecimento.¹⁶⁷ Diferentemente dos outros benditos analisados até agora, este se encerra com dois oferecimentos – um à própria Senhora da Conceição, sob o título de Senhora Aparecida, e o outro, mais comum, ao Senhor que está na cruz.

1. Ben-di-to e lou va-do se-ja Ben-di-to e lou va-do se-ja Se-nho-ra da Con-cei-ção

"A-bas-tais" o no-me de-la Pra nos dar con-so-la-ção Pra nos dar con-so-la-ção

2. O di-a vem 'ma-nhe-cen-do O di-a vem 'ma-nhe-cen-do É ho-ra da de-vo-ção

3. Só é Deus é quem go-ver-na Só é Deus é quem go-ver-na Céu e ter-ra e toda na-ção

4. Je-sus Cris-to ver-da-dei-ro Je-sus Cris-to ver-da-dei-ro A-qui es-tou em vos-sas mãos

5. Lá no céu a-briu u-ma ro-sa Lá no céu a-briu u-ma ro-sa Tra-go e-la em fei-ção

6. O-fe-re-ço es-te ben-di-to O-fe-re-ço es-te ben-di-to Te-nho e-le por de-vo-ção

7. Ou-tra vez o-fe-re-ce-mos Ou-tra vez o-fe-re-ce-mos Ao Se-nhor que es-tá na cruz

2. A-cor-dai os seus de-vo-tos Se-nho-ra da Con-cei-ção Se-nho-ra da Con-cei-ção

3. E-le mes-mo é quem pro-te-ge Se-nho-ra da Con-cei-ção Se-nho-ra da Con-cei-ção

4. To-me con-ta da mi-nha al-ma Se-nho-ra da Con-cei-ção Se-nho-ra da Con-cei-ção

5. Pa-re-cen-do a mãe es-pó-sa Se-nho-ra da Con-cei-ção Se-nho-ra da Con-cei-ção

6. Á Se-nho-ra Á pa-re-ci-da Se-nho-ra da Con-cei-ção Se-nho-ra da Con-cei-ção

7. Que nos le-ve à e-ter-na gló-ria Pa-ra sem-pre a-mém Je-sus Pa-ra sem-pre a-mém Je-sus

Bendito e louvado seja
Senhora da Conceição
“Abastais” o nome dela
Pra nos dar consolação

O dia vem ‘manhecendo
É hora da devoção
Acordai os seus devotos
Senhora da Conceição

Só é Deus é que governa
Céu e terra e toda nação
Ele mesmo é quem protege
Senhora da Conceição

¹⁶⁷ O texto integral deste bendito foi retirado do texto *Abre a porta povo – cartilha do povo de Deus*, uma vez que não o temos completo nas gravações de campo. Foram feitas algumas alterações de modo a garantir a maior fidelidade possível ao que foi transmitido oralmente pelos romeiros.

Jesus Cristo verdadeiro
 Aqui estou em vossas mãos
 Tome conta da minha alma
 Senhora da Conceição

Lá no céu abriu uma rosa
 Trago ela em feição
 Parecendo a mãe esposa
 Senhora da Conceição

Ofereço este bendito
 Tenho ele por devoção
 À Senhora Aparecida
 Senhora da Conceição

Outra vez oferecemos
 Ao Senhor que está na cruz
 Que nos leve à eterna glória
 Para sempre, amém, Jesus

As estrofes, compostas por redondilhas maiores, são dispostas em grupos de quatro versos cada, segundo a seguinte estrutura A-B-C-B, ou seja, rimando apenas os versos pares. Ao cantar, os romeiros repetem o primeiro e último verso de cada estrofe, fazendo, assim, uma sextilha:

Bendito e louvado seja
 Bendito e louvado seja
 Senhora da Conceição
 “Abastai” o nome dela
 Pra nos dar consolação
 Pra nos dar consolação

A melodia, em modo jônio, é composta, basicamente, por saltos de terça e graus conjuntos. Ora a tríade aparece de maneira bastante assertiva, em estado fundamental e ascendente, ora preenchida por graus conjuntos. A primeira estrofe tem função de refrão, ou seja, é repetida entre as outras estrofes. A voz principal é cantada por vozes femininas e acompanhada, em sextas paralelas abaixo, pelas vozes masculinas. Nas outras estrofes a melodia é cantada unicamente pelas mulheres, em intervalo de terça (acima).

O bendito da Estrela do Céu, cujo texto se encontra no *Catecismo dos Romeiros* – *Benditos de Romaria e Orações Populares*, pequeno opúsculo de autoria de Minelvino Francisco Silva, também faz parte do conjunto dos benditos cantados pelos romeiros

durante a permanência no Santuário do Bom Jesus da Lapa. Durante nossas visitas ao Santuário encontramos um grupo de romeiros entoando esta canção no momento em que pagavam a promessa feita ao Senhor Bom Jesus, precisamente quando depositavam aos pés do santo a mortalha branca de uma das integrantes da romaria.

1. Lá no céu tem u-ma es - trela
 2. Se - nhor Bom Je - sus da Lapa
 3. Nos - sa Se - nho - ra da Guia
 4. Frei Fran - cisco da So - le - dade
 5. Meu pa - dri - nho Pa - dre Ciço
 6. San - to An - tô - nio de Lis - boa
 7. São Cris - tó - vão e São Fran - cisco
 8. O - fe - re - ços - te ben - dito

Que cla - re - ia o mun - do in - teiro
 San - to for - te e ver - da - deiro
 Com seu tão lin - do cru - zeiro
 É nos - so pa - dro - eiro
 Pro - te - tor do Ju - a - zeiro
 O san - to ca - sa - men - teiro
 Tam - bém São Jor - ge Guer - reiro
 Ao nos - so Pai ver - da - deiro

Cla - re - ai nos - sas es - tra - da Cla - re - ai nos - sos ro - meiro
 Cla - re - ai nos - sas es - tra - da Cla - re - ai nos - sos ro - meiro

Lá no céu tem uma estrela
 Que clareia o mundo inteiro
 Clareai nossas estrada
 Clareai nossos romeiro

Senhor Bom Jesus da Lapa
 Santo forte e verdadeiro
 Clareai nossas estrada
 Clareai nossos romeiro

Nossa Senhora da Guia
 Com seu tão lindo cruzeiro
 Clareai nossas estrada
 Clareai nossos romeiro

Frei Francisco da Soledade
 É nosso padroeiro
 Clareai nossas estrada
 Clareai nossos romeiro

Meu padrinho Padre Ciço
 Protetor do Juazeiro
 Clareai nossas estrada
 Clareai nossos romeiro

Santo Antônio de Lisboa
 O santo casamenteiro
 Clareai nossas estrada
 Clareai nossos romeiro

São Cristóvão e São Francisco
 Também São Jorge Guerreiro
 Clareai nossas estrada
 Clareai nossos romeiro

Ofereço este bendito
 Ao nosso Pai verdadeiro
 Clareai nossas estrada
 Clareai nossos romeiro

Este bendito, também formado por versos heptassílabos, é organizado de acordo com a estrutura A-B-C-B, segundo a qual os versos pares rimam entre si. Ao cantar, são repetidos os dois últimos versos de cada estrofe. Com relação ao texto, encontramos apenas a fórmula típica de finalização “ofereço esse bendito”.

Nesta canção estão reunidos os principais santos e figuras do catolicismo popular de quem os romeiros são devotos e em quem confiam. À Estrela do Céu, que dá título ao bendito, os romeiros pedem que clareie suas estradas. Assim como a estrela conduziu os reis magos a Belém¹⁶⁸ e a coluna luminosa guiou os israelitas pelo deserto,¹⁶⁹ os peregrinos pedem que, da mesma forma, sejam conduzidos e que suas estradas sejam aclaradas pela luz que vem do céu. Também são lembrados o Bom Jesus da Lapa, Nossa Senhora da Guia, Frei Francisco da Soledade, Padre Cícero, Santo Antônio, São Cristóvão, São Francisco e São Jorge. A todos eles se pede luz. Este bendito parece adquirir forma de prece litânica, uma vez que as invocações aos santos são intercaladas com a resposta “clareai nossas estrada, clareai nossos romeiro”.

Outra melodia para o texto deste bendito foi para nós transmitida por uma romeira de Itabuna – BA. A partitura desta versão encontra-se no anexo deste trabalho.

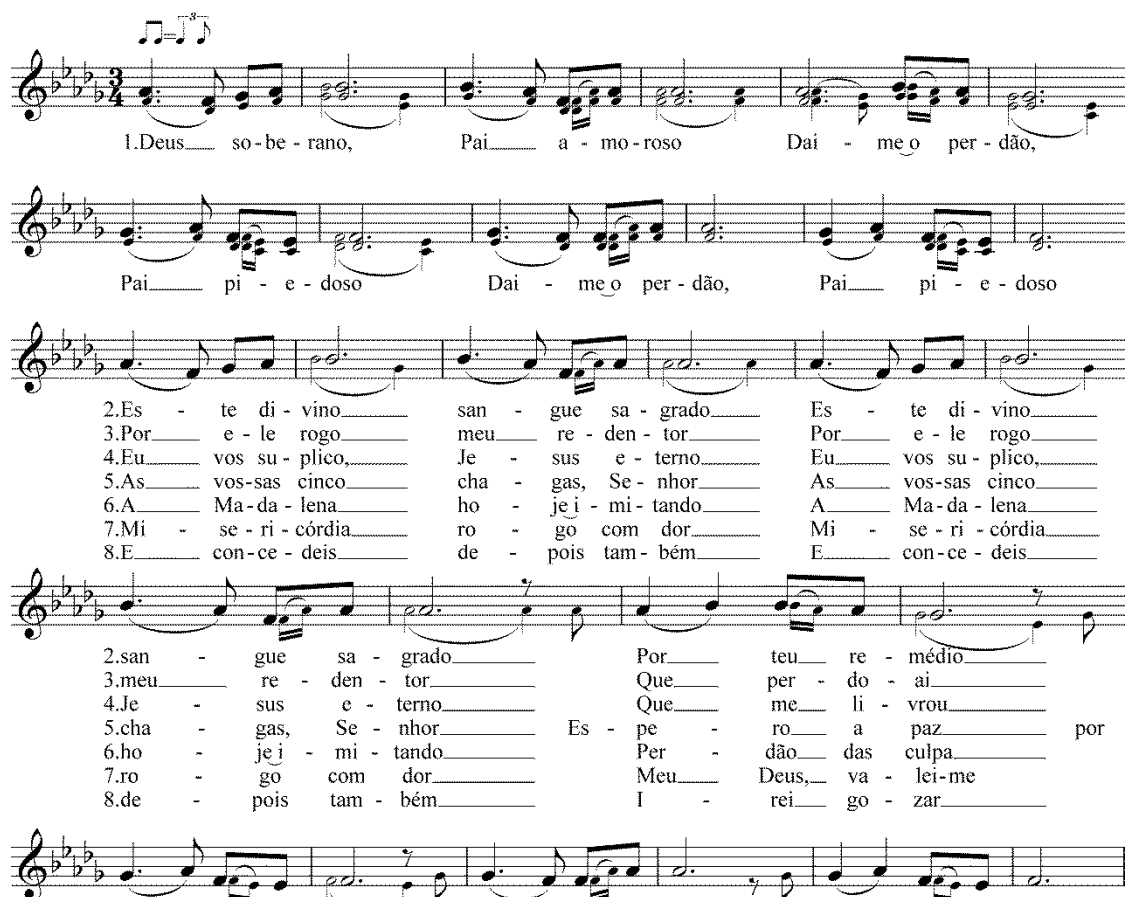
O bendito Deus Soberano tem um caráter bastante penitencial. Por meio do canto, o romeiro reconhece a soberania divina, mas, ao mesmo tempo, o vê como um

¹⁶⁸ Mt 2, 9: “E eis que a estrela, que tinham visto no Oriente, ia diante deles, até que, chegando sobre onde estava o menino parou”.

¹⁶⁹ Ex 13, 21-22: “E o Senhor ia adiante deles para lhes mostrar o caminho, de dia numa coluna de nuvem, e de noite numa coluna de fogo, para lhes servir de guia num e noutro tempo. Nunca se retirou de diante do povo a coluna de nuvem durante o dia, nem a coluna de fogo durante a noite”.

pai amoroso, que tem piedade dos seus filhos. O poder do sangue de Jesus e das suas cinco chagas é cantado como fonte de todo o perdão, cura e salvação. Apesar de se reconhecer pecador, o peregrino espera gozar da paz e da glória eternas.

A primeira estrofe deste bendito tem a função de refrão. Além de ser repetida entre cada uma das demais estrofes, a repetição de seus versos se dá de modo diferente. Neste refrão, apenas o segundo verso é repetido. Nas demais estrofes, cada um dos versos é cantado duas vezes.



1. Deus so-be - rano, Pai a - mo - roso Dai - me o per - dão,
Pai pi - e - doso Dai - me o per - dão, Pai pi - e - doso

2. Es - te di - vino san - gue sa - grado Es - te di - vino
3. Por e - le rogo meu re - den - tor Por e - le rogo
4. Eu vos su - plico, Je - sus e - terno Eu vos su - plico,
5. As vos - sas cinco cha - gas, Se - nhor As vos - sas cinco
6. A Ma - da - lena ho - je i - mi - tando A Ma - da - lena
7. Mi - se - ri - córdia ro - go com dor Mi - se - ri - córdia
8. E con - ce - deis de - pois tam - bém E con - ce - deis

2. san - gue sa - grado Por teu re - médio
3. meu re - den - tor Que per - do - ai
4. Je - sus e - terno Que me li - vrou
5. cha - gas, Se - nhor Es - pe - ro a paz por
6. ho - je i - mi - tando Per - dão das culpa
7. ro - go com dor Meu Deus, va - lei - me
8. de - pois tam - bém I - rei go - zar

2. foi der - ra - mado Por teu re - médio foi der - ra - mado
3. aos pe - ca - do Que per - do - ai aos pe - ca - do
4. do ne - gro in - ferno Que me li - vrou do ne - gro in - ferno
5. gra - ça e - fa - vor Es - pe - ro a paz por gra - ça e - fa - vor
6. pe - ço - cho - rando Per - dão das culpa pe - ço - cho - rando
7. por vos - so a - mor Meu Deus, va - lei - me por vos - so a - mor
8. da gló - ria, a - mém I - rei go - zar da gló - ria, a - mém

Deus Soberano, Pai amoroso
Dai-me o perdão, Pai piedoso

Este divino sangue sagrado
Por teu remédio foi derramado

Por ele rogo meu redentor
Que perdoai aos pecado

Eu vos suplico, Jesus eterno
Que me livrou do negro inferno

As vossas cinco chagas, Senhor
Espero a paz por graça e favor

A Madalena hoje imitando
Perdão das culpa peço chorando

Misericórdia rogo com dor
Meu Deus, valei-me por vosso amor

E concedei depois também
Irei gozar da glória, amém

A melodia é composta por graus conjuntos e alguns saltos de terça. A voz “escorrega” de maneira muito livre pelas notas, ornamentando os intervalos com antecipações e retardos. A primeira estrofe, que tem a função de refrão, é cantada a duas vozes, com intervalo de terça; as demais são entoadas em uníssono.

Além destes benditos cantados pelos romeiros e romeiras do Bom Jesus da Lapa que têm como função acompanhar a ação performático-ritual, há aqueles que são, em si mesmos, objeto da promessa; alguns romeiros fazem a promessa de cantar para o santo, no Santuário, caso a graça ou o pedido sejam alcançados. Por meio deste ritual, além de agradecer pela dádiva recebida e honrar o compromisso outrora estabelecido com a realidade transcendente, estes peregrinos participam da performance dos outros romeiros, uma vez que seu canto não só acompanha a ação ritual destes, mas também, de modo bastante profundo, passa a integrar a ação performática dos seus companheiros.

Na romaria do Bom Jesus, em 2011, encontramos uma romeira de Maceió – AL que cantava em frente ao altar do Bom Jesus, pagando sua promessa. Ao ser indagada sobre as razões pelas quais era levada a executar aquele rito, disse-nos:

Porque eu tenho que cantar, porque senti a vontade. Eu sou de Alagoas, e vim agradecer, em canto. Fui curada de um câncer, Deus me deu uma casa. Eu vim pra cá, botei uma casinha, quando cheguei, meu marido telefonou dizendo que a casa já tava coberta, que eu já ia morar dentro. Aí eu cantei. As coisas de Deus é assim. Eu cantei:



Ele me ama com amor
 Ele me chama, eu logo vou
 Tudo me fala desse amor
 Ele é o meu Senhor

Se as estrelas não brilham
 Eu sei que o Senhor me ama
 Quando a dor me consome
 Eu sei que o Senhor me ama

No mesmo ano, no dia da festa do Bom Jesus (6 de agosto), conhecemos uma outra cantora-romeira, de Eunápolis – BA que, ao ser indagada sobre o que significa cantar para o Bom Jesus, nos revelou:

Cantar é o amor que a gente tem no coração, nosso Pai, o que ele tá fazendo por nós. Então, a Virgem Maria também, os anjos. Hoje é o dia da festa do Pai, Jesus. Nossa Senhora tá presente junto dele, os anjo tão alegre. Se for ver todo mundo que tá aqui, todo romeiro aqui adorando Jesus, sabe, adorando Jesus. Todos os filho quer ver Ele, quer pedir perdão, quer pedir força, quer agradecer as graça alcançada, porque Ele nos ama, sabe. Nós pedimos a graça a Ele, nós recebemos, como eu.

3.3. “Já confessei meus pecados, (...) já tomei a santa hóstia”

Durante a permanência dos romeiros no Santuário do Bom Jesus da Lapa, a participação nos sacramentos da Igreja é uma prática bastante comum. Faz parte da performance ritual da romaria confessar-se, participar da missa, comungar e batizar. Muitos peregrinos, inclusive, participam das celebrações como maneira de cumprir algum voto ou promessa estabelecida, seja por si próprio ou por outra pessoa. Entretanto, para alguns, não basta participar, é preciso também colocar uma intenção,

ou seja, deve-se garantir que determinada celebração seja oficiada em nome de alguém, por uma situação especial, por um falecido, pedindo uma graça, em agradecimento a um santo, entre outros. Os romeiros também fazem a promessa de celebrar por aqueles que não puderam porventura estar presentes pessoalmente.

A participação nos sacramentos é bastante incentivada pela instituição eclesial. Muitas vezes, os fieis são encorajados até mesmo a substituir suas práticas rituais, vistas como supersticiosas e desnecessárias, pela confissão, pela missa e pelos ofícios. Em algumas situações, a compra de imagens, santinhos, fitinhas e medalhas é desestimulada pelos dirigentes do Santuário e os romeiros são incentivados a substituir estes objetos pela Bíblia Sagrada. Outras publicações, igualmente vendidas na livraria Boa Nova (de propriedade dos missionários redentoristas, dirigentes do Santuário do Bom Jesus da Lapa) também são oferecidas, como possibilidade para catequizar e formar o povo, esclarecer sua fé e sua prática religiosa.

Para a maioria dos romeiros não é possível conceber uma romaria sem missa, mesmo que nas comunidades onde vivem não tenham o costume de participar deste tipo de celebração. Como afirma Steil, “ato supremo da religião oficial, a missa desvenda para os romeiros a instituição católica. (...) É em torno do ritual da missa que se constitui o maior consenso dentro do culto da romaria”.¹⁷⁰

O sacramento da reconciliação – confissão – é ministrado em profusão no Santuário. Durante o dia todo há padres disponíveis para atender os romeiros e romeiras. Nos tempos de maior movimento, muitos padres da própria Congregação Redentorista e também de outras dioceses colaboram com esse atendimento aos romeiros. Não há um espaço privado, destinado a esta audiência. Cadeiras são dispostas, duas a duas, na capela do Santíssimo, gruta do Bom Jesus e de Nossa Senhora da Soledade, e os romeiros se aproximam para se confessar.¹⁷¹

Outro sacramento ministrado no Santuário é o batismo, o qual está inserido no contexto performático-ritual da romaria. Muitos romeiros e romeiras fazem a promessa de batizar seus filhos, principalmente as crianças, no Santuário do Bom Jesus

¹⁷⁰ Carlos STEIL, *O sertão das romarias*, p. 122.

¹⁷¹ De modo geral, o sacramento da reconciliação e o da eucaristia são os mais celebrados nos santuários. Isto se deve ao fato de as romarias, peregrinações e visitas aos santuários serem vistas, principalmente pela instituição eclesial, como momento propício para o arrependimento dos fieis, para o perdão dos seus pecados e consequente reconciliação com Deus; é também ocasião para iniciar uma mudança de vida, de hábitos e costumes; é tempo de conversão.

da Lapa. No entanto, há uma série de exigências que os peregrinos precisam cumprir para que seja possível celebrar o batismo como, por exemplo, trazer uma carta de anuência do pároco de sua paróquia de origem, ter feito o curso preparatório para pais e padrinhos, entre outros. Ao que nos parece, antigamente era mais comum esta celebração.

Neste contexto ritual dos sacramentos, podemos perceber a intimidade do relacionamento estabelecido entre os santos e os romeiros, assim como em outras situações. Ao batizar as crianças, ainda que haja a presença dos padrinhos “reais” (familiares, amigos ou parentes próximos), até hoje alguns entregam seus rebentos aos cuidados dos próprios santos, que se tornam padrinhos e madrinhas, como nos conta uma romeira de Eunápolis a respeito de um de seus netos: “um foi batizado aqui. Bom Jesus é padrinho e Nossa Senhora da Soledade é madrinha. É (romeira pronuncia o nome completo da criança).¹⁷² Afilhado de Bom Jesus da Lapa e Nossa Senhora da Soledade. Meu neto”.

Além dos sacramentos, principalmente eucaristia, reconciliação e batismo, outras celebrações têm a participação massiva dos romeiros e romeiras do Bom Jesus da Lapa.

No período mais intenso da romaria, o ofício com bênçãos é celebrado todos os dias às três horas da tarde na gruta de Nossa Senhora da Soledade. Esta celebração existe há muitos anos no Santuário. Antigamente conhecida como bênção das famílias e das imagens, esta celebração tomou a forma da oração das horas na sua versão popular (Ofício Divino das Comunidades¹⁷³). Ao dar maior ênfase e importância a esta celebração, o momento da bênção das imagens, da água, das chaves, carteiras de trabalho, e outros objetos de devoção, foi, aos poucos, “retirado” da celebração da missa e transferido para esta situação específica.

¹⁷² Mais uma vez notamos a importância do nome. A avó da, ao se referir ao sacramento do batismo celebrado no Santuário, faz questão de dizer o nome completo da criança, afilhada de Bom Jesus da Lapa e Nossa Senhora da Soledade.

¹⁷³ O Ofício Divino das Comunidades é uma modalidade de inculturação da Liturgia das Horas, que adapta a tradição litúrgica romana à realidade cultural e religiosa do Brasil e América Latina. Esta oração, que tem como referência bíblica os salmos, durante vários séculos foi obrigatória aos clérigos e acabou sendo afastada da prática dos fieis leigos. Com a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II percebeu-se a necessidade de devolver este costume a todos os membros da Igreja. Como a versão oficial desta oração é um pouco distante da realidade latinoamericana, um grupo de liturgistas, no final dos anos 1980 elaborou uma versão popular, para uso das Comunidades Eclesiais de Base. O primeiro texto foi publicado em 1988.

Outras celebrações que contam com a participação de milhares de fieis são o Novenário do Bom Jesus da Lapa e o Setenário de Nossa Senhora das Dores, que acontecem nas noites que antecedem a festa. Em cada celebração, organizada e executada pela instituição eclesial, há uma sequência ritual que inclui cantos, rezas, leituras bíblicas, ladainhas e pregação. Para cada dia é escolhido um pregador diferente, que discursa sobre um tema associado ao Bom Jesus ou a Nossa Senhora. Para os padres do Santuário, este é um momento catequético-evangelizador, situação favorável para esclarecer os romeiros quanto à fé, à vida de oração, enfatizando um cristianismo calcado na racionalidade. Para o romeiro, ao contrário, mais do que pensar, crer de modo livre e racional, o que importa é fazer a experiência de fé, intimamente ligada à vida do Bom Jesus e de Nossa Senhora, buscando “reinventar e revalidar o mito”.¹⁷⁴

Diferentemente do que possa parecer, esta discrepância de intenções não gera conflitos e desentendimentos entre os romeiros. Como nos aponta Carlos Steil,

No contexto do santuário este dissenso, no entanto, não acontece de forma antagonica ou polarizada, mas está englobado dentro de um consenso mais geral que é dado pela *communitas* católica, que não permite o total esvaziamento do mito, o que fecharia a possibilidade de comunicação com a massa dos romeiros, nem o total *reencantamento* do culto, o que descolaria da sociedade secularizada em que é preciso viver. Ao contrário, a indefinição é alimentada e mantida pragmaticamente como um elemento central e estruturante do próprio culto no santuário.¹⁷⁵

O ofício de Nossa Senhora, assim como os sacramentos e as demais celebrações do Santuário, conta com a participação de um grande número de romeiros e romeiras, que logo ao amanhecer rezam à mãe de Deus. Esta oração, baseada no Cântico de Maria, o *Magnificat* (Lc I, 46-55), é própria do catolicismo popular tradicional. Conta a tradição popular que as pessoas que rezam o ofício de Nossa Senhora recebem a graça de saber quando vão morrer; também alguns dizem que os praticantes deste ofício só morrem aos sábados, dia, na liturgia, dedicado à memória da Virgem Maria. Em conversa com um romeiro de Águas Vermelhas – MG, ele nos disse: “porque o pessoal fala que quem sabe essa oração, só morre no sábado... é, só morre no sábado e prevê, né, quando vai morrer”.

¹⁷⁴ Carlos STEIL, *O sertão das romarias*, p. 118.

¹⁷⁵ Carlos STEIL, *O sertão das romarias*, p. 118.

O ofício de Nossa Senhora pode ser rezado ao longo do dia, nas diversas horas canônicas ou, como comumente encontramos, de uma só vez logo no início da manhã. A introdução desta oração parece ser uma tentativa, por parte da instituição eclesial, de trazer para o âmbito institucional aquilo que era próprio do interior das famílias católicas. Como afirma Steil,

Para muitos romeiros que participam dessa oração é como se o sagrado da religião popular, que se recolhera ao mundo privado das devoções e às assembleias restritas das pequenas comunidades, ganhasse cidadania e visibilidade na grande assembléia dos romeiros.¹⁷⁶

Por outro lado, podemos ver essa atitude como mais uma maneira de a Igreja tentar controlar aquilo que, anteriormente, pertencia apenas ao âmbito privado do culto familiar no catolicismo popular tradicional.

É neste ambiente de muita concessão e negociação que acontece o culto ao Bom Jesus e a Nossa Senhora da Soledade, bem como as diversas festas celebradas no Santuário da Lapa.

Também as procissões, no dia do Bom Jesus (6 de agosto) e de Nossa Senhora da Soledade (15 de setembro), fazem parte da performance ritual da romaria. No encerramento da festa, o santo celebrado naquele dia sai do Santuário em um andor ricamente enfeitado com flores naturais e percorre as principais ruas da cidade. Deste ritual participam dezenas de milhares de pessoas. Muitas caminham junto com o santo, porém há um grande número de fieis que permanecem na esplanada do Santuário aguardando o retorno do andor para, assim, participar dos momentos finais da celebração e então se despedirem.

Enquanto a procissão percorre as ruas do centro da cidade, quem fica na esplanada assiste a apresentações de dança, performances teatrais, apresentações musicais de congadas, reisados, duplas sertanejas, entre outros. Neste momento, parece haver uma inversão: é como se o ambiente sagrado do Santuário se deslocasse pelas ruas da cidade juntamente com o andor do santo e na esplanada, ao contrário, houvesse a suspensão desta ambiência sacra, o que faria emergir múltiplas manifestações festivas (música, dança, teatro, entre outros).

¹⁷⁶ Carlos STEIL, *O sertão das romarias*, p. 120.



Andor do Bom Jesus da Lapa no dia da festa

Assim como nos demais ritos de permanência também nas celebrações litúrgicas dos sacramentos, ofícios e novenas há música para acompanhar a performance ritual. Entretanto, nos ritos litúrgicos oficiais¹⁷⁷ celebrados no santuário tal prática musical se dá de modo bastante distinto. Diferentemente das outras situações, em que os benditos populares e outros cantos eram entoados pelos próprios romeiros, nas celebrações oficiais a performance musical fica a cargo dos músicos profissionais do Santuário.

Com relação ao repertório, podemos dizer que este é, igualmente, oficial, e busca seguir as diretrizes e orientações da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), das comissões de liturgia, entre outros. Os músicos se utilizam dos hinários litúrgicos e demais publicações e materiais para selecionar um repertório que esteja em conformidade com o tempo litúrgico, com as leituras bíblicas, entre outros. Dessa maneira, o que se pode perceber é que, por mais que se busque um repertório popular, de fácil acesso à multidão de romeiros, de simples execução vocal ou fácil memorização, este é um repertório oficial, escolhido e até mesmo composto pelos músicos do Santuário e seus dirigentes. Os cantos são ensinados aos romeiros e romeiras, em ensaios que antecedem as celebrações, e aos poucos são memorizados e

¹⁷⁷ Chamamos de ritos litúrgicos oficiais aqueles presididos, coordenados ou oficiados pelos dirigentes do Santuário, sejam eles ministros ordenados, religiosos ou demais ministros leigos.

repetidos pela multidão. Em geral são cantos de ritmo mais marcado e para auxiliar na execução vocal, instrumentos musicais são utilizados, principalmente violão, guitarra elétrica e teclado.

Para exemplificar este tipo de repertório, apresentamos a canção “Nós pedimos ao Bom Jesus a sua bênção”, que é amplamente entoada nas celebrações litúrgicas do Santuário como canto final.



Nós pe - di-mos ao Bom Je - sus a su - a bên - ção Su - a bên-ção e pro - te - ção

É de to - do co - ra - ção que lhe pe - di - mos Su - a bên-ção e pro - te - ção

1. Pa - ra to - dos os ro - mei - ros su - a bên - ção Su - a bên-ção e pro - te - ção
 2. Pa - ra to - das as fa - mí - lias su - a bên - ção Su - a bên-ção e pro - te - ção
 3. Pa - ra to - das ro - ma - ri - as su - a bên - ção Su - a bên-ção e pro - te - ção
 4. Pe - la Mãe da So - le - da - de su - a bên - ção Su - a bên-ção e pro - te - ção

1. Pa - ra to - dos os ro - mei - ros su - a bên - ção Su - a bên-ção e pro - te - ção
 2. Pa - ra to - das as fa - mí - lias su - a bên - ção Su - a bên-ção e pro - te - ção
 3. Pa - ra to - das ro - ma - ri - as su - a bên - ção Su - a bên-ção e pro - te - ção
 4. Pe - la Mãe da So - le - da - de su - a bên - ção Su - a bên-ção e pro - te - ção

Nós pedimos ao Bom Jesus a sua bênção
 Sua bênção e proteção
 É de todo coração que lhe pedimos
 Sua bênção e proteção

Para todos os romeiros sua bênção
 Sua bênção e proteção

Para todas as famílias sua bênção
 Sua bênção e proteção

Para todas romarias sua bênção
 Sua bênção e proteção

Pela Mãe da Soledade a sua bênção
 Sua bênção e proteção

Cantada em tonalidade maior, esta canção tem a estrutura poética bastante distinta dos benditos que analisamos ao longo do trabalho. Aqui, os versos ímpares possuem onze sílabas e os pares, de sete sílabas, são sempre a repetição do texto “sua benção e proteção”. O refrão repete a mesma estrutura. A melodia basicamente é construída sobre intervalos de terça e graus conjuntos. O âmbito melódico, de uma oitava, é relativamente maior do que o que comumente observamos nos benditos cantados e compostos pelos romeiros do Senhor Bom Jesus. Com este canto, os romeiros pedem a benção e a proteção do Bom Jesus, pela intercessão de Nossa Senhora da Soledade, para eles próprios, para suas famílias e romaria. Pela própria estrutura poético-musical é possível que o texto desta canção seja alterado e complementado com outras invocações, de acordo com o contexto ou necessidade celebrativa.

Ainda no campo musical oficial, registramos o Hino ao Bom Jesus da Lapa e o Hino a Nossa Senhora da Soledade, canções que integram o rito celebrativo do novenário do Bom Jesus e do setenário de Nossa Senhora e que são amplamente cantados nos dias da romaria.

O Hino ao Bom Jesus da Lapa mais conhecido e entoado data de 1903 e é de composição de Valentim Boróbia, frei agostiniano espanhol que, ao lado de Frei Agostinho Garrido, assumiu a direção do Santuário do Senhor Bom Jesus da Lapa em maio de 1902. Segundo o historiador lapense Antônio Barbosa, até esta época não se tinha notícia de outro hino em honra ao Senhor Bom Jesus. Este hino teria sido composto para receber a nova imagem que chegou à Lapa em 10 de julho de 1903, uma vez que a anterior fora destruída no incêndio que assolou a gruta em 3 de maio do mesmo ano.

Em delírio triunfal, após ser benzida, lá mesmo, ao desembarcar, ao som de música, ao espocar de foguetes, aos “vivas”, aos gritos, misturados com cantos, com as lágrimas de emoção, a Imagem foi colocada no andor e trazida para a Esplanada com Santuário, onde Monsenhor Tobias Pereira Coutinho proferiu ardente sermão. Retirada do andor pelo próprio Monsenhor Tobias, pelo Padre Florentino Carolino da Silva e por Frei Agostinho Garrido, a Imagem foi levada nos braços do povo para seu nicho, no Altar-mor, no interior da Gruta, que ainda mostrava os estragos causados pelo incêndio, por mais que se tivesse removido os escombros deixados no chão. Lá dentro, diante do Altar, cantou-se pela primeira vez o hino que se tornou oficial: “Cantem todos um hino de glória”.¹⁷⁸

¹⁷⁸ Antônio BARBOSA, *Bom Jesus da Lapa – antes de Monsenhor Turíbio, no tempo de Monsenhor Turíbio e depois de Monsenhor Turíbio*, p. 407.

Can-tem to - dos um hi - no de gló - ria Nes - ta gru - ta de vi - da e de luz..... Ben - di -

-zen - do a sa - gra - da me - mó - ria Do ex - cel - so Se - nhor Bom Je - sus..... Can-tem

to - dos um hi - no de gló - ria Nes - ta gru - ta de vi - da e de luz..... Ben - di -

-zen - do a sa - gra - da me - mó - ria..... Do ex - cel - so Se - nhor Bom Je - sus..... Ben - di -

1. **Fim**

-sus..... 1. Ó..... Bom Je - sus da La - pa..... A nin - guém..... ne - ga fa - vor.....

2. O que so - fre, o que pa - de - ce..... Ao pe - so..... da du - ra cruz.....

3. Da gru - ta..... na pe - ne - di - a..... Pen - dem mi - la - gres a flux.....

D.S. ao Fim

1. Se - ja po - bre, se - ja ri - co..... I - no - cen - te ou pe - ca - dor..... Can-tem

2. Sen - te que a dor ar - re - fe - ce..... Quan - do in - vo - ca o Bom Je - sus.....

3. São gra - ças..... que ca - da di - a..... Nos con - ce - de o Bom Je - sus.....

Cantem todos um hino de glória
Nesta gruta de vida e de luz
Bendizando a sagrada memória
Do excelso Senhor Bom Jesus

O Bom Jesus da Lapa
A ninguém nega favor
Seja pobre, seja rico
Inocente ou pecador

O que sofre, o que padece
Ao peso da dura cruz
Sente que a dor arrefece
Quando invoca o Bom Jesus

Da gruta na penedia
Pendem milagres a flux
São graças que cada dia
Nos concede o Bom Jesus

O Hino ao Bom Jesus da Lapa, em termos literários e musicais, pode ser dividido em duas partes distintas. O refrão (primeira parte), entoado sempre duas vezes, tem versos de nove sílabas; com ritmo bastante marcado, com figuras pontuadas

e andamento rápido lembra os tradicionais hinos pátrios. Em tonalidade maior, sua melodia perfaz um âmbito de nona, com muitos saltos e graus conjuntos. Os versos pares e ímpares rimam entre si, de acordo com a estrutura A-B-A-B. As estrofes (segunda parte) possuem características bastante distintas: seus versos são heptassílabos, com exceção do primeiro da primeira estrofe, a melodia, por sua vez, está em tonalidade menor (homônima), com muitos graus conjuntos, com caráter dolente e suplicante. O ritmo é bastante fluido e o andamento mais lento. Nesta segunda parte a estrutura das rimas se mantém como na primeira.

Com este canto, os peregrinos celebram a glória do Bom Jesus e cantam a misericórdia do santo, que atende a todos, pobres ou ricos, culpados ou inocentes, e a profusão das graças que ele concede aos seus devotos.

Além deste hino, existem, pelo menos, outros dois dedicados ao Senhor Bom Jesus da Lapa, que são de autoria de Monsenhor Turíbio Vilanova Segura, que dirigiu o Santuário entre os anos de 1933 e 1956. As partituras destes hinos encontram-se no anexo deste trabalho.

O Hino a Nossa Senhora da Soledade, cantado durante as festas dedicadas à Mãe das Dores, foi composto em 1952 e tem letra de Monsenhor Turíbio Vilanova Segura e música de Antônio Barbosa.



Ó Se-nho-ra e Mãe da So-le-da - de Nos-sa pre-ce pie-do-sa es-cu-tai_____ Pe-lo

fi-lho que mor-to cho-ras - te Nos-sa dor e tris-te-za a-li-vi - ai_____ Pe-lo -ai_____

1. So - le - da-de, en lu - ta - da de mar - tí - rio A - ve, che - ia de dor, ó, Ma - ri - a
2. Vos - sas mãos que, pró-di-gas, der - ra - mam A - bun-dân-cias de gra - ças do céu
3. Vos - sos o - lhos que tan - to cho-ra - ram Ven-do o fi - lho na cruz pa - de - cer

1. Com-pas - si - vos, de vo - tos, con - tri - tos Vos que - re - mos fa - zer com-pa - nhi - a
2. So - bre nós, co - mo es-cu-dos, se es-ten - dam Com a fa - ce di - vi - na do véu
3. Qual fa - róis, pe - ne - trem nas al - mas E as con - so - lem no a - mar - go so - frer

1. Com - pas - si - vos, de - vo - tos, con - tri - tos Vos que - re - mos fa - zer com-pa - nhi - a
2. So - bre nós, co - mo es - cu - dos, se es-ten - dam Com a fa - ce di - vi - na do véu
3. Qual fa - róis, pe - ne - trem nas al - mas E as con - so - lem no a-mar-go so - frer

Ó Senhora e Mãe da Soledade
 Nossas preces, piedosa, escutai
 Pelo filho que, morto, chorastes
 Nossa dor e tristeza aliviai

Soledade, enlutada de martírio
 Ave, cheia de dor, ó Maria
 Compassivos, devotos, contritos
 Vos queremos fazer companhia

Vossas mãos que, pródigas, derramam
 Abundância de graças do céu
 Sobre nós, como escudos, se estendam
 Com a face divina do véu

Vossos olhos que tanto choraram
 Vendo o filho na cruz padecer
 Qual faróis, penetrem nas almas
 E as consolem no amargo sofrer

Assim como o Hino ao Bom Jesus da Lapa, este hino, em tonalidade maior, é bastante marcial, com ritmo marcado e andamento rápido. Os versos, em sua maioria de nove sílabas, estão dispostos em conjuntos de quatro, perfazendo as estrofes. As rimas encontram-se nos versos pares, de acordo com a organização A-B-C-B.

A canção “Eu sou romeiro de todo ano” composta por Edigar Mão Branca¹⁷⁹ foi apresentada na romaria do Bom Jesus da Lapa em 2011 e amplamente cantada durante os dias da festa. A multidão a memorizou com grande facilidade e todos os dias a canção era cantada por todos antes do início da celebração, como forma de preparar os romeiros e criar um ambiente favorável e um clima mais orante.¹⁸⁰ Igualmente no final das celebrações, depois da bênção final, juntamente com outros benditos, os músicos cantavam para despedir os romeiros e romeiras.

¹⁷⁹ Conhecido como Edigar Mão Branca, por causa do vitiligo que tem nas mãos, Edigar Evangelista dos Anjos é “brasileiro, cantador, poeta, radialista e forrozeiro”, como ele próprio se descreve. Nasceu em Lodo das Jegas, no distrito de Macarani, interior da Bahia, em 14 de janeiro de 1959.

¹⁸⁰ Esta é uma prática bastante comum atualmente nas liturgias católicas; pequenos refrões meditativos são utilizados antes da reza da Liturgia das Horas na sua versão popular (Ofício Divino das Comunidades), das missas e outras celebrações.

Eu sou ro - mei - ro de to - do a - no Mi - nha pro - mes - sa eu pa - go aos pés da cruz Eu sou ro -
 mei - ro, eu vim de lon - ge Eu sou va - lí - do pe - lo Bom Je - sus Eu sou ro -
 lon - ge Bei - jar o al - tar do Se - nhor Bom Je - sus Re - no - vo mi - ha for - ça pra vi - ver A - gra -
 de - ço pe - la gra - ça re - ce - bi - da A - pren - do a cons - tru - ir um mun - do no - vo Pão e paz pa - ra o meu po - vo
 Bom Je - sus é a nos - sa fon - te de á - gua vi - va Bom Je - sus é a nos - sa fon - te de á - gua vi - va A j -
 gre - ja da La - pa é fei - ta de pe - dra e luz Eu que - ro bei - jar o al - tar do Se - nhor Bom Je - sus

Eu sou romeiro de todo ano
 Minha promessa eu pago aos pés da cruz
 Eu sou romeiro, eu vim de longe
 Eu sou valido pelo Bom Jesus

Eu sou romeiro de todo ano
 Minha promessa eu pago aos pés da cruz
 Eu sou romeiro, eu vim de longe
 Beijar o altar do Senhor Bom Jesus

Renovo minha força pra viver
 Agradeço pela graça recebida
 Aprendo a construir um mundo novo
 Pão e paz para o meu povo
 Bom Jesus é a nossa fonte de água viva
 Bom Jesus é a nossa fonte de água viva

A igreja da Lapa é feita de pedra e luz
 Eu quero beijar o altar do Senhor Bom Jesus

Em nossa opinião, esta canção pode ser vista como uma feliz experiência de criação que foi capaz de unir traços da tradição literária e musical dos benditos populares cantados pelos romeiros, além de apresentar referências bíblicas e premissas de cunho teológico-litúrgico de grande densidade.

Os versos do poema não têm regularidade métrica. Podemos chamar a primeira estrofe de parte A da canção, a qual, durante a execução musical, é repetida integralmente com uma pequena alteração no texto (segunda estrofe). Esta primeira parte tem a função de refrão. A terceira estrofe, parte B do poema, conta com seis versos irregulares, sendo que os dois últimos são iguais. A quarta parte, composta por apenas dois versos que rimam entre si e têm a função de coda, ou seja, de finalização ou arremate da composição musical. Na parte A, a rima obedece a estrutura A-B-C-B, ou seja, os versos pares rimam entre si. Na parte B, os versos dois e cinco/seis têm a mesma rima, assim como os versos de número três e quatro, de acordo com o esquema A-B-C-C-B-B.

Nesta canção, composta em tonalidade maior, o cantor se nomeia como romeiro de todo ano, ou seja, um romeiro experiente, de tradição, que vem de longe para cumprir sua promessa e que se sabe protegido pelo Bom Jesus. Ademais, o cantor-romeiro reconhece o Santuário como sendo lugar privilegiado da experiência com o transcendente, local de repouso, onde é possível deter-se para recobrar a energia e renovar as forças para seguir lutando. O Santuário também é visto como lugar de ensinamento, onde o romeiro aprende a construir um mundo novo. A temática da justiça social, bastante abordada nas pregações durante as celebrações no Santuário, tão cara à teologia da América Latina, é resumida no pedido “pão e paz para o meu povo”. Tanto o primeiro como o último verso desta estrofe fazem clara referência ao texto bíblico que narra o diálogo de Jesus com a samaritana no poço de Jacó (Jo 4, 1-15).¹⁸¹

A coda final, citação literal do primeiro verso do bendito mais cantado no Santuário – a igreja da Lapa é feita de pedra e luz – remete o ouvinte a uma situação anterior, a uma experiência performático-musical que ele reconhece como sendo própria e que proporciona, portanto, um certo conforto ao ouvido e à voz e, consequentemente, traz tranquilidade e segurança. Para terminar, o romeiro expressa o desejo de beijar o altar do Senhor Bom Jesus. Apesar de esta prática não ser tão comum no contexto do Santuário do Bom Jesus da Lapa, é um ritual amplamente praticado pelo povo na seara do catolicismo popular.

¹⁸¹ No contexto geoclimático nordestino, chamar Jesus como fonte de água viva, tem um valor simbólico ainda maior, uma vez que este recurso é tão escasso nestas regiões. Além de ser fonte de água, o Cristo é reconhecido como fonte de água viva, ou seja, aquela que, segundo a narrativa bíblica, mata a sede eternamente.

As rezas, em geral, prolongavam-se. Percorridas todas as escalas das ladainhas, todas as contas dos rosários, rimados todos os benditos, restava ainda a cerimônia final do culto, remate obrigado daquelas.

Era o “*beija*” das imagens.

Instituíra-o o Conselheiro completando no ritual fetichista a transmutação do cristianismo incompreendido.

Antônio Beatinho, o altareiro, tomava de um crucifixo; contemplava-o com o olhar diluído de um faquir em êxtase; aconchegava-o do peito, prostrando-se profundamente; imprimia-lhe ósculo prolongado; e entregava-o, com gesto amolentado, ao fiel mais próximo, que lhe copiava, sem variantes, a mímica reverente. Depois erguia uma virgem santa, reeditando os mesmos atos; depois o Bom Jesus. E lá vinham, sucessivamente, todos os santos, e registros, e verônicas, e cruzeiros, vagarosamente, entregues à multidão sequiosa, passando, um a um, por todas as mãos, por todas as bocas e por todos os peitos. Ouviam-se os beijos chirriantes, inúmeros e, num crescendo, extinguindo-lhes a assonância surda, o vozear indistinto das prédicas balbuciadas a meia voz, dos mea-culpas ansiosamente socados nos peitos arfantes e das primeiras exclamações abafadas, reprimidas ainda, para que se não perturbasse a solenidade.¹⁸²

Experiência análoga, qual seja a de criar uma melodia que levasse em consideração a tradição lítero-musical dos romeiros, os ritmos e organizações escalares típicos da música nordestina, o vocabulário sertanejo do peregrino, entre outros, fizemos ao compor a melodia da Ladainha ao Bom Jesus da Lapa,¹⁸³ trabalho para nós encomendado há poucos anos. O conjunto de invocações dirigidas ao Bom Jesus tem como referência não só os títulos e qualificações atribuídos a ele no texto bíblico, mas também os múltiplos nomes pelos quais o Bom Jesus é reconhecido no contexto do catolicismo popular nordestino. A partitura da ladainha está no anexo deste trabalho.

Senhor, tende piedade de nós
Cristo, tende piedade de nós
Senhor, tende piedade de nós

Deus, Pai do Céu, tende piedade de nós
Deus, Filho Redentor do mundo, tende piedade de nós
Deus, Espírito Santo, tende piedade de nós
Santíssima Trindade, que sois um só Deus, tende piedade de nós

¹⁸² Euclides da CUNHA, *Os sertões*, p. 234.

¹⁸³ O texto da Ladainha do Bom Jesus da Lapa é de autoria de Padre Krzysztof Dworak, missionário redentorista que trabalhou durante muitos anos no Santuário do Bom Jesus da Lapa - BA.

Ó Bom Jesus, Verbo encarnado do Pai, tende piedade de nós
 Ó Bom Jesus, Imagem do Deus Invisível, tende piedade de nós
 Ó Bom Jesus, Primogênito de toda criatura, tende piedade de nós
 Ó Bom Jesus, nascido da Virgem Maria, tende piedade de nós

Ó Bom Jesus, Caminho, Verdade e Vida
 Ó Bom Jesus, Luz do mundo
 Ó Bom Jesus, manso e humilde de coração
 Ó Bom Jesus, remanso de paz e de amor

Ó Bom Jesus, transfigurado e glorioso
 Ó Bom Jesus, do Pai, Filho amado
 Ó Bom Jesus, imolado por nós numa Cruz
 Ó Bom Jesus, Cordeiro Pascal dos remidos

Ó Bom Jesus, Deus Santo de caridade
 Ó Bom Jesus, fonte da redenção copiosa
 Ó Bom Jesus, rico em misericórdia
 Ó Bom Jesus, esperança dos pobres

Ó Bom Jesus, Pedra formosa e resplandecente da Igreja
 Ó Bom Jesus, verdadeira jóia do sertão baiano
 Ó Bom Jesus, integrador da Nação Brasileira
 Ó Bom Jesus, glorioso paraninfo do sertão

Ó Bom Jesus, inspirador do Monge
 Ó Bom Jesus, companheiro inseparável dos peregrinos
 Ó Bom Jesus, rio de águas vivas
 Ó Bom Jesus, manancial de todas as graças

Ó Bom Jesus, Redentor do mundo,
 Ó Bom Jesus, maior bênção do Pai Eterno
 Ó Bom Jesus, digno de honra, glória e poder
 Ó Bom Jesus, o mesmo ontem, hoje, sempre

Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, perdoai-nos, Senhor
 Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, ouvi-nos, Senhor
 Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós

3.4. “Já subi o lindo morro, (...) bati na pedra do sino”

Subir o morro é uma ação que faz parte da performance ritual não só dos romeiros e peregrinos do Senhor Bom Jesus em romaria, mas também dos moradores da Lapa. A grande diferença é que os romeiros o fazem durante todo o tempo da romaria, quando da sua permanência no Santuário, ao passo que para os lapenses é mais comum subir o morro na sexta-feira santa, principalmente, para rezar a via-sacra.

O morro, com suas grutas, é visto por muitos como o calvário de que falava a voz ao fundador do Santuário, Francisco de Mendonça Mar: “Francisco, procura o calvário na gruta”. Analogamente ao caminho da *via crucis*, subir o morro, significa, tanto para os romeiros quanto para os lapenses, associar-se ao sacrifício de Jesus que, carregando a cruz, subiu ao Calvário para entregar-se à morte.

A subida do morro requer, além de esforço e disposição espirituais, um preparo físico considerável, visto que a subida é bastante íngreme. É possível subir por “dentro” do morro, ou seja, passando por caminhos abertos entre as rochas ou por “fora”, como que escalando o morro. Nos dias de maior movimento da romaria, a subida torna-se ainda mais complicada por conta do grande número de romeiros que fazem o caminho. As passagens são estreitas e, por isso, muitas vezes é preciso aguardar um grupo passar para que se possa seguir o caminho.



Subida do morro pelo lado de “fora”

Para muitos romeiros, a subida do morro está associada a algum voto ou promessa, assim como visitar os santos, participar dos sacramentos, dar esmolas, entre outros. Por isso, é bastante comum encontrarmos sinais deste relacionamento íntimo

e próximo estabelecido entre o peregrino e o santo que são deixados ao longo do caminho. São chapéus, velas, santinhos, fitas, cartas e bilhetes.



Chapéu de romeiro deixado no morro

Outro sinal que revela a presença do romeiro e seu desejo de ser lembrado pelo transcendente são as centenas de nomes escritos nas pedras do morro. Por mais que os dirigentes do Santuário peçam, alertem, muitos deixam suas marcas gravadas nas rochas.



Nomes grafados na pedra do morro

Como já dissemos, há, ao longo da subida, as estações da via-sacra. Nem todas as estações estão representadas com as figuras; a maioria delas está marcada apenas por uma cruz entalhada em pedra. Na esplanada estão as três primeiras estações. As outras estão distribuídas ao longo da subida. Ao chegar na parte mais alta do morro, encontramos a cena da crucificação de Jesus, ou seja, a última cena da *via crucis*. Também no topo do morro, além da representação do episódio do Calvário, pode-se visitar o cruzeiro, recoberto com pequenas pedras, e a pequenina capela de Santa Helena. Em todos estes espaços encontramos sinais da presença dos romeiros (velas, cartas, fitinhas, chapéus, entre outros). Os versos centrais do bendito “Somos romeiros de longe”, apresentado anteriormente, retratam esta paisagem do morro:

No morro de lá da Lapa
Se vê uma alta cruz
Parece até o calvário
Onde morreu o Bom Jesus

Tem Dimas também tem Gestas
Todos cravados na cruz
No meio da imagem
Do amado Bom Jesus



Jesus Cristo crucificado entre os ladrões

Durante a romaria o morro é também lugar de comércio. Neste período, uma pequena venda de bebidas é instalada, além da tradicional venda de livretos de cordel, CDs e DVDs do Sr. Antônio Rufino, também conhecido como “Tonho do Livro”, filho de Minelvino Francisco Silva, o principal compositor e cantor dos benditos da romaria da Lapa.¹⁸⁴

No morro do Bom Jesus, outro símbolo importante da romaria, a chamada “pedra do sino”, é bastante procurado pelos romeiros e romeiras. Na verdade, são diversas pedras que, de alguma maneira, ficam suspensas e, ao se bater nelas com outra pedra, tem-se uma sonoridade semelhante à de um sino de bronze. Como canta o romeiro no bendito “Somos romeiros de longe”:

Tem pedra com som de sino
Ali pertinho da cruz
Só pode ser um milagre
Do amado Bom Jesus

Bater na pedra do sino é um rito que faz parte do conjunto performático da romaria, especificamente da subida do morro. Os romeiros fazem conjecturas acerca da constituição desta pedra; alguns dizem que há ferro por dentro e, por isso, o som metálico, outros dizem que é oca, ou outros ainda, como canta o bendito acima, afirmam que o som da pedra é milagre “do amado Bom Jesus”.



Romeiro do Bom Jesus batendo na pedra do sino

¹⁸⁴ Antigamente, no período da romaria, o próprio Minelvino vendia seus cordéis e folhetos no topo do morro. Lá também cantava seus benditos e dizia suas poesias. Depois da sua morte, seu filho Antônio Rufino assumiu o posto e segue vendendo as obras do pai. Nos últimos anos, também são oferecidos CDs e DVDs com o conteúdo dos livros impressos.

Segundo contam os peregrinos, o som que produz a pedra ao se bater nela é revelador das perspectivas futuras. Dessa maneira, acredita-se que se ao bater na pedra ela não tinir, isto é um sinal de que aquele romeiro nunca mais vai voltar à Lapa ou, como afirmam alguns, de que a pessoa vai morrer. Esta história está descrita no bendito “A pedra do sino”, de autoria de Minelvino Francisco Silva.



1.No morro do Bom Je - sus Pe - la or - dem do di - vi - no
 2.Um ba - te na - que - la pe - dra Re - pa - ra bem a zu - a - da
 3.O ou - tro ba - te na pe - dra E diz que tem fer - ro den - tro
 4.O ou - tro ba - te na pe - dra Por es - sa for - ma a fa - lar:
 5.O ou - tro ba - te na pe - dra Por es - sa for - ma a di - zer:

1.Tem u - ma pe - dra cal - cá - ria Que ti - ne j - gual - men - te um si - no
 2.E diz que a pe - dra ti - ne É por - que e - la é o - ca - da
 3.Por is - so que e - la faz O ba - ru - lho lá do cen - tro
 4."Se a pe - dra não ti - nir Nun - ca mais pos - so vol - tar"
 5."Se a pe - dra não ti - nir Pa - ra o a - no vou mor - rer"

1.Tem u - ma pe - dra cal - cá - ria Que ti - ne j - gual - men - te um si - no
 2.E diz que a pe - dra ti - ne É por - que e - la é o - ca - da
 3.Por is - so que e - la faz O ba - ru - lho lá do cen - tro
 4."Se a pe - dra não ti - nir Nun - ca mais pos - so vol - tar"
 5."Se a pe - dra não ti - nir Pa - ra o a - no vou mor - rer"

No morro do Bom Jesus
 Pela ordem do divino
 Tem uma pedra calcária
 Que tine igualmente um sino

Um bate naquela pedra
 Repara bem a zuada
 E diz que a pedra tine
 É porque ela é ocada

O outro bate na pedra
 E diz que tem ferro dentro
 Por isso que ela faz
 O barulho lá do centro

O outro bate na pedra
 Por essa forma falar:
 “Se a pedra não tinir
 Nunca mais posso voltar”

O outro bate na pedra
 Por essa forma dizer:
 “Se a pedra não tinir
 Para o ano vou morrer”

Este bendito, composto por redondilhas maiores, tem seus versos dispostos em grupos de quatro. As rimas encontram-se nos versos pares, de acordo com a forma A-B-C-B. A melodia, em compasso ternário, é composta por saltos de terça e graus conjuntos, em modo mixolídio, ou seja, escala maior com o sétimo grau abaixado. Ao se cantar, os dois últimos versos de cada estrofe são repetidos e a segunda voz canta a melodia em terças paralelas abaixo da voz principal.

Em 2011, durante as pesquisas de campo, encontramos um romeiro de Eunápolis que batia diversas vezes na pedra do sino. Um jovem que passava o provocou dizendo que o som da última batida estava “fofo” e o incitava a bater de novo. O senhor, rapidamente, disse que no ano anterior ele havia batido seis vezes e que não bateria novamente porque “quem sabe a hora é aquele lá de cima”. Interessante notar que, apesar de o romeiro ter a confiança em Deus, que é quem sabe a hora da sua morte, não quis bater na pedra outra vez, provavelmente com receio de ela não tinir.

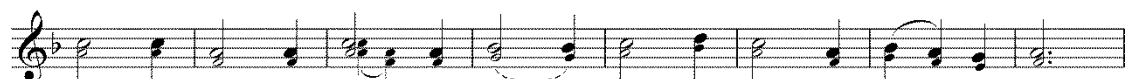
Outro bendito que se refere a este ritual performático é o “bendito do Bom Jesus da Lapa e a pedra do sino”. De modo geral esta canção trata de toda a performance da romaria, desde a viagem, de ônibus ou caminhão, a visita aos santos, o pagamento das promessas, a subida do morro e a pedra do sino:



1. Ro - mei - ros que vão pra La - pa De - ôni - bus e ca - mi - nhão
 2. As - sim que che - gam na gru - ta Vão Bom Je - sus vi - si - tar
 3. De - pois que pa - gam as pro - mes - sas Com - to - da sa - tis - fa - ção
 4. Os ro - mei - ros de jo - e - lhos Quan - do a - ca - bam de re - zar
 5. Se ba - te na - que - la pe - dra E a pe - dra não ti - nir
 6. Ou - tros vão ba - ter na pe - dra E o pó da Pe - dra a - pa - rar
 7. Ou - tros vão ba - ter na pe - dra Por pa - i, mãe ou ir - mão
 8. Ca - da um com su - a fé Nin - guém vai con - tra - ri - ar



1. Pra vi - si - tar Bom Je - sus Fi - lho de Deus de A - bra - ão
 2. En - tram lo - go de jo - e - lhos Pa - ra as pro - mes - sas pa - gar
 3. So - bem o mor - ro e no cru - zei - ro Ca - da um faz o - ra - ção
 4. Ba - tem na pe - dra do si - no Pa - ra ou - vir e - la tri - car
 5. Di - zem que a - que - le ro - mei - ro Na La - pa não tor - na a ir
 6. Pra cu - rar to - da do - en - ça Que ao seu cor - po a - ta - car
 7. Se em ca - sa dei - xou do en - te Quan - do vol - ta en - con - tra são
 8. Que o Bom Je - sus faz a - té Os mor - tos res - sus - ci - tar



1. Pra vi - si - tar Bom Je - sus Fi - lho de Deus de A - bra - ão
 2. En - tram lo - go de jo - e - lhos Pa - ra as pro - mes - sas pa - gar
 3. So - bem o mor - ro e no cru - zei - ro Ca - da um faz o - ra - ção
 4. Ba - tem na Pe - dra do Si - no Pa - ra ou - vir e - la tri - car
 5. Di - zem que a - que - le ro - mei - ro Na La - pa não tor - na a ir
 6. Pra cu - rar to - da do - en - ça Que ao seu cor - po a - ta - car
 7. Se em ca - sa dei - xou do en - te Quan - do vol - ta en - con - tra são
 8. Que o Bom Je - sus faz a - té Os mor - tos res - sus - ci - tar

Romeiros que vão pra Lapa
 De ônibus e caminhão
 Pra visitar Bom Jesus
 Filho de Deus de Abraão

Assim que chegam na gruta
 Vão Bom Jesus visitar
 Entram logo de joelhos
 Para as promessas pagar

Depois que pagam as promessas
 Com toda satisfação
 Sobem o morro e no cruzeiro
 Cada um faz oração

Os romeiros de joelhos
 Quando acabam de rezar
 Batem na pedra do sino
 Para ouvir ela trincar

Se bate naquela pedra
 E a pedra não tinir
 Dizem que aquele romeiro
 Na Lapa não torna a ir

Outros vão batem na pedra
 E o pó da pedra aparar
 Pra curar toda doença
 Que ao seu corpo atacar

Outros vão bater na pedra
 Por pai, mãe ou irmão
 Se em casa deixou doente
 Quando volta encontra são

Cada um com sua fé
 Ninguém vai contrariar
 Que o Bom Jesus faz até
 Os mortos ressuscitar

Este bendito, composto em versos heptassílabos e tonalidade maior, é organizado em quadras cujas rimas encontram-se nos versos pares. Na gravação que ouvimos, os dois últimos versos de cada estrofe são repetidos e a segunda voz canta em terças paralelas à melodia principal. Além do fato de o som da pedra ser capaz de antecipar os acontecimentos futuros, ressaltam-se as propriedades curativas daquela rocha. O pó da pedra, segundo o cantor, é capaz de curar toda a doença. Ademais, é possível bater na pedra em nome de algum familiar doente; isto curará o enfermo que o peregrino deixou em casa quando saiu em romaria. Para finalizar o bendito, o autor parece deixar uma dúvida com relação a toda essa performance ritual em torno da pedra do sino ao dizer que a fé é um atributo de cada um e, por isso, não deve ser contrariada. Por outro lado, como canta o autor, se o Bom Jesus faz até os mortos ressuscitar, ele não poderia duvidar dos milagres operados por ele por meio da pedra do sino.

3.5. Outros ritos de permanência

Além do conjunto ritual descrito até agora, outras inúmeras práticas poderiam ser citadas a fim de complementar a performance própria dos dias de permanência no Santuário. Justamente por ser um campo enormemente vasto, ressaltamos apenas algumas destas práticas, que acreditamos ser de maior proeminência – acender velas, soltar fogos de artifício, dar esmolas aos pobres, entre outros. As duas primeiras, de alguma maneira estão ligadas entre si.

Acender velas não é um rito exclusivo apenas das romarias ou do ambiente dos Santuários. Todo o catolicismo, popular ou institucional, está permeado por este ritual. No campo dos sacramentos, por exemplo, este rito está presente no batismo, quando a vela é acesa no círio pascal pelo padrinho e colocada próxima à criança. Nas celebrações de exéquias, recomenda-se que o mesmo círio pascal seja colocado junto à cabeça do morto, como símbolo do seu batismo e consequente pertencimento ao conjunto dos filhos de Deus. No campo da tradição popular é comum colocar uma vela acesa nas mãos da pessoa que agoniza. A própria liturgia da vigília pascal inicia-se com a bênção do fogo novo e o acendimento do círio. Lembramos também, no âmbito particular, das velas acesas junto às imagens dos santos de devoção, para que interceda em uma situação específica – uma cirurgia, uma prova, uma viagem, entre outros. Também acendem-se velas pelos mortos, nos cemitérios, juntos aos túmulos ou em sua intenção.

No Santuário do Bom Jesus da Lapa, assim como em outros santuários, acender velas é um rito bastante comum. Símbolo da luz de Cristo, como se canta na vigília pascal, a vela também carrega em si a ideia de unicidade, de luz pessoal e verticalidade.¹⁸⁵ Apesar de ser uma ação individual, as velas são acesas em locais públicos apropriados para este fim e formam um conjunto de rara beleza. Acendê-las é uma forma de se conectar com a realidade transcendente. Ela é também símbolo da vigilância do cristão que, assim como as virgens prudentes, aguardam a chegada do esposo com suas lamparinas acesas (Mt 25, 1-13). Ao mesmo tempo em que são símbolo de vitalidade, de ascensão, as velas, ao se consumirem, transparecem a efemeridade e transitoriedade da vida neste mundo.

Acender velas para o Bom Jesus (ou para outro santo) ou mesmo deixá-las aos pés do altar é também objeto de promessa dos romeiros e romeiras. Muitos, além de visitar os santos, participar das missas, fazer ofertas, subir o morro, prometem acendê-las no Santuário. Por isso, é muito comum encontrarmos não só no veleiro, local apropriado para este fim, mas também em outros locais do santuário inúmeras velas acesas.

¹⁸⁵ Jean CHEVALIER e Alain GHEERBRANT, *Dicionário de Símbolos – mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003, p. 934.



Romeiros no veleiro do Santuário



Romeira acendendo velas no morro

Juntamente com o ritual de acender as velas, soltar fogos de artifício também é uma ação performática bastante importante no conjunto dos ritos de permanência no Santuário do Bom Jesus da Lapa. Geralmente este rito está associado, de alguma maneira, ao campo das promessas e votos firmados com o Bom Jesus. Como revela este depoimento, de uma romeira de Ramalho – BA, transcrito por Steil:

Promessa ao Bom Jesus é uma em cima da outra. Se estiver muito sofrida, por qualquer coisa, ou sobre uma doença, ou uma preocupação de luta da família, eu vou e me apego com o Bom Jesus. Rezo uma ladainha e quando vou à Lapa, acendo um maço de velas e solto uma caixa de foguetes.¹⁸⁶

Para o romeiro, soltar fogos de artifício significa, entre outras coisas, a possibilidade de enviar para os céus suas orações, pedidos, anseios e preocupações da vida cotidiana. Assim como o salmista, que suplica ao Senhor – “suba direita a minha oração como incenso na tua presença; seja a elevação das minhas mãos (*tal agradável*) como o sacrifício da tarde” – também o romeiro, com os braços aos céus, remete de maneira veloz, junto com os foguetes, suas preces ao Senhor. Eles simplesmente olham queimar o objeto da sua promessa, do seu voto, e se sentem felizes, satisfeitos. Aparentemente um gesto inútil e perdulário, este rito demonstra o aspecto da gratuidade da promessa. Segundo Steil,

trata-se de um gesto que aposta para a ação de graças, revelando a pouca atenção para sua utilidade. Ou seja, está aqui o outro lado das promessas orientadas para uma resposta às necessidades imediatas, o da gratuidade.¹⁸⁷

Há muito tempo há um apelo grande por parte dos dirigentes do Santuário com relação aos fogos de artifício. Muitos pedem que sejam soltos longe das grutas ou da esplanada, evitando, assim eventuais acidentes e fatalidades; outros desencorajam a prática deste rito, uma vez que seria contrário à vontade de Deus pelo fato de ser um desperdício de dinheiro:

É preferível, por mais agradável ao Bom Jesus, empregar a importância do excesso de foguetes em esmolas aos pobres ou na aquisição de algum objeto para o culto divino de acordo com o Sr. Vigário da paróquia. Não esqueças que “o barulho faz pouco bem, e o bem faz pouco barulho”.¹⁸⁸

¹⁸⁶ Carlos STEIL, *O sertão das romarias*, p. 138.

¹⁸⁷ Carlos STEIL, *O sertão das romarias*, p. 138.

¹⁸⁸ Monsenhor Turíbio Vilanova SEGURA, Livro do Devoto do Senhor Bom Jesus da Lapa. In: Lucas KOCIK, *Cartilha do Santuário de Bom Jesus da Lapa*. Bom Jesus da Lapa: Gráfica Bom Jesus, 1986, p. 195.

Esse é um argumento utilizado há tanto tempo pela instituição eclesial, e até hoje os dirigentes do Santuário se utilizam destas premissas para coibir este tipo de prática.

No período mais intenso da romaria é bastante comum encontrar muitas pessoas pedindo esmola em Bom Jesus da Lapa, não só nas proximidades do Santuário, mas também em diversos pontos da cidade. Muitos destes pedintes não são lapenses, mas se dirigem à cidade no tempo de maior concentração de romeiros com a intenção de mendigar e, assim, conseguir algum dinheiro. Algumas destas pessoas têm algum tipo de deficiência física, o que sensibiliza ainda mais quem passa por eles, que ficam estrategicamente alocados.

Os romeiros, por sua vez, oferecem esmolas a estes mendicantes que, durante todo o dia, pedem ajuda. Além de ser um gesto de solidariedade e contribuição com os mais necessitados, este rito performático está igualmente envolto nas tramas das promessas e votos para o com o Bom Jesus. Muitos romeiros prometem dar esmolas quando em romaria à Lapa. É também uma maneira de se fazer próximo ao Bom Jesus, imitando-o, além de criar identidade com a realidade transcendente, a quem o cantor como “um santo de caridade”:

Senhor Bom Jesus da Lapa
É um santo de caridade
Ele dá esmola aos cegos
E aos pobres, aleijados¹⁸⁹

A fim de chamar a atenção das pessoas que passam, os pedintes chacoalham pequenos vasilhames com moedas, cantam pregões e benditos. Estes sons, entre outros tantos, compõem a paisagem sonora da romaria.

O bendito “Romeiros que vêm de longe” (recolhido em 1983 por Elizabeth Travassos), dirigido aos romeiros que sobem o morro do cruzeiro, é um exemplo dos cantos entoados pelos mendicantes:

¹⁸⁹ Estrofe do bendito “A Igreja da Lapa”



1. Ro - mei - ros que vêm de longe_____ Vêm fa - zer sua ro - ma - ria
 2. Ro - mei - ro me dê u - ma es - mola_____ Não te - nha pe - na_____ de dar
 3. Es - ta do - na é de - li - cada_____ É de - cen - te a fan - ta - sia
 4. A es - tra - da de lá (...)_____ Tem pe - dra tem a - re - ião
 5. No mun - do eu nun - ca pen - sei_____ Pe - dir es - mo - la an - dar_____ pe - dindo



1. Vi - si - tar o Bom_____ Je - sus_____ Com pra - zer e a - le - gria
 2. Dê a - le - gre ou dê_____ con - ten - te Pra Je - sus lhe a - ju - dar
 3. Ca - be - lo pre - to a - ne - la - do Os o - lhos de San - ta Lu - zia
 Me - te a mão na sua al - gi - bei - ra Pro - te - ja mi - nha ba - cia
 4. Se não fos - se o Bom_____ Je - sus_____ Não vi - nha ro - mei - ro não
 5. Pe - ço ao ri - co e pe - ço ao po - bre Ho - mem, mu - lher e me - nino

Romeiros que vêm de longe
 Vêm fazer sua romaria
 Visitar o Bom Jesus
 Com prazer e alegria

Romeiro me dê uma esmola
 Não tenha pena de dar
 Dê alegre ou dê contente
 Pra Jesus lhe ajudar

Esta dona é delicada
 É decente a fantasia
 Cabelo preto anelado
 Os olho de Santa Luzia
 Mete a mão na sua algibeira
 Proteja minha bacia
 A estrada de lá (...)
 Tem pedra, tem areião
 Se não fosse o Bom Jesus
 Não vinha romeiro não

Romeiro me dê uma esmola
 Não tenha pena de dar
 Dê alegre ou dê contente
 Pra Jesus lhe ajudar

No mundo eu nunca pensei
 Pedir esmola, andar pedindo
 Peço ao rico e peço ao pobre
 Homem, mulher e menino

Com este bendito, o cantor-mendicante pede aos romeiros do Bom Jesus que deem uma esmola, de coração alegre e contente, para que assim o santo os ajude. Também tece elogios, reconhecendo não só os atributos físicos da senhora que passa,

que tem os cabelos pretos e anelados, mas também suas qualidades sociais e até espirituais, chamando-a de “dona delicada” e comparando seus olhos aos de Santa Luzia. Depois de ressaltar os aspectos positivos da romeira, solicita que desembolse algum trocado. As dificuldades do caminho, a graça e a bondade do Bom Jesus, da mesma maneira, são lembradas. Para finalizar, o pedinte afirma que nunca pensou em passar por aquela situação de mendicância, mas como a vida assim se lhe colocou, então pede a todo mundo, seja rico ou pobre, homem, mulher ou criança.

A melodia, composta em modo mixolídio, isto é, em modo maior com o sétimo grau da escala abaixado, é constituída, basicamente, pela tétrade de si bemol com sétima menor na primeira inversão (ré-fá-lab-sib). Ora o acorde se apresenta completo, ora apenas alguns fragmentos, preenchidos por graus conjuntos ou não. De modo geral, a melodia caminha ascendentemente, contribuindo com o caráter assertivo e imperativo do texto – “dê uma esmola”, “não tenha pena de dar”, “mete a mão na sua algibeira”. O pedido é quase uma ordem. A melodia deixa transparecer as mesmas características, o que revela a coerência entre texto e música.



Grupo de pedintes próximo à esplanada

Outro bendito, recolhido por nós durante a romaria do Bom Jesus do ano 2011, foi cantado por um deficiente visual que pedia esmola na entrada da esplanada do Santuário:



Dê uma esmola pelo amor de Deus
 Meu Bom Jesus, pelo amor de Deus
 Dê uma esmola pelo amor de Deus, Bom Jesus da Lapa, pelo amor de Deus
 Meu Bom Jesus, meu Bom Jesus
 Uma caridade pelo amor de Deus
 Uma caridade pelo amor de Deus, Bom Jesus da Lapa, pelo amor de Deus
 Meu Bom Jesus, meu Bom Jesus, meu Bom Jesus
 Dê um adjutório pelo amor de Deus
 Meu Bom Jesus, meu Bom Jesus
 Bom Jesus da Lapa pelo amor de Deus

Este bendito, em modo jônio, é improvisado pelo cantor. Tanto o texto quanto a melodia sofrem alterações a cada repetição. O cantor-pedinte solicita aos que por ali passam uma “caridade”, “esmola” ou “adjutório”. Tudo “pelo amor de Deus” e em nome do “Bom Jesus”, que em alguns momentos recebe o título de “Bom Jesus da Lapa”.

Com relação à melodia, podemos destacar dois motivos: o primeiro deles, com figuras pontuadas e graus conjuntos (ascendentes e descendentes), assentado sobre a escala de mib maior, e o segundo, com notas longas, que se inicia com um salto e depois desce com graus conjuntos. O cantor, ao pedir o auxílio monetário, utiliza o primeiro motivo. O segundo, mais suplicante, é reservado ao Bom Jesus.

Aqui registramos apenas alguns dos fragmentos executados pelo cantor. Durante as pesquisas pudemos ouvir outras variações tanto melódicas quanto literárias.



Pedinte do Bom Jesus

Paralelamente ao conjunto de ações que compõem a performance ritual de permanência e que estão intimamente ligados ao ambiente sagrado do Santuário e à prática religiosa dos romeiros (visitas, cumprimentos de votos e promessas, participação nos sacramentos da Igreja, entre outros), não podemos deixar de fazer uma nota, ainda que breve, sobre uma “outra romaria” que tem como cenário a cidade como um todo – o Rio São Francisco, as ruas, as praças, os bares e clubes.

Além da atividade religiosa, há uma outra performance, que, segundo Steil, parece estar ligada a um sistema de compreensão da romaria como sendo um fenômeno turístico ou relativo ao campo do espetáculo. Nos períodos de maior movimento na cidade, diversas festas e bailes são promovidos por grupos particulares ou pela municipalidade e oferecidos como diversão para os romeiros, turistas e lapenses. Também o jogo, o comércio e a prostituição se acentuam no tempo de maior afluxo de peregrinos. De acordo com alguns dirigentes do Santuário, estima-se que uma parcela das pessoas que vai à Lapa em romaria nem sequer se aproxima do Santuário. A beira do rio São Francisco é bastante procurada pelos romeiros como possibilidade de lazer no período em que permanecem na cidade.



Romeiros na beira do rio São Francisco

Também os jogos de azar são muito explorados, principalmente no tempo da romaria.



Jogo de argolas às margens do São Francisco

Apesar de esta dimensão “pagã” da romaria ser absolutamente reprovada pelos dirigentes do Santuário, a própria instituição eclesial tem se utilizado destes mecanismos para objetivos mais “sagrados”. Na romaria de 2011, por exemplo, a diocese de Bom Jesus da Lapa promoveu em um clube da cidade um show com o Padre Fábio de Mello, cantor de renome no âmbito do catolicismo brasileiro contemporâneo, no intuito de angariar fundos para a construção da catedral.

O que se pode constatar mais uma vez é que a romaria, mais do que simplesmente um acontecimento religioso, ligado ao catolicismo popular, é um fenômeno cultural e, por este motivo, envolve todos os aspectos da vida cotidiana – relações de poder, disputas pelo sagrado, solidariedade, diferenças acerca da visão de mundo, trama de interesses, entre outros.

Neste ambiente de ambiguidades, disputas e concessões em que está inserido o culto ao Bom Jesus da Lapa, podemos constatar também a presença de símbolos, imagens e personagens ligados aos cultos afro-brasileiros. Apesar de os dirigentes do Santuário (e a instituição eclesial como um todo) serem expressamente contrários a qualquer tipo de manifestação sincrética, acabam sendo bastante tolerantes com os símbolos, objetos e práticas dos romeiros e estes, por sua vez, não parecem se sentir violando a fé católica ou algum preceito religioso. Segundo Steil, isso se deve ao fato

de a identidade dos praticantes dos cultos afro-brasileiros ter sido construída incluindo os rituais católicos. Sendo assim, “parece não haver contradição para seus seguidores em participar como romeiros do culto ao Bom Jesus da Lapa”.¹⁹⁰

Durante as pesquisas de campo registramos algumas imagens que são reveladoras da prática sincrética no contexto da romaria da Lapa:



Romeiros do Bom Jesus membros de religiões afro-brasileiras



Oferenda colocada no morro do Bom Jesus

¹⁹⁰ Carlos STEIL, *O sertão das romarias*, p. 132.



Sala dos milagres – Sagrados Corações, Santos Cosme e Damião e Iemanjá

Ao que nos parece, o culto ao Bom Jesus da Lapa bem como a performance que compõe a romaria extrapolam os limites do catolicismo, seja ele popular ou institucional.

Neste sentido, o santo que se manifesta no santuário não é apenas parte do sistema religioso católico oficial, mas o fundamento do sagrado. (...) O culto ao Bom Jesus não só não é exclusividade dos católicos, mas acaba de alguma forma respondendo à demanda religiosa dos romeiros que são adeptos do candomblé ou da umbanda.¹⁹¹

¹⁹¹ Carlos STEIL, *O sertão das romarias*, p. 133.

CAPÍTULO IV

“Da Lapa saí chorando com saudade do Bom Jesus” – A despedida

***Quando eu saí da Lapa avistei a santa cruz
Da Lapa saí chorando com saudade do Bom Jesus***

Ô meu Bom Jesus, seja nossa guia, meu Bom Jesus. Assim como vós trouxe nós, meu Bom Jesus, o senhor leva nós em paz, meu Bom Jesus. Esteja à nossa direita do nosso carro, do motorista, meu Bom Jesus. Abençoa nossos romeiro e leva nós em paz, meu Bom Jesus, para os nossos lar, meu Bom Jesus. Que assim seja.
(Romeira do Bom Jesus da Lapa – Oração de despedida¹⁹²)

Como pudemos observar ao longo de todo o trabalho, inúmeros são os ritos que compõem o conjunto performático da romaria ao Santuário do Bom Jesus da Lapa. Desde o momento da preparação da viagem, a partida, o caminho, até a chegada ao lugar sagrado e a permanência nesta igreja “feita de pedra e luz”, os romeiros desempenham papéis específicos, executam ações e ritos, entoam canções, de modo a compor, assim, a performance ritual da romaria. A coerência entre gesto e palavra, entre rito e bendito, é presenciada durante toda a peregrinação.

Neste último capítulo apresentamos os ritos celebrados nos momentos de despedida dos romeiros e romeiras, os quais, via de regra, são acompanhados por canções e benditos próprios. Também abordamos a questão da saudade, categoria sociológica que evoca sentimentos dúbios e irresolutos, determinados pelo binômio ausência-presença. Em seguida, partimos para a análise dos benditos cantados na viagem de volta. Estas canções muito se aproximam dos benditos cantados quando da viagem de ida para o Santuário e serão analisados e classificados de acordo com as categorias propostas no segundo capítulo. Pontuamos também a questão da ciclicidade da romaria, que está centrada, principalmente, na perspectiva do retorno dos romeiros no próximo ano ou já na próxima romaria, compondo, assim, um movimento em

¹⁹² Esta oração foi por nós recolhida durante as pesquisas de campo na romaria em 2011. A romeira, em frente ao altar do Bom Jesus da Lapa, com os braços erguidos, cantou um bendito e depois proferiu, espontaneamente esta prece, despedindo-se do santo momentos antes de partir em viagem de volta à casa.

forma de espiral, a partir do qual há sempre um retorno, uma repetição, porém nunca da mesma maneira; a cada ano as romarias se renovam, se atualizam, o que contribui sobremaneira para a compreensão do próprio peregrinar ao longo da vida de cada um dos romeiros e romeiras do Senhor Bom Jesus da Lapa. Como último ponto, apresentamos a hipótese levantada na introdução deste trabalho, que se assenta sobre a possibilidade de os benditos cantados pelos romeiros do Bom Jesus da Lapa comporem uma espécie de “ordinário”, o qual prescreve não só a estrutura da performance ritual mas também aquilo que se deve cantar ou rezar em cada parte da peregrinação. Levando em consideração a existência deste “ordinário da romaria”, chegamos à conclusão de que os romeiros não cantam na romaria, mas sim cantam “a” própria romaria.

1. Ritos e Benditos de despedida

Ao falarmos dos momentos finais da permanência dos romeiros no Santuário, podemos afirmar que estes, em geral, estão permeados por sentimentos mistos e ambíguos. Se por um lado o coração dos peregrinos está preenchido, repleto de alegria e felicidade por ter estado tão próximo ao transcendente, na sua morada, por outro, a dor e a tristeza de ter que deixar o santo tomam conta dos romeiros que partem de volta às suas casas. Como canta o salmista: “porque é melhor um só dia nos teus átrios, que milhares (entre as alegrias humanas); preferi ser o último na casa de meu Deus, a morar nas tendas dos pecadores” (Sl 83,11).

Assim como nos demais momentos da romaria ao Santuário do Bom Jesus da Lapa, os ritos de despedida são diversos. Dessa maneira, apresentaremos os elementos mais importantes da despedida bem como os benditos entoados com mais frequência pelos romeiros.

No contexto das principais festas do Santuário, quais sejam as celebrações do Bom Jesus da Lapa e de Nossa Senhora da Soledade, podemos dizer que a procissão é o rito que encerra as comemorações. Na manhã do último dia da festa se celebra a missa solene, com a liturgia própria (6 de agosto – Festa da Transfiguração do Senhor; 15 de setembro – Solenidade de Nossa Senhora das Dores), e ao cair da tarde acontece a procissão. Geralmente, os romeiros que chegam à Lapa na semana que antecede a festa, costumam permanecer na cidade até o término da procissão,

partindo em viagem de volta naquela mesma noite ou durante a madrugada. Assim, participar da procissão é o último ritual performático antes de viajar de volta à casa.

Depois de a procissão percorrer as ruas da cidade e retornar à esplanada, são prestadas as últimas homenagens ao santo. A imagem é retirada do andor e reconduzida à gruta. Neste momento os romeiros se despedem, cantando. Um bendito que acompanha esta ação ritual e que é frequentemente entoado pelos romeiros é o “Bendito de despedida dos romeiros do Bom Jesus”, cujo texto apresentamos anteriormente ao falar dos ritos de permanência:



1. Se - nhor Bom Je - sus da La - pa Dai - me cal - ma, paz e luz
 2. Pra cum - prir mi - nha pro - mes - sa De jo - e - lhos me dis - pus
 3. Vi - si - tei Se - nhor dos Pas - sos De jo - e - lhos com a cruz
 4. Vi - si - tei Nos - sa Se - nho - ra Que pa - ra o céu nos con - duz
 5. Já con - fes - sei meus pe - ca - dos Já mais nin - guém me se - duz
 6. Já su - bi o lin - do mor - ro On - de tem a san - ta cruz
 7. Ba - ti na pe - dra do si - no Bem per - tinho da san - ta cruz
 8. Se - nhor Bom Je - sus da La - pa Man - dai um an - jo de luz

1. Que a - go - ra vou - me em - bo - ra A - deus, a - deus, Bom Je - sus
 2. E en - treí na san - ta i - gre - ja A - deus, a - deus, Bom Je - sus
 3. E a - go - ra vou - me em - bo - ra A - deus, a - deus, Bom Je - sus
 4. E a - gor - ra vou - me em - bo - ra A - deus, a - deus, Bom Je - sus
 5. Já to - mei a san - ta hós - tia A - deus, a - deus, Bom Je - sus
 6. Já re - zeí na ca - pe - li - nha A - deus, a - deus, Bom Je - sus
 7. Vi - si - tei meu São Fran - cis - co A - deus, a - deus, Bom Je - sus
 8. Pra a - com - pa - nhar os ro - mei - ros Pa - ra sem - pre a - mém Je - sus

1. Que a - go - ra vou - me em - bo - ra A - deus, a - deus, Bom Je - sus
 2. E en - treí na san - ta i - gre - ja A - deus, a - deus, Bom Je - sus
 3. E a - go - ra vou - me em - bo - ra A - deus, a - deus, Bom Je - sus
 4. E a - gor - ra vou - me em - bo - ra A - deus, a - deus, Bom Je - sus
 5. Já to - mei a san - ta hós - tia A - deus, a - deus, Bom Je - sus
 6. Já re - zeí na ca - pe - li - nha A - deus, a - deus, Bom Je - sus
 7. Vi - si - tei meu São Fran - cis - co A - deus, a - deus, Bom Je - sus
 8. Pra a - com - pa - nhar os ro - mei - ros Pa - ra sem - pre a - mém Je - sus

Senhor Bom Jesus da Lapa
 Dai-me calma, paz e luz
 Que agora vou-me embora
 Adeus, adeus, Bom Jesus

Pra cumprir minha promessa
 De joelho me dispus
 E entrei na santa igreja
 Adeus, adeus, Bom Jesus

Visitei Senhor dos Passos
De joelhos com a cruz.
E agora vou-me embora
Adeus, adeus, Bom Jesus

Visitei Nossa Senhora
Que pra o céu nos conduz
E agora vou-me embora
Adeus, adeus, Bom Jesus

Já confessei meus pecados
Jamais ninguém me seduz
Já tomei a santa hóstia
Adeus, adeus, Bom Jesus

Já subi o lindo morro
Onde tem a santa cruz
Já rezei na capelinha
Adeus, adeus, Bom Jesus

Bati na pedra do sino
Bem pertinho da santa cruz
Visitei meu São Francisco
Adeus, adeus, Bom Jesus

Senhor Bom Jesus da Lapa
Mandai um anjo de luz
Pra acompanhar meus romeiros
Para sempre, amém, Jesus

Este bendito, entoado com a mesma melodia da tradicional canção católica “Lenta e calma”,¹⁹³ descreve toda a performance ritual dos romeiros durante os dias de permanência no Santuário do Bom Jesus da Lapa: o cumprimento das promessas, a visita aos santos, a participação nos sacramentos da Igreja, a oração, a subida do morro, o tilintar da pedra do sino. A primeira e última estrofes “emolduram” a performance, apresentando dois pedidos dos peregrinos: que o Senhor lhes conceda “calma, paz e luz” para a viagem e que mande “um anjo de luz” a fim de acompanhá-

¹⁹³ Uma das versões do texto desta canção, geralmente entoada nos ofícios da tarde:

Lenta e calma sobre a terra, vem a noite e foge a luz
Quero agora despedir-me: boa noite, meu Jesus.

Ó Senhor, dai-nos a bênção, e do mal que nos seduz.
A meus pais e a mim guardai-me: boa noite, meu Jesus.

A teus pés, ó Virgem Pura, peço a bênção maternal.
Boa noite, Mãe querida; boa noite, meu Jesus.

los.¹⁹⁴ Constituídas em redondilhas maiores, as estrofes de quarto versos cada têm as rimas dispostas nos versos pares, de acordo com a estrutura A-B-C-B. O último verso das estrofes se repete (“Adeus, adeus Bom Jesus”), com exceção da última estrofe, que encerra a oração/pedido – “Para sempre, amém, Jesus”.

A melodia, em tonalidade maior e compasso ternário, é executada em andamento bastante tranquilo, aproximando-se muito das canções de ninar. De modo geral, o perfil melódico é composto por graus conjuntos e saltos de terça; também são usadas bordaduras, ou seja, ornamentos produzidos por graus conjuntos, acima ou abaixo da nota principal.

Além da procissão pelas ruas da cidade, das aclamações e homenagens prestadas aos santos, outro elemento que também faz parte dos ritos de despedida é a destruição do andor. Terminada a procissão, retirada a imagem, todas as flores que revestem e adornam o andor são arrancadas pelos romeiros. Em poucos minutos o suporte que carrega a imagem fica completamente descoberto. Os romeiros desejam levar para suas casas as flores, fitas e enfeites que, tendo sido tocados pelo santo, revestiram-se de sua santidade. Sobre a dinâmica das procissões, Maria Ângela Vilhena assinala:

De qualquer forma, nas procissões, cabe aos fiéis seguir o sagrado, destacado em andores ou sob pálios, em suas andanças pelas ruas das cidades. Nelas, é o sagrado que vai ao encontro do polo sacralizando ruas, casas e seus habitantes. Contagante, rompe barreiras e cria espaços interessantes onde ele e o profano se amalgamam. Alaridos, salvas, gritos, empurrões, pés descalços, risos, ombros curvados pelo peso dos andores, velas, conversas, suspiros, crianças vestidas de anjo ou com o hábito do padroeiro, pedintes, fitas e flores, tudo fica sacralizado pelo sagrado que perambula.¹⁹⁵

Possuir um objeto tocado pela realidade transcendente é também uma maneira de perpetuar sua presença, mesmo depois de deixar o Santuário. Tais “reliquias” são guardadas com grande zelo pelos peregrinos e romeiros. Como nos aponta Steil,

¹⁹⁴ Este pedido parece fazer referência às promessas de Iahweh ao povo de Israel em vista da entrada em Canaã (Ex 23,20): “Eis que eu enviarei o meu anjo, que vá adiante de ti, e te guarde pelo caminho, e te introduza no lugar que preparei”.

¹⁹⁵ Maria Ângela VILHENA, O peregrinar: caminhar para a vida. In: Edin Sued ABUMANSUR (org.), *Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo*. Campinas: Papirus, 2003, p. 21-22.

Talvez se possa pensar, segundo a sugestão de Turner, na procissão e na destruição do andor como momentos sucessivos de um só ritual, como acontece com frequência em religiões tribais, onde a iconicidade e a iconoclastia representam o plural e o uno como aspectos complementares da realidade. De modo que o caráter efêmero do andor intensifica ainda mais a sensação fantástica e o radicalismo utópico da presença do Bom Jesus neste lugar sagrado.¹⁹⁶



Destruição do andor do Bom Jesus da Lapa

O bendito “Adeus, adeus” é outro exemplo de canção entoada pelos romeiros nos momentos de despedida. Este canto não é dirigido diretamente aos santos cultuados no Santuário do Bom Jesus da Lapa, mas, de modo geral, faz referência às entidades que acompanham os romeiros na viagem de volta – Deus e a Virgem Maria.



1. A - deus, a - deus__ Que eu_ já vou-me em - bo - ra__ Nós vai com Deus E__ Nos - sa Se - nho - ra__
2. Nos - sa Se - nho - ra É__ a nos - sa gui - a__ Nós vai com Deus E a__ Vir - gem Ma - ri - a__

Adeus, adeus
Que eu já vou-me embora
Nós vai com Deus
E Nossa Senhora

¹⁹⁶ Carlos Alberto STEIL, *O sertão das romarias – um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 127.

Nossa Senhora
 É a nossa guia
 Nós vai com Deus
 E a Virgem Maria

O perfil melódico deste bendito, composto a partir de uma escala hexacordal, caracteriza-se, principalmente, pelo emprego de saltos de terça. A melodia se inicia com um arpejo de láb maior na segunda inversão (mib-láb-do-mib), definindo, logo no primeiro compasso o modo empregado. As estrofes são compostas por versos de quatro e cinco sílabas. Os versos ímpares têm quatro sílabas e os pares, de cinco sílabas, rimam entre si (A-B-C-B). Os romeiros, ao cantar este bendito, despedem-se daqueles que ficam e afirmam ser acompanhados por Deus e Nossa Senhora durante a viagem.

Além das despedidas coletivas dos romeiros que, em geral, acontecem na esplanada logo após a procissão, no dia da festa, percebemos que existem momentos reservados para as últimas orações, conversas e pedidos. Assim como acontece na chegada ao Santuário do Bom Jesus da Lapa, também na saída os romeiros visitam os santos. Ao chegar, os romeiros se apresentam às realidades transcendentais, pagam suas promessas e cumprem seus votos. Ao se despedir, a visita tem o intuito de agradecer mais uma vez pelas graças recebidas, pelos pedidos atendidos, pelos dias que passaram juntos (romeiro e santo), para reafirmar seu compromisso de fé e, sobretudo, para pedir as bênçãos e proteção para a viagem de volta.

Nestes momentos de intimidade e entrega é bastante comum ouvirmos os romeiros entoarem canções diante dos altares dos santos. Em geral, estes benditos fazem referência à viagem, à tristeza que se sente ao deixar o Bom Jesus e Nossa Senhora. Além disso, os romeiros justificam aos santos a impossibilidade de estarem na Lapa todos os dias, uma vez que moram longe.

O bendito intitulado “O adeus dos romeiros a Nossa Senhora da Soledade”, com letra de Minelvino Francisco Silva, é próprio deste momento de despedida:



1. A - deus, mi-nha mãe, a - deus_____ A - deus que eu já vou-me em - bo - ra
 2. Mi - nha mãe da So - le - da - de A - cei - tai a ro - ma - ri - a
 3. Não pos - so vir to - do dí - a Mas não dei-xo a o - ra - ção_____
 4. Den - tro do meu co - ra - ção_____ Le - vo mi-nha mãe con-ce - bi - da
 5. Do res - to da mi - nha ví - da Que - ro le - var mi - nha cruz_____
 6. E do teu fi - lho Je - sus_____ Que - ro ter a sal - va - ção_____



1. Meu co - ra - ção vai_____ par - ti - do, ó mãe De dei - xar Nos-sa Se - nho - ra
 2. Eu sou ro - mei - ro_____ de_____ lon - ge, ó mãe Não pos - so vir to - do dí - a
 3. Por - que te le - vo_____ gra - va - da, ó mãe Den - tro do meu co - ra - ção_____
 4. Pra nun - ca me se - pa - rar, ó mãe Do res - to da mi - nha ví - da
 5. A - té che-gar a_____ teus_____ pés, ó mãe E do teu fi - lho Je - sus_____
 6. Pa - ra vi - ver des - can - sa - do, ó mãe Des - te mun-do de i - lu - são_____



1. Meu co - ra - ção vai_____ par - ti - do, ó mãe De dei - xar Nos-sa Se - nho - ra
 2. Eu sou ro - mei - ro_____ de_____ lon - ge, ó mãe Não pos - so vir to - do dí - a
 3. Por - que te le - vo_____ guar - da - da, ó mãe Den - tro do meu co - ra - ção_____
 4. Pra nun - ca me se - pa - rar, ó mãe Do res - to da mi - nha ví - da
 5. A - té che-gar a_____ teus_____ pés, ó mãe E do teu fi - lho Je - sus_____
 6. Pa - ra vi - ver des - can - sa - do, ó mãe Des - te mun-do de i - lu - são_____

Adeus, minha mãe, adeus
 Adeus que eu já vou-me embora
 Meu coração vai partido, ó mãe
 De deixar Nossa Senhora

Minha mãe da Soledade
 Aceitai a romaria
 Eu sou romeiro de longe, ó mãe
 Não posso vir todo dia

Não posso vir todo dia
 Mas não deixo a oração
 Porque te levo gravada, ó mãe
 Dentro do meu coração

Dentro do meu coração
 Levo minha mãe concebida
 Pra nunca me separar, ó mãe
 Do resto da minha vida

Do resto da minha vida
 Quero levar minha a cruz
 Até chegar a teus pés, ó mãe
 E do teu filho Jesus

E do teu filho Jesus
 Quero ter a salvação
 Para viver descansado, ó mãe
 Deste mundo de ilusão

Este bendito nos foi transmitido por um grupo de romeiros de Itamaraju – BA, quando se despediam de Nossa Senhora da Soledade, momentos antes de partir em viagem. Composto a partir de uma escala hexacordal, a melodia deste bendito perfaz um âmbito de quinta justa e se utiliza, principalmente, de graus conjuntos, saltos de terça e saltos de quarta justa. Estes últimos são utilizados, de modo especial, no terceiro verso de cada estrofe, dando maior ênfase ao texto. No registro de campo que fizemos, os dois últimos versos de cada estrofe se repetem. A canção é executada a duas vozes, as quais compõem, de modo geral, intervalos de sextas paralelas. Com relação à estrutura do poema, é interessante notar que a partir da segunda estrofe o poeta utiliza-se do recurso estilístico medieval “leixa-pren” (deixa-prende), que consiste na repetição do conteúdo do último verso da estrofe no primeiro da estrofe subsequente. O emprego deste recurso, amplamente utilizado nas cantigas de amigo trovadorescas, é uma maneira de enfatizar o conteúdo destes versos repetidos e também contribui para a memorização do texto, que é longo e, geralmente, cantado de cor.¹⁹⁷

Em nossas pesquisas de campo encontramos outras variações deste mesmo bendito, como esta que se segue, transmitida por um grupo de romeiros de Vitória da Conquista – BA durante a romaria do ano 2008:

1. A - deus, mi - nha mãe, a - deus_____ A - deus que eu já vou me em - bora_____

2. Ro - mei - ros que vão à Lapa_____ Vai com Deus no co - ra - ção_____

1. Meu co - ra - ção vai par - ti - do De eu dei - xar Nos - sa Se - nhora_____

2. Vi - si - tou meu Bom Je - sus_____ É o pa - dre Ci - ço Ro - mão_____

1. Meu co - ra - ção vai par - ti - do De eu dei - xar Nos - sa Se - nhora_____

2. Vi - si - tou meu Bom Je - sus_____ É o pa - dre Ci - ço Ro - mão_____

¹⁹⁷ De acordo com as regras da poesia medieval, o “leixa-pren” não era aplicado no estribilho das canções. Sendo assim, podemos supor que tal recurso estilístico tenha sido utilizado por Minelvino somente a partir da segunda estrofe devido ao fato de a primeira ter função de refrão.

Adeus, minha mãe, adeus
 Adeus que eu já vou-me embora
 Meu coração vai partido, ó mãe
 De eu deixar Nossa Senhora

Romeiros que vão à Lapa
 Vai com Deus no coração
 Visitou meu Bom Jesus
 E o padre Cicho Romão

O texto da primeira estrofe é o mesmo do bendito anterior. Na segunda estrofe, além da romaria ao Santuário do Bom Jesus da Lapa o cantor faz referência ao Padre Cícero, cultuado em Juazeiro do Norte – CE. Conforme já dissemos anteriormente, na construção das narrativas míticas que envolvem o Santuário do Bom Jesus da Lapa, figuras e situações aparentemente desconectadas e sem relação ligam-se entre si com facilidade. Aqui, o Padre Cícero Romão e o Bom Jesus são colocados lado a lado, como se ambos fossem cultuados em um mesmo espaço, um mesmo santuário. Isso significa dizer que *in illo tempore*, ou seja, no tempo primordial, as duas figuras estão unidas, ainda que a distância, temporal e geográfica, entre os dois santuários seja um elemento a se considerar. Os limites do local de culto são absolutamente superados pelos romeiros, que aproximam suas devoções particulares, neste caso o Padre Cícero, ao culto ao Bom Jesus da Lapa. Com relação à música, este bendito se utiliza do modo mixolídio e do modo jônio, organização conhecida como escala mista ou dualismo modal. Em outras palavras, ora o sétimo grau da escala aparece abaixado, caracterizando o modo mixolídio, ora em sua forma original, evidenciando o modo jônio.

Apresentamos, ainda, outra variante do mesmo bendito. Nesta versão, os peregrinos, ao cantar, se despedem não apenas de Nossa Senhora, mas também do Bom Jesus e do “padre”, que pode ser entendido como o ministro ordenado pertencente à instituição eclesial ou o próprio “pai do céu”, aquele que ajuda os romeiros a retornar à Lapa no próximo ano. O perfil melódico desta canção é bastante semelhante ao da canção anterior, entretanto temos uma diferença substancial, que é o modo utilizado. Nesta versão, o modo utilizado é o jônio, ou seja, o modo maior sem quaisquer alterações. Apesar de os perfis serem semelhantes, são duas músicas distintas e com caráter diferente, o que se deve à escolha das escalas.



1. A - deus, mi - nha mãe, a - deus _____ A - deus que eu já vou me em - bora _____
 2. A - deus, Bom Je - sus, a - deus _____ A - deus que eu já vou me em - bora _____
 3. A - deus, meu pa - dre, a - deus _____ A - deus, com a - mor que venho _____



1. Meu co - ra - ção vai par - ti - do De eu dei - xar Nos - sa Se - nhora _____
 2. Meu co - ra - ção vai par - ti - do De eu dei - xar Nos - sa Se - nhora _____
 3. Se Deus a - ju - da os ro - mei - ro Os ro - mei - ro to - dos vem _____



1. Meu co - ra - ção vai par - ti - do De eu dei - xar Nos - sa Se - nhora _____
 2. Meu co - ra - ção vai par - ti - do De eu dei - xar Nos - sa Se - nhora _____
 3. Se Deus a - ju - da os ro - mei - ro Os ro - mei - ro to - dos vem _____

Adeus, minha mãe, adeus
 Adeus que eu já vou me embora
 Meu coração vai partido
 De eu deixar Nossa Senhora

Adeus, Bom Jesus, adeus
 Adeus que eu já vou-me embora
 Meu coração vai partido
 De eu deixar Nossa Senhora

Adeus, meu padre, adeus
 Adeus, com amor que venho
 Se Deus ajuda os romeiro
 Os romeiro todos vem

Adeus, minha mãe, adeus
 Adeus que eu já vou me embora
 Meu coração vai partido
 De eu deixar Nossa Senhora

Geralmente, estes momentos de despedida dos romeiros acontecem durante o dia da festa. Na parte da manhã é celebrada a missa solene e ao longo de todo o dia os romeiros e romeiras passeiam pelo Santuário, entram ainda outra vez nas grutas, na sala dos milagres, acendem velas e prestam as últimas homenagens aos seus santos de devoção, antes de participar da procissão e, por fim, partir em viagem.

Na romaria do ano 2011 pudemos observar alguns romeiros neste momento de despedida. Nesta oportunidade, assistimos uma romeira cantando este bendito ao Bom Jesus da Lapa em frente ao seu altar:

Bom Je - sus da La - pa Pa - dro - ei - ro for - te

Bom Je - sus da La - pa Pa - dro - ei - ro for - te

Se - ja nos - sa gui - a Na i - da e na vol - ta

Se - ja nos - sa gui - a Na i - da e na vol - ta

Bom Jesus da Lapa
Padroeiro forte
Seja nossa guia
Na ida e na volta

Esta pequena canção, composta em modo jônio, traduz a confiança que a romeira tem no seu santo de devoção, que é denominado “padroeiro forte” e para quem se pede proteção tanto na viagem de ida, que parece ter transcorrido sem grandes problemas, quanto na de volta, que está prestes a se iniciar. O âmbito melódico é de uma sexta menor e são utilizados, basicamente, graus conjuntos descendentes. Interessante nota que no último verso – “na ida e na volta” – a melodia, descreve literalmente este itinerário: na ida, ela ascende (ré-mi-fá) e na volta, descende (ré-do-si).

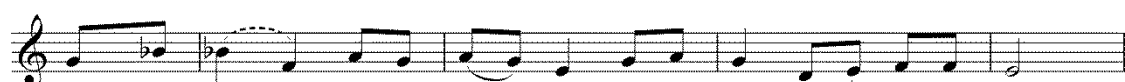
Outros cantos e benditos são entoados pelos romeiros e peregrinos antes da viagem de volta. Destacamos aqui duas canções que fazem referência aos momentos finais da peregrinação. A primeira delas, “Minha gente, venha ver”, recolhida durante a romaria do ano 2008, foi cantada por um grupo de romeiros que visitava a Igreja do Bom Jesus dos Navegantes, no bairro de Nova Brasília, às margens do Rio São Francisco.



1. Mi - nha gen - te ve - nha ver Que bo - ni - te - za na glória
 2. Mi - nha gen - te ve - nha ver Que bo - ni - te - za na i - greja
 3. Mi - nha gen - te ve - nha ver Que bo - ni - te - za na La - pinha
 4. Mi - nha gen - te ve - nha ver Que bo - ni - te - za que vem vindo
 5. Se - nhor Bom Je - sus da Lapa A - cei - tai su - a ro - ma - ria
 6. Se - nhor Bom Je - sus da Lapa A - deus, a - té um dia
 7. Se - nhor Bom Je - sus da Lapa A - deus que eu já vou - me em - bora



1. Se - nhor Bom Je - sus da La - pa Jun - to com Nos - sa Se - nhora
 2. Se - nhor Bom Je - sus da La - pa Jun - to com nos - sa pe - leja
 3. Se - nhor Bom Je - sus da La - pa Meu pa - dri - nho e minha ma - drinha
 4. Se - nhor Bom Je - sus da La - pa En - si - nai - nos um ca - minho
 5. Nós é ro - mei - ro de lon - ge Não po - demos vir to - to dia
 6. Nós é ro - mei - ro de lon - ge Não po - demos vir to - do dia
 7. Vem guar - dar mi - nha (...) A - té eu vir ou - tra hora



1. Se - nhor Bom Je - sus da La - pa Jun - to com Nos - sa Se - nhora
 2. Se - nhor Bom Je - sus da La - pa Jun - to com nos - sa pe - leja
 3. Se - nhor Bom Je - sus da La - pa Meu pa - dri - nho e minha ma - drinha
 4. Se - nhor Bom Je - sus da La - pa En - si - nai - nos um ca - minho
 5. Nós é ro - mei - ro de lon - ge Não po - demos vir to - to dia
 6. Nós é ro - mei - ro de lon - ge Não po - demos vir to - do dia
 7. Vem guar - dar mi - nha (...) A - té eu vir ou - tra hora

Minha gente venha ver
 Que boniteza na glória
 Senhor Bom Jesus da Lapa
 Junto com Nossa Senhora

Minha gente venha ver
 Que boniteza na igreja
 Senhor Bom Jesus da Lapa
 Junto com nossa peleja

Minha gente venha ver
 Que boniteza na Lapinha
 Senhor Bom Jesus da Lapa
 Meu padrinho e minha madrinha

Minha gente venha ver
 Que boniteza que vem vindo
 Senhor Bom Jesus da Lapa
 Ensinaí-nos um caminho

Senhor Bom Jesus da Lapa
 Aceitai sua romaria
 Nós é romeiro de longe
 Não podemos vir todo dia

Senhor Bom Jesus da Lapa
 Adeus, até um dia
 Que eu sou romeiro de longe
 Não posso vir todo dia

Senhor Bom Jesus da Lapa
 Adeus que eu já vou-me embora
 Vem guardar minha (...)
 Até eu vir outra hora

Este bendito, de maneira geral, é composto por versos heptassílabos, organizados em estrofes de quatro versos. As rimas encontram-se nos versos pares, de acordo com a organização A-B-C-B. O perfil melódico baseia-se em graus conjuntos, saltos de terça e de quarta justa. O âmbito melódico não é muito extenso, entretanto o grande emprego de saltos ascendentes e descendentes não facilita a execução. A interpretação desta canção requer certa habilidade vocal do cantor, uma vez que há saltos sucessivos. Podemos localizar esta melodia em duas regiões distintas. Na primeira, mais grave e com mais incidência de graus conjuntos estão o primeiro e último versos de cada estrofe. Na segunda região, um pouco mais aguda, encontram-se os versos segundo e terceiro. Na maior parte das estrofes, estes versos remetem à “boniteza” do Senhor Bom Jesus da Lapa. Aqui, o perfil melódico é caracterizado pelo emprego dos saltos de terça e quarta.

Ao analisar o conteúdo do texto, podemos dividir este bendito em duas partes distintas. A primeira parte, constituída pelas quatro primeiras estrofes, e a segunda, composta pelas três últimas estrofes do poema. Na primeira parte, o cantor chama o povo reunido para que veja a rara beleza do Senhor Bom Jesus da Lapa. O primeiro e terceiro versos são iguais nestas quatro primeiras estrofes. Interessante notar que a “boniteza” do Bom Jesus pode ser encontrada em diversos lugares ou situações e está relacionada a elementos bastante distintos. O Bom Jesus da Lapa está “na glória”, associado à figura de Nossa Senhora; ele também está “na igreja”, intimamente conectado à peleja diária de cada romeiro e romeira; está “na Lapinha”, como padrinho dos peregrinos, ao lado da Mãe da Soledade¹⁹⁸; e, finalmente, o Bom Jesus está chegando. Ele vem para ensinar o caminho e mostrar os rumos da vida.

¹⁹⁸ Lembramos aqui do relato da avó que apresentamos no terceiro capítulo deste trabalho, que fala do batizado do seu neto, que tem como padrinhos o Bom Jesus da Lapa e Nossa Senhora da Soledade.

A segunda parte do bendito faz referência à romaria, à longa viagem que os peregrinos empreendem para visitar o Bom Jesus e à viagem de volta. Os romeiros também se despedem do Bom Jesus e pedem a proteção. Outra característica interessante destes benditos próprios da despedida é o fato de os romeiros pedirem ao santo que aceite a romaria. O fato de serem “romeiros de longe” não lhes permite vir todo dia à Lapa, sendo assim, é preciso que a romaria seja aceita e reconhecida pelas realidades transcendentais. Os romeiros e peregrinos desejam ser lembrados pelo Bom Jesus. No último verso o cantor faz referência à possibilidade de retornar ao Santuário em outro momento. Esta perspectiva da volta futura é um elemento de fundamental importância nos ritos performáticos de despedida. Sobre isto falaremos mais adiante.

Outro bendito cantado pelos romeiros e romeiras no contexto da despedida é conhecido como “Súplica ao Bom Jesus da Lapa”. Esta canção, de autoria de Minelvino Francisco Silva, consta no *Catecismo dos romeiros*, opúsculo bastante difundido entre os romeiros e que contém diversos benditos e orações populares.



1. Bom Je - sus e a Vir-gem Ma - ri - a Da a - go - ni - a, vem nos sal - var

Vem, Je - sus, pa - ra nos sal - var Vem, Je - sus, pa - ra nos sal - var

2. Bom Je - sus, os vos-sos ro - mei - ros Vêm li - gei-ros a vos vi - si - tar

3. As pro - mes - sas que a vós fi - ze - mos Al - can - ce-mos mi - la - gre sem par

4. A - cei - tai nos - sa ro - ma - ri - a Nes - se di - a a nos a - ben - ço - ar

5. Bom Je - sus e Nos - sa Se - nho - ra, Es - tá na ho - ra de nós vi - a - jar

6. A - ju - dai - nos, ó Pai so - be - ra - no, Que pa - ra o a - no pos - sa - mos vol - tar

7. De - fen - dei - nos do pe - ri - go E do i - ni - mi - go que quer nos ten - tar

8. Bom Je - sus, já va - mos em - bo - ra Nos - sa Se - nho - ra é quem vai nos le - var

9. Bom Je - sus, di - vi - no cor - dei - ro Vem li - gei - ro nos a - ben - ço - ar

Vem, Je - sus, pa - ra nos sal - var Vem, Je - sus, pa - ra nos sal - var

Bom Jesus e a Virgem Maria
Da agonia vem nos salvar
Vem Jesus para nos salvar
Vem Jesus para nos salvar

Bom Jesus os vossos romeiros
 Vêm ligeiros a vos visitar
 Vem Jesus para nos salvar
 Vem Jesus para nos salvar

As promessas que a vós fizemos
 Alcancemos milagre sem par
 Vem Jesus para nos salvar
 Vem Jesus para nos salvar

Aceitai nossa romaria
 Nesse dia a nos abençoar
 Vem Jesus para nos salvar
 Vem Jesus para nos salvar

Bom Jesus e Nossa Senhora
 Está na hora de nós viajar
 Vem Jesus para nos salvar
 Vem Jesus para nos salvar

Ajudai-nos ó Pai soberano
 Que para o ano possamos voltar
 Vem Jesus para nos salvar
 Vem Jesus para nos salvar

Defendei-nos do perigo
 E do inimigo que quer nos tentar
 Vem Jesus para nos salvar
 Vem Jesus para nos salvar

Bom Jesus, já vamos embora
 Nossa Senhora é quem vai nos levar
 Vem Jesus para nos salvar
 Vem Jesus para nos salvar

Bom Jesus, divino cordeiro
 Vem ligeiro nos abençoar
 Vem Jesus para nos salvar
 Vem Jesus para nos salvar

A maioria dos versos deste bendito cantado pelos romeiros na saída da romaria tem oito ou nove sílabas. Há ainda alguns versos de sete e dez sílabas, de tal modo que não é possível falar em regularidade métrica. Um elemento interessante deste poema é o verso “vem Jesus para nos salvar”, que tem a função de estribilho. A cada dois versos, encontramos o referido verso (refrão), que se repete, compondo assim, a estrutura da estrofe de quatro versos.

Com relação ao conteúdo do poema, podemos dizer que são diversos os pedidos e súplicas entoadas pelos romeiros e peregrinos neste bendito. O cantor pede

ao Bom Jesus para que seja livre da agonia, do perigo e das tentações do inimigo, para que alcance os milagres necessários e para que seja abençoado. Todos estes rogos são resumidos e ratificados pelo estribilho – “vem Jesus para nos salvar”. Além de todas as petições, faz-se a memória dos romeiros que visitam o Bom Jesus. O assunto da viagem é explicitado em três estrofes, já no final do bendito. O cantor-romeiro avisa os santos que já está na hora de viajar e, assim, pede a Deus que lhe ajude, para que possa retornar no próximo ano, e afirma, com toda a confiança, que é Nossa Senhora quem vai levá-lo.

No bendito “Súplica ao Bom Jesus da Lapa”, a questão da ciclicidade da romaria é colocada de maneira ainda mais explícita do que no bendito “Minha gente, venha ver”. Nesta canção, o romeiro pede a proteção do Bom Jesus “até vir outra hora”, não delimitando exatamente quando será esta próxima romaria. Na “Súplica ao Bom Jesus da Lapa”, o peregrino pede ajuda ao Pai do céu para retornar já no próximo ano, marcando, assim, o tempo cronológico e definindo o ciclo anual da romaria.

Composta em tonalidade maior e compasso ternário, esta canção tem duas partes distintas (assim como já falamos com relação ao texto do poema): estrofes e estribilho. O perfil melódico é caracterizado, basicamente, pelo emprego de graus conjuntos ascendentes e descendentes. No início do estribilho temos um elemento importante, que é o salto ascendente de sexta menor, atingindo, assim, a nota mais aguda da canção (fá). Quando da repetição, a nota fá aparece novamente. O desenho descendente da frase musical “vem Jesus para nos salvar” está intimamente relacionado ao conteúdo do texto. De acordo com o imaginário popular, o Bom Jesus deveria vir das alturas, assim como acontece com a melodia, para libertar os homens, que vivem em um plano terreno mais embaixo. Conforme nos aponta Roberto DaMatta:

De fato, no nosso modo de conceber o espaço religioso, a linha vertical e hierarquizada, que relaciona o céu com a terra e o alto com o baixo, é algo dominante e crítico. O “alto”, conforme sabemos muito bem, é tudo que é superior, tudo que deve ser mais nobre e mais forte, tudo que tem mais poder. É lá nessa esfera situada em cima que moram os anjos, os santos e todas as entidades que nos podem proteger e guiar os destinos. O “baixo” é a terra em que vivemos: vale de lágrimas onde sofremos, trabalhamos e finalmente morremos.¹⁹⁹

¹⁹⁹ Roberto DAMATTA, *O que faz o Brasil, Brasil?*, Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 112.

2. Saudade

A saudade é uma categoria que nos remete a sentimentos ambíguos e indefinidos, que podem ser traduzidos de diversas maneiras. Sendo assim, ora a saudade toma formas concretas, como a nostalgia da terra natal ou da pessoa amada, ora sintetiza-se em manifestações de origem transcendente. “Por natureza, todo sentimento saudoso está determinado pela dialética ausência-presença, e vive à medida que ela se mantém. Por isso mesmo, é *sentimento em trânsito*”.²⁰⁰

De acordo com Roberto DaMatta, a saudade não é um sentimento exclusivamente luso-brasileiro, uma vez que na qualidade de conceito que remete à recordação, à memória e à temporalidade, há equivalências em outras línguas. Entretanto, considerando a saudade como uma categoria sociológica e, no caso do Brasil, como uma “categoria básica da nossa existência coletiva”,²⁰¹ ela é capaz de marcar e particularizar algo que é universal como, por exemplo, o tempo. Dessa maneira, torna-se algo peculiar, próprio do ser brasileiro.

Considerando a performance ritual da despedida na romaria, podemos dizer que a saudade é um sentimento bastante recorrente e de fundamental importância para a compreensão do relacionamento próximo, íntimo e amoroso estabelecido entre os romeiros e a realidade transcendente. Ao deixar o Santuário, os romeiros e romeiras sentem uma profunda saudade do Bom Jesus, das grutas, do morro, das rezas, enfim, de tudo o que se pôde experimentar durante os dias passados na casa do santo. Esta saudade marca a experiência vivida de modo bastante particular e também é capaz de cristalizar a qualidade das experiências e das coisas, podendo “invocar e dialogar com pedaços do tempo e, assim fazendo, trazer os momentos especiais e desejados de volta”.²⁰²

Segundo o teólogo galego Andrés Torres Queiruga, a saudade é um sentimento que possui um caráter intermediário, o qual se configura entre a angústia e a esperança. Ela é capaz de mediar estas duas possibilidades e “constitui justamente esse estado de equilíbrio dinâmico e não resolvido, em que a plenitude é somente possível

²⁰⁰ Andrés Torres QUEIRUGA, *Esperança apesar do mal – a ressurreição como horizonte*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 57.

²⁰¹ Roberto DAMATTA, *Conta de mentiroso – sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 18.

²⁰² Roberto DAMATTA, *Conta de mentiroso*, p. 22.

e se mantém tão-só no modo da ausência-presença”.²⁰³ Ela é um sentimento que na sua origem é indefinido, ou seja, não é nem angústia e nem esperança, podendo se configurar em uma das duas, dependendo da experiência de vida; é um impulso em vias de concretização, um “vir a ser”.

A saudade não é ainda esperança como tampouco é ainda angústia; é a capacidade em ato de ambas, o radical e comum emergir do sentimento ontológico, que na realidade vivida se concretizará necessariamente em uma das duas. Quando, somada à abertura última de seu ser, o homem a vive como iluminada pela presença antecipada de uma plenitude futura, a saudade se converte em *esperança*; quando a vive como oco vazio, não plenificável, a saudade se situa nos caminhos da *angústia*.²⁰⁴

Estes dois polos – angústia e esperança – não podem ser vistos como algo estático ou como sendo diametralmente opostos. Ainda que de modo aparente se contraponham, há um componente de angústia em toda a esperança, assim como existe uma ponta de esperança nas situações de angústia. Seguramente quando a saudade se mostra na realidade vivida, nem sempre é possível identificar o sentimento de modo taxativo e delimitado; é preciso percebê-lo dentro das gradações que se apresentam. Mesmo dentro destas escalas, o sentimento saudoso acaba pendendo para um ou outro lado.

Os romeiros e romeiras do Bom Jesus da Lapa, ao deixar o Santuário, carregam este sentimento duplo, em vias de concretização. Ao mesmo tempo em que se sentem felizes pela presença do transcendente nas suas vidas, choram a ausência deste ente tão querido. Esta bipotencialidade da saudade podemos observar nos benditos cantados pelos peregrinos; felicidade e tristeza estão diretamente relacionadas e se completam. No bendito “A Igreja da Lapa”, um dos principais de toda a performance musical da romaria, a esperança e angústia se revelam:

²⁰³ Andrés Torres QUEIRUGA, *Esperança apesar do mal*, p. 57.

²⁰⁴ Andrés Torres QUEIRUGA, *Esperança apesar do mal*, p. 56.

A j - gre - ja da La - pa É fei - ta de pe - dra e luz

Va - mos to - dos pa - ra a La - pa Vi - si - tar o Bom Je - sus

Va - mos to - dos pa - ra a La - pa Vi - si - tar o Bom Je - sus

Quan - do eu sa - í da La - pa A - vis - tei a San - ta Cruz

Da La - pa sa - í cho - ran - do Com sau - da - de do Bom Je - sus

Da La - pa sa - í cho - ran - do Com sau - da - de do Bom Je - sus

A Igreja da Lapa
É feita de pedra e luz
Vamos todos para a Lapa
Visitar o Bom Jesus

Quando eu saí da Lapa
Avistei a santa cruz
Da Lapa saí chorando
Com saudade do Bom Jesus

Embora este bendito já tenha sido analisado anteriormente, aqui o apresentamos com uma nova melodia, transmitida por uma romeira do povoado de Novo Marcos, município de Remanso – BA. Cantada com muita fluidez e sem métrica definida, procuramos grafar esta canção tal qual nos foi passada. Esta melodia é construída a partir de uma escala mista, que conta com alterações no quarto e sétimo graus. Em alguns momentos o quarto grau se apresenta aumentado (do#), o que caracteriza o modo lídio, em outros é o sétimo grau que aparece abaixado (fá), configurando-se, assim o modo mixolídio. O emprego destes dois modos, inclusive simultaneamente, é bastante recorrente na música brasileira, sobretudo no repertório do nordeste do país.

Na primeira estrofe, geralmente associada à viagem de ida para o Santuário, podemos identificar a saudade associada à esperança do romeiro, que viaja em busca do seu ente querido, o Bom Jesus. Este encontro, à medida que a viagem transcorre, vai se tornando cada vez mais possível e real, o que torna o romeiro confiante, seguro de que estará junto do santo. A segunda estrofe, cantada na despedida da romaria apresenta a saudade relacionada à angústia do peregrino por ter que deixar o Bom Jesus e ir embora para sua casa.

Analisando estes versos podemos notar a íntima relação que têm entre si. O primeiro verso de cada uma das estrofes fala da “Lapa” e de sua “igreja”. No segundo verso, a “luz” com a qual o Santuário é construído esta associada à “santa cruz”²⁰⁵ que se avista ao sair da Lapa. No terceiro verso, as viagens – de ida e de volta – estão explicitadas: “vamos todos para a Lapa” e “da Lapa saí chorando”. No último verso, a intenção da peregrinação – “visitar o Bom Jesus” está associada ao sentimento saudoso do romeiro que, diante da realidade e das limitações da vida cotidiana, tem de voltar pra casa e, necessariamente, deixar seu ente querido – “com saudade do Bom Jesus”.

ESPERANÇA		ANGÚSTIA
A igreja da Lapa É feita de pedra e luz Vamos todos para a Lapa Visitar o Bom Jesus	← SAUDADE →	Quando eu saí da Lapa Avistei a santa cruz Da Lapa saí chorando Com saudade do Bom Jesus
PRESENÇA		AUSÊNCIA

Como podemos perceber, a saudade tem um caráter essencialmente mediador. Ela está no centro, e pode se voltar para qualquer um dos dois polos (esperança-presença e angústia-ausência). Se o acento recair sobre a presença, prevalecendo a promessa de plenitude, sobre a ameaça do nada, a saudade se converte em esperança; de modo contrário, se a ausência e a ameaça se sobrepuserem, ela se converte em angústia.²⁰⁶ Ainda de acordo com Queiruga, a saudade é “abertura absoluta” e também

²⁰⁵ De acordo com a teologia cristã, é por meio do sacrifício de Cristo na cruz que se chega à luz da vida eterna e da salvação.

²⁰⁶ Andrés Torres QUEIRUGA, *Esperança apesar do mal*, p. 58.

“abertura ao Absoluto”, de modo que o centro da reflexão acerca deste sentimento se coloca na possibilidade irrestrita de “abertura”, para um e outro lado.

Por si mesma, deixa portanto aberto o grande abismo do pensamento: a pergunta decisiva de se essa abertura é como um oco sobre o vazio do nada ou uma janela para a plenitude do real. (...) O caráter radicalíssimo da saudade corresponde a essa abertura, a essa indecisão originária.²⁰⁷

Para os romeiros e peregrinos, o acento da saudade parece recair muito mais sobre a esperança do que sobre a angústia. “A saudade é a esperança ainda que não resolvida e decidida como tal (pois concretamente pode ainda alterar o rumo e converter-se em angústia)”.²⁰⁸ Dessa maneira, apesar da tristeza que se sente ao partir de volta para casa, a saudade que toma conta dos romeiros se converte em alegria, antecipando a esperança da volta no próximo ano ou na próxima romaria.

Este impulso em vias de concretização que caracteriza a saudade relaciona-se de maneira bastante próxima a outra qualidade deste sentimento, que é o seu potencial performático. Como nos assinala Roberto DaMatta:

Saudade é uma palavra com capacidade *performativa*, uma categoria que ao ser dita ou invocada, promove e implica um fazer, um empenho, uma perspectiva ou um compromisso, definindo um estado interno e permitindo ou desculpando uma ação externa.²⁰⁹

A capacidade performativa da saudade, que impele as pessoas e as move em direção a determinada ação, é verificada entre os romeiros. Em outras palavras, sentir saudades do Bom Jesus e do seu Santuário é um dos impulsos que fazem o romeiro cantar os benditos, manter sua vida de oração e partilha e, sobretudo, programar-se para retornar à Lapa no próximo ano ou na próxima romaria. Como verificamos nas pesquisas de campo, não é raro encontrar grupos que estando na Lapa em romaria, já têm sua próxima viagem programada, como nos revela uma romeira de Vitória da Conquista – BA:

²⁰⁷ Andrés Torres QUEIRUGA, *Esperança apesar do mal*, p. 55.

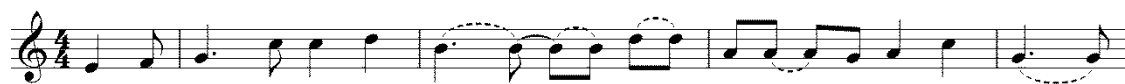
²⁰⁸ Andrés Torres QUEIRUGA, *Esperança apesar do mal*, p. 61.

²⁰⁹ Roberto DAMATTA, *Conta de mentiroso*, p. 19.

A gente fica esperando se vai. No coração tem a fé, né? Porque se a gente pudesse... mas tem que retornar. Porque em casa os meninos deixaram pessoas. Mas já preparei pra o ano que vem se Deus quiser e porque tudo depende de Deus. Se Deus quiser aí nós retornamos novamente.

Além de a saudade corroborar o compromisso firmado entre os peregrinos e o transcendente, fazendo com que se encontrem a cada ano, também contribui para o cultivo dos benditos populares, visto que cantar é uma das maneiras de atualizar a romaria na vida cotidiana. Entoar os benditos na despedida e também ao longo do ano, em casa, nas novenas celebradas nas comunidades de origem, no trabalho no campo, entre outros, é uma forma de invocar a experiência vivenciada, revivificando a realidade da romaria, fazendo a mediação com o sagrado, mesmo quando se está longe do Santuário e do Bom Jesus da Lapa. Dessa maneira, é possível abrandar a saudade sentida.

A canção “Já cumpri minha promessa”, de autoria de Walter José, cantor e compositor ligado ao Santuário do Divino Pai Eterno (Trindade – GO), ao lado dos benditos já apresentados, é bastante executada nos momentos de despedida da romaria. O cantor, ao partir, relata brevemente sua atividade durante os dias da romaria e descreve o que sente ao deixar o Bom Jesus. Ao mesmo tempo em que “vai no peito uma saudade”, o romeiro volta pra casa “transbordando de alegria”, o que deixa transparecer a esperança e a confiança de retornar na próxima romaria. As bênção são invocadas não só para a viagem mas para todo o ano que se segue.



1. Já cum - pri mi - nha pro - mes - sa Na ma - ior da de - vo - ção
2. Vai no pei - to u - ma sau - da - de Ro - dan - do com meu ca - mi - nhão
3. Bom Je - sus, me pro - te - gei Na lon - ga vol - ta des - ta ca - mi - nha - da



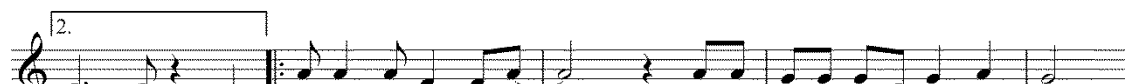
1. Re - zeí jun - to ao Bom Je - sus Pe - din do a e - le su - a pro - te - ção
2. Dei - xo a i - ma - gem do Bom Je - sus Mas a fê - vi - va vai no co - ra - ção
3. Se - já mi - nha es - tre - la - gui - a Nos pe - ri - gos das es - tra - das



1. Vol - to a go - ra, vou pra ca - sa Trans - bor - dan - do de a - le - gri - a
2. Bom Je - sus lá nas al - tu - ras Não se es - que - ça de lem - brar de mim
3. A - ma - nhã mui - to ce - di - nho Na ho - ra que ra - iar o dí - a



1. Pra vol - tar no ou - tro a - no Pra re - zar nes - ta ro - ma - ri - a Pra vol -
2. Pra que eu vol - te aqui no ou - tro a - no Pra re - zar bem per - ti - nho de ti Pra que eu
3. Es - ta - rei em ter - ras dis - tan - tes Com sau - da - de des - ta ro - ma - ri - a Es - ta -



1. - ri - a Deus Pai nos - so cri - a - dor Deus Es - pí - ri - to che - io de luz
ti
- ri - a



Man - dai pra nós das al - tu - ras as bên - çãos do Bom Je - sus Deus - sus

Já cumpri minha promessa
Na maior da devoção
Rezei junto ao Bom Jesus
Pedindo a ele sua proteção
Volto agora, vou pra casa
Transbordando de alegria
Pra voltar no outro ano
Pra rezar nesta romaria

Deus Pai nosso criador
Deus Espírito cheio de luz
Mandai prá nós das alturas
As bênçãos do Bom Jesus

Vai no peito uma saudade
Rodando com meu caminhão
Deixo a imagem do Bom Jesus
Mas a fé viva vai no coração
Bom Jesus lá nas alturas
Não se esqueça de lembrar de mim

Pra que eu volte aqui no outro ano
Pra rezar bem pertinho de ti

Bom Jesus, me protegei
Na longa volta desta caminhada
Seja minha estrela-guia
Nos perigos das estradas
Amanhã muito cedinho
Na hora que raiar o dia
Estarei em terras distantes
Com saudades desta romaria

Outra canção própria para os momentos de despedida é “Saindo do Santuário”, de autoria de Betinho, um dos músicos que trabalham no Santuário do Bom Jesus da Lapa. O texto, em primeira pessoa do singular, descreve o sentimento do romeiro ao sair do Santuário:

1. Sa - in-do do San - tu - á - rio Vou le - van do mui - to a mor____
2. Vou sa - in-do com tris - te - za Com von - ta-de de fi - car____

1. Vai tam - bém mui - ta sau - da - de No meu pei - to le - vo a dor____
2. Se eu pu - des-se não par - ti - a Fi - ca - va____ nes - te lu - gar____

1. Tô de vol - ta pa - ra ca - sa Com a es - pe - ran - ça de vol - tar____
2. Se - nhor Bom Je - sus da La - pa Que - ro a vos - sa pro - te - ção____

1. No ou - tro a - no tô de vol - ta Por - que não____ pos - so fal - tar____
2. Se - nho - ra da So - le - da - de Nos con - du - za nes - te chão____

Eu só pe - ço ao Bom Je - sus:____ Nos con - du - za ao nos - so lar____

Nos con - ser - ve com sa - ú - de Pa - ra vir____ te vi - si - tar____

Eu só pe - ço ao Bom Je - sus:____ Nos con - du - za ao nos - so lar____

Nos con - ser - ve com sa - ú - de Pa - ra vir____ te vi - si - tar____

Saindo do Santuário
 Vou levando muito amor
 Vai também muita saudade
 No meu peito levo a dor
 Tô de volta para casa
 Com a esperança de voltar
 No outro ano tô de volta
 Porque não posso faltar

Eu só peço ao Bom Jesus
 Nos conduza ao nosso lar
 Nos conserve com saúde
 Para vir te visitar

Vou saindo com tristeza
 Com vontade de ficar
 Se eu pudesse não partia
 Ficava neste lugar
 Senhor Bom Jesus da Lapa
 Quero a vossa proteção
 Senhora da Soledade
 Nos conduza neste chão

Diferentemente de alguns outros benditos, em que os romeiros se revelam tristes por deixar os seus queridos santos de devoção, nestas duas canções, o cantor-romeiro relata aquilo que leva consigo, qual seja a dor, a saudade, a tristeza, o amor, a alegria e a esperança. Ele não deixa os sentimentos, sensações e intenções ao partir de volta para casa. Toda a experiência da romaria viaja de volta, juntamente com a saudade. Como nos revela Roberto DaMatta, a “saudade tem uma concretude de coisa que pode ser trazida e levada. Que acompanha o viajante e cabe em malas, bolsas e no nosso coração”.²¹⁰ Sendo assim, ao término da romaria, o Bom Jesus não fica no Santuário; ao contrário, tendo como veículo a saudade, é levado para as casas e comunidades dos romeiros e romeiras, e se torna companheiro do cotidiano, exemplo a ser seguido e força para enfrentar os desafios que se apresentam.

3. Benditos de viagem de volta

Terminadas as festividades, mais uma vez, empreendem viagem. É hora de voltar ao trabalho, a moradia sempre da obrigação, não da devoção. Voltam saudosos e revigorados na expectativa das festas que, no próximo ano, novamente os reunirão e colocarão em movimento rumo à fonte matricial.²¹¹

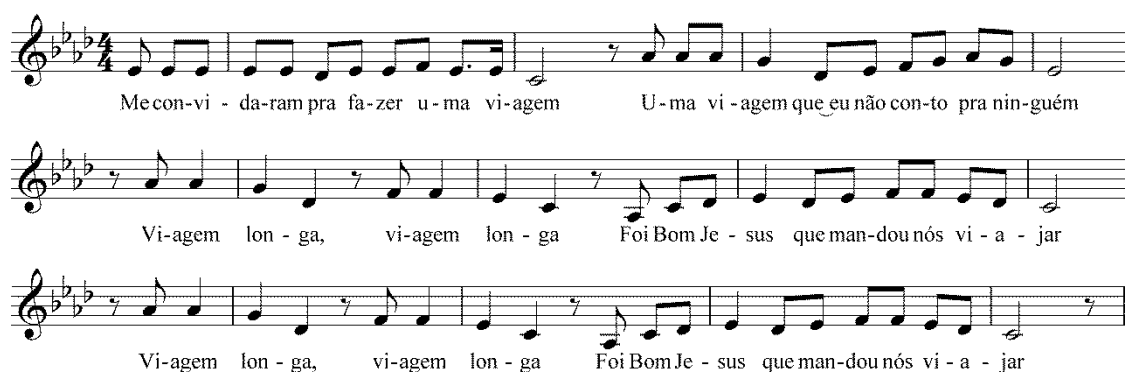
²¹⁰ Roberto DAMATTA, *Conta de mentiroso*, p. 30.

²¹¹ Maria Ângela VILHENA, *O peregrinar: caminhada para a vida*, p. 20.

A viagem de volta da romaria, de acordo com Steil, em geral, tem um caráter muito mais descontraído e informal, que contrasta com uma certa seriedade e circunspeção típicas da viagem de ida. Segundo ele isto se deve ao sentido penitencial que as romarias têm e que está associado ao perdão dos pecados: “a seriedade da ida pode sempre ser confrontada com a descontração da volta, quando os romeiros se sentem mais leves e libertos dos seus pecados”.²¹²

Mesmo neste clima de maior descontração, que é permeado pela alegria de terem visitado seus santos de devoção e pela perspectiva confiante do retorno no próximo ano, os romeiros costumam entoar benditos durante a viagem de volta. O conteúdo destes benditos é bastante semelhante ao da viagem de volta, motivo pelo qual os agrupamos nas mesmas categorias temáticas propostas no segundo capítulo: benditos que cantam a própria viagem, benditos que pedem proteção, benditos-incelença, benditos de conteúdos diversos.

O bendito “Me convidaram pra fazer uma viagem”, transmitido por um grupo de romeiros de Vitória da Conquista – BA, é uma daquelas canções que cantam a própria viagem. Os versos não têm métrica regular nem rimam entre si. O deslocamento é qualificado como longo, sofrido, entretanto, foi o próprio Bom Jesus que mandou que os romeiros viajassem. Composta em tonalidade maior, a melodia deste bendito perfaz um âmbito de oitava e utiliza-se, em linhas gerais, de graus conjuntos. Podemos observar o emprego de saltos descendentes quando o romeiro canta “viagem longa, viagem longa”, reiterando as distâncias percorridas para visitar o Bom Jesus.



²¹² Carlos STEIL, *O sertão das romarias*, p. 110.

Me convidaram pra fazer uma viagem
 Uma viagem que eu não conto pra ninguém
 Viagem longa, viagem longa
 Foi Bom Jesus que mandou nós viajar

O bendito “Na frente deste carro não tem nada”, próprio da situação de deslocamento, canta a proteção de Deus e da Virgem Maria, que acompanha os romeiros enquanto viajam. Com esta canção além de cantar a viagem em si, já que trata do carro e da estrada, os romeiros também pedem a proteção e a bênção do Bom Jesus e da Virgem Maria. Esta temática da proteção e da confiança é bastante recorrente no repertório dos romeiros e romeiras que partem em romaria.

Na fren - te des - se car - ro não tem nada Só tem Deus e a Vir - gem Ma - ria

Na fren - te des - se car - ro não tem nada Só tem Deus e a Vir - gem Ma - ria

Ô Deus, a - ben - ço - a es - sa es - trada To - do a - no e to - do dia

Ô Deus, a - ben - ço - a es - sa es - trada To - do a - no e to - do dia

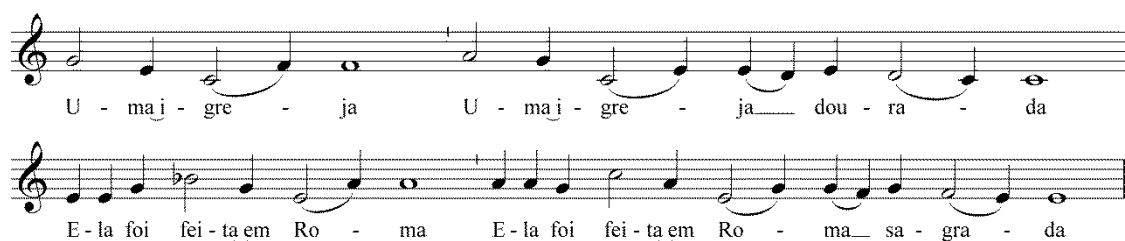
Nos - sa Se - nho - ra vai na frente Bom Je - sus é nos - sa guia

Nos - sa Se - nho - ra vai na frente Bom Je - sus é nos - sa guia

Na frente desse carro não tem nada
 Só tem Deus e a Virgem Maria
 Ô Deus, abençoa essa estrada
 Todo ano e todo dia
 Nossa Senhora vai na frente
 Bom Jesus é nossa guia

Os benditos “Uma igreja dourada”, “Romeiro varreu a igreja” e “Um jardim em flor” podem ser considerados benditos-incelença, ou seja, suas estrofes são repetidas diversas vezes com a alteração apenas de uma palavra. Além de preencher o tempo da viagem (estas canções levam algum tempo para serem executadas), estes benditos revelam a cultura simbólica dos romeiros, uma vez que as estrofes são repetidas em número de sete ou doze.

“Uma igreja dourada”, bendito transmitido por uma romeira de Eunápolis – BA, é repetido sete vezes. A canção é executada por um solista, que “tira” o bendito, e respondida pelo grupo de romeiros. Os dois primeiros versos são cantados pelo solista e repetidos pelo coro; o mesmo se dá com os versos terceiro e quarto. A melodia, em modo mixolídio, é cantada de maneira bastante livre, sem métrica definida. Desse modo, a transcrevemos sem barras de compasso, tratando de ser o mais fiel possível ao registro de campo.



Uma igreja
 Uma igreja dourada
 Ela foi feita em Roma
 Ela foi feita em Roma sagrada

Duas igreja
 Duas igreja dourada
 (...)
 Sete igreja
 Sete igreja dourada

O bendito “Romeiro varreu a igreja”, composto em modo mixolídio e jônio (dualismo modal), é organizado em estrofes de quatro versos octossílabos as quais são repetidas doze vezes. Além de este bendito ter a estrutura das incelenças, cuja característica principal é a repetição, por meio dele os cantores-romeiros pedem a proteção de Nossa Senhora e do Bom Jesus da Lapa.

Ro - meiro var - reu a i - greja Com u - ma vas - sou - ra de prata

Va - lei minha Nos - sa Se - nho - ra Va - lei meu Bom Je - sus da Lapa

Va - lei minha Nos - sa Se - nho - ra Va - lei meu Bom Je - sus da Lapa

Romeiro varreu a igreja
 Com uma vassoura de prata
 Valei minha Nossa Senhora
 Valei meu Bom Jesus da Lapa

Romeiro varreu a igreja
 Com duas vassoura de prata
 (...)
 Romeiro varreu a igreja
 Com doze vassoura de prata

Assim como na canção anterior, o bendito “Um jardim em flor” pode ser classificado como bendito-incelença, uma vez que suas estrofes se repetem sete vezes e também como bendito que pede proteção. Com esta canção, os romeiros pedem para que sejam validos pela sagrada família e pelo redentor. Os versos não possuem métrica regular; as rimas encontram-se no primeiro e último versos, de acordo com a estrutura A-B-C-A. A melodia, composta a partir de uma escala hexacordal e compasso ternário, emprega graus conjuntos quase que na sua totalidade, com exceção do final dos versos três e quatro, quando aparecem saltos de terça.

Um jar - di - nho em flor A - on - de a se - nho - ra a - do - rou

Va - lei-me a fa - mí - lia sa - gra - da va - lei-me Va - lei - me meu re - den - tor

Va - lei-me a fa - mí - lia sa - gra - da va - lei-me Va - lei - me meu re - den - tor

Um jardimho em flor
 Aonde a senhora adorou
 Valei-me a família sagrada, valei-me
 Valei-me meu redentor

Dois jardimho em flor
 (...)
 Sete jardimho em flor

Tratando ainda dos benditos da viagem de volta, apresentamos dois últimos exemplos: “Assenta, Santo Antônio, assenta” e “Eu avistei a santa cruz”, que podem ser classificados como benditos de conteúdos diversos, uma vez que têm como tema os santos de devoção dos romeiros, as belezas do Santuário do Bom Jesus da Lapa, o chapéu.

O bendito “Assenta, Santo Antônio, assenta”, recolhido por nós durante a romaria de 2008, é composto em modo jônio e tem estrofes organizadas em grupos de quatro versos octossílabos. O perfil melódico é caracterizado por graus conjuntos ascendentes, que são compensados por um salto de terça descendente.

As - sen - ta, San-to An - tô-nio, as-senta Me - ni - no que che - gou can - sado

Tem u - ma ca - dei - ri - nha no - va Foi fei - ta da ra - iz do cravo

Tem u - ma ca - dei - ri - nha no - va Foi fei - ta da ra - iz do cravo

Assenta, Santo Antônio, assenta
 Menino que chegou cansado
 Tem uma cadeirinha nova
 Foi feita da raiz do cravo

Assenta, Santo Antônio, assenta
 Menino que chegou cansado
 Tem duas cadeirinha nova
 (...)
 Assenta, Santo Antônio, assenta
 Menino que chegou cansado
 Tem sete cadeirinha nova

Apesar de este bendito fazer referência a um santo de devoção dos romeiros e romeiras que viajam à Lapa, encontramos a repetição, em número de sete, nas estrofes, o que nos permite classificá-lo também como um bendito-incelença.

O último bendito, “Eu avistei a santa cruz”, próprio do momento da viagem, parece resumir e condensar o conteúdo de diversos benditos cantados ao longo da performance ritual da romaria a Bom Jesus da Lapa. Do bendito “A Igreja da Lapa”, temos o verso “eu avistei a santa cruz”; do bendito “Ô Maria, ô Maria” fica a pergunta “quem te deu este chapéu?” e a resposta “esse chapéu veio de Roma e a fita veio do céu”; do bendito “Eu sou cantor e sou romeiro” extraímos o motivo da peregrinação – “visitar o Bom Jesus”; do bendito “É vai saindo a romaria, é vai” temos a referência à benção para a romaria e a viagem, entre outros.

Eu a-vis - tei a san-ta cruz Ô vi - a-gem a-ben-ço - a-da Quem vi - si - ta o Bom Je - sus

Se - nhor Bom Je - sus da La - pa Quem te deu es - se cha - péu?

Es - se cha - péu veio de Ro - ma E a fi - ta veio do céu

Es - se cha - péu veio de Ro - ma E a fi - ta veio do céu

Eu avistei a santa cruz
 Ô viagem abençoada
 Quem visita o Bom Jesus

Senhor Bom Jesus da Lapa
 Quem te deu esse chapéu?
 Esse chapéu vem de Roma
 E a fita veio do céu

Além de este ser um bendito de conteúdos diversos, de acordo com a classificação que propusemos no segundo capítulo deste trabalho, podemos perceber a

multiplicidade de conteúdos e citações de outras canções cultivadas pelos romeiros e entoadas ao longo de toda a romaria. É uma espécie de bricolagem não só dos conteúdos literários, mas também musicais, já que alguns trechos da melodia parecem ter sido retirados, tal e qual, de outras canções e benditos.

4. Ciclicidade da romaria

A partir das nossas pesquisas de campo pudemos observar que a maioria dos romeiros e romeiras que acorrem ao Santuário do Bom Jesus da Lapa não o faz pela primeira vez; são romeiros de tradição, “romeiros de todo ano”, como cantamos no capítulo anterior. Muitos deles vão à Lapa todos os anos por ocasião de determinada comemoração; outros costumam frequentar diversas festas, principalmente Bom Jesus e Nossa Senhora da Soledade. Muitas são as motivações para que a cada ano o compromisso para com a realidade transcendente se renove e se atualize. Uns vão para pagar uma promessa e acabam se comprometendo, ano a ano, outros vão para agradecer por uma graça recebida ou simplesmente para visitar. Há aqueles que procuram passeio, turismo ou diversão, ou ainda outros, que voltam à Lapa repetidas vezes para honrar um compromisso familiar, como nos revela uma romeira de Vitória da Conquista – BA, que há seis décadas visita o Bom Jesus e seu Santuário:

Eu tô com noventa (anos). Faz sessenta anos que eu venho. Quando eu comecei a vir aqui no Bom Jesus pagava um mil-réis. Era o dinheiro que havia naquele tempo. Hoje paga setenta (reais). Porque meu marido era romeiro, fazia romaria com caminhão. Mas tem onze anos que ele faleceu. Ele veio aqui na Lapa, chegou em casa, com dois dias ele morreu. Ele pediu: “minha velha, enquanto vida você tiver, Bom Jesus lhe der saúde, você faz a minha jornada”.²¹³

Ao que nos parece, a experiência vivida no transcorrer dos dias de romaria é fator determinante para que os romeiros e peregrinos se comprometam e desejem voltar a cada ano.

²¹³ Este registro foi feito no ano de 2008 durante a romaria do Bom Jesus da Lapa.

4.1. “Até para o ano” – perspectiva do retorno

Ao conversarmos com os romeiros e romeiras, é praticamente unânime o desejo de voltar à Lapa já na próxima romaria ou no próximo ano. Muitos transformam este desejo em promessa ou voto e, assim, de ano em ano, colecionam suas vivências de fé junto ao Bom Jesus e à Nossa Senhora da Soledade.

No Santuário do Bom Jesus da Lapa os romeiros dizem experimentar a presença do transcendente. Eles se sentem bem, alegres e felizes e se dizem acolhidos pelo Bom Jesus e pela Virgem da Soledade. Alguns afirmam que a Lapa se equipara ao paraíso, lugar destinado àqueles que Deus escolheu. Aquilo que se vive nos dias da romaria muitas vezes é impossível de ser descrito em palavras. A intensidade da vivência é tamanha que o tempo parece ficar suspenso. Como n

os relata outra romeira de Vitória da Conquista – BA, que em 2008 completava vinte e um anos de romaria, tendo falhado apenas um ano por problemas de saúde na família:

A gente se sente feliz aqui, aquela coisa alegre. Parece que a gente tá assim no jardim de Eva. No dia de ir embora parece que a gente não ficou aqui não. Aqui é um pedacinho do Paraíso. Não sei para os outros, mas pra mim... olha, não gosto de nem de pensar... eu chego a tremer. Isso aqui é um pedacinho do Paraíso. Eu me sinto muito feliz de estar aqui na presença de Deus.

Na concepção de Terrin, esta suspensão do tempo a que nos referimos e é descrita pela romeira, pode ser entendida como uma “pausa-simbólica”, a qual “faz saborear um tempo diferente, próximo àquele das origens, embora permanecendo no fluxo do tempo ordinário”.²¹⁴ Segundo o autor,

Trata-se de um momento de “êxtase temporal”, que é capaz de redimir o tempo ordinário da sua ordinariade e de introduzir nele uma *pausa de silêncio* ou também – se se preferir – de “silêncio/barulho semântico”, rompendo os esquemas temporais uniformes para depois recompô-los de uma maneira mais significativa e religiosamente válida. (...) Tudo isso o rito é capaz de realizar e, de fato, soberanamente o realiza.²¹⁵

²¹⁴ Aldo Natale TERRIN, *O rito – antropologia e fenomenologia da ritualidade*, São Paulo: Paulus, 2004, p. 259.

²¹⁵ Aldo Natale TERRIN, *O rito*, p. 247-248.

Complementando, ainda, a análise do relato desta romeira de Vitória da Conquista – BA, utilizamo-nos de da explicação de Mircea Eliade ao falar do desejo do ser humano de querer tornar-se sempre contemporâneo aos deuses:

O homem deseja igualmente viver no Mundo recente, puro e “forte”, tal qual saíra das mãos do Criador. É a nostalgia da perfeição dos primórdios que explica em grande parte o retorno periódico *in illo tempore*. Em termos cristãos, poder-se-ia dizer que se trata de uma “nostalgia do Paraíso”. (...) Mas o Tempo mítico que o homem se esforça por reatualizar periodicamente é um Tempo santificado pela presença divina, e pode-se dizer que o desejo de viver na presença divina e num mundo perfeito (porque recém-nascido) corresponde à nostalgia de uma situação paradisíaca.²¹⁶

Para esta romeira, o desejo de retornar à Lapa todos os anos parece, de acordo com Eliade, estar relacionado à busca da felicidade própria do tempo primordial. Ainda com relação ao desejo de retorno e à perspectiva confiante da volta, podemos dizer que estão presentes não só na fala dos romeiros e romeiras do Bom Jesus da Lapa, mas também nos benditos por eles cantados durante a despedida.

No bendito “Despedida dos romeiros da Soledade”, de autoria de Minelvino Francisco Silva, por exemplo, o ciclo anual da romaria está perfeitamente explicitado. A cada estrofe o romeiro canta, despedindo-se: “até para o ano, quando eu voltar”.

²¹⁶ Mircea ELIADE, *O sagrado e o profano – a essência das religiões*, São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 82.

1. Mãe da So - le - da - de Vim vos vi - si - tar
 2. Já me con - fês - sei Re - ce - bi Je - sus
 3. Já me a - jo - e - lhei Jun - to ao vos - so al - tar
 4. As - sis - ti à mis - sa A - ju - dei re - zar
 5. Vos - sa pro - cis - são Fui a - com - pa - nhar
 6. Ou - vi os con - se - lhos Que o pa - dre dá
 7. Os vos - sos ro - mei - ros Quei - ra a - ben - ço - ar
 8. Já me des - pe - di Já vou vi - a - jar

1. A - té pa - ra o a - no Quan - do eu vol - tar
 2. Na sa - gra - da hós - tia Que é meu gui - a e luz
 3. A - té pa - ra o a - no Quan - do eu vol - tar
 4. A - té pa - ra o a - no Quan - do eu vol - tar
 5. A - té pa - ra o a - no Quan - do eu vol - tar
 6. A - té pa - ra o a - no Quan - do eu vol - tar
 7. A - té pa - ra o a - no Quan - do eu vol - tar
 8. A - té pa - ra o a - no Quan - do eu vol - tar

1. A - té pa - ra o a - no Quan - do eu vol - tar
 2. Na sa - gra - da hós - tia Que é meu gui - a e luz
 3. A - té pa - ra o a - no Quan - do eu vol - tar
 4. A - té pa - ra o a - no Quan - do eu vol - tar
 5. A - té pa - ra o a - no Quan - do eu vol - tar
 6. A - té pa - ra o a - no Quan - do eu vol - tar
 7. A - té pa - ra o a - no Quan - do eu vol - tar
 8. A - té pa - ra o a - no Quan - do eu vol - tar

Mãe da Soledade
 Vim vos visitar
 Até para o ano
 Quando eu voltar

Já me confessei
 Recebi Jesus
 Na sagrada hóstia
 Que é meu guia e luz

Já me ajoelhei
 Junto ao vosso altar
 Até para o ano
 Quando eu voltar

Assisti a missa
 Ajudei rezar
 Até para o ano
 Quando eu voltar

Vossa procissão
 Fui acompanhar
 Até para o ano
 Quando eu voltar

Ouvi os conselhos
 Que o padre dá
 Até para o ano
 Quando eu voltar

Os vossos romeiros
 Queira abençoar
 Até para o ano
 Quando eu voltar

Já me despedi
 Já vou viajar
 Até para o ano
 Quando eu voltar

Este bendito, composto em redondilhas menores, retrata a performance ritual da romaria de Nossa Senhora da Soledade. O romeiro descreve toda a sua atividade durante a romaria, qual seja a visita feita à Mãe de Deus, a participação nas celebrações litúrgicas, a oração, entre outros. Também solicita a intercessão de Nossa Senhora para a viagem, a qual está prestes a empreender. As rimas do poema localizam-se nos versos pares, de acordo com o esquema A-B-C-B. Cantada em modo jônio, esta canção tem métrica irregular, ora utilizando-se de compassos binários (de dois tempos) ora ternários (de três tempos). O perfil melódico caracteriza-se pela sequência de saltos de terça descendente. O motivo sol-lá-fá-sol-mi, cantado no primeiro verso, é repetido no segundo uma terça acima – si-do-lá-si-sol. Este mesmo fragmento se repete, juntando-se ao primeiro, de modo a compor os dois últimos versos. Em termos musicais a estrutura poderia ser descrita: A–B–A/B.

Muitos outros benditos cantados pelos romeiros e romeiras retratam o desejo do retorno ao Santuário. O bendito “Minha gente venha ver”, também cantado na despedida, falava da perspectiva da volta de maneira bastante genérica: “até eu vir outra hora”. Posteriormente apresentamos o bendito “Súplica ao Bom Jesus da Lapa”, no qual a ciclicidade da romaria se apresentava mais explicitamente – “que para o ano possamos voltar”. Na “Despedida dos romeiros da Soledade” o ciclo anual da romaria está claramente marcado e definido. Nesta canção o romeiro não fala da possibilidade da volta nem pede ajuda para que isso se concretize, ao contrário, ele afirma com muita segurança que retornará no próximo ano para cumprir toda a performance da romaria.

O desejo dos romeiros e romeiras é, na verdade, estar na Lapa todo o tempo, todos os dias. Entretanto, reconhecida a impossibilidade, que é temporal, geográfica e também financeira, eles se propõem a vir, pelo menos, uma vez por ano, como nos

revela uma romeira de Vitória – ES: “só a fé que a gente tem no Bom Jesus... a gente quer voltar todo dia; não pode vim todo dia, vem de ano em ano”.

A cada festa periódica reencontra-se o mesmo Tempo sagrado – aquele que se manifestara na festa do ano precedente ou na festa de há um século: é o Tempo criado e santificado pelos deuses por ocasião de suas gesta, que são justamente reatualizados pela festa.²¹⁷

De acordo com Eliade, o calendário da festa tem a capacidade de regenerar, de maneira periódica, o tempo, fazendo com que este coincida com o tempo primordial, reconhecidamente forte e puro. Sendo assim, participar da festa, fazendo a experiência religiosa, permite aos romeiros e romeiras viver periodicamente na presença dos seus santos.²¹⁸

4.2. “Quando eu voltar” – movimento em espiral

Como já dissemos anteriormente, a cada ano a peregrinação se repete, se renova e se atualiza. Em termos cronológicos é possível dizer que a romaria do Bom Jesus da Lapa se repete, afinal, a cada ano se celebram as mesmas festas, as mesmas novenas e as mesmas procissões; até os dias e horários permanecem, de modo geral, inalterados. Entretanto, se tratarmos a romaria como uma performance ritual que cria identidade, que produz sentido e que é, em suma, vivência, espiritual, corporal e vocal, é possível afirmar que a cada ano, este fenômeno muda, se renova e se atualiza.

A cada viagem à Lapa, por exemplo, o grupo de romeiros não é o mesmo do ano anterior, as promessas e os votos a cumprir são, igualmente, diferentes, a realidade vivida se renova, enfim, tudo contribui para que nunca se tenha uma peregrinação exatamente igual à outra. Além disso, a fé dos romeiros e romeiras do Bom Jesus não é uma fé descolada da realidade, mas, ao contrário, é intimamente ligada à vida e aos desafios cotidianos. Dessa maneira, como não é possível dissociar a fé da vida e esta se renova a cada dia, também a romaria, momento favorável à experiência de fé, apresenta-se diferente, renovada, transformada.

²¹⁷ Mircea ELIADE, *O Sagrado e o profano*, p. 64.

²¹⁸ Mircea ELIADE, *O Sagrado e o profano*, p. 93.

Isto acontece porque no coração do homem renascido transita sempre um peregrino a caminho da fonte da Vida. Assim é que, quando menos se espera e nem de longe se suspeita, a cicatriz rompe e a ferida vital dá sinais de vitalidade. É o sagrado vocacionando para um novo encontro inaugural. E lá se vai de novo o novo peregrino, em sua peregrinação primeira, ao encontro da Vida. Por isso dizemos que a mesma pessoa nunca faz duas vezes a mesma peregrinação. Quem fez a primeira, voltando dez vezes ao mesmo lugar, serão dez “primeira-vez” de dez novas pessoas.²¹⁹

Considerando que a romaria que acontece todos os anos no Santuário do Bom Jesus da Lapa é uma performance ritual que se liga a um acontecimento que se situa em um tempo primordial, então, celebrar a festa, com todos os seus elementos rituais, cantando os benditos e canções, é uma maneira de atualizar aquilo que aconteceu *in illo tempore*, como nos assinala Eliade:

Ora, a respeito do tempo sagrado pode-se dizer que é sempre o mesmo, que é uma “sucessão de eternidades”. Seja qual for a complexidade de uma festa religiosa, trata-se sempre de um acontecimento sagrado que teve lugar *ab origine* e que é, ritualmente, tornado presente. Os participantes da festa tornam-se os contemporâneos do acontecimento mítico.²²⁰

Assim, ainda que o romeiro faça dezenas de peregrinações, como pudemos observar nos relatos de campo, ela não se repete de maneira igual. A cada retorno a experiência vivenciada junto ao Bom Jesus é diferente, com nuances e particularidades próprias.

Ao que nos parece, a romaria conserva, obviamente, um elemento cíclico, uma vez que as festas, novenas e procissões voltam a acontecer ano a ano, porém esta sucessão de acontecimentos não se fecha em si mesma, de modo circular, como se se unissem as pontas de um mesmo fio. Ao contrário, ela se movimenta de forma espiralada, ou seja, desenrolando-se de modo regular de maneira a se aproximar, aos poucos, de um ponto fixo. O ciclo da romaria transcorre através da história e da realidade cotidiana de cada romeiro e romeira que, todos os anos, buscam se encontrar com o Bom Jesus, reafirmando seu compromisso de fé e de vida.

²¹⁹ Maria Ângela VILHENA, *O peregrinar: caminhada para a vida*, p. 27.

²²⁰ Mircea ELIADE, *O sagrado e o profano*, p. 79.

Sendo assim, apesar da tristeza e da saudade que os romeiros e peregrinos do Bom Jesus sentem ao deixar o Santuário, a possibilidade e a perspectiva da volta os fazem mais fortes e confiantes. Ao se cantar o verso do bendito que diz “até para o ano quando eu voltar”, deixa-se transparecer a confiança e a certeza do reencontro com a realidade transcendente no próximo ano ou na próxima romaria.

Sob esta perspectiva do movimento em espiral, podemos dizer que as sucessivas peregrinações ao Santuário do Bom Jesus da Lapa que os romeiros empreendem, acontecem no hoje da história, na realidade vivida com seus múltiplos desafios. Sendo contemporâneas e absolutamente ligadas à vida de cada romeiro e peregrino, elas reatualizam os acontecimentos primordiais, porém com o olhar voltado para a realidade última, qual seja, o reencontro, na eternidade, com o transcendente. Como nos assinala Maria Ângela Vilhena:

Para o *homo religiosus*, toda a vida do humano vivo no mundo pode ser entendida como peregrinação a caminho da outra vida, a que realmente vale a pena, a penalidade de viver neste mundo. Assim, a vida terreal com seus desconfortos, dificuldades e sofrimentos é entendida como prova necessária para que se possa chegar à verdadeira pátria, à terra feliz, ao paraíso onde não mais se conhecerá o cansaço, a dor e a morte.²²¹

Dessa maneira, o ponto fixo do qual se busca se aproximar ao peregrinar em espiral, é o próprio Bom Jesus, como nos relata a romeira de Vitória da Conquista que, aos noventa anos, completava sua sexagésima romaria: “eu to fazendo a jornada até quando Jesus me chamar pra eu partir para o andar de cima”. É isso que a liturgia católica também reza na Oração Eucarística V (do Congresso de Manaus): “Protegei vossa Igreja que caminha nas estradas do mundo rumo ao céu, cada dia renovando a esperança de chegar junto a vós, na vossa paz”.²²² Ao fazer a romaria ao Santuário do Bom Jesus da Lapa todos os anos, o romeiro peregrina, igualmente, na sua própria vida.

Do mesmo modo que a poeira do caminho, os perigos das estradas, o calor, a secura, o desconforto dos ônibus e caminhões, são encarados com prazer alegria “para

²²¹ Maria Ângela VILHENA, *O peregrinar: caminhar para a vida*, p. 19.

²²² *MISSAL ROMANO*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 490.

visitar o Bom Jesus”, também os desafios da vida diária, com todas as situações de sofrimento, exclusão, injustiça e privação são enfrentadas com muita força e confiança por estas centenas de milhares de peregrinos.

5. “Ordinário da romaria”

Desde os primeiros séculos da era cristã houve diversas tentativas de identificar e regulamentar a estrutura das diversas celebrações da Igreja. Já por volta do ano 400, Etéria, peregrina da Galícia, ao se referir à liturgia em Jerusalém, fala das orações, das leituras e dos cânticos próprios das diversas partes dos serviços religiosos:

E também, para que Vossa Bondade saiba que atos se praticam, aqui, dia a dia, nos lugares santos e por que lhe será agradável conhecê-los, devo descrevê-los. Abrem-se, cada dia, antes de os galos cantarem, todas as portas da *Anástasis* aos *monazontes* e *parthenae* – como aqui dizem – e não apenas a estes mas também aos leigos, homens e mulheres, que, entretanto, desejem fazer a primeira vigília. Desse momento até o dia claro, dizem-se hinos, responde-se aos salmos e antífonas e, a cada hino, reza-se uma oração. Dois ou três presbíteros e diáconos alternam, todos os dias, com os *monazontes* e, a cada hino ou antífona, dizem as orações.²²³

Também no final do século VII é promulgado pelo bispo de Roma o *Ordo Romanus Primus*, um conjunto de instruções para a celebração da liturgia. Sucessivamente, surgiram muitos outros livros contendo orientações para os oficiantes das missas e demais sacramentos. No final do século XVI, com a publicação do missal de São Pio V (fruto das decisões do Concílio de Trento), a estrutura da missa é fixada, com suas diversas partes, e só viria a ser alterada em meados dos anos 1960, com o Concílio Vaticano II. De acordo com esta estrutura, algumas partes são invariáveis, ou seja, em toda celebração são rezadas ou cantadas com o mesmo texto, e outras podem variar de acordo com a festa ou solenidade celebrada. Estas, variáveis, são conhecidas como o “próprio da missa” (*proprium missae*). As primeiras, por sua vez, se fixaram como o “ordinário da missa” (*ordinarium missae*), ou seja, aquilo que não varia. Na liturgia católica as partes que compõem o ordinário são: *Kyrie*, *Gloria*, *Credo*, *Sanctus*, *Benedictus* e *Agnus Dei*.

²²³ *Peregrinação de Etéria: liturgia e catequese em Jerusalém do século IV*, tradução do original latino, introdução e notas por Maria da Glória NOVAK; comentário de Alberto BECKHÄUSER, Petrópolis: Vozes, 2004, p. 88.

Em um sentido mais amplo, como define Botte, o “ordinário” pode ser entendido como a fixação dos formulários e ritos em cada Igreja particular, e descrevem minuciosamente a ordem dos ofícios para todo o ano. Isto não foi privilégio apenas da Cúria Romana. Da mesma maneira, “as grandes congregações monásticas estabelecem os seus costumeiros e uniformizam os seus livros”. Segundo ele, esta fixação, que se deu por volta dos séculos XIII-XIV, tornou-se necessária devido a grande diversidade de ritos e as variantes de cada um deles.²²⁴

Partindo do entendimento do ordinário como sendo o conjunto de ritos e formulários fixos de determinada comunidade e da observação da performance ritual dos romeiros e romeiras, podemos, então, considerar todo o conjunto ritual da romaria como um ordinário.

Por mais variações que possa haver nos milhares de romarias que ocorrem ao Santuário do Bom Jesus da Lapa todos os anos, o cerne da estrutura desta performance cultural é mantido sem grandes alterações. Desde os preparativos para a viagem (a organização do grupo que vai viajar, o preparo dos alimentos e bebidas, a arrecadação do dinheiro), até a saída, com seus ritos próprios (como, por exemplo, passar na porta da igreja da localidade de onde parte da romaria), suas orações e cantos, o percurso (com a partilha dos alimentos, a recordação das antigas romarias), a chegada ao Santuário, a participação nas celebrações e o pagamento das promessas durante a permanência, entre outros, tudo isso pode ser visto como o “ordinário da romaria”. Há uma organização e fixação de ritos que não se alteram de maneira substancial. Obviamente que pode haver determinados grupos de romeiros que, por exemplo, ao invés de passar pela porta da igreja da cidade, participam da missa de envio, ou aqueles que, ao chegar ao Santuário, primeiro sobem o morro antes de visitar as grutas. Entretanto, as partes desta performance ritual estão fixadas e ainda que haja algumas pequenas variações, todo o ritual é cumprido pelos romeiros e romeiras do Bom Jesus da Lapa.

Se considerarmos o ordinário como sendo o conjunto das partes fixas da missa (*Kyrie, Gloria, Credo, Sanctus, Benedictus, Agnus Dei*), igualmente, podemos concluir que existe um “ordinário da romaria” também de acordo com esta concepção. Isso

²²⁴ Bernard BOTTE, Ritos e Famílias Litúrgicas. In: Aimé Georges MARTIMORT, *A Igreja em oração – introdução à Liturgia*. Mosteiro de Singeverga e Desclée & CIE: Edições Ora & Labora, 1965, p. 46.

significa dizer que existem cantos e benditos próprios para cada momento da peregrinação, assim como acontece na celebração da missa, e que, em geral, não são alterados. Cada bendito atende a uma situação ritual específica e está intimamente sintonizado com ela. Sendo assim, não dá para cantar, por exemplo, um bendito de saída, que narra este momento e pede proteção, na chegada ao Santuário ou mesmo para cumprir algum voto ou promessa. Do mesmo modo, os cantos próprios para a visita aos santos e apresentação dos romeiros não são adequados para se cantar no topo do morro, ao se bater na pedra do sino. Assim, podemos afirmar que uma parcela considerável do repertório cultivado pelos romeiros pode ser considerada como parte de um ordinário da romaria.

Assim como acontece com o “próprio da missa”, ou seja, com aquelas partes que podem variar de acordo com a festa ou solenidade celebrada, alguns cantos e benditos também podem ser cantados com maior ou menor frequência de acordo com a festa ou a romaria. Por exemplo, nas romarias do Bom Jesus raramente ouviremos o Hino a Nossa Senhora da Soledade sendo entoado pelos romeiros; da mesma maneira, nas festas dedicadas à Mãe de Deus, a possibilidade de escutarmos os cantos e benditos dirigidos a Nossa Senhora é bem maior do que na Romaria da Terra e das Águas, que é uma manifestação mais relacionada às lutas sociais, às questões agrárias e políticas e que, por sua vez, também conta com um repertório próprio.

Além dos benditos que compõe o “ordinário da romaria”, isto é, que não são alterados, e aqueles que são mais ou menos cantados de acordo com a festa ou celebração, quais sejam os que perfazem o “próprio da romaria”, podemos encontrar algumas canções entoadas pelos romeiros e romeiras do Bom Jesus cujo conteúdo permite maior mobilidade e flexibilidade, ou seja, podem (e geralmente são) ser entoados em diversos momentos da romaria. Nesta terceira categoria podemos enquadrar aqueles benditos de conteúdos mais abrangentes e que se adéquam a diversas situações e momentos rituais.

Um exemplo bastante emblemático é o bendito mais conhecido da romaria: “A Igreja da Lapa”. Da nossa experiência com a pesquisa de campo, seja acompanhando a romaria de Buerarema – BA, nas diversas ocasiões em que estivemos em Bom Jesus da Lapa ou mesmo fazendo contato com romeiros e romeiras em suas comunidades de origem, percebemos que esta canção é cantada nas diversas situações rituais. Podemos ouvir este bendito na saída da romaria, na chegada, diante do altar do Bom Jesus, até

mesmo fora de Bom Jesus da Lapa, nas comunidades dos romeiros. Como já dissemos, isto se deve ao fato de o conteúdo do texto ser flexível, permitindo assim, seu uso de modo mais abrangente. Há versos, por exemplo, que falam da saída da romaria (“Vamos todos para a Lapa visitar o Bom Jesus”), da chegada (“Quando eu cheguei na Lapa avistei a santa cruz”), da despedida (“Da Lapa saí chorando, com saudades do Bom Jesus”), dos predicados do Bom Jesus (“Deus eterno e verdadeiro”), entre outros. Sendo assim, é possível que esta canção caiba em diversos momentos da romaria.

5.1. Cantar “a” romaria

Como já vimos desde o início deste trabalho, o canto dos benditos é um elemento de fundamental importância no contexto da romaria ao Santuário do Bom Jesus da Lapa. Em todas as etapas da peregrinação há música, seja na saída, na viagem, na chegada, na permanência no Santuário, entre outros. Para todos os momentos há um conjunto de canções próprias, intimamente relacionado às ações rituais desempenhadas. Alguns cantos são bastante específicos, outros variam de acordo com o tempo celebrado; há ainda aqueles que são mais flexíveis ou adaptáveis, ou seja, se ajustam a distintos momentos celebrativos.

Se considerarmos que a romaria, em si e como um todo, compõe um ordinário e que dentro desta estrutura fixa e pré-estabelecida há canções e benditos próprios para cada momento ritual, que são igualmente pré-determinados, podemos, então, afirmar que os romeiros, de fato, não cantam “na” romaria, mas sim cantam “a” própria romaria.

Em outras palavras, é possível dizer que na romaria ao Santuário do Bom Jesus da Lapa, o canto não é um elemento acessório ou facultativo. Ao contrário, é algo intrínseco a toda a performance ritual, componente imprescindível da peregrinação, que cria identidade, produz sentido e estabelece vínculos entre os membros do grupo. Assim, não se pode conceber uma romaria sem cantar, como nos explica uma romeira de Salto da Divisa - MG:

Nós viemos de ônibus, cantando muito. Olha aí como é que eu tô rouca. O pior é que eu tenho um problema nas cordas vocais e o médico proibiu eu cantar, mas como é

que pode, né? Quem vem pra aqui tem que cantar, né? Nós temos que vim cantando! Nós tem que cantar pra Jesus guiar nós. E o caminho fica mais curto. Nada de mal acontece porque nós segura na mão de Deus e vem.²²⁵

Os romeiros e romeiras do Bom Jesus não cantam quaisquer canções ou benditos simplesmente no intuito de passar o longo tempo da viagem ou, ainda, para embelezar sua performance durante os dias que passam no Santuário. Eles cantam aquilo que vivem e experimentam. É por isso que cada ação ritual exige um repertório específico e apropriado, que se relaciona, de modo íntimo e coerente, com aquilo que se executa ou se celebra. Assim, cantar “a” romaria faz parte da ritualidade que, por sua vez, supõe a sintonia entre a palavra – cantada ou rezada – e a ação realizada.

Ainda no tocante a esta unidade e coerência presentes na relação entre a palavra cantada e a ação celebrativa, que se dá em um determinado espaço e um determinado tempo, é preciso levar em conta a questão da eficácia do ritual.

Se considerarmos toda a peregrinação como uma prática ritual performática, a eficácia do rito estaria calcada na própria ação em si. O fato de a performance ser executada já seria suficiente para que o ritual ganhasse eficácia. Entretanto, é possível ir um pouco além, no sentido de perceber que a eficácia do ritual está relacionada também, como já apontamos, à coerência entre ato e palavra, mais precisamente entre o gesto/ação e a música cantada pelos romeiros do Bom Jesus da Lapa – os benditos. Ainda um outro ponto a ser considerado, é a questão do mito, o qual está no centro da ação ritual e esta, por sua vez, confirma o fato mítico e estabelece uma relação dialógica entre o devoto e o santo.²²⁶

Assim, podemos dizer que o canto dos benditos é eficaz no sentido que através deles, o grupo de romeiros é capaz de expressar sua identidade, regenerar sua vitalidade, além de fortalecer sua cosmovisão comunitária. Através da ritualidade da romaria, a comunidade de romeiros e peregrinos recebe um modelo, um paradigma de ação para o cotidiano da vida.²²⁷ É por meio dos benditos que os romeiros e romeiras

²²⁵ Relato ouvido na romaria do Bom Jesus no ano 2011.

²²⁶ Carlo GRECO, *A experiência religiosa: essência, valor, verdade – um roteiro de filosofia da religião*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 64-66.

²²⁷ José Severino CROATTO. *As linguagens da experiência religiosa - uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 341-344.

do Bom Jesus cantam a si próprios, confirmam relações, transformam-se e se organizam.

CONCLUSÃO

Após termos percorrido todo o itinerário da romaria através dos benditos cantados pelos romeiros do Bom Jesus da Lapa, retomamos, em linhas gerais, nossa jornada. Ao revisitar cada etapa desta romaria, procuramos identificar as respostas para os questionamentos apresentados logo na introdução deste trabalho.

A primeira parte da nossa peregrinação – “É vai saindo a romaria, é vai” – iniciou-se com a apresentação de um panorama geral do sertão, cujo objetivo foi contextualizar o ambiente no qual a *hierópolis* de Bom Jesus da Lapa está inserida. Neste sentido, buscamos compreender o sertão não só como um espaço geográfico, com peculiaridades vegetativas e climáticas, mas também como uma categoria social e cultural; um espaço que contribuiu para a construção do imaginário brasileiro, que foi palco de episódios que deram Brasil a conhecer; espaço dotado de identidade e singularidade, “metáfora do Brasil”. Partindo desta visão ampla, dirigimos nosso olhar para o *homo peregrinus*, aquele que se coloca a caminho, deslocando-se em direção ao sagrado, em busca da morada do santo, do *axis mundi*, o “centro da terra”. Neste ponto falamos sobre o perfil dos romeiros e romeiras do Bom Jesus da Lapa, destacamos a presença da mulher, que é maioria na romaria, e apresentamos alguns benditos que falam do chapéu, símbolo que diferencia o peregrino dos demais turistas. Com relação às motivações para a peregrinação, utilizamo-nos da classificação proposta por Ameigeiras, distinguindo quatro tipos principais – relacionados ao cumprimento de um voto ou promessa, a um sentimento de pertença, a um compromisso de peregrinar em sua vida e a um desafio pessoal e grupal. Seguimos tratando da experiência religiosa dos romeiros, vivência baseada no encontro (com o Bom Jesus, Nossa Senhora e os demais santos que habitam as grutas do Santuário), para então descrever os ritos e benditos próprios da saída da romaria, bem como nossa experiência ao fazer a romaria à Lapa saindo da cidade de Buerarema – BA.

Continuando nossa peregrinação, no segundo capítulo – “Esse carro é vai andando” – tratamos da viagem a Bom Jesus da Lapa. Da mesma forma como fizemos no primeiro capítulo com o sertão, aqui também procuramos contextualizar historicamente a cidade de Bom Jesus da Lapa. Com relação à origem do Santuário e seus mitos de fundação, além dos relatos históricos escritos, servimo-nos também da

riqueza e multiplicidade de narrativas orais, as quais estão repletas de símbolos e figuras que se articulam e se relacionam. Percebemos que apesar de haver uma estrutura comum, cada história contada se liga à experiência de vida de cada romeiro e romeira; estas narrativas conferem identidade e configuram os peregrinos como “romeiros do Bom Jesus”. Ao ouvir estas narrativas percebemos que a tradição oral e a história escrita deste Santuário tricentenário convivem, misturam-se e se reforçam, em um terreno de concessões. Neste contexto da fundação do Santuário e seus mitos de origem, encontramos também os benditos cantados pelos romeiros do Bom Jesus. Estas histórias, metrificadas e musicadas, passaram a integrar o repertório cultivado pelos peregrinos. Um exemplo é o bendito de Francisco da Soledade, que canta a história do primeiro romeiro da Lapa, Francisco de Mendonça Mar, que depois de peregrinar pelo sertão baiano encontra a gruta e nela se fixa. Sendo assim, afirmamos que os benditos podem ser vistos como veículo de conservação e recriação destes mitos de origem do Santuário. Considerando que os mitos têm a função, entre outras coisas, de revivificar aquilo que aconteceu *in illo tempore* e fazer o homem contemporâneo ao acontecimento primordial, podemos asseverar que ao cantar os benditos, os romeiros atualizam os mitos de origem e participam do que se passou *ab inicio*. Dando continuidade à jornada, relatamos o percurso da nossa romaria à Lapa e apresentamos os benditos cantados pelos romeiros na viagem de ida. Como são muitos os assuntos desenvolvidos nestas canções, as quais são inúmeras, reunimos as mais significativas, buscando agrupá-las em quatro grupos temáticos: benditos que cantam a própria viagem (que versam sobre as estradas, o carro que leva os romeiros e o motorista), benditos que pedem proteção (que invocam a benção de Deus, do Bom Jesus e da Virgem Maria para a viagem), benditos-incelença (que são dotados de muitas repetições) e benditos de conteúdos diversos (que falam das maravilhas do Santuário, do morro, das grutas e dos santos de devoção). Tendo vivido a experiência da viagem, lapso de tempo de fundamental importância, que propicia aos homens e mulheres se transformarem, aos poucos, em romeiros e romeiras do Bom Jesus, chegamos à Lapa.

No terceiro capítulo – “Meu Bom Jesus, olha eu” – descrevemos a performance ritual da romaria dos dias de permanência no Santuário. Iniciamos com os benditos de chegada, por meio dos quais os romeiros e romeiras se apresentam aos santos, agradecem pela viagem que acabam de fazer e expõem suas intenções para os dias que

passarão na morada do santo. Os ritos de chegada, com o canto dos benditos, são uma primeira aproximação dos romeiros das realidades transcendentais. Notamos que o relacionamento estabelecido entre eles é dotado de muita intimidade e proximidade; o santo é visto como alguém vivo, um parente ou amigo próximo, com quem se pode conversar, contar histórias, relatar medos e angústias. Através da análise dos cantos entoados pelos romeiros ao se apresentarem aos santos também podemos perceber a coerência entre gesto e palavra, entre rito e bendito; estas canções não são cantadas em qualquer espaço, mas sim diante do altar de cada santo, o que confere ao rito uma grande força simbólica. Assim, ao realizar a performance, os romeiros, ao mesmo tempo em que dão sentido à própria ação ritual, ressignificam suas vidas peregrinas. Neste capítulo descrevemos toda a atividade ritual durante o período de permanência no Santuário – visita às grutas e imagens, cumprimento das promessas ou votos, participação nas celebrações e sacramentos, subida do morro e a pedra do sino e outros ritos tais como acender velas, soltar fogos de artifício, entre outros. Destacamos o fato de toda a performance ritual dos dias de permanência (assim como a saída e a viagem) ser acompanhada pelo canto dos benditos. Há música para se apresentar, para visitar os santos, para cumprir promessa, para pedir esmola, entre outros. Vimos também que os benditos, muitas vezes, tornam-se objeto de promessa; alguns romeiros cumprem seus votos cantando para o Bom Jesus. Sendo assim, podemos afirmar que o canto dos benditos é, em sua essência, um ato performativo, isto é, produz efeito ao ser realizado.

Na última etapa da nossa romaria – “Da Lapa saí chorando com saudade do Bom Jesus” – despedimo-nos do Santuário. Nesta parte falamos dos ritos de despedida e da viagem de volta, para os quais, igualmente, há canções e benditos próprios. A saudade também foi assunto de nossa reflexão no último capítulo deste trabalho, tendo como ponto de partida as combinações “ausência-presença” e “angústia-esperança”. Analisando o discurso dos romeiros e o conteúdo dos benditos por eles entoados quando da despedida, concluímos que para estes peregrinos, a saudade sentida ao deixar o Bom Jesus e a Mãe da Soledade, converte-se em esperança, a qual está calcada na perspectiva do retorno já na próxima romaria. Também falamos da ciclicidade da romaria, centrada, essencialmente, no desejo da volta ao Santuário no próximo ano. Ao tratar do movimento das romarias, propusemos a imagem da espiral. Neste sentido, confirmamos a ideia de que toda peregrinação é nova, distinta,

atualizada; não se fecha em si mesma, retornando ao mesmo ponto. Diretamente ligada à realidade vivida, cada romaria, volta-se para o passado, buscando atualizar os acontecimentos primordiais, aquilo que se sucedeu *in illo tempore*, mas, por sua vez, lança vistas ao futuro, procurando como horizonte a “verdadeira pátria”, a “terra feliz”. Para finalizar nossa romaria e já nos encaminhando para a conclusão, refletimos sobre a questão que permeia todo o trabalho, qual seja a hipótese de que os benditos cantados pelos romeiros do Bom Jesus da Lapa compõem um “ordinário da romaria”, visto tanto como estrutura ritual pré-estabelecida como conjunto de canções fixas.

Frente a tudo o que foi colocado até agora, podemos perceber que a partir dos benditos cantados pelos romeiros é possível recriar o itinerário completo da romaria, desde a saída, passando pelo caminho, a chegada, a permanência, até a despedida e viagem de volta. Da mesma maneira, partindo do pressuposto de que existe um “ordinário da romaria”, o qual orienta tanto a estrutura da performance ritual quanto o que se deve cantar ou rezar em cada parte da peregrinação, podemos, então, concluir que os romeiros não cantam na romaria, mas sim cantam “a” própria romaria. Em outras palavras, o que queremos dizer é que o canto dos benditos não é um elemento acessório ao conjunto performático da romaria, mas, ao contrário, é parte integrante dos ritos e condição *sine qua non* para sua efetiva realização. Assim, considerando que a música integra todo o conjunto ritual não como algo suplementar ou adicional, mas sim como componente essencial, então também ratificamos a ideia de que os benditos cantados pelos romeiros têm a capacidade de criar e instaurar uma ritualidade que é própria da romaria. Consequentemente, não é possível fazer romaria sem cantar.

Finalizando nosso itinerário, ainda resta uma questão relacionada ao repertório cultivado pelos romeiros, isto é, a reflexão sobre o lugar que ocupam estes cantos, considerando as celebrações do povo e as celebrações oficiais. Apesar de os assuntos de caráter teológico-litúrgico não serem diretamente objeto da nossa pesquisa, fazemos apenas alguns apontamentos tendo em vista futuras investigações.

Ao longo de toda a nossa reflexão acerca dos benditos de romaria cantados pelos romeiros do Bom Jesus da Lapa falamos não só sobre a prática religiosa dos peregrinos, mas em diversos momentos discutimos questões relacionadas à religião oficial, aos dirigentes do Santuário, sua atuação frente ao movimento da peregrinação, seus discursos e pregações, entre outros. Aqui não se trata, absolutamente, de

contrapor o catolicismo popular e a religião oficial, uma vez que já pudemos constatar que toda a performance da romaria, há mais de trezentos anos, se desenvolve em um terreno de muita concessão e negociação. Os romeiros e os dirigentes da instituição convivem de modo bastante tolerante, resignificando as práticas devocionais e litúrgicas e reinterpretando o discurso e os mitos, cada um à sua maneira.

De qualquer modo, mesmo não pretendendo colocar a religião do povo e o catolicismo oficial em polos antagônicos e incompatíveis, da análise da romaria como um todo, podemos perceber que a prática musical no contexto do catolicismo oficial no Santuário é bastante distinta da prática musical do povo durante a peregrinação.

O canto dos benditos populares ocupa um espaço privilegiado no contexto da performance ritual da romaria. Como vimos, sempre há música que acompanha e que descreve o rito, que proporciona a reflexão, que revivifica os mitos de origem, que cria identidade, entre outros. Entretanto, este repertório cantado pelos romeiros fica restrito às suas práticas rituais e não consegue ganhar espaço no contexto da celebração oficial. O que se pode perceber é que enquanto os romeiros são os oficiantes do culto na romaria, ou seja, durante a visita aos santos, a subida do morro, o cumprimento dos votos, entre outros, há a presença deste repertório. Quando o rito cai no domínio da instituição eclesial, principalmente nas missas e demais sacramentos, estas canções são substituídas por outras, de cunho litúrgico e catequético. Os músicos do Santuário procuram escolher, dentre as canções litúrgicas, um repertório de caráter popular, no sentido de que seja conhecido pelo povo e, assim, a massa dos fieis possa acompanhar. Entretanto, aquilo que o povo realmente canta, conhece, cultiva e domina, não adentra os terrenos oficiais, permanecendo nos limiares da instituição eclesial.

Como expusemos na introdução, nossa intenção com este trabalho foi apresentar um dos caminhos possíveis para uma reflexão mais aprofundada sobre a romaria de Bom Jesus da Lapa, buscando compreender a vivência da fé do romeiro, que é também uma experiência que passa pelo corpo e pela voz. Também foi nosso objetivo auxiliar na preservação dos benditos da romaria, este rico acervo cultural e musical, recolhendo, gravando e transcrevendo em partitura tudo o que foi possível coletar durante as pesquisas de campo. De posse deste repertório, que é parte de um “ordinário”, pudemos analisá-lo do ponto de vista ritual, recriar cada parte da romaria, identificar seu itinerário e sua estrutura performática.

Sabemos que aquilo que apresentamos é apenas um dos possíveis modelos de análise deste repertório musical. Esperamos ter contribuído, de alguma maneira, não só para futuras abordagens acerca do fenômeno cultural e religioso das romarias, mas também para a preservação deste importante material musical, revelador da nossa história, da nossa identidade cultural e religiosa, enfim, da nossa brasilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRE A PORTA – cartilha do povo de Deus (redação e organização da equipe das dioceses de Caratinga, Teófilo Otoni, Divinópolis e Araçuaí; desenhos irmão Zoé). São Paulo: Paulus, 1979.

ALMEIDA, Angela Mendes de; ZILLY, Berthold; LIMA, Eli Napoleão de (org.). *De sertões, desertos e espaços incivilizados*. Rio de Janeiro: FAPERJ; MAUAD, 2001.

ALVES, Maria Lúcia Bastos. *A conveniência na convivência. Um estudo sobre a romaria de Bom Jesus da Lapa, BA*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, dissertação de mestrado, 1993.

AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995.

AMEIGEIRAS, Aldo Rubén. Para una hermenéutica de la peregrinación: cultura popular e identidad religiosa. Los migrantes santiagueños en la Argentina. *Stromata*, 2000.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma Poesia*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem no nordeste – contribuição ao estudo da questão agrária no nordeste*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1998.

ANUÁRIO CATÓLICO DO BRASIL 2012. Rio de Janeiro: CERIS, 2012.

BARBOSA, Antônio. *Bom Jesus da Lapa – antes de Monsenhor Turíbio, no tempo de Monsenhor Turíbio, depois de Monsenhor Turíbio*. Rio de Janeiro: Jotanesi, 1995.

BÍBLIA SAGRADA Antigo Testamento - Traduzido da Vulgata e Anotado pelo Padre Matos Soares, I Volume. São Paulo/Rio de Janeiro: Pia Sociedade de São Paulo para Apostolado da Imprensa, 1933.

BLACKING, John. *¿Hay música en el hombre?* Madri: Alianza Editorial, 2006.

BOLLE, Willi. *grandesertão.br – o romance de formação do Brasil*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004.

BOTTE, Bernard. Ritos e Famílias Litúrgicas. In: Aimé Georges MARTIMORT, *A Igreja em oração – introdução à Liturgia*. Mosteiro de Singeverga e Desclée & CIE: Edições Ora & Labora, 1965.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memória sertão – cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão*. São Paulo: Conesul; Ed. UNIUBE, 1998.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global, 2000.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos – mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

CNBB. *Estudo nº. 17 – Com Deus me deito, com Deus me levanto: orações da religiosidade popular*. São Paulo: Paulinas, 1979.

_____. *Estudo nº. 27 - Bibliografia sobre religiosidade popular*. São Paulo: Paulinas, 1981.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Diretório sobre a piedade popular e liturgia – princípios e orientações*. São Paulo: Paulinas, 2003.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa – uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2010.

CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Martin Claret, 2008.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?*, Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. *Conta de mentiroso – sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DWORAK, Krzysztof. Meu Bom Jesus eu estou lhe escrevendo... em busca de alguns traços de espiritualidade do romeiro a partir das cartas dirigidas ao Senhor Bom Jesus da Lapa. In: *Anais do 24º Congresso Internacional da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião – SOTER*, Belo Horizonte, 2011, p. 879-892.

DWORAK, Krzysztof; FROZONI, Giuliana. Cantos da Igreja da Lapa: a espiritualidade da romaria a partir dos benditos populares cantados pelos romeiros do Santuário do Bom Jesus da Lapa – BA. In: COSTA, Valeriano S. (org.). *Liturgia – Peregrinação ao coração do mistério*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 59-86.

EADE, Johh; COLEMAN, Simon. *Reframing pilgrimage: cultures in motion*. Londres/New York: Routledge, 2004.

EADE, John; SALLNOW, Michael J. *Contesting the sacred – the anthropology of christian pilgrim*. London/New York: Routledge, 1991.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*, São Paulo: Perspectiva, 2010.

_____. *O Sagrado e o profano – a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ESPÍN, Orlando. *A fé do povo – reflexões teológicas sobre o catolicismo popular*. São Paulo: Paulinas, 2000.

GALVÃO, Walnice Nogueira. O imaginário do sertão. In: ALCÂNTARA, Araquém, *Sertão sem fim*. São Paulo: Terrabrasil, 2009.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GRECO, Carlo. *A experiência religiosa: essência, valor, verdade – um roteiro de filosofia da religião*. São Paulo: Loyola, 2009.

GROUT, Donald; PALISCA, Claude. *História da Música Ocidental*, Lisboa: Gradiva, 2007.

HOORNAERT, Eduardo. *A evangelização do Brasil durante a primeira Época Colonial*. In: CEHILA. *A história da Igreja no Brasil. Estudo de interpretação a partir do povo. Primeira época*. Petrópolis: Vozes/Paulinas, 1992.

KOČIK, Lucas. *Santuário do Bom Jesus da Lapa*. Bom Jesus da Lapa: 2000.

_____. *Romarias do Bom Jesus da Lapa*. Bom Jesus da Lapa: Gráfica Bom Jesus, 1991

_____. *Cartilha do Santuário de Bom Jesus da Lapa*. Bom Jesus da Lapa: Gráfica Bom Jesus, 1986.

_____. *Maravilhas do Santuário do Bom Jesus da Lapa*. Bom Jesus da Lapa: Gráfica Bom Jesus, 1987.

LEONARDI, Victor. *Entre árvores e esquecimentos – história social nos sertões do Brasil*. Brasília: Editora UnB, 2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LONDOÑO, Fernando Torres. As devoções e o ser religioso do Brasil. In: *Tempo – Presença*, março/abril/2000.

MAGALHÃES, Zenilda. *Contos e Encantos da Lapa do Bom Jesus*. Bom Jesus da Lapa: Cartograf, 1998.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. Ritual e emoções nas interações espaciais – repensando o espaço sagrado nas festas populares de romarias e folguedos (notas introdutórias). In: ROSENDAHL, Zeny (org) *Trilhas do Sagrado*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

MALHEIROS, Gustavo. *Pedra e Luz*. Rio de Janeiro: Arte Ensaio, 2008.

MARCHEZAN, Luiz Gonzaga. O sertão no interior da máquina do mundo. In: *Revista da UFG*, dezembro 2006, ano VIII, n. 2.

MICEK, Francisco. *Bom Jesus da Lapa*. Bom Jesus da Lapa: Gráfica Bom Jesus, 2006.

_____. *Santuário Bom Jesus da Lapa – Guia de peregrinos e turistas*. Bom Jesus da Lapa: Gráfica Bom Jesus, 2003.

_____. *Missionários Redentoristas em Bom Jesus da Lapa*. Bom Jesus da Lapa: Gráfica Bom Jesus, 2006.

MISSAL COTIDIANO – missal da assembléia cristã. São Paulo: Paulinas, 1985.

MISSAL ROMANO. Petrópolis: Vozes, 1997.

OLIVEIRA, Marcelo J. S. *Francisco – o Santo Vivo*. Fortaleza: Premius, 2010.

PAZ, Ermelinda. *O modalismo na música brasileira*. Brasília: Musimed, 2002.

_____. *500 canções brasileiras*. Brasília: Musimed, 2010.

PEREGRINAÇÃO DE ETÉRIA: liturgia e catequese em Jerusalém do século IV (tradução do original latino, introdução e notas por Maria da Glória NOVAK; comentário de Alberto BECKHÄUSER). Petrópolis: Vozes, 2004.

QUEIRUGA, Andrés Torres. *Esperança apesar do mal – a ressurreição como horizonte*. São Paulo: Paulinas, 2007.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

ROSENDAHL, Zeny. *Hierópolis: o sagrado e o urbano*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

SADIE, Stanley. *Dicionário Grove de Música*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

- SANTOS, Eurides de Souza. *A música de Canudos*. Salvador: Egbá, 1998.
- SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille (org.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992.
- SHOENBERG, Arnold. *Funções Estruturais da Harmonia*, São Paulo: Via Lettera, 2004.
- SEGURA, Turíbio Vilanova. *Bom Jesus da Lapa: Resenha Histórica*. Bom Jesus da Lapa: Gráfica Bom Jesus, 1987.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 2009.
- SILVA, Minelvino Francisco. *Catecismo dos Romeiros – Benditos de Romaria e Orações Populares*. Bom Jesus da Lapa: Gráfica Bom Jesus.
- _____. *Cordel*. São Paulo: Hedra, 2005.
- SOARES, Sebastião Armando Gameleira; MELLO, Agostinha. A romaria dos pobres de Deus. Leitura do Salmo 124. In: *Estudos Bíblicos*, 28. Romeiros de ontem e hoje. Peregrinação e romaria na Bíblia. Petrópolis: Vozes, 1990.
- SPINA, Segismundo. *A lírica trovadoresca*. São Paulo: Edusp, 1996.
- STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias – um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. Peregrinação, romaria e turismo religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas. In: Edin Sued ABUMANSUR (org.). *Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo*. Campinas: Papirus, 2003.
- _____. Peregrinação e turismo religioso: sujeitos, objetos e perspectivas. In: *Turismo e Antropologia – novas abordagens*. Campinas: Papirus, 2009.
- TERRIN, Aldo Natale. *O rito – antropologia e fenomenologia da ritualidade*. São Paulo: Paulus, 2004.
- THEISSEN, Gerd. *A religião dos primeiros cristãos – uma teoria do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- TRAVASSOS, Elizabeth. Romaria de Bom Jesus da Lapa: uma primeira etnografia. In: SOARES, Lélia Gontijo (org.). *Romaria do Bom Jesus da Lapa na Bahia*. Rio de Janeiro:

FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore/MEC/Secretaria de Cultura/Fundação Cultural do Estado da Bahia/Prefeitura Municipal do Bom Jesus da Lapa, 1983.

TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

TURNER, Victor; TURNER Edith. *Image and pilgrimage in Christian culture*. Oxford: Basil Blackwell, 1978.

VILLA, Marco Antonio. *Vida e morte no sertão – história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Ática, 2000.

VILHENA, Maria Ângela. O peregrinar: caminhar para a vida. In: Edin Sued ABUMANSSUR (org.). *Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo*. Campinas: Papirus, 2003, p. 21-22.

WESTWOOD, Jennifer. *On Pilgrimage – sacred journeys around the world*. Mahwah: HiddenSpring, 2003.

REFERÊNCIAS AUDIO-VISUAIS

CDs

BENDITOS/BA – Documentário Sonoro do Folclore Brasileiro no. 42 (Fundação Nacional de Arte / Instituto Nacional do Folclore)

BENDITOS DA ROMARIA DO BOM JESUS DA LAPA – Minelvino Francisco Silva

CLÁSSICOS DOS 320 ANOS DE ROMARIAS – Romeiro de todo ano

POEMA DOS ROMEIROS DO BOM JESUS DA LAPA – Ispedito Nunes

PRA VISITAR O BOM JESUS – Betinho

DVDs

BENDITOS DE ROMARIAS – BOM JESUS DA LAPA – BA

BOM JESUS – FILHO AMADO DE DEUS PAI – Romaria 2011

PROCISSÕES – BOM JESUS DA LAPA (Nossa Senhora da Soledade, Bom Jesus e Santa Luzia)

TONHO DO LIVRO – LITERATURA DE CORDEL NO MORRO DA LAPA

SITES

http://www.ibge.gov.br/cidadesat/historicos_cidades/historico_conteudo.php?codmun=290390 - acesso em 29 de agosto de 2011

<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/povoamento/indios/nomes.html> - acesso em 19 de setembro de 2011

http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/30/doc01_30.pdf - acesso em 19 de setembro de 2011

<http://sosriosdobrasil.blogspot.com/2009/07/32-romaria-da-terra-e-das-aguas-do.html> - acesso em 12 de outubro de 2011

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Bahia_Municip_BomJesusdaLapa.svg, - acesso em 27 de março de 2012.

ANEXOS

ANEXO I – QUADRO ANALÍTICO DOS BENDITOS E CANÇÕES

Capítulo	Bendito / Canção	Primeiro Verso	Fonte / Transmissão	Temática	Tipo de verso	Rima	Estrutura do poema	Modo / Tonalidade	Âmbito melódico	Compasso	Características melódicas	Figuras rítmicas recorrentes	Características interpretativas	Observações
I	Eu sou cantor e sou romeiro	Prá visitar o Bom Jesus	Betinho e Romeiros de Itabuna - BA	Chapéu, percurso, cantor-romeiro	sete, oito e nove sílabas	A-B-C-B	quadra	tonalidade maior	sexta menor	binário simples	saltos de terça e quarta justa	colcheias	uníssono	Terceiro e quarto versos são iguais em todas as estrofes.
	Ô, Maria, ô, Maria	Ô, Maria, ô, Maria	Romeiros de Itabuna - BA	Chapéu	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	jônio	nona maior	ternário simples	saltos de terça	colcheias e figuras pontuadas	uníssono	
	É vai saindo a romaria, é vai	É vai saindo a romaria, é vai	Benditos/BA - Documentário Sonoro do Folclore Brasileiro no. 41 (Vini)	Saída da romaria, pedido de bênção	sete e onze sílabas	não há rima	quadra	jônio	quinta justa	binário simples	graus conjuntos e saltos de terça	colcheias	uníssono, duas vozes em terças paralelas	Terceiro e quarto versos são iguais em todas as estrofes.
	Já vai saindo a romaria de paz	Já vai saindo a romaria de paz	Benditos da Romaria do Bom Jesus da Lapa - Mineirinho Francisco Silva (CD)	Saída da Romaria do Bom Jesus da Lapa - motorista	sete e onze sílabas	A-B-C-B	quadra	jônio	quinta justa	binário simples	saltos de terça	semínimas e colcheias	uníssono, duas vozes em terças paralelas	
II	A Igreja da Lapa	A Igreja da Lapa	Benditos da Romaria do Bom Jesus da Lapa - Mineirinho Francisco Silva (CD)	Romeiro, romaria, visita ao Bom Jesus	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	jônio	quinta justa	binário simples	saltos de terça	colcheias e síncopeas	uníssono, duas vozes em terças paralelas	
	Bendito de Francisco da Soledade	Vindo lá de Portugal	Benditos da Romaria do Bom Jesus da Lapa - Mineirinho Francisco Silva (CD)	Frei Francisco da Soledade, história da fundação do Santuário	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	jônio	sétima menor	ternário simples	graus conjuntos	mínimas e semínimas	uníssono, duas vozes em terças paralelas	O último verso de todas as estrofes é igual.
	Esse carro é vai andando	Esse carro é vai andando	Romeiro de Águas Vermelhas - MG	Percurso, carro	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	hexacordal	oitava justa	binário simples	saltos de terça	figuras pontuadas e síncopeas	uníssono	
	Água o carro seu motorista	Água o carro seu motorista	Benditos/BA - Documentário Sonoro do Folclore Brasileiro no. 41 (Vini)	Percurso, carro, motorista, Nossa Senhora	não há regularidade métrica	A-B-C-B	quadra	jônio-mixolídio	sexta menor	quaternário simples	graus conjuntos e saltos de terça	semínimas e colcheias	duas vozes em terças paralelas	O âmbito melódico, de modo geral perfaz uma sexta menor, porém, se considerarmos a primeira nota do bendito (ré), teremos um âmbito de décima primeira.
	Nesta bonita estrada eu quero passar	Nesta bonita estrada eu quero passar	Benditos/BA - Documentário Sonoro do Folclore Brasileiro no. 41 (Vini)	Percurso, estrada, pedido de proteção	cinco e seis sílabas	A-B-C-B	quadra	jônio-mixolídio	sexta menor	binário e ternário simples	graus conjuntos e saltos de terça	antecipações e síncopeas	uníssono	
	Maria, vale-me	Maria, vale-me	Romeiros de Itabuna - BA	Pedido de ajuda a Nossa Senhora	cinco sílabas	não há rima	quadra	mixolídio	sétima menor	quaternário simples	saltos de terça	semínimas e colcheias	uníssono	
	Quando tiver em perigo	Quando tiver em perigo	Romeiros de Itabuna - BA	Pedido de ajuda e proteção, Ladeira do Marçal	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	jônio-mixolídio	sétima menor	ternário simples	graus conjuntos e saltos de terça	mínimas e semínimas	uníssono	A melodia é a mesma da canção "Bendito e louvado seja a luz que mais alumina" - romaria do padre Cicero (Jazeiro do Norte - CE).
	Uma espada de dor	Uma espada de dor	Benditos/BA - Documentário Sonoro do Folclore Brasileiro no. 41 (Vini)	Dores de Nossa Senhora	não há regularidade métrica	A-B-B	quadra	jônio-mixolídio	sétima menor	quaternário simples	graus conjuntos e saltos de terça	semínimas e colcheias	duas vozes em terças paralelas	Apesar de o registro de campo só ter duas estrofes, é de se supor que a repetição aconteça sete vezes, ligando-se à devoção popular das Sete Dores de Nossa Senhora.
	Romeiros que vão à Lapa	Romeiros que vão à Lapa	Benditos/BA - Documentário Sonoro do Folclore Brasileiro no. 41 (Vini)	Percurso, oração da Ave-Maria, das da semana santa	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	jônio-mixolídio	oitava justa	ternário simples	graus conjuntos e saltos de terça	semínimas e colcheias	duas vozes em terças paralelas	Apesar de o registro de campo só ter duas estrofes, é de se supor que a repetição aconteça cinco vezes, perfazendo assim, os dias da semana santa, de segunda a sexta-feira.
	Uma beata santa	Uma beata santa	Romeira de Eunápolis - BA	Nossa Senhora, Beata Santa	não há regularidade métrica	não há rima	três versos	jônio	sétima menor	binário simples	graus conjuntos	colcheias	uníssono	As estrofes são repetidos doze vezes.
	Uma bandeirinha vermelha	Uma bandeirinha vermelha	Romeiro de Águas Vermelhas - MG	Bandeirinhas, cantor-romeiro	não há regularidade métrica	A-B-C-B	quadra	jônio	sexta maior	binário simples	graus conjuntos e saltos de terça	colcheias	uníssono, alternando coro e solista	As estrofes são repetidos doze vezes.
	Os apóstolos de Deus	Os apóstolos de Deus	Romeiro de Águas Vermelhas - MG	Missão de Jesus e seus apóstolos	nove e dez sílabas	A-B-C-B	quadra	jônio	sétima menor	quaternário simples	graus conjuntos e saltos de terça	semínimas e colcheias	uníssono	As estrofes são repetidos doze vezes.
	O romeiro, romeirinho	O romeiro, romeirinho, uma palavra de romeiro	Romeiros de Itabuna - BA	Performance durante a viagem - cantar e rezar ao Bom Jesus	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	jônio-mixolídio	sétima menor	ternário simples	graus conjuntos e saltos de terça	colcheias	uníssono e duas vozes, alternando coro e solista	
	Somos romeiros de longe	Somos romeiros de longe	Benditos da Romaria do Bom Jesus da Lapa - Mineirinho Francisco Silva (CD)	Descrição do Santuário - pedra, ex-votos, imagens, morto, entre outros.	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	tonalidade maior	quinta justa	binário simples	graus conjuntos	semínimas e colcheias	uníssono, duas vozes em terças paralelas	Mesma melodia de "Bendito e louvada seja no céu a divina luz".
	O bendito e louvada seja	O bendito e louvada seja	Romeiros de Itabuna - BA	Louvor ao Bom Jesus, visita à Lapa	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	hexacordal	oitava justa	ternário simples	saltos de terça	colcheias	duas vozes em sextas paralelas	
	Romeiro, romeirinho, quem te deu esse chapéu	Romeiro, romeirinho, quem te deu esse chapéu	Romeiros de Itabuna - BA	Chapéu	não há regularidade métrica	A-B-C-B	quadra	lídio-mixolídio	quinta diminuta	binário e ternário simples	graus conjuntos e saltos de terça	colcheias e colcheias pontuadas	uníssono	
III	Meu Bom Jesus, olha eu	Meu Bom Jesus, olha eu	Padre Roque Silva	Ação de graças pela chegada, intenções para a peregrinação - visita, promessa e celebração	sete sílabas	não há rima	três versos	jônio	sétima menor	ternário simples	graus conjuntos	semínimas	uníssono	
	Nossa Senhora, eu já sei nome	Nossa Senhora, eu já sei nome	Romeiros de Valença - BA	Apresentação à Virgem Maria e intenção para a peregrinação - visitar o Bom Jesus	oito e dez sílabas	A-B-C-B	quadra	tonalidade maior	sétima menor	binário simples	graus conjuntos	colcheias e antecipações	uníssono	
	Eu disse flor, minha flor	Eu disse flor, minha flor, flor vem cá	Romeiros de Valença - BA	Apresentação à Virgem Maria e ao Bom Jesus	não há regularidade métrica	não há rima	quadra	tonalidade maior	oitava justa	binário simples	graus conjuntos	colcheias	uníssono	
	Meu Bom Jesus, meu Redentor	Meu Bom Jesus, meu Redentor	Romeiros de Itamaraju - BA	Acontecimento do Calvário	oito sílabas	A-B-C-B (em algumas estrofes)	quadra	jônio	sexta maior	quaternário simples	graus conjuntos e saltos de terça	colcheias	duas e três vozes paralelas (falobordão)	O último verso de todas as estrofes é igual.
	Bendito de Santa Luzia	Bendito e louvado seja Senhora Santa Luzia	Romeiros de Itamaraju - BA	História de Santa Luzia	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	jônio	nona maior	ternário simples	graus conjuntos	mínimas e semínimas	uníssono, duas e três vozes paralelas (falobordão)	
	Bendito de Santo Antônio	O meu padre Santo Antônio	Romeiros de Itamaraju - BA	Pedido de intercessão a Santo Antônio	sete e onze sílabas	A-B-C-B	quadra	tonalidade maior	sétima menor	binário simples	graus conjuntos e saltos de terça	colcheias	duas vozes em terças paralelas	
	Bendito de São Sebastião	O grande Sebastião	Romeiros de Salto da Divisa - MG	Pedido de intercessão a São Sebastião	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	jônio	sétima menor	binário e ternário simples	saltos de terça	colcheias	duas vozes em terças paralelas	
	Abre a porta, povo	Abre a porta, povo	Romeiros de Itamaraju - BA	Via Crucis	cinco sílabas	A-B-C-B	quadra	jônio-mixolídio	oitava diminuta	ternário simples	graus conjuntos	mínimas e semínimas	duas e três vozes paralelas (falobordão)	
	Bendito do padre Cicero e Nossa Senhora das Candeias	Bendito e louvado seja a luz que nos alumina	Benditos da Romaria do Bom Jesus da Lapa - Mineirinho Francisco Silva (CD)	Padre Cicero e Nossa Senhora das Candeias	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	mixolídio	sexta menor	ternário simples	graus conjuntos	mínimas e semínimas	uníssono, duas vozes em terças paralelas	Terceiro e quarto versos são iguais em todas as estrofes.
	Bendito da Senhora da Conceição	Bendito e louvado seja Senhora da Conceição	Romeiros de Itamaraju - BA	Louvores e pedidos a Nossa Senhora da Conceição	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	jônio	sétima menor	quaternário simples	graus conjuntos e saltos de terça	colcheias e semínimas pontuadas	duas vozes em terças e sextas paralelas	
	Bendito da estrela do céu	Lá no céu tem uma estrela	Romeiros de Itamaraju - BA	Invocações à estrela do céu e aos santos de devoção popular	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	hexacordal	sétima menor	unário, ternário e quaternário simples	saltos de terça	colcheias	uníssono	
	Deus soberano	Deus soberano, Pai amoroso	Romeiros de Itamaraju - BA	Pedido de perdão e poder do sangue de Jesus e de suas cinco chagas	quatro sílabas	os versos rimam entre si	dois versos	jônio	quarta justa	ternário simples	graus conjuntos e saltos de terça	semínimas pontuadas e colcheias	uníssono, duas vozes em terças paralelas	
	Ele me ama com amor	Ele me ama com amor	Romeira de Macaé - AL	Confiança no amor de Deus	não há regularidade métrica	não há rima	quadra	tonalidade maior	décima menor	binário composto	saltos de terça e quarta justa	colcheias e semicolcheias	uníssono	
	Nós pedimos ao Bom Jesus	Nós pedimos ao Bom Jesus a sua bênção	Betinho	Pedido de bênção ao Bom Jesus	não há regularidade métrica	não há rima	quadra	tonalidade maior	oitava justa	binário simples	graus conjuntos e saltos de terça	colcheias	uníssono	
	Hino ao Bom Jesus da Lapa	Cantem todos um hino de glória	Valentim Boróbia (compositor)	Louvor ao Bom Jesus da Lapa	sete sílabas (estrofes) e nove sílabas (refrão)	A-B-A-B (refrão) e A-B-C-B (estrofes)	quadra	tonalidade maior (refrão) e tonalidade menor harmônica (estrofes)	décima primeira justa	binário simples	graus conjuntos (estrofes) e saltos (refrão)	figuras pontuadas (refrão) e mínimas e colcheias (estrofes)	uníssono	Única canção que encontramos durante as pesquisas de campo que apresenta uma parte em tonalidade menor.
	Hino a Nossa Senhora da Soledade	O Senhora e Mãe da Soledade	Monsenhor Turbilo Vilanova Segura (letra) e Antônio Barbosa (música)	Louvor a Nossa Senhora da Soledade	nove sílabas	A-B-C-B	quadra	tonalidade maior	décima menor	binário simples	graus conjuntos e saltos	figuras pontuadas	uníssono	
	Eu sou romeiro de todo ano	Eu sou romeiro de todo ano	Edgar Mão Branca (compositor)	Ritos de permanência, ação de graças ao Bom Jesus	não há regularidade métrica	A-B-C-B (refrão)	quadra (refrão)	tonalidade maior	nona maior	binário e quaternário simples	graus conjuntos	colcheias	uníssono, duas vozes em terças paralelas	No final da estrofe há uma citação literal do bendito "A Igreja da Lapa".
	A pedra do sino	No morro do Bom Jesus	Benditos da Romaria do Bom Jesus da Lapa - Mineirinho Francisco Silva (CD)	Pedra do Sino	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	mixolídio	sexta menor	ternário simples	saltos de terça	mínimas e semínimas	uníssono, duas vozes em terças paralelas	
	Bendito do Bom Jesus da Lapa e a Pedra do Sino	Romeiros que vão pra Lapa	Benditos da Romaria do Bom Jesus da Lapa - Mineirinho Francisco Silva (CD)	Descrição dos ritos de permanência - visita às imagens, subida do morro e pedra do sino	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	jônio	quinta justa	ternário simples	saltos de terça	mínimas e semínimas	uníssono, duas vozes em terças paralelas	
	Romeiros que vêm de longe	Romeiros que vêm de longe	Benditos/BA - Documentário Sonoro do Folclore Brasileiro no. 41 (Vini)	Pedido de ajuda, escola	sete sílabas	A-B-C-B	quatro versos(maior parte)	mixolídio	sexta menor	binário simples	saltos de terça	colcheias	uníssono	A terceira estrofe apresenta seis versos. Os quinto e sexto versos são cantados com a melodia dos terceiro e quarto versos.
	Dê uma escola pelo amor de Deus	Dê uma escola pelo amor de Deus	Mendigo (deficiente visual)	Pedido de ajuda, escola	não há regularidade métrica	os versos rimam entre si	não há divisão em estrofes	hexacordal	oitava justa	sem fórmula de compasso	graus conjuntos e saltos de terça	figuras pontuadas	uníssono	Os versos são improvisados em ordem aleatória.

IV	Benedito de despedida dosromeiros do Bom Jesus da Lapa	Senhor Bom Jesus da Lapa, daí-me calma, paz e luz	Beneditos da Romaria do Bom Jesus da Lapa - Mineirino Francisco Silva (CD)	Descrição dos ritos de permanência - vista às imagens, subida do morro e pedra do sino, despedida	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	jônio	quinta justa	ternário simples	graus conjuntos e saltos de terça	seminimas e colcheias pontuadas	uníssono, duas vozes em terças paralelas	O último verso de todas as estrofes é igual.
	Adeus, adeus	Adeus, adeus, que eu já vou-embora	Beneditos(BA - Documentário Sonoro do Folclore Brasileiro no. 41 (Vinil)	Despedida e confiança na proteção de Deus e Nossa Senhora	quatro e cinco sílabas	A-B-C-B	quadra	hexacordal	nona maior	quaternário simples	saltos de terça	colcheias e antecipações	uníssono	O terceiro verso é sempre igual.
	Adeus dosromeiros a Nossa Senhora da Soledade	Adeus, minha mãe, adeus	Romeiros de Itamaraju - BA	Despedida de Nossa Senhora	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	hexacordal	quinta justa	quaternário simples	graus conjuntos saltos de terça	seminimas e colcheias	duas vozes em sextas paralelas	Utilização do recurso estilístico "leixa-pren".
	Adeus, minha mãe, adeus	Adeus, minha mãe, adeus	Romeira de Vitória da Conquista - BA	Despedida de Nossa Senhora, Padre Cícero	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	jônio-mixolidio	sexta maior	ternário simples	graus conjuntos	seminimas e semínimas	uníssono, duas vozes em terças paralelas	
	Adeus, minha mãe, adeus	Adeus, minha mãe, adeus	Não identificada	Despedida de Nossa Senhora, Bom Jesus e padre	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	jônio	sexta menor	ternário simples	graus conjuntos	seminimas e semínimas	uníssono	
	Bom Jesus da Lapa, padroeiro forte	Bom Jesus da Lapa, padroeiro forte	Não identificada	Bom Jesus da Lapa, pedido de proteção	cinco sílabas	não há rima	quadra	jônio	sexta menor	binário simples	graus conjuntos	colcheias e colcheias pontuadas	uníssono	
	Minha gente, venha ver	Minha gente, venha ver	Não identificada	"Bonitaca" do Bom Jesus, pedido de proteção para a viagem de volta, despedida	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	mixolidio	sexta menor	ternário simples	graus conjuntos, saltos de terça e quarta justa	colcheias e semínimas	uníssono	
	Súplica ao Bom Jesus da Lapa	Bom Jesus e a Virgem Maria	Beneditos da Romaria do Bom Jesus da Lapa - Mineirino Francisco Silva (CD)	Pedido de proteção e libertação do mal	não há regularidade métrica	A-B-B-B	quadra	jônio	sétima menor	ternário simples	graus conjuntos	mínimas e semínimas	uníssono, duas vozes em terças paralelas	Terceiro e quarto versos são iguais e se repetem em todas as estrofes.
	A Igreja da Lapa	A Igreja da Lapa é feita de pedra e luz	Romeira de Novo Marcos - BA	Igreja da Lapa, saudade	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	lídio-mixolidio	sexta maior	sem fórmula de compasso	graus conjuntos	figuras curtas e longas	uníssono	As estrofes são repetidas sete vezes.
	Já cumpri minha promessa	Já cumpri minha promessa	Walter José (compositor)	Saudade, viagem de volta, pedido de bênção e proteção	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	tonalidade maior	nona maior	quaternário simples	graus conjuntos e saltos de terça	colcheias e antecipações	uníssono	
	Saindo do Santuário	Saindo do Santuário vou levando muito amor	Beirinho (compositor)	Saudade, pedido de proteção para viagem de volta	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	tonalidade maior	oitava justa	binário simples	graus conjuntos	antecipações e sínkopas	uníssono	
	Me convidaram pra fazer uma viagem	Me convidaram pra fazer uma viagem	Romeiras de Vitória da Conquista - BA	Viagem longa	não há regularidade métrica	não há rima	quadra	jônio	oitava justa	quaternário simples	graus conjuntos	colcheias	uníssono	
	Na frente desse carro não tem nada	Na frente desse carro não tem nada	Romeiras de Vitória da Conquista - BA	Viagem, pedido de proteção	não há regularidade métrica	A-B-A-B-C-B	seis versos	jônio	sexta menor	quaternário simples	graus conjuntos e saltos de terça	colcheias	uníssono	
	Uma igreja dourada	Uma igreja dourada	Romeira de Eunápolis - BA	Igreja dourada, Roma	não há regularidade métrica	A-B-C-B	quadra	mixolidio	sétima menor	sem fórmula de compasso	saltos de terça	figuras curtas e longas	uníssono, alternando coro e solista	
	Romeiro varreu a igreja	Romeiro varreu a igreja	Romeiras de Vitória da Conquista - BA	Romeiro, igreja, pedido de proteção	oito e nove sílabas	A-B-C-B	quadra	jônio-mixolidio	sétima menor	quaternário simples	saltos de terça	colcheias	uníssono	As estrofes são repetidas doze vezes.
ANEXO I	Um jardim em flor	Um jardim em flor	Romeiras de Vitória da Conquista - BA	Jardim de flor, Nossa Senhora, pedido de proteção à Sagrada Família e ao Redentor	não há regularidade métrica	A-B-C-B	quadra	hexacordal	quinta justa	ternário simples	graus conjuntos e saltos de terça	mínimas e semínimas	uníssono	As estrofes são repetidas sete vezes.
	Assenta, Santo Antônio, assenta	Assenta, Santo Antônio, assenta	Romeiras de Vitória da Conquista - BA	Santo Antônio, cadeirinha	oito sílabas	A-B-C-B	quadra	jônio	sétima menor	binário simples	graus conjuntos e saltos de terça	colcheias	uníssono	As estrofes são repetidas sete vezes.
	Eu avistei a santa cruz	Eu avistei a santa cruz	Romeiras de Vitória da Conquista - BA	Viagem, bênção, vista ao Bom Jesus	sete sílabas	A-B-C-B (na segunda estrofe)	três versos e quadra	jônio	sexta menor	binário e ternário simples	graus conjuntos e saltos de terça	seminimas e colcheias	uníssono	
	Despedida dosromeiros da Soledade	Mãe da Soledade, vim vos visitar	Beneditos da Romaria do Bom Jesus da Lapa - Mineirino Francisco Silva (CD)	Despedida de Nossa Senhora, retorno no próximo ato	cinco sílabas	A-B-C-B	quadra	jônio	sexta menor	unário, binário e ternário simples	saltos de terça	colcheias	uníssono, duas vozes em terças paralelas	O terceiro e quarto versos são iguais em todas as estrofes.
	Segura na mão de Deus e vai	Se as águas do mar da vida quiserem te afogar	Romeiros de Buarsrema - BA	Confiança em Deus	sete sílabas	não há rima	quadra e refrão	tonalidade maior	nona maior	quaternário simples	graus conjuntos e saltos de terça	figuras pontuadas e notas longas	uníssono	
	Cristo tem poder	Cristo tem poder	Romeiros de Buarsrema - BA	Milagres de Jesus	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	tonalidade maior	nona maior	binário simples	graus conjuntos	colcheias	uníssono	
	Só em Deus o repouso encontrei	Só em Deus o repouso encontrei	Romeiros de Buarsrema - BA	Confiança em Deus	sete e nove sílabas	A-B-C-B (nas a strofes)	quadra e refrão	tonalidade maior	nona maior	quaternário simples	graus conjuntos	seminimas e colcheias	uníssono	
	Maria de Nazaré	Maria de Nazaré	Romeiros de Buarsrema - BA	Nossa Senhora	sete e dez sílabas	A-B-A-B e A-A-A-B	quadra	tonalidade maior	nona maior	binário composto	graus conjuntos	colcheias	uníssono	
	Podes reinar, Senhor Jesus	Senhor, eu sei que é teu este lugar	Romeiros de Buarsrema - BA	Confiança em Deus	não há regularidade métrica	não há rima	três versos e refrão	tonalidade maior	nona menor	binário simples	graus conjuntos	colcheias e mínimas, antecipações	uníssono	
	Benedito da estrela do céu	Lá no céu tem uma estrela	Romeira de Itabuna - BA	Invocações à estrela do céu e aos santos de devoção popular	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	jônio	sétima menor	ternário simples	graus conjuntos e saltos de terça	colcheias e semínimas pontuadas	uníssono	
	Hino ao Bom Jesus da Lapa (para pedir chuva)	Ó Bom Jesus! Ó nosso Deus!	Monsenhor Turbilo Vilanova Segura (autor)	Invocações ao Bom Jesus para pedir chuva	não há regularidade métrica	A-B-C-B	quadra	tonalidade maior	nona maior	ternário simples	graus conjuntos	colcheias	uníssono	
	Hino ao Bom Jesus da Lapa (pedindo chuva)	Bom Jesus, a vossos pés	Monsenhor Turbilo Vilanova Segura (autor)	Invocações ao Bom Jesus para pedir chuva	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	tonalidade maior	nona maior	binário simples	graus conjuntos	colcheias	uníssono	o último verso de todas as estrofes é igual
	Ladainha ao Bom Jesus da Lapa	Senhor, temde piedade de nós	Guiliana Frozoni (música) e Krzysztof Dworak (letra)	Invocações ao Bom Jesus	não há regularidade métrica	não há rima	quadra	lídio-mixolidio	décima primeira justa	binário simples e sem fórmula de compasso	graus conjuntos e saltos de terça	seminimas e colcheias, recitativo	uníssono	
	Senhor Bom Jesus da Lapa, pai eterno e verdadeiro	Senhor Bom Jesus da Lapa, pai eterno e verdadeiro	Romeira de Eunápolis - BA	Bom Jesus da Lapa	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	hexacordal	nona maior	ternário simples	graus conjuntos e saltos de terça	mínimas e semínimas	uníssono	
	Senhor Bom Jesus da Lapa, pai eterno e verdadeiro	Senhor Bom Jesus da Lapa, pai eterno e verdadeiro	Romeiros de Itabuna - BA	Bom Jesus da Lapa	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	hexacordal	nona maior	ternário simples	graus conjuntos e saltos de terça	mínimas e semínimas	uníssono	
	Benedito do Divino Espírito Santo	Meu Divino Espírito Santo	Romeiros de Xique-Xique - BA	Espírito Santo	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	jônio	sétima menor	ternário simples	graus conjuntos	seminimas e semínimas	uníssono	
	Jesus Cristo Senhor Deus	Jesus Cristo Senhor Deus, Mãe da misericórdia	Romeira de Eunápolis - BA	Jesus Cristo, Nossa Senhora, anjos	não há regularidade métrica	não há rima	quadra	jônio	oitava justa	binário simples	graus conjuntos e saltos de terça	colcheias pontuadas	uníssono	
	Na pedra da Lapa escreveu Santa Maria	Na pedra da Lapa escreveu Santa Maria	Romeira de Eunápolis - BA	Pedra, Santa Maria	cinco e sete sílabas	A-B-C-B	quadra	jônio	sétima menor	binário simples	graus conjuntos e saltos de terça	colcheias	uníssono	
	Quem manda na Lapa é Deus	Quem manda na Lapa é Deus	Guardador da Cruz dos Milagres	Bom Jesus, Lapa	não há regularidade métrica	não há rima	quadra	jônio	sexta maior	binário simples	graus conjuntos e saltos de terça	antecipações e sínkopas	uníssono	
	Samba doromeiro do Bom Jesus da Lapa	A Lapa do Bom Jesus tem água	Padre Roque Silva	Lapa, água, pedra, luz	sete e oito sílabas	os versos rimam entre si	dois versos	tonalidade maior	sexta maior	binário simples	graus conjuntos e saltos de terça	antecipações e sínkopas	uníssono	
	Senhor Bom Jesus da Lapa é o Senhor de muita luz	Senhor Bom Jesus da Lapa é o Senhor de muita luz	Romeira de Juazeiro - BA	Bom Jesus da Lapa, pedido de proteção e bênção	sete sílabas	A-B-C-B	quadra	mixolidio	sexta menor	ternário simples	graus conjuntos	mínimas e semínimas	uníssono	

ANEXO II – CD (.mp3)

1. Eu sou cantor e sou romeiro
2. Ô, Maria, ô, Maria
3. É vai saindo a romaria, é vai
4. Já vai saindo a romaria de paz
5. A Igreja da Lapa
6. Bendito de Francisco da Soledade
7. Esse carro é vai andando
8. Aguia o carro seu motorista
9. Nesta bonita estrada eu quero passar
10. Maria, valei-me
11. Quando tiver em perigo
12. Uma espada de dor
13. Romeiros que vão Lapa
14. Uma beata santa
15. Uma bandeirinha vermelha
16. Os apóstolos de Deus
17. Ô romeiro, romeirinho
18. Somos romeiros de longe
19. Ô bendito e louvada seja
20. Romeiro, romeirinho, quem te deu esse chapéu
21. Meu Bom Jesus, olha eu
22. Nossa Senhora, eu já sei nome
23. Eu disse flor, minha flor
24. Meu Bom Jesus, meu Redentor
25. Bendito de Santa Luzia
26. Bendito de Santo Antônio
27. Bendito de São Sebastião
28. Abre a porta, povo
29. Bendito do Padre Cícero e Nossa Senhora das Candeias
30. Bendito da Senhora da Conceição
31. Bendito da estrela do céu
32. Deus soberano
33. Ele me ama com amor
34. Nós pedimos ao Bom Jesus
35. Hino ao Bom Jesus da Lapa
36. Hino a Nossa Senhora da Soledade
37. Eu sou romeiro de todo ano
38. A pedra do sino
39. Bendito do Bom Jesus da Lapa e a Pedra do Sino
40. Romeiros que vêm de longe
41. Dê uma esmola pelo amor de Deus
42. Bendito de despedida dos romeiros do Bom Jesus da Lapa
43. Adeus, adeus
44. Adeus dos romeiros a Nossa Senhora da Soledade
45. Adeus, minha mãe, adeus
46. Adeus, minha mãe, adeus
47. Bom Jesus da Lapa, padroeiro forte
48. Minha gente, venha ver

49. Súplica ao Bom Jesus da Lapa
50. A Igreja da Lapa
51. Já cumpri minha promessa
52. Saindo do Santuário
53. Me convidaram pra fazer uma viagem
54. Na frente desse carro não tem nada
55. Uma igreja dourada
56. Romeiro varreu a igreja
57. Um jardim em flor
58. Assenta, Santo Antônio, assenta
59. Eu avistei a santa cruz
60. Despedida dos romeiros da Soledade
61. Segura na mão de Deus e vai
62. Cristo tem poder
63. Só em Deus o repouso encontrei
64. Maria de Nazaré
65. Podes reinar, Senhor Jesus
66. Bendito da estrela do céu
67. Hino ao Bom Jesus da Lapa (para pedir chuva)
68. Hino ao Bom Jesus da Lapa (pedindo chuva)
69. Ladainha ao Bom Jesus da Lapa
70. Senhor Bom Jesus da Lapa, pai eterno e verdadeiro
71. Senhor Bom Jesus da Lapa, pai eterno e verdadeiro
72. Bendito do Divino Espírito Santo
73. Jesus Cristo Senhor Deus
74. Na pedra da Lapa escreveu Santa Maria
75. Quem manda na Lapa é Deus
76. Samba do romeiro do Bom Jesus da Lapa
77. Senhor Bom Jesus da Lapa é o Senhor de muita luz

ANEXO III – FOTOGRAFIAS

Gruta do Bom Jesus



Romaria a pé



Romeiros ao pagar promessa



Senhor dos Passos



Nossa Senhora da Piedade



Sala dos milagres



Capela de Nossa Senhora Aparecida (antiga Cova da Serpente)



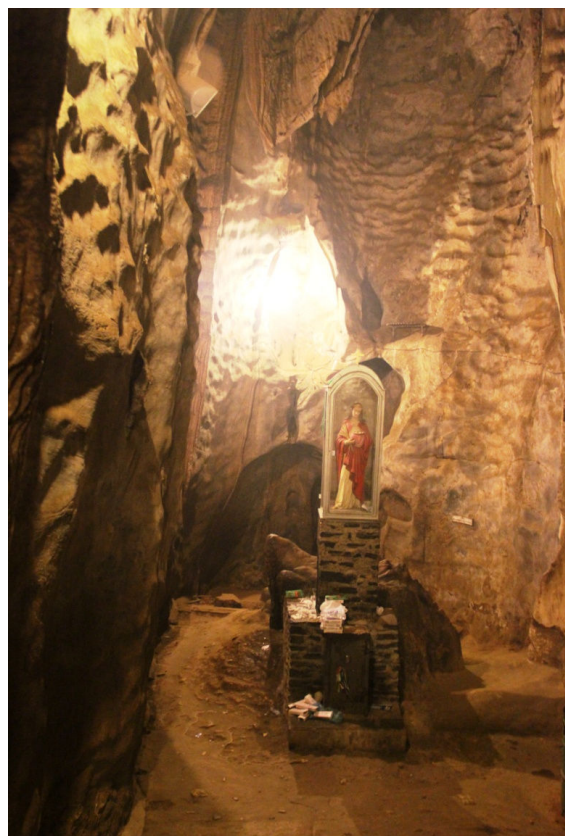
Capela do Batismo



Cova da Onça



Romeiras e a água dos milagres



Gruta de Santa Luzia



Cristo Morto



Romeiro olhando a fenda na pedra



Gruta de São Geraldo



Gruta do Belém

ANEXO IV – Partituras

Segura na mão de Deus e vai

1. Se as á - guas do mar da vi - da qui - se - rem te a - fo - gar
 2. Se a jor - na - da é pe - sa - da e te can - sas da ca - mi - nhada
 3. O es - pí - ri - to do Se - nhor sem - pre te re - ves - ti - rá
 4. A Vir - gem Mãe do Se - nhor sem - pre te a - com - pa - nha - rá

1. Se - gu - ra na mão de Deus e vai
 2. Se - gu - ra na mão de Deus e vai
 3. Se - gu - ra na mão de Deus e vai
 4. Se - gu - ra na mão de Deus e vai

1. Se as tris - te - zas des - ta vi - da qui - se - rem te su - fo - car
 2. O - ran - do je - ju - an - do con - fi - an - do e con - fes - san - do
 3. Je - sus Cris - to pro - me - teu que ja - mais te dei - xa - rá
 4. Os ca - mi - nhos de Ma - ri - a com a - mor per - cor - re - rás

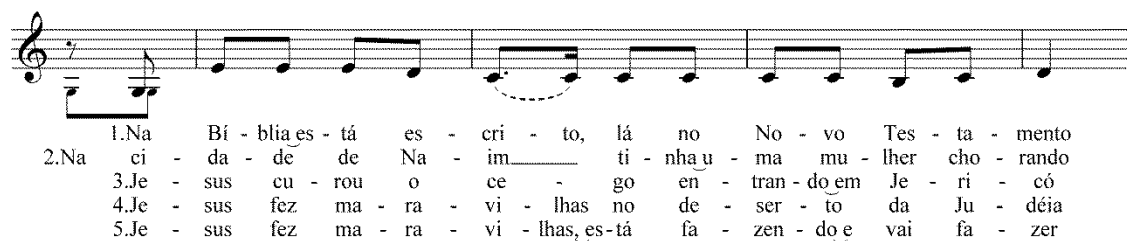
1. Se - gu - ra na mão de Deus e vai
 2. Se - gu - ra na mão de Deus e vai
 3. Se - gu - ra na mão de Deus e vai
 4. Se - gu - ra na mão de Deus e vai

Se - gu - ra na mão de Deus Se - gu - ra na mão de Deus Pois

e - la, e - la te sus - ten - ta - rá Não te - mas, se - gue a - di - an - te E não

o - lhas pa - ra trás Se - gu - ra na mão de Deus e vai

Cristo tem poder



Só em Deus o repouso encontrei

1. Só em Deus o re - pou - so en - con - treí Só em Deus a - chei a - bri - go
 2. Só em Deus for - ta - le - za en - con - treí Pra ven - cer o i - ni - mi - go

1. E - le é ro - cha fír - me, a - mor E - le é meu gran - de a - mi - go
 2. Só em Deus a vi - tó - ria al - can - cei E - le sem - pre es - tá co - mi - go

E - le é Je - sus meu sal - va - dor Je - sus meu rei e se - nhor (Eu sei)

E - le é Je - sus meu sal - va - dor Je - sus meu rei e se - nhor

Maria de Nazaré

1. Ma - ri - a de Na - za - ré Ma - ri - a me ca - ti - vou
 2. Ma - ri - a que eu que - ro bem Ma - ri - a do pu - ro a - mor

1. Fez mais for - te a mi - nha fé E por fi - lho me a - do - tou
 2. I - gual a vo - cê, nin - guém Mãe pu - ra do meu Se - nhor

1. Às ve - zes eu pa - ro e fi - co a pen - sar E sem per - ce - ber me ve - jo a re - zar
 2. Em ca - da mu - lher que a ter - ra cri - ou Um tra - ço de Deus Ma - ri - a dei - xou

1. E meu co - ra - ção se põe a can - tar Pra Vir - gem de Na - za - ré
 2. Um so - nho de mãe Ma - ri - a plan - tou Pro mun - do en - con - trar a paz

1. Me - ni - na que Deus a - mou e es - co - lheu Pra mãe de Je - sus, o Fi - lho de Deus
 2. Ma - ri - a que fez o Cris - to fa - lar Ma - ri - a que fez Je - sus ca - mi - nhar

1. Ma - ri - a que o po - vo in - tei - ro e - le - geu Se - nho - ra e Mãe do Céu
 2. Ma - ri - a que só vi - veu pra seu Deus Ma - ri - a do po - vo meu

A - ve, Ma - ri - a A - ve, Ma - ri - a A - ve, Ma - ri - a Mãe do Se - nhor

Podes reinar, Senhor Jesus

1. Se-nhor... eu sei que é teu... es-te lu-gar... To-dos que-rem te-do-rar;
2. Vi-si-ta ca-da ir-mão, ó meu Se-nhor... Dá-lhe paz in-te-ri-or

1. to-ma tu a di-re-ção... Sim, ó, vem, ó San-to Es-pi-ri-to os es-pa-ços
2. e ra-zões pra te lou-var... Des-fas-to-da tris-te-za, in-cer-te-za,

1. pre-en-cher Re-ve-rên-cia à tu-a voz... va-mos fa-zer
2. de-sa-mor Gló-ri-fi-ca o teu no-me, ó, meu Se-nhor

Po-des rei-nar, Se-nhor Je-sus, ó, sim... O

teu po-der... teu po-vo sen-ti-rá... Que bom, Se-nhor, sa-ber que es-

-tás pre-sen-te a-qui... Rei-na, Se-nhor, nes-te lu-gar

Bendito da estrela do céu

1. Lá no céu tem um-ma es-tre-la Que cla-re-ia o mun-do in-teiro
2. Se-nhor Bom Je-sus da La-pa San-to for-te e ver-da-deiro
3. Nos-sa Se-nho-ra da Gui-a Com seu tão-lin-do cru-zeiro
4. Frei Fran-cisco da So-le-da-de É nos-so pa-dro-eiro
5. Meu pa-dri-nho Pa-dre Ci-ço Pro-te-tor do Ju-a-zeiro
6. San-to An-tô-nio de Lis-bo-a O san-to ca-sa-men-teiro
7. São Cris-tó-vão e São Fran-cis-co Tam-bém São Jor-ge Guer-reiro
8. O-fe-re-ço es-te ben-di-to Ao nos-so Pai ver-da-deiro

Cla-re-ai nos-sa es-tra-da Cla-re-ai os seus ro-meiro

Hino ao Bom Jesus da Lapa (para pedir chuva)



1. Ó, Bom Je - sus! — Ó, nos - so Deus! — Ou - vi pie - do - so nosso co - ra - ção
 2. De que nos - sa al - ma tem tan - ta pe - na Não é pre - ci - so di - zer por - que
 3. Pie - da - de im - plo - ra fa - zei cho - ver A se - ca as - so - la nos - so ser - tão
 4. Man - dan - do chu - va vos pro - me - te - mos A - gra - de - cer - vos e vos a - mar

1. Can - ta - mos tris - tes e mui - to a - fli - tos De dor tran - si - do nos - so co - ra - ção
 2. To - dos di - ze - mos, to - dos sa - be - mos Je - sus da La - pa e vós tam - bém
 3. Aos po - bres fi - lhos, quan - do com fo - me As mães, coi - ta - das, que lhes da - rão?
 4. Vós, pro - te - to - tor des - ta ci - da - de Não dei - xeis as plan - tas de sede se - car

Nós vos pe - di - mos com fé e de - vo - ção Man - dai a chu - va a nos - so ser - tão —

Hino ao Bom Jesus da Lapa (pedindo chuva)



1. Bom Je - sus a vos - sos pés — A tris - te - za — nos con - duz —
 2. Se - nhor Bom Je - sus da La - pa Pe - las três — ho - ras da cruz —
 3. Pe - la co - ro - a de es - pi - nhos — Por es - se — le - nho da cruz —
 4. Pe - los cra - vos que pre - ga - ram — Vos - sos pés — e — mãos na cruz —
 5. Fer - vo - ro - sos vos pe - di - mos — Pe - la vi - da que vos deu à luz —
 6. Pe - lo vos - so co - ra - ção — Pe - los tor - men - tos da cruz —

1. Pe - las — vos - sas cin - co cha - gas Dai - nos chu - va, ó, Bom Je - sus
 2. Nós, con - tri - tos, vos pe - di - mos Dai - nos chu - va, ó, Bom Je - sus
 3. Pe - las — do - res que so - fres - tes Dai - nos chu - va, ó, Bom Je - sus
 4. Pe - lo — san - gue der - ra - ma - do Dai - nos chu - va, ó, Bom Je - sus
 5. Que ter - mi - ne lo - go a se - ca Dai - nos chu - va, ó, Bom Je - sus
 6. Dai - nos — chu - vas a - bun - dan - tes Ho - je e sem - pre, ó, Bom Je - sus

Ladainha ao Bom Jesus da Lapa

Letra: Pe. Cristóvão Dworak, CSsR
Música: Giuliana Frozoni

Tranquilo

Se-nhor, ten - de pie - da - de de nós.____ Se-nhor, ten - de pie - da - de de nós.____

Cris - to, ten-de pie - da-de de nós.____ Cris - to, ten-de pie - da-de de nós.____ Se-

nhor, ten - de pie - da - de de nós.____ Se-nhor, ten - de pie - da - de de nós.____

Baião

Deus, Pai do Céu, ten - de pie - da - de de nós.____ Deus, Fi-lho Re-den-tor do mun- do,____

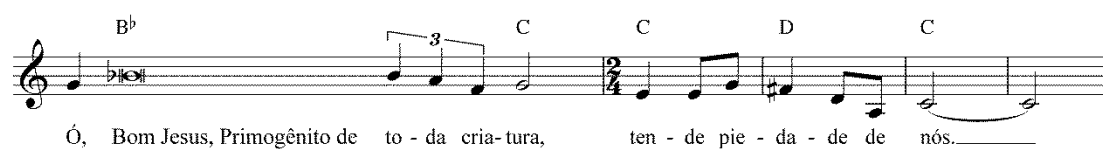
ten-de pie - da-de de nós.____ Deus, Es - pí - ri-to San- to,____ ten-de pie - da-de de nós.____ San

tís - sí - ma Trin - da - de, que sois um só Deus,____ ten - de pie - da - de de nós.____

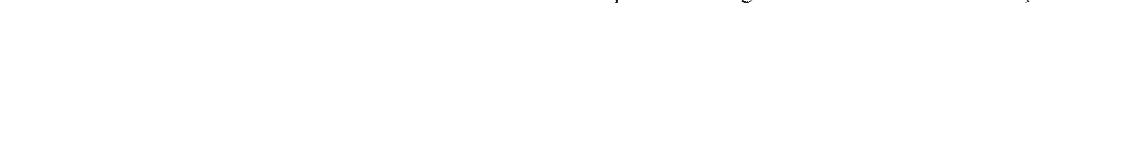
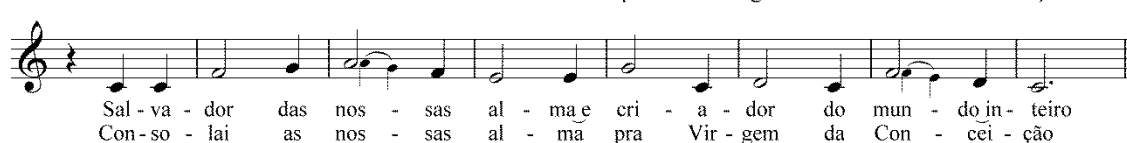
Livre

Ó, Bom Jesus, Verbo incarnado do Pai____ ten - de pie - da - de de nós.____

Ó, Bom Jesus, I - ma-gem do Deus In - vi-sível, ten - de pie - da - de de nós.____



Senhor Bom Jesus da Lapa, pai eterno e verdadeiro



Senhor Bom Jesus da Lapa, pai eterno e verdadeiro

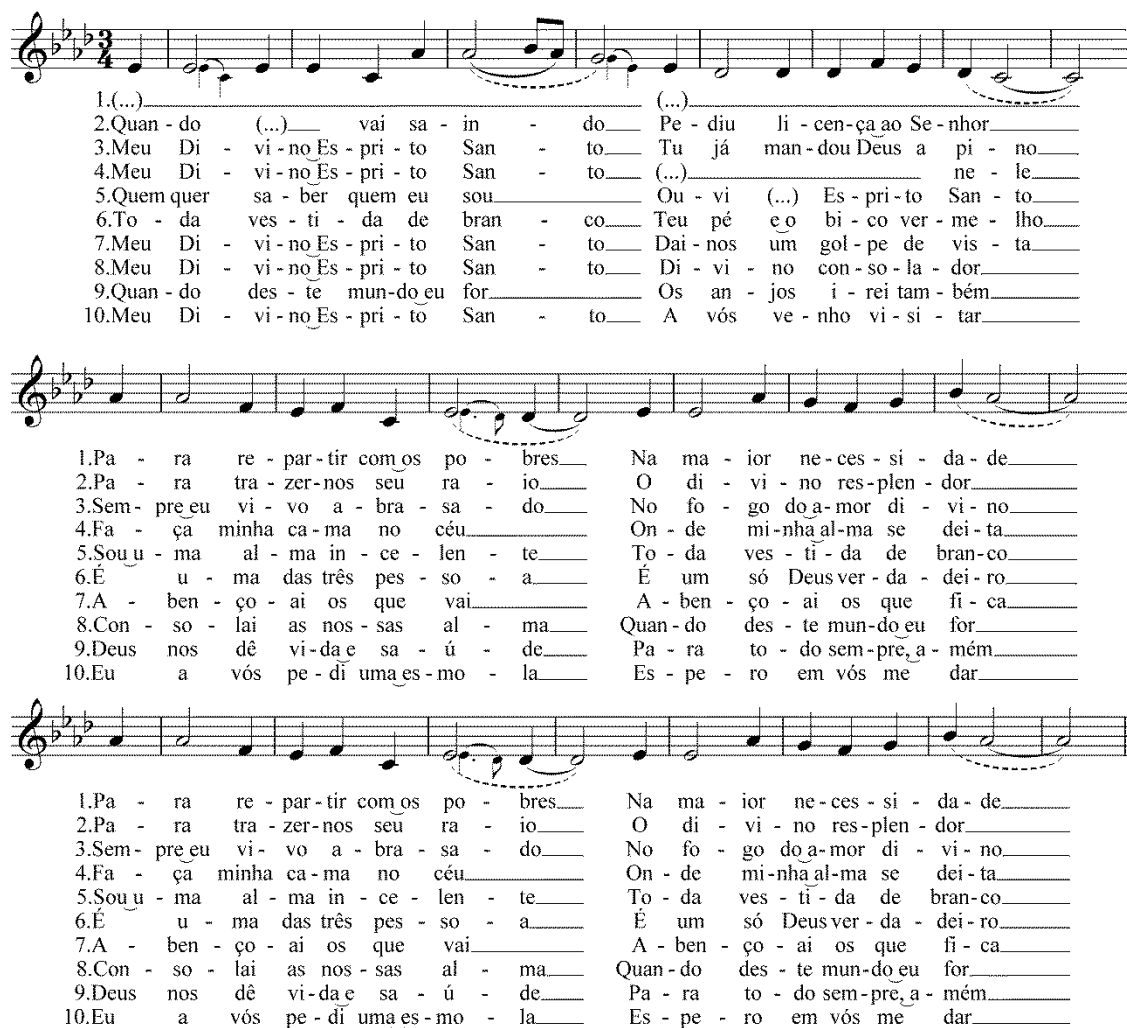


Se-nhor Bom Je - sus da La - pa Pai e - ter - no ver - da - dei - ro

Cri - a - dor das nos - sas al - mas Sal - va - dor do mun - do in - tei - ro

Cri - a - dor das nos - sas al - mas Sal - va - dor do mun - do in - tei - ro

Bendito do Divino Espírito Santo



1.(...) (...) Pe - diu li - cen - ça ao Se - nhor

2.Quan - do (...) vai sa - in - do Tu já man - dou Deus a pi - no

3.Meu Di - vi - no Es - pri - to San - to ne - le

4.Meu Di - vi - no Es - pri - to San - to (...) Es - pri - to San - to

5.Quem quer sa - ber quem eu sou Ou - vi (...) Es - pri - to San - to

6.To - da ves - ti - da de bran - co Teu pé e o bi - co ver - me - lho

7.Meu Di - vi - no Es - pri - to San - to Dai - nos um gol - pe de vis - ta

8.Meu Di - vi - no Es - pri - to San - to Di - vi - no con - so - la - dor

9.Quan - do des - te mun - do eu for Os an - jos i - rei tam - bém

10.Meu Di - vi - no Es - pri - to San - to A vós ve - nho vi - si - tar

1.Pa - ra re - par - tir com os po - bres Na ma - ior ne - ces - si - da - de

2.Pa - ra tra - zer - nos seu ra - io O di - vi - no res - plen - dor

3.Sem - pre eu vi - vo a - bra - sa - do No fo - go do a - mor di - vi - no

4.Fa - ça minha ca - ma no céu On - de mi - nha al - ma se dei - ta

5.Sou u - ma al - ma in - ce - len - te To - da ves - ti - da de bran - co

6.É u - ma das três pes - so - a É um só Deus ver - da - dei - ro

7.A - ben - ço - ai os que vai A - ben - ço - ai os que fi - ca

8.Con - so - lai as nos - sas al - ma Quan - do des - te mun - do eu for

9.Deus nos dê vi - da e sa - ú - de Pa - ra to - do sem - pre a - mém

10.Eu a vós pe - di uma es - mo - la Es - pe - ro em vós me dar

1.Pa - ra re - par - tir com os po - bres Na ma - ior ne - ces - si - da - de

2.Pa - ra tra - zer - nos seu ra - io O di - vi - no res - plen - dor

3.Sem - pre eu vi - vo a - bra - sa - do No fo - go do a - mor di - vi - no

4.Fa - ça minha ca - ma no céu On - de mi - nha al - ma se dei - ta

5.Sou u - ma al - ma in - ce - len - te To - da ves - ti - da de bran - co

6.É u - ma das três pes - so - a É um só Deus ver - da - dei - ro

7.A - ben - ço - ai os que vai A - ben - ço - ai os que fi - ca

8.Con - so - lai as nos - sas al - ma Quan - do des - te mun - do eu for

9.Deus nos dê vi - da e sa - ú - de Pa - ra to - do sem - pre a - mém

10.Eu a vós pe - di uma es - mo - la Es - pe - ro em vós me dar

Jesus Cristo Senhor Deus

Je - sus Cris - to Se - nhor Deus... Mãe da Mi - se - ri - córdia...

E as gra - ças de Deus... Des - ceu... so - bre nós...

E as gr - ças de Deus Des - ceu... so - bre nós...

Os an - jos no céu se a - legram Co - mo Je - sus se a - le - grou...

Os an - jos no céu se a - legram Co - mo Je - sus se a - le - grou...

Ó vi - va Ma - ria Que no seu tro - no as - sen - tou

Ó vi - va Ma - ria Que no seu tro - no as - sen - tou...

Na pedra da Lapa escreveu Santa Maria

Na pe - dra da La - pa es - cre - veu San - ta Ma - ria

Na pe - dra da La - pa es - cre - veu San - ta Ma - ria

Se - nhor Bom Je - sus da La - pa eu che - guei on - de eu que - ria

Se - nhor Bom Je - sus da La - pa eu che - guei on - de eu que - ria

Quem manda na Lapa é Deus

Quem man-da na La - pa é Deus___ Bom Je - sus é quem man-da na La - pa

Quem man-da na La - pa é Deus___ Bom Je - sus é quem man-da na La - pa

Ia - iá, meu Deus Bom Je - sus é quem man - da na La - pa

Ia - iá, meu Deus Bom Je - sus é quem man - da na La - pa

Samba do romeiro do Bom Jesus da Lapa

A La-pa do Bom Je - sus tem á - gua tem pe-dra e tem luz___

A La-pa do Bom Je - sus tem á - gua tem pe-dra e tem luz___

Senhor Bom Jesus da Lapa é o Senhor de muita luz

1. Se - nhor Bom Je - sus da La - pa É o Se - nhor de mui - ta luz___
 2. Quem qui - ser de meu Se - nhor___ Me - re - cer al - gum fa - vor___
 3. Se - nhor Bom Je - sus da La - pa A - cei - tai a ro - ma - ri - a
 4. Se - nhor Bom Je - sus da La - pa A - deus que eu já que - ro ir___

1. So - cor - rei___ o po - vo to - do Ó, meu Se - nhor Bom Je - sus___
 2. Se a - pe - gue com o Bom Je - sus___ Que é nos - so pro - cu - ra - dor___
 3. Eu sou ro - mei - ro de lon - ge Não pos - so vir to - do di - a
 4. Dai - nos___ a vos - sa bên - ção Pa - ra nós tor - nar a vir___

1. So - cor - rei___ o po - vo to - do Ó, meu Se - nhor Bom Je - sus___
 2. Se a - pe - gue com o Bom Je - sus___ Que é nos - so pro - cu - ra - dor___
 3. Eu sou ro - mei - ro de lon - ge Não pos - so vir to - do di - a
 4. Dai - nos___ a vos - sa bên - ção Pa - ra nós tor - nar a vir___